

VALERIO MASSIMO
MANFREDI

*O meu nome
é ninguém*

- O JURAMENTO -



ROCCO
HUMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.









Valerio Massimo Manfredi

O MEU NOME
É NINGUÉM

≈ O JURAMENTO ≈

Tradução de Mario Fondelli

ROCCO

*Isto se dava quando às montanhas
ainda estridulavam as Quimeras,
e nos foscos crepúsculos
os centauros desciam a beber.*

GIOVANNI PASCOLI

For Christine,
ἀμωμήτω ἀλόχω.

SUMÁRIO



Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Nota do autor

Créditos

O Autor

PRÓLOGO



Há quanto tempo estou andando? Já nem lembro, não consigo contar os dias e os meses. A Lua e o Sol se confundem. O astro da noite resplandece e, às vezes, ilumina a in inita extensão nevada com intensidade parecida à do Sol, e o astro diurno surge no horizonte, desfocado entre as neblinas, como uma pálida Lua. O gelo re lete a luz como água.

Há quanto tempo não vejo homens? Desde quando não vejo a primavera, o mar, os carvalhos e as murtas nos montes e nas frestas entre os rochedos? Encontrei lobos. Ursos. Não me izeram mal, não me atacaram. Não tive de recorrer ao arco e ainda assim sobrevivi. A im de levar a termo a minha viagem. A última.

Aprendi a falar comigo mesmo, a fazer companhia à minha mente para que o torpor se evaporasse com a neblina. Sinto falta da esposa, dos seus braços tão brancos e macios. Sinto falta do seu peito morno e dos olhos negros, negros, negros. Sinto falta do meu ilho, do meu garoto, o único que gerei. Quando o deixei, ainda dormia. Os garotos têm sono pesado. Vai me odiar: icou esperando por mim tempo demais.

Sinto falta da minha deusa de olhos verdes, de lábios perfeitos que nunca deram um beijo, nem a um deus nem a um mortal. Não deixava pegadas, mesmo quando caminhava ao meu lado. O seu respiro não se condensa, de tão frio que é, como a neve. Houve um tempo em que me amava, aparecia diante de mim disfarçando o semblante, mas ainda assim eu a reconhecia, sempre, em qualquer lugar... Agora já não fala comigo, ou talvez seja eu que já não consiga ouvi-la.

Está me ouvindo? Está me ouvindo, ilho de uma pequena ilha, ilho de um destino amargo? Incorrigível mentiroso... Quantas vezes mergulhou as mãos nuas na neve para limpá-las do sangue? Sem conseguir. Percebe que está sendo observado? Ande, ande, siga em frente, cada vez mais adiante, pois o horizonte foge, escapole, e esta terra que nunca acaba, imensa, desmedida, informe e estéril como o mar, plana como calmaria...

Mas, acredite em mim, sou um rei...

Um rei? Você um rei? Não me faça rir.

Pode rir à vontade, mas sou um rei. Sem reino, sem súditos, sem amigos, sem, sem, sem... mas um rei. Cumpri façanhas, estava no comando de um grande número de navios... Guerreiros. Amigos. Companheiros. Mortos. Estou com frio. Estão me ouvindo? Estou com frio! Onde é que vocês estão? Aqui em volta, talvez? Ou nas entranhas da terra? Sob o gelo? Invisíveis, e o seu respiro também é frio, não se condensa.

Adiante, cada vez mais. Não sei quando comi pela última vez. Não sei por que o meu destino não se acalma, por que não posso viver como a maioria dos homens, com uma casa, uma família e comida preparada três vezes por dia.

Atena. Ainda me ama? Ainda sou o seu preferido? Ou talvez seja esta a minha loucura: a minha mente está ligada a realidades misteriosas, maiores que eu, que não sou capaz de compreender. Os pés que avançam um depois do outro, envolvidos nas peles dos coelhos que comi, são a única coisa que vejo. Não têm destino os meus pés, a não ser a profecia do adivinho que, numa noite sem lua, evoquei do além. Uma meta qualquer que só reconhecerei quando lá chegar. Perdi a conta dos dias e das noites.

Nunca contei, aliás, e não sei há quanto tempo estou viajando. Tampouco faço ideia da minha idade. Só sei que já não sou jovem.

Uma montanha.

Ergue-se solitária como uma ilha no mar. E há uma caverna. Encontrarei abrigo contra o vento que me fustiga o rosto, contra a nevasca que me fere os olhos.

Uma caverna. Está quente, aqui dentro, bem no fundo, onde o vento não tem espaço para se mover.

Apareceu um coelho. Branco no branco. Di ícil apontar, mais di ícil ainda resistir à fome. Seria tão bom entregar-se ao cansaço, deixar-se morrer lentamente, de morte suave. Será que alguém poderia me encontrar, aqui? Um corpo estirado, uma careta ressecada de dentes famintos...

Capturado. Esfolado. Devorado. Eu ou o coelho? Faz diferença? Desde então, ossos se amontoaram diante da caverna. E lembranças na minha mente. A primavera voltará e encontrarei um homem que me fará uma pergunta, e terei de responder. Mas terei de lembrar, tudo. Até os gritos e os choros, ecos de sofrimento. Deixei no fundo da caverna a haste de madeira que carregava nos ombros. Encontrei-a largada na praia, em Ítaca, na manhã seguinte à minha volta, o resto de um antigo naufrágio. Havia quanto tempo boiava no mar? Anos, sem dúvida. Reconheci-a devido a uma borboleta entalhada na empunhadura: no passado já estivera nas mãos de um dos meus companheiros. O quarto remador à direita. Velho amigo, agora você dorme na escuridão do abismo. Mas enviou-me um sinal. Está na hora de seguir viagem.

O meu barco. Sinto falta. Tinha costados curvos, como os quadris de uma mulher, suaves e sensuais. Como a deusa de olhos verdes. Jaz despedaçado no fundo do mar. E o coração chora. Pare de chorar, coração! Já aguentou dores bem mais fortes. Isto

mesmo, desgraças sem fim. Procure apenas lembrar, no sono. Lembre-se de tudo. São bonitas, as lembranças: são o nascimento, a vida. O futuro é a morte, morte de um herói, morte de um coelho. Tanto faz, terrível certeza.

A fraca luz é engolida pela escuridão. O vento volta a fustigar a planície, gemendo no escuro, despertando longos uivos de lobos, gritando neve, neve, neve. Noites ininitas! Isto nunca vai acabar. Será que já existiu um sol quente que surgiu entre montes cobertos de carvalhos trêmulos na aura matinal? De fato será que existiu a ilha beijada pelo mar, silenciosa nos raios da lua, perfumada de murta e de as ódelos?

Ainda assim, certo dia, nasceu um menino na ilha, no palácio na encosta, filho único. Não chorava, queria logo falar, imitando os sons aprendidos no escuro do ventre materno.

Eu.



Recebi o nome de Odisseu conforme o desejo do meu avô Autólico, rei de Acarnânia, que chegou de visita ao palácio um mês depois do meu nascimento. E não demorei a reparar em que os outros tinham um pai enquanto eu não tinha. À noite, antes de adormecer, perguntava à babá:

– *Mai*, onde está o meu pai?

– Partiu com outros reis e guerreiros em busca de um tesouro num lugar longínquo.

– E quando vai voltar?

– Não sei. Ninguém sabe. Quando se viaja por mar, não se sabe quando se poderá voltar. Há tempestades, piratas, recifes traiçoeiros. Pode acontecer que o navio acabe afundando e que alguém se salve nadando até a praia. Mas então tem de esperar que outro barco passe por perto, e isto pode levar meses, anos. Se, então, for um navio pirata, pega os sobreviventes e os vende como escravos na escala seguinte. A do marinheiro é uma vida arriscada. O mar esconde monstros terríveis e criaturas misteriosas que vivem nos abismos e sobem à tona nas noites sem lua... Mas agora durma, minha criança.

– Por que saiu em busca de um tesouro?

– Porque todos os mais fortes guerreiros da Acaia decidiram ir, e o seu pai não podia certamente faltar. Algum dia os cantores contarão esta história e os heróis que dela participaram serão lembrados para sempre.

Eu anuía com a cabeça, como se estivesse aprovando, mas não entendia claramente por que você tinha de partir, arriscando a vida, só para que

alguém, depois, contasse num poema que você tinha tido a coragem de partir e de arriscar a vida.

– Por que tenho de dormir com você, *mai*, e não com a minha mãe?

– Porque a sua mãe é a rainha, e não pode dormir com alguém que ainda molha a cama.

– Eu não molho a cama.

– Muito bem, então – respondeu a ama de leite –, quer dizer que a partir de amanhã dormirá sozinho.

E assim foi. A minha mãe, a rainha Anticleia, providenciou a minha mudança para um quarto só meu, com cama de carvalho marchetada com enfeites de osso. Mandou entregar-me um cobertor da mais fina lã, entremeado de fios de púrpura.

– Por que não posso dormir com você?

– Porque já não é criança e é um príncipe. Os príncipes não têm medo de dormir sozinhos. Mas por mais algum tempo ficará com Fêmio. É um bom rapaz: conhece um montão de lindas histórias e vai contá-las até você pegar no sono.

– Que histórias?

– As que você quiser: Perseu contra a Medusa, Teseu contra o Minotauro e muitas outras.

– Posso lhe pedir uma coisa?

– Claro – respondeu a minha mãe.

– Esta noite gostaria que você me contasse uma história, a que preferir. Alguma coisa que o meu pai fez. Conte-me de quando o encontrou pela primeira vez.

Sorriu e sentou-se na cama, ao meu lado:

– Aconteceu quando o meu pai o convidou para uma caçada. Os nossos reinos eram confinantes, o de Laertes a ocidente, nas ilhas, o do meu pai em terra firme. Era uma maneira para estreitarem os laços de amizade, para se defenderem melhor dos invasores externos. Eu tive sorte. Podia acabar casando com um velho gordo e careca: o seu pai, ao contrário, era forte e bonito; só tinha oito anos mais que eu. Mas não sabia cavalgar. Quem o ensinou foi o meu pai, e até lhe deu um cavalo de presente.

– Só isto? – perguntei. – Eu imaginava uma luta para libertá-la de um monstro ou de um cruel tirano que a mantinha prisioneira.

– Não, não é só isto – respondeu –, mas não posso dizer mais. Algum dia, talvez. Quando você puder entender.

– Eu já posso entender.

– Não. Ainda não.

Mais um ano se passou sem recebermos nenhuma notícia do rei, mas agora eu tinha um mestre que sabia tudo e que me falara do meu pai. Aventuras de caça, expedições, batalhas contra os piratas, história muito mais bonitas que as que mamãe me contava. Ele, o mestre, chamava-se Mentor. Era um jovem de olhos escuros, com uma barba preta que o fazia parecer mais velho do que era. Sabia responder a todas as perguntas, menos uma, a única que me interessava: “Quando é que o meu pai vai voltar?”

– Mas, afinal, você se lembra do seu pai?

Disse que sim com a cabeça.

– É mesmo? E qual é, então, a cor dos seus cabelos?

– Tem cabelos negros.

– Todos têm cabelos negros, nesta ilha. E o olhar?

– Penetrante. Da cor do mar.

Mentor fitou-me fixamente nos olhos:

– Lembra mesmo ou só está tentando adivinhar?

Não respondi.

O meu pai voltou no ano seguinte, no fim da primavera. A notícia chegou ao palácio de manhã bem cedo, ao alvorecer, criando o maior rebuliço. A governanta mandou logo preparar um banho para a rainha, depois a ajudou a vestir-se e a pentear-se. Mandou então trazer o estojo das joias para ela escolher as de que mais gostava. Quanto a mim, mandou-me vestir a roupa longa, aquela que eu usava quando havia visitas, vermelha com duas faixas douradas. Muito bonita. Eu olhava para mim, todo prosa, quando passava diante dos espelhos, nos aposentos das mulheres.

– Procure não se sujar, não brinque na poeira, não brinque com os cães...

– Posso ficar no pórtico?

– Desde que não se suje.

Sentei-me sob as colunas da entrada. Pelo menos, dali dava para ver o movimento do pessoal, os criados que aprontavam o almoço para o rei. O porco gritou, espetado pela faca, e depois foi pendurado pelas patas posteriores. Os cães lambiam as poucas gotas de sangue que pingavam no chão, enquanto o restante era guardado nos potes para ser transformado em morcela. Eu não gostava de morcela.

Mentor chegou naquela mesma hora, pegou o cajado e encaminhou-se pela trilha que levava ao porto. Olhei em volta para ter certeza de que ninguém estava me observando e corri atrás dele, alcançando-o perto do chafariz.

– Aonde pensa que está indo? – perguntou Mentor.

– Com você. Quero ver o meu pai.

– Se Euricleia descobrir que você desapareceu, vai ficar louca, e além do mais a sua mãe mandará bater nela e até com algum prazer... – Mentor se

deteve, percebendo que estava falando de coisas que não podiam ser ditas a um menino de seis anos.

– Mamãe tem ciúme da minha babá, não é isto?

Mentor não podia acreditar no que estava ouvindo.

– E sabe o que quer dizer “ter ciúme”?

– Sei, mas não consigo explicar... é isto, ter ciúme é quando alguém quer uma coisa só para si.

– Entendi – disse Mentor, segurando a minha mão –, então vamos. Segure a roupa, não deixe que se arraste no chão, assim não vai sujá-la e evitará ser punido.

Seguimos em frente.

– Por que precisa do cajado, se é tão jovem e ligeiro?

– Para espantar as víboras: se for mordido, você está morto.

– Quer parecer mais velho e sábio, não é?

Mentor parou, apontando com o dedo e olhando para mim com severidade.

– Nunca mais me faça perguntas, se já conhece a resposta.

– Só tentava adivinhar – respondi justificando-me.

O Sol estava alto no céu quando chegamos ao porto. O navio real havia sido avistado e reconhecido, quando ainda estava em mar aberto, graças ao estandarte levantado na popa, e muitos barcos haviam ido ao seu encontro escoltando-o então festivamente até o ancoradouro.

– Lá está ele – disse Mentor. – Aquele homem de capa azul e lança na mão é Laertes: seu pai.

Ao ouvir aquelas palavras, desvencilhei-me, soltando a mão, e comecei a correr em disparada declive abaixo para o porto. Corri até ficar sem fôlego, até

ficar diante do guerreiro de capa azul, e então parei e fiquei olhando para ele, ofegante. Olhos da cor do mar.

Reconheceu-me e pegou-me no colo.

– Você é o meu pai, não é?

– Sim, sou o seu pai. Ainda se lembra de mim?

– Lembro, sim. Você não mudou.

– Mas você mudou, mudou muito. Fala como um adulto e é bem rápido na corrida: pude ver, enquanto descia a encosta da montanha.

Um serviçal trouxe um cavalo, o único da ilha, para o rei, e Laertes montou-o puxando-me e pondo-me diante dele. Atrás, formou-se um cortejo: os amigos, a sua guarda pessoal, os nobres, os representantes do povo, os administradores das suas propriedades e do seu gado. À medida que o cortejo avançava, mais e mais gente se juntava ao longo da íngreme viela que serpenteava rumo ao palácio. Mentor caminhava ao lado do rei, montado no cavalo, numa posição privilegiada, sinal de que o rei tinha por ele a maior consideração.

Os festejos perduraram até tarde, mas eu tive de ir para a cama logo depois do pôr do sol. A balbúrdia, as risadas e o rumorejar confuso que chegavam da sala do banquete mantiveram-me acordado por um bom tempo.

Em seguida, só silêncio, os archotes projetaram sombras fugidias nas paredes, as portas dos quartos foram abertas e depois fechadas com o ruído dos ferrolhos. Noite alta, eu ainda não estava dormindo, mas apenas sonolento e excitado devido a todos aqueles sons, cantos e gritos que ouvira. Dormitava num sono muito leve e fiquei definitivamente acordado com o barulho de uma porta que se abria. Silenciosamente, fui dar uma espiada no corredor e, no escuro, vi um homem entrar no quarto de Euricleia, a ama de leite. Aproximei-me, ouvi estranhos ruídos e reconheci a voz do meu pai. No fundo do peito, percebi que o que estava acontecendo no quarto, naquele momento,

não era algo que um menino pudesse ver. Voltei para a cama e me aninhei embaixo dos cobertores. As batidas do meu coração mantiveram-me acordado por mais algum tempo, até finalmente se acalmarem, até eu adormecer.

Quem me despertou, na manhã seguinte, foi Mentor. Talvez a ama de leite estivesse cansada.

– Já é dia. Hoje temos muitas coisas para fazer, e seu pai vai querer certamente ficar com você.

– Papai dormiu primeiro com a minha mãe e depois com a babá.

– Cuide da sua vida. Seu pai é o rei e pode fazer o que bem quiser.

– Quem dormia com a babá, antes, era eu, e agora é ele. Quero saber o que significa.

– Saberá no devido tempo. Euricleia é dele. Comprou-a. Pode dispor dela como desejar.

Pensei nos estranhos ruídos que ouvira naquela noite e achei ter compreendido.

– Sei o que fez.

– Espiou?

– Não, um dia Eumeu, o guardador de porcos, mostrou-me um macho que montava numa fêmea.

– Vou dar uns bofetões naquele bastardo. E agora lave-se – ordenou Mentor, indicando a tina cheia da água que jorrava da nascente nas fundações do palácio.

Lavei-me e então me vesti. Mentor mostrou um rochedo que dominava a trilha, a uns cem passos de distância:

– Fique sentado lá em cima. O seu pai foi caçar antes do alvorecer. Vai passar por ali na volta. Vai vê-lo e se deterá para falar com você.

Obedeci e encaminhei-me, sozinho, pela íngreme trilha. Vi pastores empurrar os rebanhos para fora dos redes e levá-los aos pastos. Os cães corriam de um lado para outro, latindo. Alcancei o penhasco, subi até o topo e então me virei para mostrar a Mentor que tinha chegado. Não o vi. Tinha desaparecido.

Sentei-me olhando para baixo. Podia ver os servos e os camponeses, os pastores com as ovelhas e as cabras, todos indo trabalhar enquanto a luz do sol iluminava, a cada instante que passava, até os vales mais profundos e os precipícios mais escondidos. Comecei a brincar com umas pedrinhas coloridas que sempre levava comigo. Jogava-as no chão e apanhava-as de volta, jogava-as de novo e, cada vez, observava a disposição delas. Nunca do mesmo jeito. Pensei: “Quantas vezes teria de jogar estas pedrinhas, para elas formarem o mesmo arranjo que o primeiro? Uma vida seria suficiente?”

– Está brincando sozinho? – perguntou a voz do meu pai, atrás de mim.

– Não há mais ninguém com quem brincar.

– E o que espera, ao jogar essas pedrinhas?

– Elas predizem o futuro.

– E o que dizem?

– Eu também farei uma longa viagem. Como você.

– Dizer isso é fácil. Você mora numa ilha que agora lhe parece grande.

Daqui a pouco vai lhe parecer pequena.

– Irei aonde ninguém chegou antes. – Fitei os olhos azul-esverdeados do meu pai: – E você? Até onde chegou?

– Até onde o mar encontra as montanhas. São muito altas, sempre cobertas de neve. A neve gera rios que descem trovejantes e espumosos para o mar. O percurso é breve, a água nem tem tempo de esquentar-se ao sol, continua gelada até misturar-se com as ondas salgadas.

– E encontraram o tesouro?

– Quem lhe contou?

– A ama de leite.

O meu pai baixou a cabeça. Tinha uns fios brancos na cabeleira negra.

– Encontramos – respondeu –, mas você quer a verdade ou o que narrarão os cantores?

Para mim era difícil responder. Estava realmente interessado na verdade? E por quê? Não é coisa de meninos. É só contar, e uma coisa se torna verdadeira. O rei de uma pequena ilha parte para uma aventura. Todos os melhores guerreiros de Acaia participam, e logo ele poderia faltar? “E além do mais”, eu pensava, “na minha ilha só há homens, cabras, ovelhas e porcos. Mas se alguém decide ir longe, mas longe mesmo, sabe-se lá o que pode encontrar. Monstros? Gigantes? Serpentes marinhas? E quem sabe os próprios deuses? Pois é, por que não?”.

– Conte para mim, pai, fale dos seus companheiros: é verdade que são os maiores heróis de Acaia?

– Claro – respondeu com um sorriso. – Hércules – disse abrindo os braços – é o homem mais forte do mundo. Quando flexiona os músculos, chega a dar medo. Acho que poderia matar um leão de mãos nuas. Ninguém pode desafiá-lo. A sua arma preferida é uma clava, não usa armas de metal. Com aquela clava pode abater um touro. Às vezes puxava o barco para a costa sozinho, prendendo o cabo ao tronco de uma oliveira... Já pensou? Quem derrubou o pinheiro com que foi construído o navio foi ele. Um tronco gigantesco que doze homens não conseguiam abraçar. O último da sua espécie que sobrara no monte Pélion. Depois o mestre carpinteiro modelou a quilha com o machado e

cavou o interior da árvore com a enxada. E também batizou o barco de *Argo*, porque é extremamente veloz.

Não lembro quanto tempo ficamos naquele rochedo, olhando o lento movimento das sombras e das luzes nos relevos da nossa ilha. Eu ouvia, atento, enfeitiçado pela voz do meu pai, mascando um talo de aveia. As palavras saíam da sua boca como um bando de pássaros voando de um penhasco quando nasce o sol. O som era o do corno de caça quando sobe de tom. Iria me acompanhar pelo resto da vida. *Ainda me desperta à noite. “Acorde, vamos caçar!” Agora que já se foi... Pai... meu rei. Quem era o mais forte depois de Hércules? Quem?*



Percebi que a esta altura o meu pai já tinha prazer em passar parte do seu tempo comigo. Levava-me para os bosques, a passear com os cães; quando eu ficava cansado demais, carregava-me nos ombros.

– Deste jeito, um em cima do outro, até que formamos um homem bem alto – dizia rindo. Eu gostava de vê-lo rir: deixava à mostra uma fileira de dentes muito brancos, apertava os olhos até eles se tornarem duas finas fendas, e a sua risada lembrava um gorgolejo.

– Quando acha que visitaremos o avô em terra firme? – perguntei certa vez.

– Muito em breve. A sua mãe também quer visitá-lo, já se passou muito tempo desde a última vez. Enquanto fiquei longe, ela não quis ausentar-se do palácio e do reino. Três anos... É muito tempo.

Eu rodava, rodava, mas sempre voltava ao meu assunto preferido:

– Nunca me falou do tesouro. O que era?

– Pergunte a Fêmio. Ele pode lhe contar uma linda história.

– Eu quero a verdadeira.

– Tem certeza? A verdade nem sempre é interessante...

– Para mim, é.

– Há um rio que desemboca no segundo mar. Chama-se Phásis, e as suas águas carregam pó de ouro. Partículas muito pequenas que brilham sob o véu da água, mas fugidias. Os nativos colocam peles de ovelha onde o rio é pouco profundo e usam pedras para que não sejam levadas pela correnteza. As

partículas se enredam nos velocinos e ficam presas. Cada dois dias põem as peles para secar, depois sacodem tudo em cima de um pano de linho, muito branco, e apanham o ouro que, juntando todas as partículas, não é tão pouco assim.

– E é para isso que reuniram num navio tão poderoso os guerreiros mais famosos da Acaia?

O meu pai riu de novo:

– Falou bem, minha criança. Quem lhe ensinou?

– Mentor. E então?

– Aquele lugar pulula de guerreiros selvagens. Escondem-se sob a areia, na praia, e então saltam como se a terra os tivesse parido de repente. Soltam gritos terríveis e não parecem sentir dor. Como é que você pode vencer um homem que não sente dor?

– Todos sentem dor.

– Eles não. Contam que têm um segredo: uma erva, ao que parece, uma espécie de veneno. O ouro das peles é guardado numa caverna, no interior, e é vigiado noite e dia. Tínhamos de encontrar o lugar, pegar o ouro e zarpar. O que é que você teria feito? – Os olhos do meu pai brilharam, refletindo por um instante a luz do sol.

– Teria procurado tornar-me amigo de um deles.

– Foi, mais ou menos, o que aconteceu. O nosso chefe, Jasão, príncipe de Iolco, enviou presentes à princesa e depois pediu para visitar o rei Aietas, o pai dela. Jasão é belo como um deus, e a jovem se apaixonou por ele. Encontravam-se às escondidas na floresta...

Pensei na noite em que voltara, quando se metera na cama da babá, e nos ruídos que eu tinha ouvido. Apaixonar-se era então isto? Depois continuou, como se estivesse falando consigo mesmo:

– Amavam-se de forma selvagem, sem trocar uma só palavra –. A voz do meu pai subiu de tom. – Certo dia Jasão mostrou um grãozinho de ouro na palma da mão e, com gestos, deixou entender o que queria. Até aquele momento ninguém nos atacara. Estávamos acampados na praia, com o navio preso pela popa a uma enorme oliveira, e passávamos os dias pescando: atuns do tamanho de porcos que se enroscavam nas nossas redes e que assávamos aos pedaços na brasa. Então, certo dia, Jasão decidiu tentar a façanha. Saímos de noite, com a jovem, que nos mostrava o caminho e se movia ágil e silenciosa como uma raposa. O céu estava negro e as nuvens rolavam das montanhas quase até a planície. Avançávamos praticamente às cegas.

“Todos nós estávamos armados. Hércules, gigantesco, com sua clava, eu de arco e espada, e depois Tideu e Anfiarau de Argos, Zete e Cálais, os filhos gêmeos de Bóreas, o vento do norte, loiros, de olhos de gelo e pele sempre fria, Télamon de Salamina, alto e poderoso, de cabelos presos na nuca por uma fivela de bronze, Ífito de Micenas, Oileu de Lócris, Cástor de Esparta, o lutador, ainda quase uma criança, e o irmão Polideuces, o pugilista – os Dióscuros, como os dois eram chamados – Peleu de Ftia, a cidade dos mirmídones, Admeto de Feres, Meleagro da Etólia, e então todos os demais. Cinquenta ao todo. Uns vinte ficaram no navio, prontos para içar as velas e zarpar. Anfiarau estava entre eles, sentado na proa, fitando fixamente a escuridão. Tinha olhos escuros e grandes, Anfiarau, pupilas dilatadas como as dos lobos à noite, capazes de penetrar os abismos do passado e do futuro. Acompanhava-nos com seu olhar imóvel e tenebroso, o único a ver-nos, invisíveis que éramos a todos os demais. Sabia se iríamos voltar ou se acabaríamos sendo exterminados. Era um vidente...

“Piríto, o rei dos lápitas que lutara com os centauros, mantinha-se perto da oliveira segurando um machado, pronto para cortar o cabo assim que

voltássemos ao barco.”

Eu olhava para o rei Laertes, meu pai, e imaginava-o avançando na noite, brandindo a espada, no meio de todos os outros heróis: os mais fortes da Acaia, os mais fortes do mundo. Via os seus braços, o pescoço de touro, os ombros largos, e julgava-me afortunado. Eu era o filho dele. Filho único. E aquela história me fascinava. Poderia ficar a ouvi-lo o dia todo, a noite toda.

– Continue, pai, não pare.

O tempo passara voando, agora o sol brilhava alto no céu, à nossa direita, fazendo reluzir o espelho de água do porto, aprisionado pelos montes que desciam verdes entre o azul-claro do céu e o mais escuro do mar. Protegia-nos a sombra de uma figueira, entremeada de luz. As cigarras estridulavam. Os cães dormitavam.

– Atravessamos o bosque andando por uma trilha íngreme e estreita, passamos por um desfiladeiro entre os rochedos que mal permitia a passagem de um homem de cada vez, por um vale alagadiço cheio de alta vegetação palustre, para chegarmos afinal ao local da gruta, onde a jovem fez sinal para que parássemos. Havia cinquenta guerreiros deles, de pé na escuridão, apoiados em suas lanças. Sombras entre as sombras. Indicou-os um depois do outro, e então nós também pudemos vê-los. As pontas acuminadas das suas lanças refletiam uma luz inexistente que, de alguma forma, fazia com que sobressaíssem no escuro. Os tições quase apagados de um bivaque. Na entrada da caverna havia um guerreiro de altura descomunal, vestindo uma pele de cobra, de tez escura e com uma das mãos segurava a arma com firmeza.

“Jasão mandou-nos formar um leque todo em volta, e então, num piscar de olhos, a jovem atirou uma flecha nas brasas quase extintas da fogueira e soltou um grito estrídulo e esganiçado. Na mesma hora o fogo tomou nova vida com um lampejo ofuscante que iluminou em cheio todos os guerreiros de vigia e

aquele que defendia a entrada: coberto de escamas, lembrava um dragão e tinha dentes pontudos, polidos com uma lima, que pareciam as presas de uma fera. Nós todos arremessamos então as nossas lanças para, logo a seguir, investir brandindo as espadas. Jasão enfrentou o homem-serpente, e a noite ressoou com o estrondo dos ataques. Lutamos como leões. O vigor de Hércules fazia o vazio em volta dele, Tideu, incansável, desferia sem parar seus golpes; Télamon, já tendo usado as armas de arremesso, jogava em cima dos adversários seixos e pedregulhos; Cástor e Polideuces redemoinhavam os punhos enfaixados com couro e tachas metálicas, e, a cada golpe, podia-se ouvir o sinistro barulho de ossos quebrados. Quando, ofegante e molhado de suor, percebi que já não havia ninguém diante de mim, vi Hércules arrastar pelos pés dois altos guerreiros trucidados, carne morta. Finalmente, Jasão derrubou o homem-dragão e então, depois de acender um archote, acompanhou a jovem para dentro da gruta. Foi lá que nós também vimos o velo brilhante, pendurado num galho de um carvalho petrificado. Indicava a caverna do tesouro. Jasão levou-o consigo.”

O meu pai parou de falar, e eu continuava a olhar para ele de queixo caído. Perscrutava os seus olhos para encontrar neles a imagem que já ia se formando do tesouro da gruta.

– Vasos, dezenas de vasos de cobre, cheio de ouro até a borda. Mergulhamos as mãos, e das suas bocas espalharam-se fagulhas, o rebrilhar de mil pequenos lampejos...

– Pai – disse eu –, qual é a nossa parte? Posso vê-la?

Pareceu não ouvir a minha pergunta.

– Enfiamos paus nas asas dos vasos e, a duras penas, levamo-los aos pares de volta para o mar.

Percebi que, a esta altura, eu mal conseguia respirar. Que arquejava como se eu mesmo estivesse carregando o peso do cobre e do ouro. O coração pulsava com fúria no meu peito e nas têmporas.

– Não demorou muito tempo para que a noite ecoasse no rufar dos tambores, que logo se confundiu com o estrondo de longínquos trovões. Atravessamos mais uma vez o pântano, afundados na lama até os joelhos, o estreito desfiladeiro, o bosque; percorremos de novo a íngreme e estreita trilha. A selvagem princesa que nos guiava parecia completamente apavorada e gritava palavras que ninguém podia compreender, mas certamente devia estar nos incitando a andar mais depressa, cada vez mais ligeiros, pois os tambores se aproximavam, estavam quase nos alcançando. Repentinos lampejos se entreviam na neblina, além do limiar da noite, fantasmas de pálida luz, e depois os ofuscantes raios de Zeus rasgaram o céu e a terra, incendiando a neblina...

– Pai – disse eu –, da sua boca saem palavras que fascinam, tão encantadoras quanto as de Mentor e de Fêmio, mas está se lembrando do que realmente aconteceu?

Nem sequer então meu pai pareceu ouvir a pergunta. Os cães levantaram o focinho, farejando alguma coisa que o vento trazia em suas asas, de longe...

– Caíram em cima de nós de repente, e a princesa selvagem estridulou como um falcão que investe contra a presa. Tendeu o arco, e suas flechas abateram muitos deles. Contorciam-se emitindo estranhos sons, mas não gritavam nem gemiam, alguns arrancavam os dardos da carne. Talvez fosse verdade que não sentiam a dor ou fossem desde sempre acostumados a ignorá-la. Foi a nossa vez de reagir, mas estávamos perturbados. Todos pensavam nos cântaros cheios de ouro que poderiam desaparecer enquanto estávamos lutando...

– Pai, por que as pessoas querem tanto o ouro?

Desta vez o meu pai respondeu interrompendo a história.

– Poderia dizer que é o mais lindo de todos os metais, parecido com o Sol. Que a sua cor nunca muda, não se corrompe e não se enferruja, e que todas as coisas preciosas são feitas deste metal, mas talvez o motivo seja outro: uma vez que muitos o desejam, acaba sendo desejado por todos, e, se todos o desejam, então significa que é o máximo que um homem pode desejar. O ouro é poder, e de ouro são feitos os diademas dos reis e as vestimentas dos deuses.

“Mas não havia tempo a perder, recomeçou a contar, reconheci, não muito longe de mim, as vozes de Zete e Cálais e gritei: ‘Corram, corram tão rápido quanto o vento seu pai, e chamem os companheiros no navio.’

“Os dois entenderam prontamente e precipitaram-se trilha abaixo, tão rápidos que quase pareciam não tocar o chão, enquanto nós continuávamos empenhados numa luta acirrada, a esta altura corpo a corpo, com os nossos adversários. A princesa selvagem ardia de uma energia parecida com a do fogo e da tempestade, como se o cansaço não chegasse a afetar os seus movimentos. Golpeava ora com o machado, ora com o punhal, e quando, por um momento, fiquei perto dela percebi – mas não poderia afirmar com certeza – que o seu corpo estava todo encharcado de sangue. Jasão, ao seu lado, não ficava atrás, e Hércules, o nosso baluarte, enfrentava rugindo como um leão um enxame de inimigos que talvez nem conseguissem acreditar na imensa força daquele único homem.

“Não sei quanto tempo se passou. Só sei que alguns dos nossos foram feridos, mas continuaram a lutar sem se poupar. Não entendia, no entanto, por que Zete e Cálais não voltavam. De quanto tempo precisavam os filhos de Bóreas para cobrir a distância que os separava do navio e voltar?

“Virei-me então para Tideu: ‘O corno, toque o corno, para que possam nos ouvir!’

“E Tideu começou a soprar no corno reluzente, e um grito logo anunciou a resposta. Os filhos do vento tinham trazido consigo quase todos os companheiros que ficaram vigiando o *Argo*. Anfiarau também estava com eles: vestido de bronze, os olhos refletiam na noite a luz dos archotes como os de um lobo. Os assaltantes debandaram. Cansados e feridos, não estavam em condições de aguentar a investida.

“Alcançamos finalmente o navio quando o céu já começava a ficar claro no oriente. A princesa selvagem despiu-se e, nua, lavou o sangue no mar, para então içar-se por um cabo até a proa. Levantamos âncora.”

O Sol já ia se pondo atrás do Narito, e a sombra da montanha cobria um quarto da ilha embora ainda faltasse um bom tempo para o anoitecer. O vento de terra fazia frufriular a ramagem dos carvalhos à nossa volta. Eu não conseguia dizer coisa alguma, pois ainda não tinha voltado à realidade. Ficava ao lado dos guerreiros, lutando na escuridão, ou talvez no navio, a olhar a costa que se afastava.

– Em que está pensando? – perguntou o meu pai, levantando-se e segurando a minha mão.

– Penso que é assim mesmo que um homem deve viver. Como você, que corre pelo mar e combate e conquista tesouros.

– É verdade, talvez seja assim que homens como nós devem viver, mas hoje fiquei com você e passamos um bom tempo a falar e a olhar as luzes e as sombras que se moviam sobre a nossa terra. Isto também é bonito.

– Eu também navegarei os mares e encontrarei povos selvagens em lugares longínquos...

– Tenho certeza disso. Mas, agora, veja... o jantar já estará na mesa, carne, pão e um bom vinho... dá para ver a fumaça sair do telhado do palácio, o palácio que um dia será seu, meu filho. Porque, neste dia, você será o rei de Ítaca.



O meu pai partiu muitas outras vezes para novas empreitadas ou para encontrar outros príncipes e reis, estreitar alianças, castigar aliados rebeldes, saquear territórios das tribos do norte ou de lugares ainda mais distantes.

Nem sempre e nem todos voltavam. Quando os jovens guerreiros que o acompanhavam perdiam a vida, eram sepultados longe. Os pais nunca teriam o consolo de chorar sobre as suas sepulturas. Às vezes, quando havia tempo para erguer uma fogueira, o rei trazia de volta as cinzas guardadas numa urna, um vaso fechado por uma tampa, com asas, e as entregava à família depois de honrá-las com o ritual de praxe. Outros regressavam feridos ou aleijados. Até meu pai voltava, às vezes, com o corpo marcado pelos sinais de rudes combates, e passava dias e mais dias parado, para recuperar as forças e o sangue derramado, como um leão que se esconde na floresta para lambe as feridas depois de ter sido atacado por uma matilha de ferozes mastins.

Eu tinha quatorze anos quando o trouxeram de volta ao palácio, do navio, numa maca carregada por quatro homens, pálido como um cadáver, com o tórax enfaixado por ataduras manchadas de sangue. As mulheres, acudindo após saber da notícia, arrancavam os cabelos e soltavam gritos ao céu como se estivessem chorando um morto. Eu também chorava, mas no fundo do coração, sem ninguém ouvir, engolindo as lágrimas. Como me haviam ensinado.

Naquela ocasião, o quarto onde ele se encontrava era inacessível até para a minha mãe. Só Mentor podia vê-lo, talvez para curá-lo. Mentor sabia fazer

todo tipo de coisa e conhecia certamente os segredos das ervas e dos filtros que restabelecem a saúde de um homem. O rei estava vivo, mas não queria ser visto naquela condição de fraqueza. Lembro que, certo dia, bati de leve à porta dele: “Posso entrar, pai?” Mas, não recebendo uma resposta, não me atrevi a mexer na tranqueta. Afastei-me pelo corredor, tentando imaginar o que ele poderia estar fazendo, ou pensando, e a razão pela qual não respondera ao meu pedido. Eu não era, afinal, o seu único filho? Não tínhamos passado tanto tempo juntos, conversando e sonhando com aventuras, apoiados no parapeito do telhado enquanto a lua surgia do mar? Por que não me deixara entrar?

Certa noite, ruídos estranhos despertaram-me do sono e saí da cama. Subi as escadas que levavam ao andar superior e, dali, ao terraço, segurando o corrimão no escuro. Olhei para baixo, para o pátio. Um homem estava falando nervosamente com o meu pai, que mal conseguia ficar em pé, apoiando as axilas em dois paus bifurcados. O que estava acontecendo? Alguma emergência? Alguém estava roubando o nosso gado? Ou seriam piratas que, após o desembarque, estariam agora invadindo a ilha para saquear os nossos campos? E como poderíamos nos defender se o rei não se aguentava de pé e não podia brandir a espada para liderar os seus homens no combate?

O meu pai entrou novamente no palácio, acompanhado pelo homem com o qual tinha conversado. Iria, sem dúvida, oferecer-lhe acolhida. Encolhi-me num canto e fiquei prestando atenção aos ruídos do bosque e da noite uma vez que tinha perdido o sono. Lá embaixo ouviam-se os passos apressados dos criados que aprontavam um leito para o hóspede. Reparei no barulho dos paus que batiam no chão e, em seguida, nos degraus das escadas, e finalmente vi surgir a sombra negra do rei, que se aproximava vagarosamente do parapeito. Apoiou-se nos cotovelos, e tive a impressão de que chorava. Levantei-me e, descalço como estava, cheguei perto dele por trás, sem fazer o menor barulho.

De forma que, quando se virou para voltar ao quarto, acabou ficando bem na minha frente. Não falou nem se mexeu, mas eu podia sentir a angústia que oprimia o seu coração. Não se tratava, portanto, de um ataque inimigo: não eram piratas desembarcando no porto bem protegido, nem havia bandos de ladrões à solta saqueando os campos e roubando o nosso gado. Era alguma coisa muito pior, alguma coisa atroz.

– O que foi que o mensageiro lhe contou, pai?

Não respondeu e recomeçou a arrastar-se rumo à escada que levava ao andar de baixo. Não queria falar comigo ou não conseguia?

Só quando o cansaço me venceu, voltei para a cama, onde fiquei um bom tempo ouvindo o vento do norte que passava, rouco, entre os galhos dos carvalhos.

Euricleia veio acordar-me.

– O que houve, babá? Quem é o homem que chegou no meio da noite?

– Você não deveria ficar andando por aí, quando o céu ainda está escuro. Deveria estar dormindo. E agora lave-se e vista-se: o sol já surgiu no horizonte.

Vesti as roupas depressa e desci para a grande sala, onde uma criada já acendera uma bonita fogueira. Euricleia trouxe-me, da cozinha, uma fatia de pão de acabou de sair do forno, leite quente e mel. Era um dia límpido e frio, da janela dava para ver, na terra firme, os cumes das montanhas cobertos de neve.

– Babá, quando vamos fazer uma visita ao vovô?

– Quando assim quiser o seu pai.

Um homem apareceu na sala. Devia ser o mensageiro noturno. Tinha cabelos arreganhados e olhos apertados, como os de um furão. O rei chegou logo em seguida, e os dois se sentaram um na frente do outro. A esta altura,

um agradável calor espalhara-se na sala. O serviçal espetou um pedaço de carne e o cozinhou no calor da brasa, servindo-o a seguir, ainda suculento, com pão e ervas aromáticas. Quando poderia eu também comer carne no desjejum? Já não aguentava engolir bolinhos doces como uma criancinha.

O meu pai mantinha a cabeça baixa e nada dizia. Quem falava era o mensageiro, mas bem baixinho, e eu só conseguia pegar umas frases soltas: “Um lago de sangue... no chão... nas paredes... a mulher e os filhos... sinto muito...” Então pude ouvir mais palavras: “O navio... a maré.” Levantou-se, fez uma profunda mesura e despediu-se. Euricleia entregou-lhe uma sacola cheia de pão ainda quente e acrescentou uma morcela e um pequeno odre de vinho.

Aproximei-me e sentei-me aos pés do meu pai.

– O que aconteceu? – perguntei.

Suspirou e levantou a cabeça mostrando os olhos úmidos de lágrimas. Nunca o tinha visto daquele jeito.

– Hércules: ainda se lembra dele?

– Claro, o gigante de força descomunal que usava uma árvore como clava, o seu amigo na aventura do velo de ouro. Morreu?

– Pior. Exterminou a família em Micenas, três noites atrás. Encontraram-no deitado no sangue dos filhos e da esposa, mergulhado num sono pesado. Roncava como alguém que tivesse tomado uma grande quantidade de vinho puro e tivesse ficado com a mente confusa. Os corpos jaziam espalhados em torno dele, trespassados pela espada que ele ainda segurava.

As imagens que meu pai descrevia, quase perdido num delírio, tornavam-se vivas diante dos meus olhos. Nada de grande sala com o alegre estalar da fogueira, nada de cestas cheias de frutas e queijos vindos dos campos e dos estábulos, nem de cães dormitando tranquilos perto da lareira, mas sim um quarto ameaçador e escuro, fechado entre tristes paredes, e o piso escorregadio

devido ao sangue derramado. Eu tremia diante daquela visão e me arrepiava como quando o vento do norte chega trazendo consigo o presságio da neve.

– Não é possível – continuava dizendo o meu pai. As lágrimas corriam fartas das suas pálpebras, riscavam as suas faces.

Olhei para ele horrorizado: um pai podia então matar o próprio filho? Era uma coisa que até o rei Laertes faria, se eu o deixasse furioso? Por sua vez, ele também me fitou. Talvez tivesse entendido o que eu estava pensando e me fez um afago:

– Fica furioso com alguma facilidade, mas só avança como um leão durante o combate. Ele é bom, eu sei disto. Nunca machucaria alguém desarmado, um fraco que não se defendesse. Como pode, então, ter levantado a espada contra o próprio sangue? Talvez tenha enlouquecido, é a única explicação. Talvez alguém invejoso da sua glória possa ter ministrado um veneno que lhe fez perder a cabeça. O rei de Micenas é um homem de olhar turvo, nunca deixa de ter estampada no rosto uma expressão sinistra.

– E o que vai acontecer agora?

– Não sei. Qualquer que tenha sido a causa do seu crime, ele terá de expiar as consequências.

– Como assim?

– Terá de pagar pelo que fez, mesmo que não tenha sido culpa dele.

Calei-me. Eram palavras pesadas demais para o meu coração.

– Quando vamos visitar o vovô? – nem sei por quê, mas foram as únicas palavras que vieram à minha boca. Talvez eu estivesse tentando fugir do medo, que era grande demais para mim. Pois afinal é natural, e normal, que um rapazola queira visitar o avô para receber presentes, para ouvir lindas histórias e afugentar qualquer pensamento assustador. Quanto ao meu, eu sabia muito pouco, só o que contavam uns vagos relatos da babá e dos

serviçais, pois eu nunca o vira. E era por isso que estava tão curioso: queria conhecer o pai da minha mãe, o rei de um país áspero e montanhoso.

– Ainda não chegou a hora. Poderá ir no ano que vem, quando já for um homem.

O serviçal limpou a mesa tirando os restos da refeição. Euricleia colocou numa bandeja fruta, leite quente, pão e mel, e, subindo as escadas esculpidas na pedra, levou-a aos aposentos da rainha. O meu pai voltou a falar:

– Sabe por que o seu avô se chama Autólico? Porque é “ele mesmo um lobo”. Porque é duro, esperto, porque não dá a mínima para as regras e para nenhum comportamento respeitável. É um perjuro e um predador impiedoso que não respeita ninguém. Mora numa fortaleza quase inacessível, cinzenta como ferro, cercado por um bando de ferozes facínoras, no topo de um penhasco só mais baixo que o monte Parnaso, que o domina.

Baixei a cabeça, confuso. Os meus companheiros tinham avós sábios e carinhosos que os levavam a pescarias de barco ou a passeios pelas colinas com os rebanhos e os cães.

– A única vez que veio nos visitar foi quando você nasceu. A sua mãe deitou você no colo dele e coube a ele escolher o seu nome.

– Por que ele, e não você, que é meu pai?

– Porque há muito tempo esperava por você. Embora lhe tivéssemos assegurado que, se a criança fosse um menino, ele seria o primeiro a saber, de vez em quando enviava mensageiros para perguntar se já tínhamos tido um filho. Olhou para você todo satisfeito, depois ficou sério e disse: “Minha filha e meu genro, deem-lhe o nome que vou dizer. Eu cheguei até aqui aninhando no coração muito ódio, seja de homens, seja de mulheres. Que seja então Odisseu o nome do menino.”

Tive vontade de chorar ao ouvir aquela história, porque me havia sido imposto um nome maldito. O meu pai nada disse, só ficou olhando para mim, pensativo. Ambos estávamos perturbados. Nisto éramos muito parecidos.

– Foi assim que a coisa se deu. Depois que supera a barreira dos dentes, um nome nunca mais pode ser revogado se quem o preferiu for um homem do seu mesmo sangue em linha direta. E era justamente isto o que tinha acontecido.

“Mas não tema, caberá a você, com suas ações e suas façanhas, com a força do braço e da mente, dar um sentido ao seu nome. Pode haver grandeza e dignidade até no destino mais amargo, desde que o seu coração seja forte e destemido, desde que não estremeça diante de nenhum desafio, dos humanos ou dos deuses, de homens valorosos e leais ou de selvagens que não respeitam as leis da honra. Você terá a vida que merece.”

Assenti para demonstrar que tinha entendido, ainda que o resumido retrato que o meu pai fizera do avô me deixasse perdido e perturbado. Acho que ele o percebeu:

– De qualquer maneira, antes de partir, de levantar âncora com o seu grande navio preto, virou-se para trás dizendo: “Desejo convidar o meu neto para uma caçada.”

“Uma caçada? Agora?”

“Quando o primeiro pelo vier a sombrear suas faces e o lábio superior.”

– Quantos anos eu tinha quando o avô me convidou? – perguntei.

– Seis meses. Ele é assim mesmo.

Baixei a cabeça confuso: o convite para uma caçada, feito a uma criança de seis meses, devia ter algum sentido que para mim ainda não estava claro, e continuava a achar que no meu nome se escondia algum fato perturbador. O meu pai pareceu ler na minha mente:

– Ainda que houvesse alguma sombra no seu nome, nenhum presságio poderia entristecer o seu caminho porque... porque eu lhe quero bem, Odisseu, meu filho.

Assim falou e apertou-me contra o seu peito. Percebi o calor do fogo que ardia na lareira e o calor e o cheiro do grande corpo do meu pai, o herói Laertes, o rei de Ítaca.



Passei aquele ano na maior expectativa: quando despontasse a primeira penugem nas faces e acima do lábio superior, tornar-me-ia homem e poderia visitar o avô Autólico em terra firme. Euricleia explicou que o avô tinha filhos homens, os meus tios, que também eram formidáveis e temíveis guerreiros. Eu já tinha praticamente esquecido as facetas perturbadoras do vovô, e o que mais sentia era curiosidade: morria de vontade de chegar diante dele e encará-lo, de conhecer os tios e a vovó também. E fantasiava acerca de como iria entrar numa fortaleza inexpugnável, perto do Parnaso, para explorá-la e desvendar todos os seus mais secretos cantos.

Mentor dissera-me que o Parnaso era o lugar preferido pelo deus Apolo e que era a morada das Musas. Como podia o meu avô ter construído a sua fortaleza numa montanha tão alta que podia defrontar-se com o monte sagrado do deus? E como Apolo pudera tolerar aquilo?

O meu pai confiou-me a um instrutor para que me ensinasse a arte da caça e do treinamento dos cães. Era um homem de uns quarenta anos, de cabelo grisalho nas têmporas e braços poderosos, originário da planície da Tessália. Chamava-se Damastes, havia sido o carregador do escudo de Jasão no navio *Argo* e na Cólquida. Custava-me entendê-lo, quando falava, mas ele conseguia mesmo assim transmitir o seu recado à base de gritaria e de pauladas nas minhas costas. Passei quase três meses acostumando-me com os cães, perseguindo veados, javalis, lebres e cabras-montesas, e manuseando o arco e

o dardo. Até que, finalmente, com a chegada do verão, a penugem nas faces e no lábio superior cresceu o bastante para sombrear o meu rosto.

Eu estava pronto, e chegou a véspera do grande dia: a véspera do solstício de verão. Naquela noite a minha mãe veio ver-me e me contou uma história estranha:

– Amanhã você partirá para visitar o vovô. Está lembrado do que lhe contei a respeito de como encontrei o seu pai? Você queria saber mais e eu respondi: “Agora não, só quando puder entender.” Pois bem, chegou a hora, e é justo que você o saiba.

Quando voltou a falar, a minha mãe tinha nos olhos uma luz fria. Disse:

– Certa noite, enquanto estava dormindo profundamente, ouvi estranhos ruídos vindos do quarto onde, desde sempre, proibiam que eu entrasse. Fazia mais ou menos um ano que dormia sozinha e fiquei totalmente apavorada. Podia ouvir uma espécie de rosnar, um rumorejar surdo, como se algum animal selvagem tivesse ficado preso e tentasse sair. Levantei-me e, sem fazer barulho, avancei pelo corredor. A porta estava entreaberta e deixava passar a vaga claridade da lua. Quando me aproximei e, vencendo o medo, dei uma olhada para dentro, vi uma coisa que nunca mais esqueceria na vida. O meu pai se arrastava no chão torcendo-se como um bicho ferido, o rosnar que ouvira saía da sua boca escancarada. O seu corpo estava coberto de pelos hispídeos. Num piscar de olhos – talvez me tivesse ouvido – saiu correndo e pulou para o jardim. Cheguei logo à janela e vi um lobo atravessando o pátio para então sumir no bosque.

Eu queria perguntar se tinha certeza de que não se tratara de um sonho, mas já sabia a resposta: se estava falando daquele jeito, era porque realmente acreditava que o que tinha visto era verdade.

– Só queria que você soubesse. E agora decida você mesmo se ainda quer enfrentar essa viagem.

– Mais que nunca, mãe – respondi.

– Então tenho uma coisa para você, alguma coisa que terá de entregar ao meu pai. – E, ao dizer isto, deu-me uma pequena ânfora de terracota, minúscula, que eu podia segurar na palma da mão.

– Entregarei de sua parte, mãe.

Abraçou-me e beijou-me, então deu meia-volta e saiu do quarto. Na manhã seguinte, quem veio acordar-me foi o meu pai, que me levou até o porto.

– Partirá sozinho, como um homem – disse. – Viajará por mar e, depois, por terra, até o palácio de Autólico...

“Ele é mesmo um lobo”, repeti no fundo do coração.

– ... Subirá até o ninho da águia, entrará na toca do lobo.

Estavam todos no porto: o rei e a rainha, meus pais, a babá Euricleia, que chorava e enxugava os olhos com um lenço, Mentor um tanto contrafeito por não poder ir comigo, o armeiro Damastes, que me entregou três lanças e prendeu à minha cintura um punhal com bainha de bronze e ornatos de prata, o trabalho fino e primoroso que um artesão de Same oferecera a meu pai.

– O seu avô vai certamente levá-lo para caçar, que é a única ocupação digna de um rei ou de um príncipe como você – disse o meu pai. – Gosta de caçar javalis porque isto o faz lembrar outra fera assustadora que foi abatida por todos os maiores reis e heróis de Acaia: o javali calidônio. Um verdadeiro monstro, um porco selvagem gigantesco e sanguinário com presas desmedidas, do tamanho de espadas. Ele mesmo vai lhe contar a história, apesar de não ter sido convidado à caçada... o único, acho.

Esperávamos que o vento se voltasse, que ficasse favorável à saída do porto. O dia estava claro, sem uma só nuvem no céu, o Sol se espelhava no golfo como numa lâmina de prata polida. Oh, Ítaca...

– Quem o matou foi Meléagro da Etólia, um dos meus companheiros no navio *Argo* – acrescentou Damastes. – Tome cuidado: o javali é um dos animais mais perigosos do mundo. É muito rápido e, quando investe correndo, pode atropelar qualquer coisa no seu caminho, pode até derrubar um cavalo cinco vezes mais pesado. Quando cercado, pode estripar os cães com os seus dentes de sabre. Se perceber que está chegando, procure uma posição abrigada e fique atento... se o avistar de longe, use o arco: pode ser que não o mate, mas refreará sem dúvida a sua corrida, e então, quando estiver ao seu alcance, arremesse a lança com toda a sua força.

– Pois é, meu filho, tome cuidado – disse o meu pai, abraçando-me.

Beije a minha mãe que me apertou contra o peito. Euricleia não parava de choramingar.

– Pare com isso, babá... dá azar!

O timoneiro acenou para mim enquanto os marujos içavam a vela, e eu saltei para bordo. Mamãe também tinha os olhos úmidos, mas mantinha a compostura. Quando o navio já ia se afastando, gritou para mim:

– Não se esqueça da mensagem que lhe entreguei para o meu pai!

– Pode ficar tranquila – respondi, e me despedi agitando a mão.

A minha primeira viagem.

Pela primeira vez saía da minha ilha. Iria ver a terra firme aproximar-se, o borbulhar das ondas entre as pedras da arrebentação, na costa, e sabe lá quantas outras coisas, enquanto agora o rei e a rainha, todos e tudo em volta

iam ficando cada vez menores à medida que nos afastávamos rumo ao mar aberto.

Navegamos com o vento a favor e, antes do anoitecer, deitamos âncora num pequeno porto natural.

– Aquele é o seu avô – disse o timoneiro indicando um homem de cabelos grisalhos mas de corpo enxuto e musculoso, vestindo grosseiras roupas de lã, armado de lança e com uma pesada espada presa a um largo cinturão de couro. Estava ladeado por dois guerreiros mais altos que ele, de grandes barbas negras, espessas sobrelhas e braços hirsutos. Pulei do barco e fui ao seu encontro, caminhando primeiro nas pedras e depois na areia.

– *Wánax* que possui esta terra – disse eu –, sou Odisseu, o filho de Laertes, que reina sobre Ítaca. Vim até você depois de quinze anos porque me convidou para uma caçada.

– Mas que jeito de falar é esse, meu rapaz? – respondeu. – Parece um velho chefe do cerimonial. Sei muito bem quem você é, e estava à sua espera. Sou seu avô e é assim que quero ser chamado. Estes dois são os seus tios, irmãos da sua mãe. E agora vamos, precisamos jantar antes que anoiteça.

Subimos num carro enquanto o céu se obscurecia deixando no mar uma listra purpúrea e nos encaminhamos por uma estreita estrada que galgava a encosta da montanha. Uma tristeza sutil tomou conta do meu coração por eu estar no meio de desconhecidos, de pessoas que jamais vira. Pensava no palácio, onde moravam os meus pais e os serviçais, e na fiel criada que aprontava o jantar e o levava para a mesa. Mas a minha curiosidade venceu estes temores passageiros. Queria conhecer novos lugares e pessoas que jamais tinha encontrado.

– Não tem nada para dizer ao seu avô? – perguntou Autólico sentado de costas para mim, sem olhar para trás.

– Fiquei muito tempo esperando este dia – respondi.

– Por quê?

– Um homem que convida alguém quinze anos antes do devido tempo não é uma pessoa comum. E, uma vez que este homem é o meu avô, uma parte dele também faz parte de mim e gostaria de saber qual é.

– Já lhe disseram quem sou? O mais cruel e maldoso dos homens: ladrão, mentiroso, perjuro e predador sanguinário.

– Ouvi dizer... mas os meus pais sempre falaram de você com respeito. E me disseram que foi você quem escolheu o meu nome.

– Isso mesmo, porque sentia ódio de todos.

Não consegui dizer mais nada. Não queria saber o motivo de um sentimento tão duro.

Os meus tios não disseram uma palavra sequer durante todo o trajeto. Olhavam constantemente em volta e mantinham quase o tempo todo a mão na empunhadura da espada. Chegamos finalmente a uma casa de pedra no fundo de uma clareira, bem no meio de um espesso bosque de carvalhos, e lá passamos a noite após comermos pão e queijo acompanhados de uma taça de vinho tinto.

– Amanhã poderá comer melhor – disse o avô, e eu fiz um sinal com a cabeça para deixar claro que qualquer coisa, para mim, estava bem. Fiquei surpreso com aquela parada num lugar tão solitário e desprovido de qualquer proteção, mas então pensei que a fama do avô Autólico devia ser tão terrível, que já bastava manter afastado quem quer que não dispusesse de forças adequadas para atacá-lo ou desafiá-lo.

Dormi numa cama que cheirava a pinheiro e acordei várias vezes no meio da noite, despertado pelo barulhos que vinham de fora: grunhidos, assovios, gritos e chamados de animais noturnos. Sempre que acordava, a minha mão corria para o punhal. Da segunda vez, apresentou-se aos meus olhos uma visão que nunca esqueceria: o cume do Parnaso iluminado pela lua cheia. Uma etérea nuvem ainda se demorava em volta do topo nevado, e o luar criava reflexos e maravilhosas transparências, velados encantamentos. Deu-me vontade de ir lá em cima, e tinha certeza de que o avô já tinha feito isto, chegando a saber tudo o que um mortal pode saber. Na terceira vez fui acordado por uma batida de asas: uma coruja pousara na sacada da janela. Levantei-me, mas ela não se mexeu. Dei alguns passos e parei não muito longe da ave, que parecia olhar para mim com curiosidade. Por que não voava embora? Ficamos nos entreolhando por algum tempo, nem pouco nem muito, um tempo parado e fora da realidade, talvez fosse um sonho. Mas hoje tenho certeza: aquele foi o meu primeiro encontro com a deusa de olhos verdes, Atena, a minha protetora...

Onde está você?

O céu iluminou-se bem antes de o Sol aparecer de trás das montanhas e eu saí da tosca casa de pedra. Os pássaros começavam a cantar e, quando me virei para o lado do mar, vi a extensão azul encrespada pela brisa matinal e as ilhas ao longe, que, uma depois da outra, se iluminavam sob os primeiros raios de sol.

– Aquela lá embaixo é Ítaca, a sua ilha – disse uma voz atrás de mim. – Continua escura, e sabe por quê? Porque o cume da montanha que nos domina ainda a encobre com a sua sombra.

– Vô – disse virando-me, e ficando eu mesmo surpreso por ter usado um termo tão íntimo e familiar com um homem que, apesar de ser o pai da minha mãe, era para mim praticamente um desconhecido. Sorriu: – *Avô...* – e entregou-me um pedaço de porco. – Isto é comida de homem, coma.

Afinal estava comendo carne e pão no desjejum. Podia considerar-me um homem:

– Vô – recomecei a dizer –, já estive lá em cima? – e indiquei o topo do Parnaso.

– Sim, claro. E não vi ninguém tocando cítara cercado de nove lindas jovens.

Baixei a cabeça:

– Mesmo que estivessem lá, não poderia vê-los. Nós não temos o poder de vencer as ondas do mar ou o vento, ou de parar o movimento das estrelas que vagueiam no céu, de mudar o ciclo das estações, de vencer a morte. Alguém, em meu entender, regula o nosso mundo. Alguém que está presente mas não aparece, a não ser sob disfarce.

– Olhe para mim, para o seu avô, eu desafiei-os várias vezes e nunca aceitaram o meu desafio. Cometi todo tipo de ignomínias: matei, aterrorizei regiões e cidades inteiras, fiz juramentos que logo quebrei, e ninguém me puniu. Sou forte e poderoso e não receio ninguém. Uma vez que não respondem, não existem.

Fiquei algum tempo pensando naquelas palavras antes de responder:

– Nem devem ter percebido. *Desafiar os deuses é muito mais que isso.*

Ele ficou calado.

Retomamos o caminho para a parte mais alta dos montes e chegamos então à morada de Autólico: um palácio feito de grandes blocos de pedra quadrados,

como o do meu pai, cercado por uma muralha em que se abria uma única porta. Quando entramos, reparei que alguém nos tinha antecedido. Os serviçais tinham matado um jovem touro e agora o estavam esquartejando. “O nosso almoço”, pensei, “e talvez o jantar também.” No meio da sala já ardia a fogueira, e uns pedaços de carne já estavam assando nos espetos. Comemos e bebemos até a noite, mas eu me controlei para não ficar bêbado e para não tornar exagerado o peso no meu estômago. Desde sempre preferia manter-me leve e de sentidos aguçados. Nem eu saberia explicar a razão, mas era o meu caráter e a minha instintiva prudência. Fiquei olhando para os comensais: sentados à mesa, só mesmo os tios e o avô. “Porque”, pensei, “não podem confiar em ninguém.” Também perguntaram a minha opinião, principalmente quando chegou a hora de definir o plano da caçada ao javali do dia seguinte.

– É uma caçada perigosa – disse o avô. – Já participou de uma delas?

– O rei Laertes, meu pai...

– Mas quem foi que o ensinou a falar desse jeito?

– Foi Mentor, o meu mestre... Mas, como estava dizendo, o meu pai confiou-me a um instrutor tessálio que me treinou. Sei manusear o arco, o punhal e o dardo.

– E quantos javalis já matou?

– Nenhum.

O avô caiu na gargalhada, logo imitado pelos seus filhos. Um deles deu-me uma palmada nas costas que quase me fez cair no chão. Virei-me de pronto para ele e fitei-o com o olhar mais duro de que era capaz, deixando entender que era melhor ele nunca mais fazer aquilo.

– Amanhã vai matar um, o primeiro da sua vida, mas não com esses alfinetes que trouxe consigo. Precisarás desta para deter um bichão de mais de trezentas libras. – Levantou-se, foi até a parede e apanhou uma lança pesada,

maciça. Jogou-a para mim, e eu a peguei no ar. – Mas fique sabendo que amanhã poderá até morrer – prosseguiu. – Quer que mande alguém levá-lo de volta ao porto?

– Peça que me acordem antes do alvorecer – respondi, e me encaminhei para o quarto segurando a lança, mas antes de entrar me virei para trás: – Eu também tenho uma pergunta: por que não foi convidado a caçar o javali caledônio? Todos os maiores heróis da Acaia estavam lá.

– Amanhã à noite, se ainda estiver vivo, você mesmo saberá por quê.

O que queria dizer com aquilo? Fui para a cama, mas continuei a ouvir as risadas e a gritaria dos comensais por mais algum tempo, e depois fui vencido pelo sono.

Não foi preciso mandar alguém me despertar. Os cães que latiam, os chamados dos serviçais, o barulho das armas acordaram-me quando ainda estava escuro. Enfiei pela cabeça a curta túnica, ajustei-a ao corpo com o cinturão, vesti o corpete de couro e a braçadeira, preendi o punhal na cintura, peguei a lança e pus a tiracolo o arco, dois dardos e a aljava.

– Quer dizer que se decidiu mesmo – disse o avô quando me apresentei, –, vejamos, agora, se sabe dar conta do recado. Vamos.

Fomos andando em silêncio pelo bosque, um ao lado do outro. Eu continuava a remoer as palavras que me dissera na noite anterior e, certamente, ele bem sabia disto. Antes de o céu afugentar as últimas sombras da noite chegamos a uma clareira.

– A esta altura – disse o avô – os meus filhos já devem ter tomado posição e os batedores devem estar se mexendo do outro lado do bosque. Há três trilhas por onde os javalis sempre passam. O bando mais numeroso, mais ao sul, será empurrado para os meus filhos, um bando menor para o riacho que acabamos de atravessar, onde eu vou ficar. E mais uns poucos, desgarrados, virão para

cá, onde você ficará esperando. Não saia daqui, pois este é único lugar onde eles ficarão ao seu alcance. – Apanhou no chão esterco de javali e esfregou-o nas minhas pernas e nos meus braços. – Assim não vão perceber a sua presença. O vento não nos favorece. Não se esqueça: vão aparecer bem diante de você.

Encaminhou-se para o riacho e sumiu entre os carvalhos. Olhei à volta lembrando as advertências do meu pai: tinha de ficar de tocaia atrás de uma árvore para proteger-me, mas os troncos mais próximos estavam todos à minha frente. Como eu estava numa clareira, os outros ficavam a pelo menos cem passos de distância, por trás, e eu não podia certamente recuar tanto assim. Podia, é claro, chamar de volta o avô e perguntar qual seria uma posição mais segura, mas tinha vergonha. Não tinha outra escolha a não ser permanecer onde estava. Olhei em volta para encontrar um jeito de proteger-me no caso de um daqueles bichos me atacar, mas só consegui ver uma pequena depressão do terreno. De longe chegavam o som de cornos e o estardalhaço de paus sendo chocados uns contra os outros. Os batedores. Pela barulheira que ouvia, o bando de javalis devia ser bastante numeroso. Empunhei a lança com firmeza. O coração começou a bater mais rápido no peito, mas tentei dominá-lo. O barulho se aproximava. Sem perceber, comecei a mover-me lentamente para trás: sentia que precisava de mais espaço para acertar a pontaria.

De repente, estalos de galhos quebrados e de moitas arrancadas. Plantei-me firmemente no chão, de pernas abertas, pronto para o arremesso. Segurei o arco e apontei. Nada. Só ruídos de mais galhos quebrados. Recuei. Ainda nada. Gotas de suor embaçavam a minha vista, queimavam. Então, de chofre, um grupo de javalis irrompeu na clareira. Não pela frente nem por trás, mas sim pelo lado esquerdo. Virei-me pondo o corpo de lado, mas o sol nascente

ofuscou-me. Soltei a seta, e uma fêmea desmoronou na mesma hora, tropeçando e rolando no chão. E então uma sombra escura, enorme; arremessei a lança. Um terrível grunhido de dor. Joguei-me ao solo e fiquei oprimido pelo peso do bicho. Um macho gigantesco. Senti uma dor aguda, dilacerante, e um fedor insuportável. A minha mão direita sacou o punhal da cintura e afundou-o até a empunhadura no ventre do animal. Investiu-me um jorro de sangue. Não vi nem ouvi mais coisa alguma.

O que me acordou foi a dor, aguda, no fim da coxa, bem perto do joelho. Abri os olhos e o vi.

Um enorme carneiro albino de grandes chifres retorcidos, desmedidos. Talvez fosse um sonho. Mas a dor era verdadeira, e cada vez mais violenta. Eu estava deitado na grama, no meio da clareira, todo manchado de sangue. Uma voz:

– Matou o seu primeiro javali.

Era a voz de Autólico, o meu avô.

– É de verdade?

– O quê?

– Esse aí – falei indicando o carneiro que me olhava, imóvel diante de mim.

– O áries? Claro. É o macho dominante do meu rebanho. Magnífico. Não há outros tão grandes quanto ele. Roubei-o aos etólios que moram no interior. Ofereceram um resgate, mas eu não aceitei.

– Está doendo muito.

– O javali rasgou a sua coxa até o osso. – Afastou-se.

Um esguicho de água investiu-me em cheio, e depois outro, e mais outro. Estavam me limpando, jogando em cima de mim baldes de água tirada do riacho que corria ali por perto.

Autólico reapareceu segurando uma faca em brasa:

– Preciso queimar a ferida e depois costurá-la, do contrário vai morrer.
Não grite, os berros me incomodam.

A lâmina queimou a minha carne, a dor cortou o meu coração, a minha vista fraquejou.

Só ficou a imagem do carneiro albino, uma cabeça branca sobressaindo na treva.



A febre fez o meu corpo arder por cinco dias e cinco noites. Foi então que conheci a minha avó Anfiteia, pois coube a ela costurar a minha ferida e então curar-me. Passou um unguento no ferimento queimado pelo ferro de Autólico que acalmou bastante a dor e acabou com a coceira embaixo da crosta que se formara. Quando achou que eu já estava convalescendo, deixou que me levantasse e desse os primeiros passos. Eu não deixava transparecer a minha preocupação: a ferida havia sido muito profunda, rasgara a carne até o osso. Muitos, naquelas condições, ficaram aleijados pelo resto da vida. Tentava, de qualquer maneira, animar-me, dizendo a mim mesmo que, embora não tivesse sido ferido em combate, podia mesmo assim gabar-me de ter enfrentado corpo a corpo uma fera e que se tratava, portanto, de uma luta honrosa.

Pus um pé no chão, depois o outro e me levantei. Um criado ofereceu-me um cajado, mas eu o recusei. Dei um passo, depois outro: os músculos e os tendões não pareciam ter sofrido nenhum prejuízo mais sério. Os meus movimentos estavam meio travados e eram bastante dolorosos, mas no conjunto eram normais. O meu peito encheu-se de felicidade: nada me impediria de lutar, de correr ou de aceitar desafios tanto no mar quanto na terra. Do fundo do coração, agradeci a Atena, que me aparecera de noite na forma mais comum que assume quando não quer ser reconhecida pelos mortais. E agradeci a vovó, que me havia curado com suas próprias mãos.

Vovô também veio visitar-me, e, uma vez que eu tinha tido bastante tempo para pensar, disse-lhe o que estava achando daquilo tudo:

– O meu acidente não aconteceu por acaso. Esperava que os javalis chegassem do norte, e aquela fera caiu em cima de mim do oriente. Quem me disse para ficar ali foi você, completamente desprotegido: mandou empurrar o animal contra mim sabendo que ficaria ofuscado pelo sol. É por isto que me convidou à caçada quando eu ainda era criança? Para ver-me morrer? Agora entendo por que ninguém queria tê-lo por perto na caça ao javali caledônio.

– Eu lhe disse que naquela mesma noite saberia por que não fui convidado àquela caçada, apesar de ser o melhor caçador, e isto deveria tê-lo deixado de sobreaviso. Era uma advertência. Eu salvei a sua vida, e mais ninguém. Você é um rapaz sagaz e corajoso: duas qualidades que raramente se encontram na mesma pessoa. Muitos homens corajosos são idiotas; outros, previdentes e astuciosos, são covardes. O que aconteceu foi por minha escolha e vontade. Aprendeu que não pode confiar em ninguém no mundo, e nunca se esquecerá disto enquanto viver. Em Ítaca jamais tomaria conhecimento do que descobriu aqui. A sua carne, agora, leva a marca indelével da sua ingenuidade. Essa cicatriz será uma advertência pelo resto da sua vida.

– Poderia ter morrido.

– Mas não morreu. Fiquei de olho em você desde o primeiro momento. Como se mexe, como repara nas coisas em volta, como ouve os homens, os animais e as plantas. Não perdi uma só das suas palavras.

– E se tivesse acontecido? Se eu tivesse sido morto?

– Nascemos mortais, mas ninguém pode dizer se viver mais ou menos tempo é uma bênção ou uma desgraça. Para mim foi uma desgraça. E conheci muitos homens que até lastimavam ter nascido. Tenho uma péssima reputação porque não escondo o que sou. Outros, muitos outros, são até piores que eu, são pessoas que ocultam a sua natureza. Eu sou insensível e impiedoso,

exatamente como você viu, e mesmo assim fui ao palácio do seu pai porque aguardava com ansiedade o seu nascimento.

– E escolheu para mim um nome maldito.

– Nada disso, um nome sincero. Queria que se lembrasse de como é o mundo, de como são os homens. O ódio é, de longe e sem comparação, o mais comum dos sentimentos humanos.

– E por que aguardava com ansiedade o meu nascimento?

– Porque não gosto de nenhum dos meus filhos e esperava que o novo herdeiro fosse diferente.

– E então?

– Então, o meu desejo realizou-se. Você não sabe o que aconteceu no dia da caçada ao javali: eu vi tudo, mantive o tempo todo o arco apontado para aquele grande macho, pronto a trespassá-lo, mas não foi necessário. O seu instinto foi mais rápido do que a fera, a sua lança acertou-o com precisão num lugar vital. E o seu arco tampouco falhara. A flecha que abateu a fêmea penetrou pelo ombro direito, muito perto do coração. Só lhe faltou um pouco mais de força, que certamente virá quando você acabar de crescer. O seu corpo adaptou-se à superfície do terreno para não ser esmagado pelo peso do porco do mato. Você é perfeito, Odisseu, o filho que eu teria desejado.

Não consegui responder nem dizer mais coisa alguma. O meu avô vivia numa loucura toda dele, alimentada pelo ódio; era violento, arrogante, talvez até cruel, mas não maldoso. Compreendi, nos dias que ainda passei com ele, que o maldoso é na verdade um covarde que não tem coragem de encarar as suas vítimas, que prefere confiar a outrem a execrável tarefa de infligir sofrimento. Do jeito dele, tentara fazer-me entender que me amava e que quisera proteger-me de um mundo que desprezava e odiava, fornecer-me as armas com que eu poderia defender-me mesmo quando ele já não estivesse

vivo. O velho lobo tinha certamente um segredo, que levaria para o túmulo consigo, e eu não quis conhecê-lo.

No último dia, na véspera da minha partida, levou-me a um canto e perguntou:

- A sua mãe não lhe deu uma mensagem para mim?
- Deu, sim. Ia entregá-la amanhã de manhã, antes de embarcar.
- Dê-me agora. Não irei ao porto. A ideia de vê-lo partir não me agrada.

Tirei da sacola a minúscula ânfora de terracota e a entreguei. Ele esmigalhou-a entre as mãos e apareceu uma pequena lâmina de bronze com uns sinais gravados. Enquanto a observava, expliquei:

- Precisa começar a ler a partir de uma estrela.

Deviam ser os sinais de uma linguagem secreta porque eu nada entendia daquilo que estava vendo, e a frase que eu dissera era algo que, a pedido da minha mãe, eu simplesmente aprendera de cor.

Ficou olhando um bom tempo para a pequena tira de bronze. Depois, guardou-a no cinto e olhou-me fixamente nos olhos:

– Dirá à sua mãe o nome de três animais, os primeiros que passarem pela sua cabeça... Não, não me diga nada – acrescentou quando viu que eu já ia dizer alguma coisa. – Não quero saber, mas preste atenção, pois aqueles três nomes podem marcar o seu destino.

Quando a noite chegou, jantamos juntos nós três: a avó Anfiteia, o avô Autólico e eu. Os tios estavam longe numa das suas façanhas. Agradei-lhes a hospitalidade, os cuidados com que haviam tratado o meu ferimento e tudo o mais que lá aprendera. Vovó beijou-me na testa e nos olhos, afagando lentamente o meu rosto, para então retirar-se aos seus aposentos. O avô ficou mais um pouco. Disse:

– Não sei se nos veremos de novo. Um homem como eu vive em constante perigo, e, quando as minhas forças começarem a diminuir, alguém aparecerá certamente, pedindo satisfação. Para esconjurar esta eventualidade, quero convidá-lo para uma segunda caçada, quando você completar vinte anos. Desta forma, terei forçosamente de continuar vivo para recebê-lo. Não falte.

– Não faltarei, porque desta vez entendi o que você disse.

– Tenho certeza disso. E... pensei em dar-lhe uma mulher, esta noite, mas percebo que ainda não é suficientemente sabido nestas coisas, e poderia deixar-me um bastardo para criar, coisa que prefiro evitar.

Despedimo-nos.

– Adeus, *vô*.

– Adeus, meu neto.

Na manhã seguinte só vi a avó, a rainha Anfiteia, que me acompanhou no desjejum servido por uma das suas criadas. Depois, com os primeiros raios de sol, chegou o homem que me levaria ao porto. A avó abraçou-me apertado, com os olhos cheios de lágrimas:

– Voltará a nos visitar, minha criança?

– Voltarei, minha avó, se os deuses permitirem, pois fui convidado.

– Dê os meus cumprimentos à sua mãe e ao seu pai. Diga-lhes que estão sempre no meu coração.

Separamo-nos e acompanhei o meu guia até o porto onde a embarcação que me levaria para casa esperava por nós. Ao todo, a minha visita tinha durado um mês.

Mandei içar no mastro do navio o meu estandarte, de forma que, ao chegar a Ítaca, se repetiu a mesma cena: os meus pais vieram receber-me com a escolta, os dignitários, o armeiro Damastes, o meu mestre Mentor e Euricleia,

a babá, que chorava e enxugava os olhos com o lenço repetindo “criança, minha criança” exatamente como a vovó.

No palácio foi esquetejado mais um touro para festejar a minha volta e foram convidados alguns amigos do meu pai, bem como uns companheiros meus de infância: Antifo, Euríloco, Euríbates, Sínon. Bons rapazes, ligeiros na corrida e habilidosos com as armas. Desta vez, quem tinha uma aventura para contar era eu, e mostrei com orgulho a cicatriz no joelho:

– Era um bicho enorme, de pelos negros e presas longas como espadas. Investiu contra mim vindo do oriente: eu tinha o sol na cara e vi aquela massa escura cair em cima de mim com o ímpeto de um pedregulho que rola montanha abaixo. Tive tempo de arremessar a lança porque já tinha abatido a fêmea com o arco, mas àquela altura já estava perto demais...

Todos me ouviam, até o meu pai, que conquistara glória imortal por ter sido um dos argonautas. Dava para ver que tinha orgulho de mim. Naquele momento pensei que, se o avô não tivesse feito o que fizera, eu não poderia contar uma história tão linda e emocionante que talvez, algum dia, o cantor Fêmio fosse narrar durante os banquetes para entreter os hóspedes. Compreendi que vovô tinha tomado a decisão certa para fazer de mim um homem, ensinando-me coisas que eu nunca iria esquecer. Autólico, ele mesmo um lobo.

Comendo e bebendo, ficamos à mesa até tarde. Os meus amigos, cambaleando sonolentos, foram levados de volta para casa pelos seus criados, a finalmente eu também pedi ao meu pai permissão para retirar-me e me dirigi ao quarto de dormir. Antes de eu entrar, no entanto, a minha mãe apareceu na porta do tálamo.

– Transmitiu a mensagem ao meu pai?

– Sim, claro.

– E o que foi que ele respondeu?

– Disse que, ao ficarmos juntos, eu deveria dizer-lhe o nome de três animais e tomar todo o cuidado porque aquelas três palavras poderiam marcar o meu destino.

– Então?

– Os animais são o touro, o javali e o carneiro.

– Tem certeza?

– Absoluta. O touro foi o primeiro animal a ser sacrificado após a minha chegada, o javali feriu-me e levarei para sempre no corpo o sinal daquele encontro; o carneiro foi a primeira coisa que vi quando voltei a abrir os olhos. Um animal gigantesco, albino, com grandes chifres retorcidos e olhos vermelhos. Não sei por quê, mas me pareceu um demônio. Estava imóvel como um ídolo e me fitava com olhos fixos, desprovidos de expressão.

– Muito bem – comentou a minha mãe –, está escrito que algum dia estas palavras terão um significado para você, talvez venham a ser a chave da vida e da morte.

Nunca esqueci aquele diálogo tão enigmático, porque nenhuma mãe, acredito, diria ao próprio filho palavras capazes de gelar o seu coração com as sombras do mistério e do desconhecido. De repente, logo depois de falar, ela mesma pareceu dar-se conta disto e me beijou, desejando-me uma noite tranquila.

Desmoronei, exausto, no colchão, e dormi por um bom tempo. Depois alguma coisa me acordou, minha mão deslizou até o cabo do punhal: percebia uma presença no quarto, e na mesma hora reconheci o cheiro do meu pai. Não me mexi, sabe-se lá havia quanto tempo estava ali, sentado no escuro, a vigiar enquanto eu dormia.

Talvez ele também tivesse percebido que eu estava atento, e levantou-se para alcançar a porta, silencioso como um fantasma.

– Pai.

Virou-se.

– Pai, sabe o que aconteceu na casa do avô?

– O que pode ser para você querer me contar agora no meio da noite, no escuro?

– Vi a deusa Atena.

– Durma, meu filho – respondeu.



Nos dias que se seguiram, Euricleia cuidou da minha ferida aplicando um unguento preparado por ela, e com o passar do tempo a crosta amoleceu e finalmente caiu; a vermelhidão também foi se abrandando até sumir por completo. Ficou uma cicatriz de contornos salientes, mas o meu joelho mostrou não ter sofrido nenhum dano. Podia caminhar e correr como antes por dias inteiros, pelos bosques e pelas veredas que atravessam a minha ilha. Damastes, o meu mestre de armas, ficava sempre ao meu lado, corria comigo, forçava-me a escalar os mais íngremes aclives, a descer dos mais ásperos penhascos, a pular dos rochedos e a nadar durante horas ao longo da costa. Nas pausas, ensinava-me a manusear o dardo e a lança, a atirar as setas com precisão cada vez mais aprimorada.

– O arco é uma arma poderosa, consegue matar de longe enquanto você se mantém ao abrigo. Muitos acham que um verdadeiro guerreiro tem de usar a espada e enfrentar os adversários corpo a corpo, acham que o arco é uma arma de covardes.

– E não é?

– Nem um pouco. Na guerra, a coisa mais importante é vencer: todas as armas são iguais desde que sirvam para tirar a vida do inimigo. Se você vencer, sobrevive; se perder, está morto ou então se torna escravo pelo resto da vida. O arco é uma arma nobre. A flecha voa sibilando pelo ar, mais veloz que o vento, mais rápida que as aves, que até têm asas, acerta em alvos distantes e permite arranjar comida onde qualquer outra arma é ineficaz ou inútil.

Só parávamos uma vez durante o dia. Damastes tirava da sua sacola pão e queijo de cabra, tomávamos água de nascente e depois seguíamos em frente até o pôr do sol. De volta ao palácio, fazíamos ao meu pai o relatório do meu treinamento e dos meus progressos.

Finalmente, chegou a hora de ele me ensinar a usar a espada.

– É a arma mais terrível de todas – disse. – Para golpear, você tem de se aproximar do inimigo até fitá-lo nos olhos, até sentir o respiro dele na cara. Quando se desfere o golpe, é preciso trespassá-lo de lado a lado, e o sangue esguicha em cima de você, as entranhas saem da ferida, o cheiro é repugnante. A gritaria se torna insuportável; o estrondo do bronze, ensurdecador. E chamam isso tudo de “glória”. É por isso que os cantores narram as façanhas dos heróis acompanhando-se com a cítara.

Não entendi direito o que ele queria dizer com aquelas palavras. De qualquer maneira, parecia que a minha passagem para a condição de homem tinha de ser paga com o meu conhecimento das piores facetas da vida e dos demais seres humanos.

Às vezes dormíamos na floresta ou nos campos, envoltos em nossas capas e sobre um leito de folhas secas. Antes de adormecer, eu olhava para as estrelas que tremeluziam entre a folhagem das árvores e perguntava a mim mesmo o que elas eram na realidade. Haviam sido colocadas lá em cima pelos deuses a fim de mostrar aos navegantes o caminho de volta para casa? Mentor ensinara-me a reconhecer as constelações: a Ursa, Oríon e as Plêiades, e várias outras, e algum dia eu sairia navegando numa grande travessia ou numa longa viagem.

Certa noite voltei a ver de novo a coruja; por um instante, só os seus olhos de reflexos dourados a olhar-me fixamente, para então a deusa aparecer atrás de um tronco. Vestia um traje da cor da lua, os seus pés descalços pareciam

pairar acima da grama da clareira; tênues lampejos dançavam em volta da ponta da sua lança. Um perfume envolvia-a, de metal forjado, de oliva, de cedro e flores do campo. Fui atrás daquele leve aroma, quase imperceptível, que me deixou inebriado. Tinha vontade de chamá-la, mas a voz não saiu da garganta; os mortais não podem dirigir-se aos deuses se eles não consentirem. Mesmo assim ela se virou, como se me tivesse ouvido; sorriu e desapareceu. A coruja lançou-se do galho, alçou voo e desapareceu na noite perfumada.

– Falou dormindo, esta noite – contou-me Damastes. – Com que estava sonhando?

– Não podia estar sonhando – respondi –, estava cansado demais para sonhar. Devia estar dormindo, só isto.

* * *

Durante aquele ano todo, por toda a duração da boa estação, o meu pai saiu para o mar em viagens de quinze, vinte dias; às vezes com uns poucos amigos do peito, às vezes com um grupo de guerreiros. Imagino que se dirigisse às ilhas próximas que formavam o nosso reino: a Samos, a Cefalônia, a Leucádia, quem sabe a Zaquintos, para encontrar os nobres que proviam de lanças o nosso exército e de navios a nossa frota, construídos com afinco, pintados de um preto reluzente. Certa vez, ao que parece, saiu para saquear e foi acompanhado por guerreiros. Voltaram com as marcas do combate no corpo e no rosto, trazendo consigo escravos de pele cor de cobre e ânforas de vinho, madeira, rolos de tecidos coloridos e centenas de pérolas de vidro, lindas. Os despojos foram repartidos depois que o rei tirou a sua parte.

Alguns dos escravos choravam, pensando que nunca mais veriam o dia do retorno, e eu olhava para eles perturbado. O meu pai apoiou a mão no meu

ombro:

– A lei da vida é assim mesmo, podia acontecer comigo e com os meus homens: sermos escravizados por homens sem nenhum valor, comerciantes e mercadores sem cultura, ou sermos comprados em troca de um punhado de pérolas de vidro colorido. E ninguém ficaria com pena de nós. Guarde este seu sentimento para as pessoas que ama, se algum dia por acaso sofrerem algum mal, se perderem a vida ou a liberdade.

Depois disso, afastou-se sem me esperar e dirigiu-se ao palácio, onde o aguardavam as mulheres, um banho quente e roupas limpas tiradas das arcas de cipreste.

Fui atrás dele e assisti ao seu banho.

– Pai – perguntei –, o que acontece com um rei se é capturado e se torna escravo?

– Um rei tem a possibilidade de ser resgatado, pois tem muitos bens: ouro, prata e bronze, armas, gado, tecidos preciosos. Ninguém gostaria de ficar com um escravo assim, sabendo que ao mandá-lo de volta poderia comprar dúzias deles com o resgate.

– Sei, mas e se acontecer?

Laertes calou-se, pensativo, por alguns instantes, e quando voltou a falar tinha uma expressão enigmática no rosto, como se fosse outra pessoa falando pela sua boca.

– Tornar-se-ia um escravo como qualquer outro, obedeceria para não ser espancado, tentaria satisfazer o amo para conseguir comida e roupas melhores.

– Talvez qualquer outro rei – repliquei –, mas não você.

– Quem disse? Quando um homem perde a liberdade, perde tudo. Só há uma coisa pior que perder a liberdade: perder a vida.

Voltei ao corredor, subi até a varanda e fiquei à espera do anoitecer.

Com a chegada do outono e o fim da temporada das viagens, o rei Laertes mandou desmontar o leme do seu navio e ordenou que o pendurassem acima da lareira, para que se impregnasse de fumaça e se temperasse a contento com o calor.

Era comum termos hóspedes e convidados. Alguns deles, muito poucos na verdade, vinham de bem longe em seus navios e procuravam abrigo no porto. O meu pai achava que eram os mais interessantes, pois navegavam na estação do mau tempo e deviam ser, portanto, corajosos ou desesperados, ou as duas coisas juntas.

Um deles trouxe-nos notícias de Hércules.

O rei de Micenas, Euristeu, não ousando medir forças com ele, impusera-lhe uma série de façanhas impossíveis para que, assim, pudesse purificar-se de sua culpa. Hércules obedeceu, desaparecendo em seguida. A partir daí, ninguém mais o vira. Perguntei ao meu pai que façanhas eram essas que o mais forte dos homens se empenhara em cumprir, mas ele não soube ou não quis responder. Nem tinha certeza de que Hércules fosse realmente culpado do massacre da família, ou talvez preferisse simplesmente não acreditar. Disse que Euristeu era capaz de qualquer safadeza e que dele se podia esperar qualquer coisa.

Teria gostado de saber a que ele se referia, que tipo de torpezas se podiam esperar daquele rei, mas achei melhor não insistir. Pensava no gigante que, com a sua clava, percorria terras desoladas e desertas para enfrentar adversários à sua altura, homens, ou deuses, ou monstros, numa luta sem trégua que lhe desse a morte ou a paz.

– Talvez, no próximo verão, possamos saber mais – disse o meu pai. – Vamos fazer uma viagem.

– Uma viagem? – perguntei. – E eu irei junto?

- Isso mesmo. Será algo que nunca esquecerá.
- E não pode me adiantar mais alguma coisa?
- Tudo no devido tempo – respondeu o meu pai, e isto significava que não queria mais perguntas.

* * *

Com a volta da boa estação, tiramos o leme de cima da lareira e o montamos novamente no barco. Os serviçais tinham raspado do casco todas as incrustações e estavam agora apertando as cordas que mantinham as tábuas presas umas às outras. Também reparei que untavam e poliam as madeiras da popa, da proa e das amuradas, depois de limpá-las e lixá-las com pedra-pomes. Partimos num dia do começo do verão. Despedi-me da minha mãe e da babá, que me beijou várias vezes nos olhos, chamando-me de “minha criança” e chorando como sempre costumava fazer nessas ocasiões, até meu pai fazer ouvir a sua voz para significar que já estava na hora de irmos. Segurei a lança e me encaminhei para o lado do rei. Descemos a pé pela encosta da montanha enquanto o sol surgia e milhares de flores amarelas e azuis eram iluminadas por uma luz extremamente límpida. Depois de uma estreita curva, ficamos diante de uma extensão de asfódelos atravessados por aquela mesma luz enviesada que os tornava translúcidos e incrivelmente luminosos. Fiquei imaginando por que flores tão lindas e cândidas eram plantadas nos túmulos e consideradas flores dos mortos.

Descemos até o porto principal e zarpamos com o vento a favor. Chegamos a mar aberto e prosseguimos mantendo uma boa velocidade. O navio rangia, a vela estava inchada e retesada. Desta vez, Mentor também viajava conosco, e eu estava feliz com isto. Sabia um montão de coisas e

gozava da confiança de meu pai. Sentamo-nos nas amarras enroladas, conversando e imaginando para onde estávamos indo. Nem sequer Mentor o sabia, mas de uma coisa tínhamos certeza: não seria tão perto, pois a costa ia se afastando e o navio singrava decidido para alto-mar.

Perguntei a Mentor o que havia para aquele lado.

– Há outra terra, coberta de florestas, habitada por povos selvagens que não respeitam as leis da hospitalidade nem os deuses: é a terra do entardecer e da escuridão, e poucos se atrevem a navegar naquela direção.

Não perguntei mais nada, mas percebia que a costa se tornava cada vez mais baixa e longínqua, até desaparecer como que engolida pelo mar. Sentia-me tomado por uma espécie de aflição que nunca experimentara antes. Diante de nós o horizonte estava vazio, e mesmo assim o meu pai continuava na mesma rota. Mentor se havia levantado e estava agora se segurando no parapeito da proa. Vez por outra eu tinha a impressão de que ele estremecia. Passou mais algum tempo, até o sol ficar brilhando quase no meio de céu, enquanto as nossas sombras se encurtavam. Então meu pai mandou amainar a vela e lançar âncora. De tão pesada, precisava da força de quatro marujos para ser jogada na água. O mar estava calmo, quase imóvel, e rasgos de luz fluíam na superfície, como espelhos ofuscantes.

Por toda parte, o nada. O horizonte era um círculo vazio.

Já não havia pássaros, e até o vento desaparecera. Todos se mantinham calados, o silêncio reinava absoluto, e eu fiquei sozinho com os meus pensamentos. Por um bom tempo. Iríamos ficar ali até a noite chegar? E, àquela altura, como poderíamos encontrar o rumo para voltar se todas as vias do mar ficassem às escuras?

– Mentor – murmurei –, Mentor.

– O seu pai quis que você experimentasse a angústia do vazio, o desalento do infinito, suspenso entre o céu e o abismo. Já pensou quantos ossos de marinheiros jazem lá no fundo? *Já pensou quantos deles morreram afogados?* Seus espíritos não encontram paz porque não tiveram sepultura...

– Cale-se – disse eu –, não quero ouvir essas coisas. Não quero...

Não me atrevi a dizer mais nada e deixei-me mergulhar no silêncio.

Pensei no que experimentaria se o navio fosse destruído, se eu acabasse na água, cercado por ondas tempestuosas, sozinho, sem terras à vista, sem orientação, sem força. E mesmo assim aquela extensão infinita e informe me encantava. Imaginava as criaturas que a atravessavam percorrendo distâncias impossíveis, os monstros dos abismos e os deuses azuis, eu iria desafiar o mar sem costeiras, os espaços desmedidos, eu sabia, podia sentir isso. Eu, filho de um argonauta.

O meu pai mandou finalmente baixar os remos à água e virar a embarcação na direção do oriente. Passamos uma noite no mar e pudemos ouvir o respiro do deus azul subir das profundezas, assustador, imane. Não era aconselhável acordá-lo.

Fundeamos numa pequena enseada, num território que eu não conhecia.

– Onde estamos? – perguntei.

– Esta é a terra dos eleus – respondeu o rei. – Seguindo em frente, a um dia de navegação, fica a Messênia, onde reina Nestor. Vai conhecê-lo: é um homem sábio de têmperas grisalhas, respeitado por todos os reis dos aqueus. Estou levando presentes para ele e para a esposa, presentes que você mesmo entregará. Já está na hora de você ser conhecido como aquele que algum dia será o rei de Ítaca. O rei da Messênia tem um palácio que domina a cidade de Pilos e uma extensa baía protegida por uma longa ilha, porto amplo e seguro

para as embarcações que nele procuram abrigo. O soberano tem muitos filhos, paridos seja pelas concubinas, seja pela esposa Eurídice. Alguns deles têm pouco menos que a minha idade; outros, os menores, a sua. Fique amigo de todos, pois futuramente um deles se sentará no trono. É bom que os reis e os príncipes sejam amigos e aliados, cada um respeitando as fronteiras e os domínios do outro, pois no caso de aparecer um inimigo é melhor o enfrentarem todos juntos.

Pilos, a arenosa cidade de Pilos, surgia no sopé de uma colina, e o palácio, conquanto maior, era parecido com o nosso, pois não era cercado de muralhas e fortificações. Lá de cima o nosso navio com suas insígnias havia sido avistado já fazia algum tempo, e, quando desembarcamos, uma escolta de guerreiros comandada pelo príncipe Antíloco, só um pouco mais velho que eu, já estava à espera para nos receber e nos levar ao palácio. Depois de vestirmos as nossas roupas mais bonitas, acompanhamos o príncipe ao longo de um íngreme caminho que serpenteava pela encosta da colina, podendo então alcançar com o olhar toda a baía limitada por uma longa ilha matosa.

Era a primeira vez que eu visitava um rei.



O rei e a rainha de Pilos receberam-nos em pé, na grande sala, e vieram ao nosso encontro demonstrando a sua alegria, como costuma acontecer entre amigos.

O rei abraçou o meu pai, e a rainha inclinou graciosamente a cabeça quando coloquei os nossos presentes aos seus pés: um colar de coral que pertencera à avó Calcomedusa, que eu nunca cheguei a ver, mas que a mãe afirmava ter-me segurado entre os braços quando ainda era muito pequeno. E mais uma estola de lã primorosamente bordada pelas mulheres de Sames, muito habilidosas neste tipo de trabalho. Eram nela representadas as divindades das quatro estações com grinaldas de flores, de espigas douradas, frutas e cachos de uva e, finalmente, de caniços cobertos de bruma gelada.

Eurídice era muito mais jovem que Nestor e quis experimentar logo o colar diante de um espelho trazido prontamente por uma das criadas. Demonstrou-se muito satisfeita com o presente e nos agradeceu com calor.

Naquela noite foi preparado um enorme banquete, ainda mais farto do que o servido pelo avô Autólico quando fui visitá-lo para a caçada ao javali. Todos os príncipes da casa real estavam presentes, incluindo Antíloco e Pisítrato, que ainda nem sabia andar direito. O meu pai estava sentado à direita de Nestor, e eu podia ver que conversavam bem pertinho um do outro como se estivessem se contando com familiaridade coisas confidenciais. Os serviçais chegavam continuamente à mesa com espetos de carne de boi assada e enchiam sem descanso as taças de vinho, mas o meu pai comia e bebia com a

moderação que lhe era costumeira. O fato de ter visitado e explorado países longínquos e selvagens criara nele o hábito de nunca perder o controle de si mesmo e de manter sempre os sentidos aguçados. De que estavam falando? Das suas aventuras passadas ou dos negócios de família de outros reis e outras rainhas?

Nestor também era um argonauta e tinha compartilhado com meu pai grandes façanhas apesar de já não estar na flor da idade. Por todos os cantos da sala havia armas penduradas nas paredes: escudos, lanças, machados, espadas com os respectivos cinturões enfeitados com placas de prata e fivelas de bronze reluzente. Diante do palácio se havia juntado uma pequena multidão de mendigos à espera das sobras do repasto que deveriam disputar com os cães, que também aguardavam a sua parte.

Virei-me para Antíloco, que se sentava ao meu lado, e perguntei se já tinha feito viagens por mar ou por terra.

– Por terra – respondeu –, até Esparta e até Argos. São lindas cidades com grandes edifícios, mas eu gosto daqui porque temos esta baía bem provida de peixes onde fundeiam muitos navios que vêm de longe: da Ásia e dos países do segundo mar, de Creta, onde comanda o rei Idomeneu, amigo do meu pai. Algum dia eu também irei a Creta e talvez até mais longe. E você?

– Viajei para terra firme para visitar o meu avô e participar de uma caçada ao javali. Fui ferido na coxa, está vendo?

– O seu avô? Mas não é aquele velho bandido, ladrão de gado?

– Se você não fosse tão jovem – respondi –, forçá-lo-ia a engolir essas palavras.

Antíloco pediu desculpas:

– Não era minha intenção ofender: você é meu hóspede, e o meu dever é honrá-lo. Mas Antíloco não tem boa reputação, e disso não tenho culpa.

– O meu avô não é um bandido, é um predador, e, se vive do jeito que vive, deve ter seus bons motivos. Eu me dei muito bem com ele e voltarei a visitá-lo assim que me for possível. – Depois de cumprir a minha obrigação de defender a honra da família, procurei reatar a conversa com palavras mais amenas: – Esta é a minha segunda viagem e sinto orgulho de ser recebido na casa do *wánax* Nestor. Os nossos pais estão ligados por longa e profunda amizade, e o mesmo deve acontecer conosco – disse, pensando que algum dia, provavelmente, Antíloco se tornaria rei e que seria aconselhável estabelecermos relações de aliança. Eu ainda não tinha aprendido que o futuro só depende do fado.

* * *

Ficamos, ao todo, três dias e então nos despedimos para ir a Esparta. O rei proveu-nos de carros e cavalos, e nós deixamos aos seus cuidados o navio e uma parte da tripulação. Eu admirava os cavalos, animais de altiva nobreza, acostumados ao campo de batalha, de cauda irrequieta e pelo lustroso. O próprio Antíloco veio entregá-los, uma honra reservada às visitas mais ilustres.

Saltei para o carro, para o lado do meu pai, segurando-me na borda. Mentor vinha logo atrás com o comandante do nosso navio; em seguida, mais três carros com seis dos nossos homens, armados de lança, que formavam a nossa escolta. Em mais um carro, o último, só havia o auriga, uma vez que transportava os presentes para o rei. Para chegarmos a Esparta, tínhamos de seguir por uma trilha muito íngreme que atravessava uma cadeia montanhosa e depois descer para o vale do outro lado. O caminho era muito estreito e cortado no flanco da montanha. Os carros tinham de passar um de cada vez e,

mesmo assim, de forma bastante perigosa. Quando chegamos ao topo, uma vista maravilhosa descortinou-se diante dos nossos olhos: uma extensa planície cheia de oliveiras e de árvores frutíferas, gramados e pastos com rebanhos de ovelhas e manadas de cavalos. Nunca tinha visto algo parecido em toda a minha vida. Nunca tantos cavalos juntos.

– É o reino de Tíndaro – disse o meu pai –, senhor de Esparta. A rainha Leda é famosa pela sua beleza. Têm quatro filhos, dois homens e duas meninas. Apesar de Leda ter parido duas vezes gêmeos, o seu corpo é perfeito como o de uma deusa. As duas filhas, ainda que muito jovens, prometem superar a mãe em formosura. Quando estivermos na presença deles, você terá de cumprimentar primeiro a rainha e depois Tíndaro. Eu farei o mesmo.

Levamos quase um dia inteiro para descer a encosta da montanha, superar a planície e galgar mais uma pequena colina do lado oposto, onde se erguiam as cidades de Tíndaro e de Leda. Chegamos às portas de Esparta ao entardecer e reparei que naquele lugar o sol se punha muito mais cedo do que em Ítaca, porque a ocidente a grande montanha o ocultava quando ainda estava alto no céu, enquanto em Ítaca era possível vê-lo até ele mergulhar no mar.

Fomos recebidos pela guarda real perfilada dos dois lados da estrada que levava à porta principal. Enquanto subíamos, o meu pai voltou a falar:

– Tíndaro só reconquistou o trono sete anos atrás, pois o seu meio-irmão o tinha expulsado da cidade. E não o teria conseguido sem a ajuda de Hércules. A sua força desmedida foi fundamental, é claro, mas a sua mera presença já teria sido suficiente. Quem quer que o tenha como oponente sabe que está fadado à derrota, logo percebe que enfrentar um ser como ele seria o mesmo que lutar contra os deuses.

– É mesmo, pai?

– Nenhum mortal pode detê-lo. É como um grande pedregulho que desmorona montanha abaixo e derruba pinheiros e oliveiras seculares, o seu grito é como o rugido de um leão. Nunca o vi vestindo uma armadura: combate seminu, e ainda assim ninguém jamais conseguiu feri-lo...

Não fiz mais perguntas. Mas pensei que um homem que extermina a sua própria família já superou os seus extremos limites, entrou num território do qual é impossível voltar e não pode fazer outra coisa a não ser seguir em frente para a sua completa destruição. Não conseguia entender como alguém ainda podia ser considerado herói depois de levar a cabo um crime tão atroz, e ficava imaginando se, por sua vez, aquela ação não era parte da sua mais profunda natureza. Considerei que o meu pai, assim como Hércules, não pertencia somente a outra geração, mas também a outra era, a uma estirpe de heróis em cujas veias ainda escorriam as últimas gotas do sangue dos deuses. Nós iríamos ser diferentes. Nós seríamos somente homens.

Ao chegarmos ao palácio, os palafreiros se encarregaram dos cavalos, e nós fomos levados aos banhos para ser lavados e perfumados. Vestimos então roupas limpas antes de nos apresentar diante do rei e da rainha.

Leda tinha grandes olhos luminosos, cabelos cacheados que desciam até os ombros e, atrás, quase alcançavam a cintura. Os olhos eram verdes e inspiravam ao mesmo tempo aflição e uma admiração atônita e quase extática. Seria então aquele o olhar de Medusa que petrificava? Parecia-me quase ouvir um canto, complexo, de muitas vozes que compunham uma só harmonia. A brisa do entardecer entrava no palácio trazendo consigo perfumes de terras distantes, o cheiro do feno e de flores campestres, e o longínquo soluço do mocho.

Recobrei-me do meu devaneio quando o meu pai me deu uma pequena cotovelada no flanco para que me juntasse a ele nos cumprimentos a Tíndaro.

Foram então introduzidos na sala os dois príncipes, com cerca talvez de vinte e cinco anos. Cástor e Polideuces, os mais jovens dos argonautas. Eram gêmeos e eram tão idênticos que não podiam ser distinguidos a não ser pela cor dos olhos: mais parecidos com os da mãe os de Cástor, mais semelhantes aos do pai os de Polideuces. Ambos atletas invencíveis, disseram-nos. Ignorando o cerimonial, os dois vieram correndo para o meu pai e o abraçaram gritando de alegria. Ele retribuiu o abraço, comovido, parecia não querer largá-los. Compreendi o que devia significar terem participado juntos de uma grande façanha: um liame íntimo e profundo, inquebrantável.

O rei convidou-nos a sentar à mesa para o banquete, e eu olhei em volta admirando a sala. Aqui também, como em Pilos, havia armas penduradas nas paredes: espadas reluzentes, grande escudos, lanças com ponta de bronze polido. Uma parte das paredes era pintada com cenas de caça e de combate. Uma delas representava Hércules no ato de atacar o usurpador que reinara sobre Esparta antes de Tíndaro. Fiquei pasmado. Qualquer coisa que ele fizesse se tornaria lendária na mesma hora. Até o meu pai observava a pintura um tanto maravilhado.

– Pai – murmurei –, se parece com ele?

– Não. Nenhum artista retrata um herói como ele realmente é, não conseguiria, mas sim pelos atributos que o identificam.

– A clava... o corpo imane. Será que algum dia poderemos vê-lo?

– Não creio. Os seus caminhos levam-no para longe, para muito longe do nosso mundo, para um lugar de onde ninguém jamais voltou.

Lembro como aquelas palavras me machucaram. Palavras como tantas outras, mas que ditas por um marinheiro assumiam outro tom, outra força. Revelavam muita dor.

O banquete deixou claro o poder do rei de Esparta pela variedade e fartura das carnes assadas, pelos pães fragrantados, pelo vinho. E pelo grande número de convidados em suas roupas de linho e de púrpura, os seus cintos, as fivelas de ouro, de âmbar, de marfim, pelas preciosas taças trabalhadas, pelos maravilhosos adornos e pelas joias da rainha. Como me pareceu pobre o nosso pequeno reino insular! A minha Ítaca coberta de bosques, pasto de cabras e de porcos.

No fim do banquete, uma das criadas trouxe as filhas da rainha, Helena e Clitemnestra, para que fossem apresentadas aos hóspedes: deviam ter entre treze e quatorze anos e eram muito diferentes uma da outra. Helena parecia uma criatura sobre-humana devido à perfeição do rosto, aos reflexos violeta dos olhos, aos cabelos que reluziam como oricalco. Suas melenas cacheadas refletiam a luz com mil tonalidades. Quando mexia a cabeça fazendo-as ondear, o movimento se transmitia a todo o resto do corpo, que se adaptava àquela flexão suave, como uma flor na brisa. Os seus lábios lembravam os botões de papoula silvestre prestes a desabrochar, e quando se abriam mostravam os nítidos dentes num sorriso sem amor, e por isto mesmo ainda mais perturbador. Naquele momento eu bem que teria gostado de ter a inspiração de um grande cantor como Fêmio para expressar o que via e sentia, aquela espécie de encantamento que a beleza em sua forma absoluta exercia sobre mim. Esbelta e alta para a sua idade, era um botão ainda fechado: o que viria a ser, então, a rosa?

O rei meu pai pareceu ler meus pensamentos:

- Nem pense nisso, garoto, não é para você. Ela é de ouro, e você é...
- De madeira, pai. A madeira dos nossos carvalhos no Nerito, que só o raio de Zeus pode rachar. A madeira que sempre boia enquanto o ouro vai para o fundo.

O meu pai sorriu.

Ainda que gêmea, Clitemnestra era muito diferente, de uma beleza fria e severa que a jovem idade tornava ainda mais perturbadora.

Encontrei Helena no dia seguinte, ao entardecer. Eu estava sentado numa pedra perto do cercado dos cavalos, admirando a nobreza daqueles magníficos animais que em Ítaca não podíamos criar. Estava encantado com o seu porte majestoso, com a curva poderosa do pescoço, com a harmonia e a altivez dos seus movimentos, com seus grandes olhos úmidos e a crina que ondeava ao vento. De repente vi que ela se aproximava e fiz o possível para não olhar. Começava a pensar que quem olhasse ficaria prisioneiro, fadado a sofrer pelo resto da vida.

– Você é o príncipe Odisseu de Ítaca, não é?

– Sou – respondi sem me virar –, e você é Helena de Esparta.

– Sabia que o rei Teseu de Atenas me pediu em casamento? É aquele guerreiro lá embaixo, no cavalo preto.

– Estou vendo.

– Mas é velho demais para mim.

– Aquele que desafiou e venceu o homem-touro no Labirinto nunca ficará velho. E você, o que fez na vida? Nada. Não passa de uma garota bonita, e isto não se deve certamente a você.

Sorriu, em lugar de ficar aborrecida:

– E acha pouco?

– Não. Não acho pouco, mas...

– Pediria a minha mão, se pudesse?

– Não.

Plantou-se diante de mim e, desta vez, fitou-me com dureza:

– Por que me odeia? Será porque se sente obrigado devido ao seu nome?

De um salto fiquei de pé e respondi, acalorado:

– O meu nome não me obriga a fazer coisa alguma, e não a odeio... Não a pediria em casamento porque...

– Por quê? – insistiu.

– Porque, quando os deuses acabarem de plasmá-la, será bonita demais para amar a quem quer que não seja você mesma. E, portanto, acredito que se tornará a ruína de muitos homens.

Os olhos de Helena pareceram assumir tons de cor amaranço enquanto os raios do sol desciam atrás dos picos do Taígeto. Um véu de melancolia encobriu o seu rosto.

– Essas coisas só acontecem pela vontade dos deuses – respondeu –, nós somos apenas mortais e não temos nenhum poder. Não sou má, Odisseu, e, se você pudesse ficar, gostaria de conversar com você todos os dias.

– Acerca de quê?

– Acerca do sol e da noite, do amor e do ódio, da vida e da morte. Nos seus olhos há uma luz que nunca vi, nem sequer nos dos meus irmãos, que são lindos. Invejo a esposa que compartilhará o seu tálamo, que você dobrará na cama com a força do amor, príncipe de Ítaca. Adeus.

Dissolveu-se na luz do pôr do sol.



Partimos dali a dois dias com presentes preciosos no nosso carro. O pensamento de Helena voltava vez por outra a perturbar-me, mas então olhava para o meu pai e me sentia feliz por estar com ele, por aprender tantas coisas, por ser hóspede de poderosos soberanos e de esplêndidas rainhas, por ver lugares que nunca tinha visto, montanhas escarpadas e planícies, rios e florestas, gado pastando, manadas de cavalos a galope, pores do sol flamejantes e silenciosas alvoradas.

Deixamos para trás mais uma cadeia de montanhas.

– Para onde vamos agora, pai? – perguntei. – Voltamos para casa?

– Já quer voltar? A viagem mal começou. Estamos indo a Micenas.

Um arrepio ao ouvir aquele nome:

– Mas é um lugar amaldiçoado, pai. Por que vamos lá?

Meu pai continuava a olhar para diante de si, pela estrada branca que subia rumo ao desfiladeiro para depois descer à planície de Argos. Levou algum tempo para responder:

– Porque ouvi Nestor dizer em Pilos, e Tíndaro em Esparta, que o rei da maior e mais poderosa cidade da Acaia é um homem terrível, um monstro. E por isto mesmo pedi para ser recebido.

– Por quê, pai?

– Está lembrado daquela noite em que chegou um mensageiro ao palácio com uma horrível notícia?

– Lembro muito bem. Não consegui dormir mais.

– Foi em Micenas que tudo aconteceu. E talvez dentro do palácio onde foi consumada a chacina a consigamos entender.

– Você não acredita que ele tenha sido capaz de fazer aquilo, não é?

– Hércules? Não, de fato não acredito.

– E conhecer a verdade mudaria alguma coisa?

– Mudaria, embora quem está morto não possa ser trazido de volta à vida.

Não fiz mais perguntas, e por muitas horas seguimos em frente pela estrada branca, atravessando a grande planície, onde manadas de cavalos pastavam. Às vezes passávamos tão perto, que quase podia tocá-los. À noite, quando parávamos, eu me encarregava dos nossos. Desatrelava-os, dava-lhes feno que cortava nos campos e cobria-os com um pano de lã para protegê-los da umidade da noite.

Alcançamos Micenas ao entardecer. A cidade não era visível da estrada pela qual estávamos viajando, que levava ao porto à beira-mar. Ela ficava escondida no fundo de um estreito vale que era preciso atravessar virando para o norte, até chegar ao sopé de duas colinas: uma maior e mais alta, a outra mais baixa e escarpada. A cidade erguia-se no topo, e o palácio, construído sobre um íngreme penhasco, a pique sobre o precipício, dominava as demais casas, o vale e a planície mais afastada.

Subimos por uma estrada margeada por grandiosos túmulos de pedra e por mais humildes lajes funerárias, até o portal, uma construção enorme formada por dois pilares encimados por uma gigantesca arquitrave que nem sequer cem homens conseguiriam mover. Só um deus, se assim quisesse. Na arquitrave estava apoiada uma grande pedra triangular esculpida com as figuras de dois leões em pé, um diante do outro, com o corpo pintado de uma cor alourada e a cabeça de ouro reluzente.

– Esta é Micenas – disse o meu pai. – Concorda comigo que nenhum homem deveria morrer sem visitá-la pelo menos uma vez na vida?

Bateu três vezes na porta com a haste da lança. Abriram e nos deixaram passar.

Vinte guerreiros, dez à esquerda e dez à direita, apresentaram armas em sinal de respeito e nos escoltaram a caminho do palácio. O meu pai mostrou-me, do lado direito, o recinto funerário que guardava as sepulturas dos Perseidas, os primeiros soberanos da cidade, e depois o palácio lá em cima, iluminado pela luz trêmula das tochas. Quanto mais me aproximava da grande morada real, mais me sentia aflito e atemorizado. Aproximei-me de meu pai, mas não ousei dirigir-lhe a palavra com receio de ser ouvido pelos homens que nos cercavam e para não deixar transparecer que estava angustiado. Só pude avistar uns raros transeuntes, ouvir aqui e acolá portas que se abriam e fechavam rangendo. Perguntava a mim mesmo por que os moradores de um lugar tão triste e deprimente não iam embora, por que não escolhiam alguma suave colina coberta de oliveiras ou amenos campos com pomares e rebanhos pastando. Seria apenas a escuridão da noite o que criava em mim imagens tão sombrias?

Qualquer humilde e pobre vilarejo de camponeses ou pastores pareceria sem dúvida, aos meus olhos, mais bonito e mais feliz, mas talvez o rei Laertes, meu pai, tivesse decidido levar-me a mais aquele lugar para eu entender o que aparentemente não tinha explicação. No coração do mais poderoso reino da Acaia, tudo era invertido: o bem em lugar do mal, a injúria em lugar da justiça, talvez até as trevas em lugar da luz. Comecei a achar que, enquanto a noite vinha encobrindo a cidade de Euristeu, talvez o sol estivesse nascendo em Ítaca e na arenosa Pilos, e que o dia nunca mais surgiria nas mudas ruas de Micenas.

Teria preferido evitar o encontro com o rei porque no fundo do coração sentia que o mal era ele, e que nós mesmos estaríamos em perigo ao comermos o seu pão e ao passarmos a noite sob o seu teto. Mas àquela altura já estávamos na entrada do palácio.

Recebeu-nos, sozinho, na sala das armas. Nunca tinha visto tantas lanças e espadas, tantos escudos e elmos com seus penachos. Enchiam completamente as paredes. As panóplias, iluminadas pelos archotes, pareciam os fantasmas de guerreiros caídos. Sentou-se num banco, com um suspiro, e nos fez sinal para nos sentarmos também. Não ofereceu pão nem vinho nem sal.

– O que o traz aqui, rei de Ítaca? – perguntou ao meu pai.

– O meu filho e eu estamos indo a Argos e, se tivermos tempo, a Salamina a fim de encontrar os reis daquelas cidades e trocar com eles os presentes da hospitalidade. Passar pela sua altiva fortaleza sem visitá-lo e sem prestar-lhe homenagem seria uma falta de nossa parte pela qual você poderia nos guardar rancor quando viesse a ser informado.

O meu pai mentia e ocultava os seus sentimentos, e ao mesmo tempo me ensinava como dissimular a verdade para não sofrer o abuso de quem era mais forte que eu.

– Fico-lhe grato – respondeu Euristeu sem olhar para mim. Era como se eu não existisse.

Nenhum barulho se ouvia nas salas em volta, ainda que estivéssemos na hora do jantar, a hora em que em Ítaca se acendiam as luminárias, as mulheres preparavam as mesas, os serviçais punham os espetos com as carnes a assar no fogo e as criadas traziam os pães quentinhos do forno. Era então isso o poder? Ficar de vigia, sozinho em salas desertas? Era o que parecia, e tinha certeza de que Euristeu ficaria velando, solitário, até a alvorada, com receio de ser morto, ou com medo de adormecer e ser visitado por pesadelos, pelas divindades do

Ífero e da Noite. Só fecharia os olhos com as primeiras luzes do alvorecer, sem dormir nem levar a cabo ação alguma. O meu pai voltou a falar:

– Talvez tenhamos chegado numa hora imprópria, numa hora, Euristeu, em que preferiria estar sozinho. Afinal, é isto o que se espera de um rei quando é preciso cuidar do governo e há deveres por cumprir.

– Longe de mim a intenção – respondeu o rei de Micenas – de receber um hóspede tão ilustre sem proporcionar-lhe a merecida e justa acolhida... mas, infelizmente, não posso lhe oferecer um banquete porque sou atormentado por um mal que nunca me dá paz, umas agudas físgadas na cabeça, como se um dardo abrasador queimasse as minhas têmporas. Mas mandarei aprontar um quarto bonito e espaçoso, e pedirei que lhes sirvam todo tipo de comida, com um vinho tinto generoso, capaz de acalantar o coração. Então, amanhã, poderão partir levando os presentes de hospitalidade conforme mandam os nossos costumes.

Dois guerreiros escoltaram-nos aos nossos aposentos, percorrendo um longo corredor com paredes formadas por grandes blocos sobrepostos de pedra nua. O som dos nossos passos amplificava-se no silêncio do palácio, que parecia deserto, mas ainda assim tive várias vezes a impressão de que estávamos sendo seguidos. Fomos finalmente introduzidos numa sala decorada com pinturas nas paredes e com assentos encostados a elas. No meio da parede mais comprida abria-se uma janela, como um quadrado vermelho de chama recortado na pedra cinzenta. O reflexo do sol já havia desaparecido no horizonte. Diante de dois assentos encontramos mesas com pão, carne assada e ovos de codorna. Numa cesta ao lado, figos e uva.

– Pai – disse, assim que os passos dos guerreiros se afastaram no corredor –, não teve você também a sensação de que alguém estava nos seguindo e espionando?

– Não – respondeu. – Estava pensando em outras coisas. Por que Euristeu mandou nos levar a este aposento? Por que não há ninguém da sua família para nos fazer companhia?

– Talvez não confie em ninguém, e, se ele não pode ou não quer estar presente, pode ser que não queira a presença de mais ninguém. Afinal, estamos aqui com a esperança de descobrir os sinais de alguma verdade escondida.

Entrou um serviçal com uma jarra de vinho e duas taças de ouro trabalhado com imagens de pássaros de asas abertas. O meu pai experimentou-o.

– É forte e puro – disse –, não tome mais que uma taça.

Depois, enquanto o criado ficava de costas para servir-me o vinho, deixou cair no chão o seu anel de bronze.

– É surdo e provavelmente mudo também – disse o meu pai –, nesta casa reina a desconfiança.

Concordei.

Com a chama de uma lamparina que trouxera consigo, o serviçal acendeu as outras penduradas nas paredes, e a sala aclarou-se naquela luz quente, tornando o lugar menos sombrio.

Jantar sozinho com o meu pai na casa onde Hércules tinha exterminado a família por motivos que não conseguíamos entender deixava-me perdido e dava-me arrepios. Sentira-me mil vezes melhor na Acarnânia, na casa de vovô, que também gozava de péssima reputação e me deixara à mercê do javali.

– As paredes, por sua vez, podem falar – disse meu pai baixinho – e também podem ouvir.

Entendi a mensagem: não devíamos de forma alguma deixar perceber a razão da nossa visita. Falamos de outras coisas: de Argos, que eu nunca vira, e de Salamina, a ilha de Télamon, ele também argonauta, um dos companheiros de meu pai.

– Tem um filho só um pouco mais velho que você, gigantesco, forte como um touro. O nome dele é Ájax. E um mais moço, Teucro, habilidoso com o arco, como você – disse. – Vão se dar bem. Entenda, algum dia caberá a vocês reger os destinos dos nossos reinos, quando nós ficarmos velhos demais ou então já estivermos mortos. É por isso que estamos viajando, para que você conheça e se torne amigo dos demais príncipes. Desta forma evitaremos guerras. – Levantou-se, foi até a porta, abriu-a de leve e espiou pela fresta. Depois voltou a sentar-se e prosseguiu: – Não gosto deste lugar, não gosto de como fomos recebidos por Euristeu, não gosto deste isolamento. E no fim do corredor há um dos seus guerreiros, de vigia. Na outra ponta, mais dois. Não vamos conseguir falar com ninguém, e, nestas condições, ninguém poderá falar conosco. Ficar mais tempo não faria sentido. Amanhã partiremos ao amanhecer.

– Pai, por que Euristeu reina nesta cidade?

O meu pai ficou algum tempo calado, depois se aproximou da janela olhando para fora, na escuridão da noite. Eu quase podia ler seus pensamentos. Tinha vindo com a certeza de encontrar alguma pista, algum sinal capaz de levá-lo a absolver Hércules de um delito monstruoso, pelo menos no seu coração, e era forçado a sair de lá vencido. Uma cidade muda, um rei de olhar sinistro, um aposento longínquo e vigiado, uma aura surda e imóvel era tudo o que pudera ver e ouvir. Nada.

– Euristeu e Hércules são primos... Desde há muito um oráculo decretou que o último descendente dos Perseidas reinaria sobre Micenas e Tirinto, e

este era Hércules, mas uma sacerdotisa de Hera jurou que o seu primo nascera antes porque a deusa, que assiste aos nascimentos, assim lhe revelara. Euristeu tornou-se o senhor das duas cidades, Hércules teve de partir e começar uma vida nômade.

– Mas como pôde acontecer? E por que voltou logo para cá?

– É justamente o que gostaria de saber, mas não creio que seja possível. Não temos liberdade de movimento, não podemos falar com ninguém. Mas, sem dúvida, você está certo, meu filho: está aí mesmo o nó por desatar. Por que o massacre aconteceu? Talvez acabemos sabendo mais em Argos, notícias que só um rei pode murmurar ao ouvido de outro rei. Não aqui.

Consumimos o jantar sem eu chegar a ver o fundo da minha taça. Retiramo-nos então no aposento ao lado, onde haviam sido preparadas duas camas com colchas de linho tecidas no tear e bordadas com púrpura. O meu pai deitou a espada e a bainha no chão, e eu guardei o punhal embaixo do travesseiro. Adormeci, embora as cenas da chacina palpitassem continuamente sob as pálpebras.

Então, durante a noite, mas não lembro exatamente quando, ouvi um ruído na porta da sala, como o de um cão que arranhasse a soleira para entrar. Ajoelhei-me no piso e prestei atenção. Alguém estava passando na madeira alguma coisa áspera e rígida, com um barulho que só podia ser ouvido de perto. Seria alguém que queria ser ouvido, mas somente por nós?

Levantei-me na luz incerta da última lamparina ainda acesa na sala. Com todo o cuidado para não fazer barulho, levantei devagar a tranqueta e então, bem rápido, abri uma fresta. Vi-me diante de um menino de olhos arregalados, trêmulo de medo.



Segurei a mão dele e puxei-o para dentro.

– Era você que fazia aquele ruído? E como?

Mostrou um prego fincado num pedaço de madeira.

– Quem é? – perguntou meu pai, aparecendo no limiar do outro aposento.

– Só um menino. Como é que você se chama?

– Eumelo.

– Meu pai aproximou-se, e o pequeno visitante recuou para a porta.

– Não queremos machucá-lo – disse –, somos amigos. De onde você vem, Eumelo? O que está fazendo aqui?

– Venho de Feras, na Tessália...

Meu pai virou-se para mim:

– Não pode ser um menino qualquer, olhe as suas roupas. É certamente um príncipe. Talvez um hóspede, mais provavelmente um refém... Por que veio a nós? Queria falar conosco? E acerca do quê?

O menino ficou mudo, e eu fiz um sinal a meu pai para que desse uns passos para trás: a sua presença o amedrontava. Compreendeu sem precisar de palavras e afastou-se. Procurei no meu alforje alguma coisa que pudesse ser de agrado do garoto e encontrei um cavalinho de madeira entalhado que mostrei a ele:

– Gostou? Eu mesmo o fiz, com a minha faca. Bonito, não é? Você quer?

Eumelo anuiu. Apoiei o cavalinho na palma aberta da minha mão para ele pegar. Hesitou um pouco, então o apanhou depressa e o prendeu na cintura.

– Este é o meu presente: lembre-se de Odisseu de Ítaca toda vez que o tirar daí para brincar. E sabe o que isto significa? Que somos amigos. Aqueles que costumam trocar presentes entre si são sempre amigos.

– Eu não tenho nada para lhe dar em troca – respondeu.

– A sua amizade é o presente mais lindo. E afinal talvez algum dia também me dê um presente que me faça lembrar de você. Mas agora diga-me: por que estava raspando o chão sob a porta? Queria que eu ouvisse e o deixasse entrar, não é verdade?

Eumelo anuiu de novo. Cheguei perto, segurei a sua mão entre as minhas e o fitei nos olhos:

– O que queria me contar?

Eumelo começou a falar, bem baixinho, mantendo sempre o mesmo tom de voz e sem mudar a expressão do rosto; disse quem era e descreveu o que tinha visto certa noite do passado na sala onde estávamos. Fora despertado do sono por estranhos barulhos e depois por gemidos e estertores. Levantara-se e dirigira-se ao local de onde vinham os ruídos e vira o horror ao abrir uma fresta na porta. Fugira imediatamente, o mais rápido possível, para voltar ao seu quarto no fundo do corredor e mergulhar na escuridão antes que alguém o visse.

No fim do seu relato, ficou me fitando com aqueles seus olhos tão grandes, tão negros e arregalados como se quisesse deixar-me ver o seu coração.

– Tem certeza de que não estava sonhando? – perguntei.

Sacudiu a cabeça: não, não estava sonhando, e então mostrou para que servia o prego fincado na tábua de madeira. Raspou entre uma e outra lajota de pedra do chão e apanhou a massa quebradiça que as juntava. Deixou-a cair na palma da mão para então guardá-la na pequena bolsa que trazia presa ao cinto: o saquinho de couro estava cheio daquelas lascas.

– Precisa vir embora conosco, amanhã. Vamos levá-lo de volta para os seus pais. Não devem fazer ideia das condições em que você se encontra.

Acenei para o meu pai se aproximar, certo de que àquela altura o menino confiava em nós, e mostrei as raspas.

– Aquele prego serve a rascar a massa entre uma lajota e outra: veja, parece sangue coagulado. O piso foi lavado, mas nem todo o material foi removido.

O meu pai encostou o nariz nas lascas que eu segurava, aspirou e anuiu com gravidade:

– É sangue, não há a menor dúvida.

– Precisamos levá-lo conosco – disse eu. – Não podemos deixá-lo sozinho neste lugar e com este segredo no coração. Ele não vai aguentar.

– Não vão deixar que eu vá embora – disse Eumelo –, e nos seus carros não há espaço suficiente para me esconder. Se me encontrarem, matarão a nós todos.

– Você é o filho de Admeto – disse o meu pai –, eu mesmo lhe contarei o que vimos e como o encontramos.

– Nem ele poderia fazer alguma coisa, ainda que quisesse. Só existe um homem capaz de livrar-me deste cativeiro.

Nenhum de nós disse coisa alguma, pois todos nós pensávamos a mesma pessoa: Hércules.

No dia seguinte, ao alvorecer, descemos ao pátio do palácio. Euristeu já estava à nossa espera cercado por seus guerreiros. Dois homens trouxeram os presentes para o rei de Ítaca: uma pele de urso e uma espada antiga, ritual, com lâmina trabalhada com entalhes de ouro e uma empunhadura, também dourada, que tinha na ponta duas cabeças de leão. Eu nunca tinha visto um

trabalho tão fino. Nós retribuimos com um bastão de comando de bronze e âmbar que meu pai havia pilhado na Ásia.

Enquanto nos púnhamos a caminho, olhei para cima e acenei para o meu pai, dizendo baixinho:

– Lá no alto, na terceira janela.

Havia ali um menino que quase não dava para ver, pois de fato não queria ser visto. Despedia-se agitando a mão ou pelo menos parecia fazer isto.

Euristeu também olhou para a janela e sorriu de forma ambígua. Talvez quisesse certificar-se de que o seu jovem hóspede estava onde devia estar.

O meu pai baixou a cabeça, acho para esconder a ira impotente. Abandonar um menino num lugar tão sombrio, inteiramente à mercê de um homem desalmado e cruel, era contra a sua natureza: no fundo do peito, o seu coração devia sem dúvida estar ladrando como um cão. Passamos sob a porta dos leões ainda mergulhada na sombra, descemos a rampa até chegar à bifurcação para Argos. Viramos então à esquerda.

– Devagar – murmurei a meu pai –, sem pressa.

Chegara a hora de contar-lhe tudo que o garotinho me dissera:

– Houvera um grande banquete em homenagem a Hércules. Euristeu mandara dizer que queria fazer as pazes e restabelecer um bom relacionamento com ele. Queria que o primo comparecesse com toda a família, e ele aceitou. A certa altura do convívio, a mulher Megara e os filhos se haviam retirado para o descanso noturno enquanto ele era retido por Euristeu e os demais convidados a fim de aproveitar mais um pouco a festa e o vinho. Talvez a sua taça contivesse algum remédio que lhe tenha tirado a consciência e alterado a razão. Carregaram-no para o quarto e foram embora.

O palácio foi tomado pelo mais profundo silêncio.

No meio da noite, Eumelo, que dormia num quarto no fundo do corredor, ouviu gritos e gemidos, barulho de objetos derrubados e baques. Aguçou o ouvido achando que muito em breve gritos de alarme e os apressados passos dos soldados de vigia ressoariam nos corredores. Mas, ao contrário, nada. Ninguém se mexeu, ninguém gritou. O que estava acontecendo não podia ser interrompido. Levantou-se de novo da cama e percorreu o corredor até ficar diante do quarto de onde vinha o alarido. Podia agora ouvir com clareza: era o som, horrendo, do massacre.

Empurrou levemente a porta e, pela fresta, viu o que estava acontecendo. Hércules jazia desfalecido no chão, e três homens armados estavam trucidando os membros da sua família que ainda respiravam. A mulher e os filhos. Um deles colocou então uma espada na mão de Hércules. Eumelo fugiu para o seu quarto, pois percebeu que os três assassinos já iam sair. Não conseguiu voltar a dormir pelo resto da noite. Ao alvorecer o berro de uma mulher acordou a todos. O palácio inteiro ecoou de gritos, gemidos e prantos.

O meu pai parecia petrificado com aquele relato. Perguntou:

– Por que me pede que viajemos devagar? – O fio da meada que regia o seu raciocínio era só dele, nem lhe passava pela cabeça ver as coisas com os olhos dos outros.

– Lembra-se do menino na janela?

– Claro, também o vi: Eumelo.

– Fez uns sinais para mim.

– Que tipo de sinais?

– Os dos pastores quando se comunicam de longe. São os mesmos que usamos na nossa ilha.

– Entendo. E o que disse?

– Dois ciprestes.

O meu pai puxou as rédeas e deteve o carro. Mentor, logo atrás, e os nossos homens fizeram o mesmo.

– O que significa?

– Acho que indica um lugar ao longo do caminho: sabe para onde estamos indo. Um lugar assinalado por dois ciprestes.

– Uma sepultura, talvez. E podemos supor que ali aconteça alguma coisa?

– É o que vamos descobrir, quando lá chegarmos.

Retomamos o caminho, sempre a passo, com alguma cautela. Chegamos à bifurcação: à esquerda para Tirinto, e o mar, à direita para Argos. Olhamos em volta: ninguém nos seguia, ninguém nos antecedia.

Nas lavouras, os camponeses já estavam trabalhando, ceifavam a cevada e juntavam molhos de feno. Os vaqueiros e os pastores levavam seus animais ao pasto. Atrás de nós, Tirinto surgia sobre uma isolada altura de pedra no meio dos campos. Virei-me para ver melhor a cidade, branca e azul no meio do verde das lavouras, linda. E divisei os dois ciprestes.

– Ali, pai. Lá estão eles!

– Um lugar desprotegido, não muito longe de Micenas... E agora?

– Deixe-me ir. Se formos todos juntos, a coluna dos nossos carros será muito visível. Acredito que nada passe despercebido aos homens de Euristeu. Se encontrar o menino, voltarei com ele. Se não o encontrar, esperarei até o Sol se pôr, até ele ficar rente ao horizonte, e então voltarei sozinho. Poderão esperar por mim aqui mesmo, atrás daquelas árvores, escondidos entre as moitas. Assim, ninguém poderá vê-los. Enquanto isso, conte a Mentor o que lhe disse.

Afastei-me a pé e prossegui bem rápido rumo aos dois ciprestes por uma trilha entre campos cultivados com plantas que não soube reconhecer. Eram duas árvores imponentes e claramente visíveis de longe e erguiam-se perto de

um túmulo onde devia estar sepultado algum antigo herói. Aproximei-me olhando em volta, mas o local parecia completamente deserto. Deixei passar algum tempo medindo de vez em quando a distância entre o sol e o horizonte. O meu pai e os seus estavam bem escondidos no pequeno bosque e não dava para vê-los.

Vi-o ao meu lado de repente, como se tivesse surgido do nada.

– Onde é que você estava?

O menino apontou para a entrada do túmulo.

– Ali? E não tinha medo de ser levado para as entranhas da terra pelos mortos?

Sacudiu a cabeça: não tinha medo. Já sabia que é preciso ter muito mais medo dos vivos que dos mortos.

– Como chegou até aqui?

Indicou uma senda que serpeava através das lavouras entre altas fileiras de álamos e olmeiras. De longe, ninguém poderia vê-lo. Devia ter-se deixado escorregar de alguma janela do lado de trás do palácio para então pegar um atalho pelos campos.

– Vamos – disse eu. – Quando descobrirem que fugiu, sairão à sua procura como doidos.

Anuiu e deixou-me segurar a sua mão para levá-lo de volta ao lugar combinado com o meu pai.

No tempo passado no palácio devia ter aprendido a limitar as suas conversas ao mínimo indispensável, uma vez que, quando podia, preferia manter-se calado.

– Quando ficarmos diante do rei meu pai, no entanto – expliquei –, terá de dizer tudo o que sabe: ele está se arriscando muito para ajudá-lo, e eu também. Sabe disto, não sabe?

– Sei, sim – respondeu Eumelo, talvez achando ter feito um discurso e tanto.

O meu pai saiu do bosque assim que nos viu atravessar a estrada.

– Acho bom partirmos logo – disse –, mas é melhor que nos separemos: você e o menino viajarão para Argos comigo por um caminho secundário, enquanto Mentor e os demais seguirão pela estrada principal. Assim que lhes for possível, eles também irão se separar, já combinamos. Vamos nos reunir todos no istmo, daqui a seis dias, ao pôr do sol. Desta forma chamaremos menos a atenção. Então vamos!

Despedimo-nos, e cada um seguiu para o seu lado. Os carros de Mentor e dos guerreiros deixaram uma longa esteira de poeira atrás de si ao enfrentar a estrada principal. Nós tomamos um caminho secundário por onde quase ninguém passava e que logo se transformou numa trilha pedregosa que serpenteava nas encostas das colinas. Eumelo parecia achar aquilo muito divertido e até quis segurar as rédeas para ele mesmo dirigir o carro.

– O menino tem jeito – dizia o meu pai, admirado –, vai se tornar um excelente auriga – e deixava-o guiar.

Enquanto isso, eu pensava na nossa situação: tínhamos tomado o caminho secundário contando com o fato de Euristeu e os seus homens terem reparado, de algum posto de vigia, na esteira de poeira dos nossos carros que se dirigiam para o norte, decidindo então nos capturar junto com o menino. Era oportuno supor, no entanto, que o monarca nos atribuísse alguma astúcia, considerando de quem descendíamos, e que considerasse quase certa a presença do garoto entre nós. Poderia, portanto, procurar-nos nas estradas mais difíceis e menos frequentadas, coisa afinal bastante provável. E também poderia nos procurar em ambos os caminhos, e neste caso não haveria como nos safarmos. Precisávamos ser mais astuciosos que ele.

Na primeira parada, pedi que Eumelo repetisse ao meu pai, sem esquecer um único detalhe, tudo o que vira na noite da chacina. E foi o que ele fez. Relatou a cena com fartura de particularidades e, no fim, disse que os corpos da mulher e dos filhos de Hércules haviam sido enterrados numa vala comum fora das muralhas. Por isso raspava o sangue coagulado entre as lajotas do pavimento e decidira enterrar a pequena bolsa de couro à sombra de um pinheiro à beira do vale iluminado pelo sol.

– Um lugar bem melhor.

– Por que você estava em Micenas?

– Porque o rei o pedira aos meus pais. Os príncipes costumam passar um período de aprendizagem como pajens no palácio de outros monarcas, e os meus pais não tinham podido recusar.

Enquanto falavam, eu me afastara para dar uma olhada na trilha que subia do vale e os vira. Voltei-me para o meu pai:

– Estão chegando. Era de esperar.

– Tudo bem, e o que faria agora você, que é tão esperto?

– Temos duas possibilidades: fazer com que acreditem que nunca passamos por aqui...

– Apagar as pegadas – disse meu pai –, juntar e tirar o esterco dos cavalos, desmontar o carro, ocultá-lo junto com os animais. E nos escondermos também, até eles irem embora.

– Complicado, demorado e difícil demais. Provavelmente nem teríamos tempo. Uma vez que estão vindo para cá, significa que nos viram, e se descobrissem que nos escondemos seria pior ainda. É mais fácil ocultar o menino – disse eu indicando Eumelo. – Está vendo aquele enorme pinheiro, lá no meio da encosta?

O garoto anuiu.

– Acha que vai conseguir subir até lá em cima?

– Na minha terra, não fazia outra coisa no monte Pélion.

– Muito bem, então corra o mais rápido que puder. Quando eles chegarem aqui, você já terá de estar lá no topo, e não saia dali até eu chamar.

Eumelo sumiu na floresta.

– É um tessálio – disse o meu pai –, e a terra deles está cheia de bosques: aprendem a esconder-se e a trepar nas árvores antes até de falar.

Abri a sacola dos mantimentos e dei uma parte a meu pai:

– Deixemos que nos encontrem sentados, comendo tranquilamente, mas preparados para o que der e vier. A primeira coisa que vão perguntar é por que nos separamos dos outros. Por quê? – Agora quem pedia socorro à mente de Laertes era eu.

– Porque vamos à Arcádia – respondeu prontamente. – Nunca ouviu falar no santuário do rei Lobo? O seu avô tem um nome do qual todo o mundo tem medo. Não diga nada, deixe comigo: eu falo.

Eram mais de dez, bem armados, em cinco carros. Alguns estavam no palácio, e os reconhecemos.

– Aconteceu alguma coisa? – quis saber meu pai.

– Estamos procurando um menino. É um jovem príncipe confiado aos nossos cuidados.

– E vieram procurá-lo aqui?

– Isso mesmo. Desapareceu quando vocês partiram. E por que motivo se separaram dos outros?

Trocamos um rápido olhar, o rei Laertes e eu, e no fundo do peito o nosso coração sorria, pois tínhamos previsto tudo.

– Porque vamos à Arcádia. Para o santuário do rei Lobo...

A arrogância desapareceu do rosto dos nossos perseguidores.

– Entendam, é um assunto de família. O avô do meu garoto, o meu sogro, do qual já devem ter ouvido falar, tem sangue misturado com o dele e eu quero livrar Odisseu desta maldição. Ninguém gostaria que o próprio filho se tornasse um lobo uma vez por mês para massacrar os viajantes surpreendidos em lugares ermos no meio da noite.

“Pois é, até que gostaríamos de ajudá-los a encontrar o seu precioso hóspede, mas infelizmente estamos deveras com muita pressa. Se não chegarmos ao templo antes da lua cheia, será uma terrível desgraça, para nós e para vocês também, acreditem.”

Não foi preciso dizer mais nada. Olharam em volta, deram as costas e partiram na direção de onde tinham vindo. Esperei até chegarem ao fundo do vale, na planície, antes de juntar-me a Eumelo, mas só para pedir que continuasse a nos acompanhar sem sair do bosque.

Até a noite chegar.



Seguimos em frente até o pôr do sol e até ficarmos completamente certos de que ninguém nos seguia, a não ser o nosso jovem príncipe, que continuava ao abrigo da floresta. O meu pai puxou as rédeas e deteve os cavalos. Eu acendi uma fogueira, pois havíamos subido bastante e fazia muito frio. Num círculo de pedras deixado por algum pastor, encontramos brasas ainda acesas sob as cinzas e, com a ajuda de gravetos e folhas secas, não tivemos dificuldade para reavivar as chamas. Chamei Eumelo, pedi que saísse do bosque, mas não obtive resposta.

– Onde será que ele se meteu? Pedira que nos acompanhasse ficando escondido. Não me parece possível que se tenha perdido.

O meu pai baixou a cabeça e suspirou. Eu não estava entendendo.

– Era um garoto estranho – disse. – Pode ter mudado de ideia. Talvez já não esteja interessado em seguir viagem conosco. Vai ver que se assustou com aquilo que eu disse.

– Quanto a isto, eu também, pai, eu também. Diga a verdade: o avô tem aquele nome porque foi ao santuário do Lobo na Arcádia?

– São histórias que contam por aquelas bandas, porque seu avô é um homem terrível e tem um nome... um nome diferente de qualquer outro... Mas talvez tivesse sido melhor não tocar no assunto quando falei com os guerreiros de Euristeu.

– Nada disso: consegui fazer com que fossem embora.

– Calado – disse o meu pai, levando a mão à espada. Ouvi um barulho de galhos quebrados, e Eumelo apareceu. Segurava na mão esquerda um coelho que capturara e matara sabe-se lá como.

– Vocês têm uma faca? – perguntou.

Entreguei a minha. Esfolou-o, tirou as entranhas, separou o coração, o fígado, o baço e os rins das demais vísceras e espetou-os na faca para assá-los na brasa. Olhávamos para ele atônitos.

– Onde aprendeu a fazer isso?

– Na minha terra nos largam no bosque desde pequeninos e precisamos aprender a sobreviver. Às vezes, alguém não volta. Quase todos aprendem.

Em seguida assamos a carne e, depois de satisfazer a nossa fome, envoltos em nossas capas de lã, ficamos com vontade de conversar. O céu estava apinhado de estrelas, grandes e luminosas, leves sopros de vento agitavam as folhas dos carvalhos. Ouvi o chamado estrídulo de uma coruja: Atena! Ela estava perto, velava por mim. Podia senti-la no bosque, olhando-me com seus olhos verdes, dourados.

– Jovem príncipe – começou meu pai –, tem certeza de que realmente viu o que nos contou? Não terá sido um sonho? Às vezes os sonhos parecem mais verdadeiros que a realidade.

– E o sangue? Já se esqueceu de que lhes mostrei o sangue?

– É verdade. O sangue.

– Mas qual foi o motivo? Por que não mataram a ele também? – perguntei.

– Euristeu é esperto demais para cometer um erro desses – respondeu o meu pai. – O povo acusá-lo-ia do crime, insurgir-se-ia e acabaria com ele. Hércules estava no coração das pessoas. Todos o adoravam e teriam de longe preferido vê-lo sentar-se no trono de Micenas e de Tirinto em lugar dele. Tinha de destruir a sua figura de herói generoso, a serviço de todos. Tinha de

transformá-lo num monstro sanguinário, num desalmado que destrói a própria família. E espalhar por todo canto, não só entre o povo, mas entre os reis também, esta notícia. Lembra a noite em que a mensagem chegou à nossa ilha?

– Lembro muito bem.

– E o que houve, em seguida? – perguntou o meu pai ao menino.

Um espírito pairou na noite, os carvalhos tiveram um arrepio. Eumelo suspirou profundamente, voltou a falar, e nós ficamos atônitos. Parecia outra pessoa: o garotinho que até então mal se mostrava disposto a articular umas poucas palavras começou de repente a narrar extensamente, como um rio caudaloso que quebra os diques, como um cantor inspirado pelos deuses. Acredito que foi justamente Atena quem soltou da sua boca as palavras que agora saíam com fartura. Até o timbre da sua voz soava agora diferente.

– Héracles acordou de espada na mão, no meio dos corpos massacrados da esposa e dos filhos. Nunca esquecerei o seu grito de desespero e de horror. O palácio inteiro estremeceu, os cavalos fugiram dos cercados, os corvos levantaram voo das torres, grasnando. Os guardas do rei pegaram a espada antes que ele pudesse virá-la contra si mesmo, depois Euristeu apareceu surgindo do nada e disse: ‘Como pôde fazer isto? Como pôde cometer um crime tão hediondo?’.

“Héracles parecia ter perdido o juízo: deixou-se acorrentar, permitiu que o levassem às masmorras. Mal pude vê-lo. E enquanto ia embora o rei gritou para ele: ‘O que fez é demais para qualquer juiz mortal. Só um deus pode julgá-lo e infligir-lhe a pena que merece.’

“Vi muitas pessoas chorar, no palácio, ou porque não acreditavam no que lhes havia sido contado, ou porque acreditavam e não podiam aceitar que, no mundo inteiro, nem sequer Héracles fosse justo e bom. Eu teria gostado de ir à

prisão para contar-lhe a verdade: tenho certeza de que iria quebrar as correntes, derrubar a porta e perseguir por todos os aposentos Euristeu para então matá-lo e esmagá-lo, mas não consegui. Ninguém podia se aproximar dele.

“Dias e noites passaram-se desta forma. Da janela do meu quarto vi os corpos dos inocentes sendo levados, no meio da noite, para ser jogados numa vala sem nome num local secreto do vale. Vi a figura do monstro sobressaindo contra o céu vermelho, no topo da torre à beira do abismo. Aprendi a esconder-me, a passar despercebido, a viver como se não existisse. Se alguém porventura soubesse que eu tinha visto tudo, a minha vida passaria a não ter valor algum. Quase nunca falava, às vezes tinha até medo de pensar, como se Euristeu pudesse ler na minha mente.

“Finalmente, chegou o veredicto que agora todos conhecem: ‘O oráculo’, declarou solenemente Euristeu, ‘condenou-o a expiar o seu crime livrando o mundo dos monstros que o infestam: feras, gigantes, predadores selvagens que se alimentam de carne humana. No fim, se você sobreviver, talvez consiga resgatar a sua vergonha. Se perecer, como merece, ninguém chorará por você: terá pago a sua dívida’.

“E isto era certamente o que Euristeu esperava. O seu rival morto numa daquelas façanhas impossíveis, a sua lembrança e a sua honra manchadas para sempre. Mandou soltá-lo.

“Desde então, pelo que chega aos nossos ouvidos, Hércules vagueia nas terras hostis do pesadelo, enfrentando tarefas impossíveis. Desistiu de qualquer arma, de qualquer veste ou ornamento, e vive como um animal selvagem. Só cobre o corpo com a pele do leão que matou de mãos nuas nos arredores de Nemeia; brande um tronco de árvore como clava e alimenta-se daquilo que encontra.”

O meu pai apoiou uma das mãos em seu ombro:

– Foi muito corajoso e sábio, e a coisa mais importante é que está vivo e conhece a verdade. Euristeu mandou nos seguir porque está atormentado pela dúvida e, na dúvida, está pronto para matá-lo. Não encontrará paz enquanto não o tirar do caminho: e, portanto, teremos de ser extremamente cuidadosos. Não se esqueça: a sua tarefa será revelar a Hércules o que viu, quando o encontrar.

– Mas como, e quando? Ninguém sabe onde ele está.

– Irá vê-lo de novo, não tenho dúvida, no devido tempo. E o seu testemunho tirará do coração dele um peso insuportável. Procure descansar agora. Amanhã uma longa viagem nos espera.

Deitaram-se perto do fogo. Eu, por minha vez, entrei no bosque porque esperava encontrar a minha deusa. O canto da coruja, parecido com um chamado, induzira-me ao passeio, justamente como acontecera na primeira noite em que me hospedara na casa do avô na Acarnânia. Fiquei andando, e já me parecia ter percorrido um longo caminho quando vislumbrei, no luar, um leito de folhas aos pés de um freixo secular. Senti que ela estava perto, tão perto de mim, que até fiquei com medo. Então fui tomado por profunda exaustão e me deitei no leito de folhas.

Vi, ou quem sabe sonhei: sete exércitos cercando uma cidade de sete portas. Cada um era guiado por um grande guerreiro. Mais sete, do interior, tentavam repeli-los. Em cima da quarta porta vi a deusa, armada, protegendo a cidade. Nenhum dos invasores poderia vencer. Era assustadora, de elmo cristado na cabeça, a górgona no escudo e a égide no peito. A minha visão fragmentou-se em mil delírios de sangue, de gritos e de relinchos, de cavalos lançados a galope contra o fosso e as muralhas da fortaleza. E duelos, homem contra homem, rei contra rei. Vi um dos atacantes escalar o muro e investir

contra o oponente. As espadas penetraram os corpos, o assaltante foi ferido no flanco, mas fincou a espada no pescoço do adversário, que tombou sem vida. O vencedor gritou aos céus a sua vitória, mas logo caiu de joelhos ao ver o próprio sangue escorrer copioso até formar uma larga poça no chão. Percebi que a deusa se importava com ele, pois pulou de uma torre para outra e, como um gavião, alcançou-o para salvá-lo de morte certa. Tideu era o seu nome, e Melanipo o do inimigo.

Tideu usou suas últimas forças para arrastar-se até o corpo do adversário vencido, decepou a sua cabeça, chocou o crânio na pedra até rachá-lo e depois começou a devorar o cérebro. Atena, horrorizada, alçou voo e desapareceu no ar, deixando o homem à mercê das Moiras.

Diante de tamanho horror, dei um pulo, como se tivesse sido atingido por um raio, e fiquei acordado, coberto de suor no leito de folhas. O silêncio reinava em volta, o ar não se mexia, não havia o menor sopro de vento, e mesmo assim sentia que a deusa estava ao meu lado. Estaria ela chegando, em voo, da cidade das sete portas?

– Ó deusa de olhos cerúleos que viram o ato atroz – rezei –, não se revele com o seu verdadeiro semblante: um mortal não pode suportar a visão de um deus. Mas guie-me, ajude-me, e eu só pensarei em você, só terei você nos pensamentos e no coração.

Levantei os olhos e vi a coruja no galho principal do enorme freixo. Olhava para mim. Tive certeza de que me ouvira.

Voltei para perto da fogueira quase sem dar-me conta, como se estivesse andando no sono. O meu pai dormia com a mão apoiada no cabo da espada, como de costume. Eumelo estava ao lado e parecia, finalmente, tranquilo. Ele também dormia, como se estivesse em casa junto dos pais. Eu, por minha vez, ainda estava abalado com as visões do sonho, não menos terríveis que aquilo

que Eumelo vira na casa de Euristeu. Tinha certeza de que elas não haviam aparecido por acaso, de que a deusa as trouxera consigo fugindo da cidade das sete portas. Por quê?

Entendia, agora, a finalidade da viagem: chegara a hora de eu conhecer o mundo, tão diferente da paz da ilha onde eu tinha sido criado. De ver a que ponto podia chegar o ser humano, de ver de perto as torpezas de que é capaz para conseguir e manter o poder.

Joguei mais um pedaço de madeira no fogo, juntei grama seca e me deitei agasalhando-me com a capa. Eu também acabei sendo invadido pela paz do lugar, percebi que as imagens do horror não voltariam, não naquela noite, e que poderia dormir tranquilo, ao relento, ao lado do meu pai.

Fomos acordados pela luz do dia, e vi a lua empalidecer até sumir na claridade da alvorada. Os cavalos pastavam, desatrelados, em volta dos troncos do bosque. Alguns pássaros saltitavam na grama, e, entre as flores silvestres, bandos de estorninhos alçavam voo das copas das árvores. Procuravam a direção por tomar e não seguiam o instinto que os levava de volta à planície. Não tive coragem de contar ao meu pai o que eu tinha sonhado, ainda mais porque, com o nascer do sol, tudo me parecia confuso, e não seria capaz de dizer que parte das minhas lembranças era realidade e que parte era apenas devaneio.

Encaminhamo-nos pela trilha no meio da encosta, mas quando ela ameaçou perder-se na floresta decidimos descer mais para o vale a fim de encontrar uma estrada que permitisse a passagem do carro. A partir daí seguimos em frente mais rápido e, antes do anoitecer, já podíamos ver as muralhas de Argos e o palácio na colina de Larissa, que dominava a cidade. Argos... quantas vezes eu já tinha ouvido falar naquela cidade! E a vista nada

ficava devendo às expectativas. Uma fortaleza poderosa, muralhas formidáveis e torres cobertas de lajes de pedra branca. Era por isto que costumavam chamá-la de “cidade resplandecente”, famosa por toda a Acaia. Mas ao chegarmos mais perto um mau presságio apareceu aos nossos olhos: panos pretos de lã estavam pendurados nas muralhas e nas torres, sinais de um grande luto.

E não demoramos a descobrir o motivo: um grande guerreiro em seu ataúde, vestindo a armadura e envolto em sua capa vermelha, estava sendo carregado nos ombros por seis companheiros pela subida de terra batida, até uma grande pira de troncos de pinheiro. Passaram ao nosso lado e, da minha posição elevada no carro, pude vê-lo claramente.

– É Tideu – disse meu pai –, argonauta, o genro do rei Adrasto. Está voltando de uma façanha infeliz, como pode ver.

– É um dos homens que apareceram no meu sonho, esta noite. O homem que a deusa, horrorizada, entregou às divindades da morte – contei, para então pensar: “Por que veio a mim com aquelas imagens? Por quê?”

– Olhe – continuou meu pai –, está vendo aquele rapaz de cabelos loiros e capa preta que acompanha o ataúde? Ainda é um adolescente, mas algum dia poderá ser o rei de Argos.

– Como se chama? – perguntei.

– Diomedes. Ainda é jovem, mas mesmo assim dizem que já é um formidável guerreiro.

– Dá para ver – respondi. Fiquei olhando enquanto o rapaz acompanhava com passo firme o esquife do pai até a pira, de ombros retos e corpo empertigado, coberto de cobre reluzente e com a mão na empunhadura da espada. As suas cores eram preto e ouro. Coube a ele acender a fogueira, descendo até a base da grande pilha de madeira, que logo foi envolvida por um

remoinho de chamas. Dobrou ritualmente a espada de Tideu e entregou-a aos sacerdotes para que a colocassem no túmulo na hora de enterrar as cinzas.

Fixei o seu olhar quando passou na minha frente e baixei a cabeça em sinal de respeito. Mal chegou a olhar para mim.

Dormimos sob os arcos da praça do mercado, na palha que usávamos para os animais, pois tínhamos chegado numa hora bastante difícil para a cidade e para a família do rei. Sem contar que, se nos apresentássemos no palácio, ficaria evidente que o rei e o príncipe de Ítaca estavam viajando com um menino muito procurado pelo monarca de Micenas. Na manhã seguinte, com o mercado já apinhado de gente, o meu pai soube o que acontecera com Tideu e outros seis guerreiros que cercaram a cidade de Tebas com sete exércitos numa guerra entre dois irmãos que, no fim, haviam acabado por matar-se um ao outro.

E eu soube que o meu sonho me revelara a verdade. *Ou talvez só saiba disto agora quando, neste jogo de espelhos que é a minha mente, toda a realidade se re lete mil vezes como o eco num vale escarpado.*

Também soubemos que o jovem Diomedes jurara treinar todos os dias nos exercícios das armas para voltar a estar, na devida hora, sob as portas de Tebas e vingar com os outros seis amigos e companheiros os pais derrotados. Pensei que nunca mais o veria, não sabia que os deuses reservavam para nós um destino diferente.

Retomamos o nosso caminho depois de comprar provisões variadas, comida e cobertores para a noite, e viajamos quatro dias para o norte, até avistar ao longe o penhasco de Corinto e, finalmente, o mar.

Naquela mesma noite encontramos os nossos companheiros de viagem, que esperavam por nós no bosque sagrado de Posídon, senhor do Istmo.

O primeiro a vir ao nosso encontro foi Mentor: tinha barba revolta e cabelos desganhados e secos devido ao sol e à salinidade.

– Já estávamos ficando preocupados – disse –, ouvimos notícias assustadoras. Agradeço aos deuses que os trouxeram até aqui sãos e salvos. – Beijou a mão de meu pai: – Vê-lo chegar, *wánax*, foi como ver o sol nascer.

– Nós também estamos muito contentes por vê-los. Este tipo de encontro quase nunca tem um final feliz, mas você se portou da melhor maneira possível e foi muito ajuizado, e por isto mesmo tudo correu bem. Mas então me conte, o que ouviu dizer?

– Hércules foi visto em Creta, onde está perseguindo um touro selvagem enorme, invencível, que assola as lavouras, destrói as colheitas e em seguida desaparece. Os melhores caçadores não foram capazes de seguir os seus rastros, e o animal já matou vários. Um deles conseguiu feri-lo, mas ele, naquela mesma noite, investiu contra a casa do homem, derrubou a porta, esmigalhou sob os cascos e perfurou com os chifres todos os que ali moravam... Hércules quase certamente vai enfrentá-lo, e provavelmente morrerá.

– Não necessariamente – respondeu o meu pai. – Embora ele não saiba, tem bons motivos para viver. E que mais?

– Sete reis sitiaram Tebas das sete portas, onde deveriam reinar alternadamente os filhos de Édipo, um ano cada um. Mas foram derrotados...

– Eu sei. Vimos o corpo de Tideu ser colocado na pira, a sua espada tirada da fogueira e dobrada ao meio.

– Os irmãos se mataram mutuamente, mergulharam as espadas um no peito do outro. Uma tragédia indizível. O novo rei decretou que seus corpos ficassem onde estavam, sem sepultura. Mas Antígona, a irmã, encobriu-os

com um véu de areia, violando assim o decreto... Enterraram-na viva. Em Micenas reina um monstro que chacinou criaturas inocentes. Ó *wánax*, meu rei, como pôde a Acaia ficar à mercê de tamanho horror? O que está acontecendo nesta terra?

– Não sei. Nem os deuses nem os mortais podem impedir o que está escrito no destino. Mas podemos, sim, neste momento, salvar um inocente. Deixem conosco o seu carro, ele é muito chamativo...

– Ficou o tempo todo escondido no bosque.

– Mas não poderá ficar lá para sempre. Arrume uma passagem para você e o menino, e naveguem para Iolco. Arranjará então duas mulas, e os dois seguirão para Feras como mercadores. A responsabilidade mais séria caberá a você, Mentor. A sua escolta vai encontrá-lo viajando por terra, mas terá de manter as armas escondidas, ninguém deve saber que são guerreiros. Em Feras, entrará em contato com o rei e lhe dirá que tem importantes notícias do interesse dele. Se ele o receber, levará consigo o menino e o entregará ao pai.

– E se ele não quiser receber-me?

– Levará Eumelo até a entrada do palácio. Ele saberá o que fazer para ser reconhecido e levá-lo à presença dos soberanos. Contará a eles, e somente a eles, o que aconteceu, e o garoto poderá testemunhar. Dirá que representa Laertes, o rei de Ítaca e das demais ilhas próximas. E agora partam, e que os deuses lhes sirvam de guia na escolha dos melhores caminhos.

Assistimos à saída deles sem ter passado uma noite sequer em sua companhia, comendo e bebendo ao lado da fogueira, e contando o que a cada um de nós acontecera. Seguimos viagem antes do amanhecer, depois de nos reabastecermos de comida e de água, acompanhando primeiro a orla do mar

para ocidente e virando em seguida para o interior ao longo de pedregosos e quase inacessíveis desfiladeiros.

– Pai – disse eu –, não teria sido melhor voltarmos a Esparta, onde o rei Tíndaro é nosso amigo?

– Não – respondeu. – Porque a nossa meta, agora, é a Arcádia.

– A Arcádia? Mas eu achei que...

– Que não fosse verdade? Que eu só inventara a história para assustar os soldados de Euristeu?

– Pois é...

– Disse a verdade. Estamos indo ao santuário do rei Lobo.



As montanhas. Não eram certamente mais altas que as que eu tinha visto no reino do avô Autólico, mas muito mais escarpadas, ásperas, inacessíveis. Muitas delas tinham o cume esbranquiçado de neve.

– Posso vê-la, pai – perguntei –, a neve?

– Não temos tempo de subir até lá, e tampouco podemos deixar sem custódia o carro e os cavalos. Vai vê-la quando for visitar de novo o seu avô na Acarnânia. Peça-lhe que o leve ao Parnaso e poderá tocá-la com mão. É como espuma, mas muito fria: se mergulhar os dedos, primeiro eles se tornam vermelhos e depois roxos, e depois de algum tempo já não os sente. O seu avô não tem medo dos deuses e achará a maior graça em levá-lo até o topo. Já posso imaginá-lo dizendo: “Viu? Não há Apolo nem as musas, nem nenhuma outra falsa criatura.”

A neve... toda aquela neve... in inita, cruel. Já então estava nos meus sonhos, nos meus pesadelos.

Eram por sua vez maravilhosos pináculos de prata os cumes que se erguiam à direita e à esquerda dos estreitos desfiladeiros. No fundo, o rio gorgolejava nos cascalhos multicoloridos, pedras, seixos, areias vermelhas, cinzentas, verdes como gramados. Avançávamos ao longo da margem, às vezes usando vaus para passar de um lado para o outro. Por um bom tempo não vimos nenhum ser humano. Somente águias.

Um pequeno rebanho de veados. Uma raposa. Apanhei no rio, com um pedaço de pau pontudo, camarões-d'água-doce. Trespassei outros peixes com as setas do meu arco. Estávamos acostumados a comer pescado, e o meu pai sabia preparar as minhas presas com ervas aromáticas que encontrávamos ao longo do caminho.

– O mundo foi assim, por muito tempo, depois do dilúvio?

– Acho que sim. Quando a lama foi levada pela chuva, as rochas rebrilharam, os rios tornaram-se cristalinos, as plantas resplandeceram verdes e prateadas. Os corpos ficaram imóveis no fundo do mar.

Longos silêncios. Algum dia iria me lembrar deles no fragor das batalhas, no terror de jazer sem sepultura. Silêncios dourados, translúcidos, reluzentes, perfumados de hortelã, de alecrim. E palavras, quando o medo daqueles mistérios de pedra e de bosque tomava conta de mim.

– Pai, estava então dizendo a verdade, quando falava na sua intenção de ir à Arcádia, ao templo do rei Lobo?

– É para lá que estamos indo, meu filho. Não precisa ter receio. Cumpriremos o ritual que é justo cumprir, e nada de terrível acontecerá conosco.

– Mas por quê? O vovô, tenho certeza disto, não acredita nessas coisas. E por que deveria ser verdade, então?

– Ninguém pode dizer com certeza o que é verdade e o que não é. O que existe e o que não existe. E, sendo assim, nós vamos.

– Só porque o avô tem aquele nome?

– Isso mesmo, porque tem aquele nome e também porque a sua mãe acredita, e tem medo.

A Arcádia era muito bonita: colinas e montanhas, gargantas e florestas, flores do campo e pores do sol, o disco da lua estriado por nuvens finas. O

santuário, explicou meu pai, não ficava muito longe, mas era melhor descansarmos num lugar tranquilo antes de seguir para lá. Preparamo-nos para a noite na entrada de uma grande caverna onde havia uma nascente que derramava suas águas num riacho.

– O que acha, pai? Será que Mentor, o menino e a nossa escolta alcançaram a meta?

– Mentor é sábio e precavido. Saberá encontrar os caminhos certos e entregar o garoto aos pais. Teria gostado que você os conhecesse, a Admeto e sua esposa Alceste, lindíssima e altiva, filha de Pélias, rei de Iolco. Todos a queriam, mas somente Admeto, ele também glorioso argonauta, foi capaz de ganhá-la como esposa.

– E como conseguiu? – perguntei. E não pude deixar de pensar em Helena, nas palavras que me dissera em Esparta.

– Demonstrando ser o melhor, acredito, embora os cantores narrem histórias incríveis e extraordinárias, como costumam fazer, e portanto somente o rei de Feras poderia contar-lhe a verdade, se assim quisesse. Há uma história que se conta a respeito dele. Algo que os companheiros murmuravam, quase com temor, deitados nos bancos do navio nas noites de vigília quando ainda navegávamos para a Cólquida.

– Que história?

– Um jovem desconhecido e de incomum beleza apresentou-se certo dia no palácio pedindo para lá trabalhar. O rei empregou-o como boiadeiro, por três anos. Aprendeu a gostar dele, tratava-o com generosidade e respeito porque trabalhava com consciência e dedicação: desde que ele tomara conta dela, a manada crescera e o número de reses quase duplicara.

“O jovem, por sua vez, criou muita afeição pelo seu senhor e tudo fazia para agradar-lhe. Então, certo dia, da mesma forma que chegara e antes de o

prazo findar, decidiu ir embora...”

O meu pai parou de contar e aguçou o ouvido.

– O que foi?

– Não está ouvindo? – respondeu. – Não está ouvindo esse longo chamado? É um lobo.

Um uivo cada vez mais forte e próximo. Os cavalos tentaram livrar-se das peias, assustados:

– O que acha, pai? Vai nos atacar? Aquele longo grito gela o sangue.

A voz do lobo ainda fere o meu coração... em outro lugar coberto de neve... em outro tempo que não sei medir...

– Esta é uma região de pastores e rebanhos. E onde há ovelhas há lobos. Mas não tema, nós não somos ovelhas, somos guerreiros e temos as nossas armas.

O lobo calou-se, como se tivesse ouvido as palavras de Laertes.

– Não terminou o seu conto...

– Antes de partir, o jovem boiadeiro quis se despedir do *wánax* Admeto. Contam que para demonstrar a sua afeição deixou-lhe um presente, um presente único e terrível...

– Que presente?

– O que vou lhe contar é o que narram os cantores que viajam de um palácio a outro a fim de entreter os reis e os heróis sentados às mesas dos banquetes, para fascinar os seus corações com histórias maravilhosas. Ninguém pode dizer até que ponto é verdade...

– Que presente, pai? – insistiu.

– Um presente que só um deus poderia dar. Apolo, pelo que contam. Ele teria convencido as Moiras, as terríveis deusas que fiam o fado de cada

homem, a conceder ao rei Admeto a possibilidade de afastar a morte uma vez, somente uma, quando a hora dele chegasse, desde que encontrasse alguém disposto a morrer em seu lugar.

– E isto já aconteceu?

– Ainda não, que eu saiba. Mas uma coisa é certa: os deuses nos põem à prova e nos dão ensinamentos. Não podemos reconhecê-los pelo aspecto exterior porque sempre aparecem disfarçados, mas deixam sinais...

Suspirou, para então recomeçar a falar:

– Quem senão um deus poderia prometer a dádiva mais preciosa que existe, a vida, ainda que fosse por só mais um segundo? E, ao mesmo tempo, exigir um preço tão terrível como a vida de outrem? A vida de uma pessoa que ame você tão profundamente a ponto de estar disposta a perdê-la para salvar a sua.

– Qual é, então, o ensinamento?

– Ainda pergunta? O ensinamento é que até o mais breve instante de felicidade na nossa existência tem um custo. Se você receber um presente, mesmo de um deus, outras forças desconhecidas e obscuras, ou então o próprio deus, vão cobrar um preço que às vezes levará você a lastimar tê-lo aceitado. Mas agora durma. Amanhã será um dia do qual jamais se esquecerá.

Deitamo-nos na sombra da gruta sem deixar de oferecer primeiro um presente votivo às ninfas que certamente ali moravam. Quando o sol matinal nos acordou, deixamos os cavalos na caverna e seguimos caminho sem nada comer, para respeitar o jejum exigido pelo ritual.

– Por quê, pai? – perguntei. – Já tinha tomado esta decisão antes de sairmos de Ítaca, não é verdade?

– Isso mesmo, conforme os desejos da sua mãe. Ela é...

– Diferente das outras mulheres. Eu sei. Com o pai que ela tem...

– Pois é, tem visões... presságios. Acha que, ainda jovem, o seu avô cumpriu, aqui, o ritual do lobo. Sabe o que significa?

Eu não sabia e, naquele momento, não tinha a menor vontade de saber.

– Está vendo aquela montanha? É a mais alta da Arcádia. Lá em cima, muito tempo atrás, viveu o rei Lobo. Chamavam-no assim porque se alimentava de carne humana. Todos, nas terras circunvizinhas, morriam de medo daquela presença sombria. Quando um homem ou uma moça ou um garoto desaparecia sem deixar rastro, toda comunidade, todo vilarejo e toda casa isolada ficavam entregues ao mais profundo pavor. O olhar de todos dirigia-se para a montanha, a mente para o rei sanguinário que morava no topo. Cada um pensava na pessoa querida que se tornara comida de um banquete atroz.

Então, certo dia, o rei Lobo desapareceu. Talvez tivesse morrido, talvez tivesse sido morto, mas a lembrança dele não desapareceu, e, de algum modo, poderíamos dizer que ela sobreviveu de outra forma. De fato, acontece que no santuário ainda se pratica um ritual terrível com homens marcados por uns sinais que só os sacerdotes conseguem reconhecer. A partir daquele momento, um homem se torna lobo uma vez por mês, de noite, durante sete anos. Depois, findo o prazo, volta novamente ao santuário. Oferecem-lhe vários tipos de carne, incluindo a humana. Se a recusar, quer dizer que está resgatado. Se a devorar, então continuará sendo lobo por mais sete anos.

– Não é possível – murmurei –, não dá para acreditar... Está querendo dizer que o pai da minha mãe foi um lobo?

O santuário não estava longe, eu já podia vê-lo: um cercado de troncos de árvore protegia a entrada. A escuridão do outro lado parecia levar às entranhas da montanha.

– Só posso dizer o que sua mãe me contou. Ela afirma que o pai podia assumir aquele semblante em determinadas noites. Diz que certa vez o viu rolar no chão uivando, de boca escancarada, deixando à mostra presas acuminadas...

– A minha mãe acredita em fantasmas! O vovô é durão, inflexível, impiedoso, mas é um homem. Tenho certeza disto.

– Mesmo assim eu fiz uma promessa. E, como seu pai e seu rei, ordeno que se sujeite a esta prova. Não tema, eu estarei ao seu lado.

Eu não tinha escolha. Entramos e a incerta luminosidade que vinha de fora revelou uma ampla caverna. No meio, uma grande laje de pedra polida, apoiada em quatro suportes quadrados. Pouco a pouco nos acostumamos à escuridão e reparamos numa trêmula luz no fundo: uma pequena fogueira ou, talvez, uma tocha ou uma lanterna. No silêncio ecoou o uivo de um lobo. Tentei pensar que era um homem que o imitava, mas não consegui: era demasiado forte, longo e profundo, aquele grito bestial. Apareceu então uma figura que me fez estremecer: um homem com o rosto coberto por uma máscara de lobo vinha ao meu encontro segurando uma taça da qual se desprendia um vapor de cheiro penetrante. Estendeu o braço para mim, e o meu pai fez sinal para eu beber.

Obedeci. A minha mente apagou.

Estou numa extensão branca, ininita, gelada, e mal consigo ir em frente com o vento que me empurra para trás e corta o meu rosto. Em toda a volta, o horizonte é deserto, é solidão, o céu vazio. A luz imóvel. Talvez seja manhã, ou talvez dia ou noite, não faz diferença. Então, de repente, um ponto negro na distância. Aproxima-se rápido. Torna-se cada vez maior. Não sei quanto tempo se passou até ele, inalmente, chegar ao meu lado. Ele, o rei Lobo, num carro puxado por lobos que parece voar!

Quando recobrei os sentidos, estava deitado na grama numa clareira à margem do bosque e podia ver as patas dos nossos cavalos.

– Agora pode ficar tranquilo – disse a voz do meu pai –, mesmo que o seu avô tivesse sido, em algum tempo, um lobo, nada da natureza dele passou para você. Sua mãe vai ficar satisfeita e poderá dormir serenamente. – Surgiu diante de mim, sorridente.

– Significa que não me alimentei de carne humana?

– Significa o que você quiser. Houve troca de mensagens entre a sua mãe e o pai dela, e você foi o mensageiro. Houve uma cerimônia da qual você participou e talvez, no passado e no mesmo antiquíssimo templo, o seu avô também, pois é deste santuário que ele recebeu o nome. Mas procure guardar isso tudo no seu coração, meu filho. Agora parece que não consegue recordar, mas chegará a hora em que as lembranças voltarão à sua memória e tudo passará a fazer sentido.

– Por que não consigo lembrar agora?

– Porque estava em outro lugar, e agora está de volta ao seu mundo. Mas as portas do indizível e do mistério abrir-se-ão de novo. Quando, não dá para dizer. O nosso mundo é instável, Odisseu. E agora coma e beba: uma longa viagem ainda nos aguarda.

O sol estava alto e iluminava os picos das montanhas. As imagens de trevas estavam longe, e a nossa meta era Pilos, o palácio que dominava a baía, os peixes de prata que chispavam no amplo espelho líquido. O sábio Nestor ia nos oferecer um rico banquete.

Atravessamos a Arcádia e depois a Messênia. Dentro de cinco dias chegamos ao nosso destino. O rei veio ao nosso encontro com os seus filhos e abraçou o meu pai. Antíloco recebeu-me festivo:

– Odisseu – disse logo –, vejo uma cor estranha nos seus olhos: tenho certeza de que deve ter muitas coisas para me contar.

– E muitas para lhe perguntar – respondi.

– Onde está a sua escolta? – perguntou Nestor. – O que aconteceu?

– Pegaram outro caminho – respondeu o meu pai –, mas vão voltar.

De forma que ficamos parados por alguns dias, até ver finalmente, ao entardecer, uma nuvem de poeira nas colinas.

– São eles! – disse eu, e saí correndo em direção aos três carros que os cavalos puxavam a galope.

Mentor foi o primeiro a descer e me abraçou. Depois eu também subi num dos carros e me segurei no corrimão enquanto descíamos velozes para a baía. Os dois reis esperavam por nós na praia dourada e ficaram felizes ao ver que todos estavam bem.

– Entregamos Eumelo aos pais – disse Mentor –, e agora eles sabem a verdade. O *wánax* Admeto e a rainha Alceste mandam dizer: “Não há limites, rei Laertes, para a nossa gratidão. Um deus certamente os guiou. Enquanto vivermos, a nossa casa será a sua casa; o nosso coração, o seu coração. Pedimos aos deuses que os destinos dos nossos filhos também fiquem unidos no futuro como os nossos agora.”

Mostrou então os presentes que nos haviam enviado: para o meu pai, uma taça egípcia de ouro e quartzo do mais fino feitio, que pertencera a um rei cuja morada ficava à beira do Nilo. Fora levada ao palácio por mercadores fenícios. Para mim, uma fivela para a capa: maravilhosa, de ouro e âmbar.

Nestor recebeu a todos com grande alegria, pensando em quantas coisas os hóspedes teriam para contar a ele e aos amigos reunidos na sala do banquete do palácio. De forma que ficamos acordados até tarde aproveitando o vinho e

a comida que Nestor mandou servir com fartura. E Mentor, naquela mesma noite, foi aclamado por dois dos mais famosos reis da Acaia como o maior dos cantores.

Quando o cansaço finalmente nos venceu e nos levantamos para ir dormir, o meu pai disse a Mentor:

– Pelas suas palavras, percebi que criou afeição pelo menino e que pensa bastante nele.

– É verdade – respondeu –, e acredito que ele também pense em mim. Passamos muito tempo juntos durante a viagem, depois que nos separamos em Corinto. E não conseguiu deter as lágrimas quando me viu ir embora.

O meu pai sorriu:

– Podemos passar sem você por algum tempo, mas não para sempre. Pode voltar a Feras, se quiser, mas não se esqueça de nós. Haverá um dia em que Eumelo se sentirá novamente parte dos seus pais, já não precisará de você, e você mesmo começará a ser vencido pela saudade de Ítaca. Então, volte de novo para nós, ocupe mais uma vez o seu lugar no palácio. Pode ficar com dois dos meus guerreiros como escolta e pedirei que Nestor lhe empreste o carro pelo tempo de que você precisar. Ele vai deixar, tenho certeza disto.

Partimos dali a três dias, e a separação foi triste. A viagem por terra tinha acabado e, abandonando os carros, voltamos ao navio carregados de presentes e das muitas lembranças daqueles eventos que eu nunca mais esqueceria na vida. Levantamos âncora e zarpamos para o norte.

Rumo a Ítaca.



O vento nos foi favorável: viajamos durante o dia todo e a noite inteira e, ao entardecer do dia seguinte, chegamos navegando entre Ítaca e o continente. A nossa ilha recebeu-nos no porto mais próximo do palácio, e, como de costume, encontramos à nossa espera o armeiro Damastes com um carro de quatro rodas puxado por uma parilha de bois que nos levaria até a casa. A babá Euricleia abraçou-me chorando de felicidade e beijou-me, como era seu hábito, na cabeça e nos olhos. Damastes e os dignitários cumprimentaram cerimoniosamente o rei e também me homenagearam, sabendo muito bem que depois daquela viagem eu já não era o mesmo. Era um homem como eles, capaz de reger um reino se fosse necessário.

Os guerreiros da escolta colocaram os presentes no carro. Damastes sentou-se na frente e incitou os bois a caminho de casa. Dois grandes bois brancos de longos chifres. Num primeiro momento, tive a impressão de estar numa terra nova e desconhecida, e só depois de me acostumar à paisagem senti que estava realmente de volta. Foi uma sensação incomum e inesperada, mas então percebi que tinha visto tantas coisas extraordinárias, vivido tantas experiências maravilhosas, que, de alguma forma, recusava a pequena ilha apertada onde jamais acontecia coisa alguma. Após saborear o prazer de rever a minha mãe, a babá, a casa e os amigos mais queridos, já não conseguia encontrar interesse algum na minha volta.

Durante alguns dias experimentei um verdadeiro sentimento de repulsão pela minha terra e uma marcada sensação de mal-estar, pois a coisa não me

parecia certa e não conseguia entendê-la completamente. Dei-me então conta de que se tratava. Durante quase dois meses (como o tempo passa rápido!) tinha viajado por uma boa parte da Acaia sempre ao lado de meu pai; tinha encontrado três soberanos, duas rainhas, uma porção de príncipes e duas princesas, uma das quais de perturbadora formosura. Tinha visto lugares de incrível encantamento, montanhas e rios, cumes nevados, densas florestas, extensas e férteis planícies; tinha recebido presentes de inimagináveis valor e beleza, objetos que valiam tanto quanto um rebanho inteiro das nossas ovelhas ou uma vara inteira dos nossos porcos.

Havia sido perseguido, tivera sonhos e visões, experimentara o medo e o horror, a admiração, a ternura, a dúvida e, finalmente, o mistério. Tinha, portanto, explorado a variedade do mundo, os diferentes e amiúde perturbadores aspectos da alma humana. Sabia, agora, que até as emoções mais violentas, mais terríveis e aterradoras eram preferíveis à imobilidade, à inércia, ao tédio de uma vida sempre igual. Apesar de eu ainda ser muito jovem, o meu pai, exatamente como o meu avô, de nada me poupava.

Ao ver-me muitas vezes inquieto e perdido nos meus pensamentos, e tendo compreendido a origem do meu mal-estar, disse-me ele:

– Sei o que está sentindo: é uma espécie de doença, um mal sutil que o consome, mas que também é uma profunda contradição. Quando estava no navio *Argo* na longínqua Cólquida, eu lembrava continuamente a minha ilha e seus perfumes, a minha casa, a minha esposa e você, meu único filho. Sentia uma terrível falta de tudo, e a saudade me atormentava. Deitado no banco dos remadores, olhava para as estrelas distantes e não conseguia pegar no sono. Mas, quando, no meio da noite, o clarim tocava o alarme e os companheiros vestiam a armadura, eu também me cobria de bronze, jogava o cinturão em

cima dos ombros, desembainhava a espada e, fremente, preparava-me para lutar. No furor da batalha esquecia tudo, a mente ébria do delírio e do frenesi do combate só podia pensar no choque feroz e sanguinário, na vitória e na presa. É isso mesmo, meu filho: o nosso coração deseja os afetos, as lembranças, as imagens da família e da casa hospitaleira, sólida e segura, mas tem no seu fundo um abismo de trevas povoado por monstros que nem Hércules, talvez, poderia derrotar. Você só teve um vislumbre dessa realidade obscura, viu o olhar insano de Euristeu e o terror nos olhos do pequeno Eumelo, teve pesadelos, mas jamais enfrentou a experiência do combate, de uma condição na qual cada um tenta infligir o maior dano e o maior sofrimento possível aos que estão na sua frente. E, principalmente, ainda não teve de enfrentar o desconhecido, que, para todos os homens, é o que mais apavora.

“Fique calmo, dê um tempo, vá pescar com os seus amigos, dentro em breve ficará novamente acostumado com Ítaca. Não esqueça: isto é bom. Quando voltamos, quando moramos na nossa casa, comemos a nossa comida, dormimos na cama com a nossa esposa, vamos caçar nos nossos bosques, a melhor parte de nós assume novamente o comando. Os monstros se perdem nas trevas do nosso coração e é como se morressem. Faz bem, à noite, sentar-se à mesa com os nossos amigos tomando vinho tinto, forte e encorpado, e ouvir histórias até tarde nas frias horas do inverno, quando não se pode navegar e o vento de Bóreas sopra gélido e impetuoso.”

– Pai – perguntei –, já aconteceu que a luta feroz surgisse aqui na ilha? Os piratas já procuraram trazer morte, saques e estupros para Ítaca? Já houve algum pretendente ambicioso que tentasse destituí-lo ou, antes de você, ocupar o trono do seu pai? Já houve algum tempo em que Ítaca se manchou de sangue?

– Não, meu filho, até onde as nossas lembranças possam chegar. E isto também é bom, meu rapaz, é um privilégio concedido pelos deuses. O mar nos protege, talvez porque nunca me tenha esquecido, nos dias de tempestade, de oferecer sacrifícios a Posídon, o deus azul. Mas também porque os habitantes das nossas ilhas são hábeis e temíveis guerreiros, e porque vivemos de forma simples e sem ostentação de riqueza.

– É uma grande sorte – respondi – crescer ao lado de um pai como você, que tem resposta a todas as perguntas, até aquelas que não são proferidas.

– Mostrei-lhe apenas uma parte daquilo que terá de enfrentar quando o momento chegar, mas só fiz isto porque o amo, como é justo fazer com um filho. E tenho certeza de que todas estas coisas ficarão no seu coração.

Disse estas palavras olhando fixamente nos meus olhos, com o seu olhar profundo como o mar.

Mais uma vez, agora, fico sentindo a sua falta, gostaria de ouvir a sua voz, os seus conselhos.

Chamou então Damastes para que aprontasse os cães: íamos sair à caça aos javalis.

Mentor demorou dois anos para voltar, no começo da primavera, e o seu retorno foi um grande acontecimento. O rei Nestor dera-lhe um navio para que pudesse atravessar o mar. Pelas insígnias, os homens no porto tinham reconhecido a embarcação e acompanharam Mentor ao palácio. O Sol estava se pondo, e os serviçais já preparavam as mesas para o jantar. Meu pai quis ser o primeiro a recebê-lo, quando soube que já estava perto da entrada, e Mentor curvou-se para beijar a sua mão. Em seguida eu também o cumprimentei, abraçando-o como a um amigo que ficou muito tempo ausente.

– Não conte coisa alguma, por enquanto – disse o meu pai –, poderá falar depois do jantar, e nos demoraremos, com as mesas já limpas, tomando o melhor vinho. – Tinha certeza de que Mentor teria uma longa e fascinante história para contar. Não podia ter ficado dois anos no palácio de Admeto a não ser que houvesse um motivo importante.

Quando o jantar chegou ao fim, Mentor esperou que o rei tomasse um gole de vinho puro na sua taça e então começou:

– Assim que cheguei a Feras, apresentei-me no palácio, o rei e a rainha ficaram bastante surpresos com a minha volta, enquanto Eumelo correu ao meu encontro e me abraçou bem apertado, como se receasse que eu fosse embora de novo. Os seus pais entenderam, deixaram que ficasse comigo, e eu compreendi a razão daquele apego. Acho que não lhes perdoava por tê-lo enviado a Micenas para morar no sombrio palácio de Euristeu. Não sei por que haviam feito isto, mas imagino que o rei da poderosa fortaleza pedira o garoto como pajem e os pais não tinham podido recusar: que mãe gostaria de separar-se do filho, que pai?

“Dei-me conta, com efeito, de que depois da minha partida de Feras Eumelo nunca mais havia falado com o pai e a mãe a respeito do que tinha visto e ouvido quando estava em Micenas. E eles, embora desejando livrar Hércules do seu insuportável remorso, não podiam fazer absolutamente nada. Onde estava Hércules? Onde estava o herói de força desmedida e coração pesado? Ninguém o sabia. As notícias das suas façanhas chegavam deformadas nos cantos dos aedos: na Trácia? Em Creta? No Peloponeso ou na Beócia ou na Ibéria ou nos extremos confins do mundo? Algum dia voltaria? Conseguiria sobreviver àquelas provas sobre-humanas?

“De forma que não podiam fazer outra coisa a não ser esperar. Nem sabiam, ao certo, o quê. Que Hércules voltasse, imagino. Que viesse visitá-los?

Talvez. Contam que os argonautas costumam se encontrar, de vez em quando – mas esta é uma coisa que só você poderia confirmar, meu rei –, todos eles, menos o chefe da expedição, Jasão de Iolco. Casou-se com Medeia, a princesa selvagem filha de Aieta, rei da Cólquida, e para ele é como viver com uma tigresa do Cáucaso. Gostaria de livrar-se dela, mas não sabe como, e enquanto isso tiveram dois filhos, e os filhos são um vínculo muito forte. Receio que, mais cedo ou mais tarde, algo terrível acontecerá.”

– Continue – exortou-o o meu pai. – Não precisa contar o que já conheço. Mas quero saber o que aconteceu em Feras durante estes últimos dois anos.

O rei respondera de forma um tanto ríspida, como se quisesse reafirmar a hierarquia de poderes que naquele momento Mentor parecia ter esquecido. Com humildade, este recomeçou a contar:

– Certo dia o *wánax* Admeto ficou adoentado, uma doença indefinida que passeava pelo corpo sem deter-se em nenhum lugar específico. ‘Para não ser reconhecida’, pensei, e de fato os médicos se mostravam atônitos. Diziam que somente Asclépio podia descobrir um remédio, mas ninguém sabia onde encontrá-lo naquele momento. Alguém até afirmou que tinha morrido. Que absurdo! Os médicos não deveriam ser vencidos pela morte e pelas doenças.

“Passaram-se dias, noites, e mais noites e dias, e o rei continuava definhando. Assistia-o a suavíssima esposa, Alceste, a filha de Pélias, rei de Iolco. Apesar dela mesma, as lágrimas riscavam suas faces: pude vê-la muitas vezes ao passar em frente à porta do tálamo com Eumelo. Certa vez me detive para explicar ao menino o que estava diante dos seus olhos todos os dias: um grande amor, o maior, o mesmo amor que lhe dera a vida. O rapazinho ficou olhando, pensativo, e depois chegou perto da cama com passos leves e

silenciosos. Hesitou por uns momentos, para finalmente segurar a mão do pai sem nada dizer.

“Compreendi que estava reaproximando-se dos pais e que chegara a hora de eu voltar, mas também percebia que o meu pensamento não fazia lá muito sentido. Não seria ainda mais terrível, para ele, perder o pai depois de tê-lo reencontrado?

“O que aconteceu em seguida só posso contar de ouvir dizer, pois a minha participação pessoal só foi parcial, e ainda assim não tenho certeza. Eu mesmo preciso fazer um esforço para acreditar.

“Com o passar dos dias, Admeto se aproximava cada vez mais da morte, dizia estar vendo a Moira chegar perto do seu leito, sentir o frio que invadia o seu corpo. A notícia espalhava-se pela cidade e pelo reino. Lamentações subiam ao céu dos bosques e dos cumes das montanhas. Eu juro, a sombra da morte parecia descer sobre toda a cidade, sobre todo o reino. A luz do sol perdia a sua força, velada por uma fosca caligem.

“Foi então anunciada a visita dos pais do rei, e então alguma coisa aconteceu. Alceste, esgotada, recolhera-se para descansar um pouco enquanto os sogros estavam com o marido. Já não tinha energias nem lágrimas. Quem relatou a história que estou a ponto de narrar foi um criado. Talvez o rei delirasse ou, quem sabe, estivesse lúcido e plenamente consciente, ninguém pode saber. A sua voz era rouca, mas as palavras que pronunciava eram claramente compreensíveis. Contou aos pais que um deus havia ficado a seu serviço como escravo, para cuidar do gado, e, uma vez que ele o tratara bem, dera-lhe um presente de despedida: se, chegando ao momento extremo da vida, encontrasse alguém disposto a morrer em seu lugar, poderia evitar a Moira.

“Implorou primeiro ao pai e depois à mãe: ‘Vocês já viveram quase toda a sua vida: eu tenho uma esposa que me adora, uma filha pequena, um filho que finalmente recuperei depois de muito tempo. Não quero deixá-los. Eu suplico: você, meu pai, você, minha mãe, apresentem-se em meu lugar às portas do Infero. A Moira não vai se importar, para ela tanto faz que se trate de um homem idoso ou de um homem vigoroso ainda na flor da idade.’

“O pai foi irredutível: ‘Já lhe demos a vida uma vez, não podemos fazê-lo de novo agora. E nem deveria pedir. Porte-se como homem, ao contrário, e enfrente o seu destino com coragem.’ Naquela mesma hora a rainha Alceste apareceu no limiar do quarto e ouviu a impiedosa resposta: ‘Eu irei’, disse, ‘eu comparecerei às portas do reino de Hades e salvarei o meu amor.’

“As criadas que a acompanhavam debulharam-se em pranto: sabiam que a sua ama nunca falava em vão nem fazia promessas que não pudesse ou quisesse cumprir. Admeto ficou petrificado ao ouvir aquilo, ao dar-se conta da imensa dádiva que a esposa estava lhe dando. A notícia correu rapidamente por todo o palácio e espalhou-se pela cidade. Alceste ia morrer para salvar a vida do adorado esposo. Um coro de lamentações ressoou pelas ruas e pelas praças de Feras.”

O meu pai – só ele poderia fazer isto – interrompeu o relato de Mentor:

– Não é possível! Conheço Nestor. É um argonauta, e mais de uma vez o vi desafiar a morte em combate, em lutas duríssimas e ferozes. Não é um covarde.

Mentor ouviu com respeito e depois respondeu:

– Ó rei, são duas coisas completamente diferentes, se permitir que eu diga o que penso. Morrer em combate é como ser acertado por um raio. Na rinha, não há tempo para pensar nem, muito menos, para meditar. Imagine saber, no entanto, que terá de morrer, sem saber quando nem como, mas muito em

breve e, provavelmente, numa cama molhada por seus próprios humores, ver o corpo definhar a cada momento que passa, reparar nos membros que se tornam ressecados, nos músculos que desaparecem e deixam o esqueleto à mostra sob a pele. Isto é insuportável mesmo sabendo que nascemos mortais. Ainda mais insuportável se soubermos que poderia ser evitado ou adiado para uma hora desconhecida e secreta. E, se isso é duro para um homem na plenitude do vigor, ainda mais duro é para um velho, pois, quanto mais um homem se aproxima da morte, mais ele se apega à vida.

Muito sagaz, Mentor! Tinha dado a única resposta possível: nem mesmo um deus pode dar um presente como aquele sem que você tenha de pagar um preço exorbitante. O meu pai manteve-se calado, e ele retomou o conto:

– A rainha foi preparada para entrar, ainda viva, no reino das sombras. Mais linda que nunca: em seu céreo palor, os lábios perfeitos sobressaíam vermelhos, os olhos azuis, reluzentes de lágrimas, eram como o céu limpo depois de uma chuvarada. Naquele momento compreendia claramente que, salvando o marido, se separaria para sempre dos filhos, mas aquela tremenda aflição não dobrava a sua vontade. Abraçava-os chorando para despedir-se pela última vez, mas se demorava, não conseguia deixá-los. Eumelo, que finalmente entendera, também chorava. Sem ser, ainda, um rapaz, mas já não sendo uma criança, era forçado a assistir a um acontecimento tremendo: a morte na morte da mulher que lhe dera a vida.

“O *wánax* Admeto sentia, enquanto isso, a força que fluía de novo em suas veias, a vida que retomava lentamente posse do seu corpo. Estava entregue à mais aflitiva frustração, a uma felicidade de que sentia vergonha, a uma sensação de desmedida gratidão pelo heroico gesto da esposa. Proferia palavras absurdas, insensatas. ‘Eu lhe prometo’, dizia, ‘que nunca mais tocarei outra

mulher em toda a minha vida. Mandarei esculpir um simulacro seu, perfeito, por algum grande artista, e mandarei colocá-lo na cama, ao meu lado. Nenhuma mulher poderá jamais ficar no seu lugar.’ A filha olhava sem entender, o filho fitava-o com desprezo.

“Finalmente Alceste se mexeu. Acompanhada por um coveiro vestido de preto, de rosto estriado e olhos encovados, e por um enxame de carpideiras chorosas, tomou assento num carro puxado por quatro cavalos pretos como asas de corvo. Foi levada embora.”

– Embora? – perguntou meu pai, interrompendo-o de novo. – Embora para onde?

Mentor suspirou:

– Os acessos ao reino de Hades são muitos, muitas são as grutas do fundo das quais os ladrados de Cérbero ecoam exalando venenosos vapores sulfúreos, mas também poderia dizer que muitas são as maneiras para acabar embaixo da terra, e que continuamos vivos até um instante antes de morrer. E, quando a pessoa é jovem, é ainda mais viva.

A sua voz estremeceu. Tinha pronunciado palavras de inspirado cantor e, depois, de testemunha sincera, deixando a nós a incumbência de descobrir o verdadeiro significado. O silêncio reinava na sala. Apoiada num canto, vi a minha mãe chorar.

– Continue – disse o rei meu pai.

– O cortejo desapareceu no fundo da estrada que leva a ocidente. Nenhum de nós se mexeu, ninguém soltou um lamento, um silêncio profundo tomou conta da cidade. As lágrimas, todas elas, eram mudas. Até as de Eumelo e da irmã, cuja mão ele agora segurava com ternura.

“Nem sei dizer quanto tempo ficamos daquele jeito. Horas? Dias? Na verdade, o tempo tinha parado: a vida era morte; e a morte, vida. Só sei que a

certa altura vimos o coveiro e as carpideiras voltar. Onde estava Alceste? Descera, ainda viva, às entranhas da terra? Ou alguém lhe cortara a garganta com uma faca sacrificial e as suas cinzas já se perdiam no vento? Ninguém fez perguntas, ninguém deu respostas.

“Alguma coisa passou pelo ar, mas não era o tempo. Uma lástima, uma profunda saudade de coisas simples, de alegrias tranquilas para sempre perdidas. Uma voz, não sei de quem, não sei de onde, disse: ‘Héracles chegou.’

“Pensei estar sonhando, achei que o meu desejo transformado em sonho estava tentando parecer real, mas uma mão segurou o meu ombro, e um rosto de olhos perdidos que procuravam o meu olhar repetiu: ‘Héracles chegou ao palácio e pediu comida.’

“Só então me recobrei e perguntei: ‘Onde? Ao palácio daqui? E onde está o rei?’ ‘Ali está ele’, respondeu o serviçal, ‘na entrada. Não sabe de nada.’

“E ele, o hóspede que acaba de chegar, o que sabe?’

“Nada. Ninguém teve coragem de contar-lhe o que acaba de acontecer. Mas a notícia da sua chegada está se espalhando, no palácio e na cidade. Héracles está de passagem, não se sabe para onde, a fim de enfrentar mais um desafio’.

“Leve-me até ele’, disse seu, ‘e mande alguém cuidar do rei para mantê-lo longe.’

“O serviçal obedeceu e levou-me à cozinha. Héracles estava na minha frente. Sentado a uma mesa, devorava um cabrito assado. Eu nunca tinha visto alguém como ele: gigantesco, vestindo apenas uma pele de leão, os pés descalços, sujos e poeirentos. Tinha um olhar turvo, perdido, como se estivesse perseguindo imagens longínquas ou fugisse delas. Num canto, apoiada na parede, a clava de galhos truncados, pontudos, mostrava os sinais de inúmeros combates. Não me deu tempo de dizer coisa alguma.

“Mal me viu, foi logo perguntando: ‘Quem é você? Nunca o vi nesta casa.’

“Menti dando um falso nome, mas disse a verdade quando acrescentei que, nos últimos dois anos, vinha trabalhando para o rei, que o assistia no governo da casa e na educação do filho homem. Ao mesmo tempo, aproximei-me e lhe servi uma taça de vinho. Tomou-o e limpou o bigode e a barba com o dorso da mão.

“Por que todos estão com expressão pesarosa? Por que ninguém sorri, ninguém se diverte neste lugar? Qual é motivo deste silêncio de morte? Onde estão os meus amigos, o rei Admeto e a rainha Alceste? Por que não vieram receber-me?’

“Todos os presentes se entreolharam, incluído eu. Ninguém teve coragem de falar.

“‘Onde estão?’”, berrou. E a sua voz era como trovão. E, uma vez que ninguém se atrevia a abrir a boca, pegou a clava e bateu com ela na mesa de madeira maciça, de carvalho amadurecido, quebrando-a em mil pedaços. Tive de responder: a sua ira poderia destruir todo o aposento.

“O rei está lá fora, na entrada do palácio. A rainha... partiu.’

“Levantou-se e chegou tão perto, que eu podia perceber o cheiro pungente da pele de leão misturado com o do seu suor. Retomei a palavra sem ele pedir.

“A rainha Alceste foi morrer. Foi entregar-se a Tânato, ainda viva.’

“Na cozinha ecoou um rugido que pareceu sair da boca de um leão. Segurei então a minha garganta com a mão esquerda, e compreendi que poderia quebrar o meu pescoço como uma criança quebra um talo de aveia. Tive de contar tudo, sem omitir um único particular. Só então soltou a presa e me deixou livre, com uma careta estranha, incompreensível.

“Prometeu nunca mais tocar outra mulher? Jurou?’, perguntou depois que mencionei o voto de Admeto. Eu ainda não tinha reparado na cor dos seus

olhos âmbar com reflexos esverdeados, que ardiam em sombrio desespero.

“Isso mesmo, jurou.’

“Enquanto, trêmulo, eu pensava que ainda não tivera a oportunidade de contar-lhe que não era culpado de coisa alguma, que a chacina da sua família fora uma torpeza perpetrada pelo primo Euristeu, ele já saíra com fúria, agarrando ao longo do percurso as armas penduradas nas paredes e guardadas nas arcas. Tentei correr atrás para falar com ele, mas a essa altura já estava fora do palácio, voando por cima dos degraus da escadaria. Pulou num carro e partiu em disparada.

“Para que precisava das armas?, matutava comigo mesmo, imóvel de pasmo, atropelado pela fúria dos acontecimentos. Como poderia derrotar o deus da morte com armas humanas?”

Mentor parou, para que todos os presentes na grande sala se fizessem a mesma pergunta, para que todos esperassem com ansiedade a volta de Hércules, de algum lugar desconhecido, talvez dos confins do mundo, quem sabe dos antros subterrâneos povoados por sombras indistintas.

– A sua volta foi anunciada sete dias depois, sete dias de angústia e trepidação. O rei Admeto não conseguia dormir, e a noite ecoava com seus gritos de loucura. Mais de uma vez Eumelo veio procurar-me no meu quarto, segurando a mão da irmã, chorosa e assustada, e que não parava de perguntar ‘onde está a mamãe?’.

“Hércules entrou na cidade pela porta meridional, cercado por uma multidão muda e aflita, quando, na verdade, eu teria esperado gritos de júbilo e de alegria. Mas logo percebi o motivo daquele silêncio. O herói avançava no carro, mantendo os quatro cavalos a passo, o corpo cheio de arranhões, hematomas e feridas, a pele quase queimada, o olhar fixo. Ao seu lado, imóvel, havia uma figura velada. Tão parada e inerte que parecia uma estátua. Talvez

aquela com o semblante da esposa, a que Admeto queria colocar na sua cama? Foi nisto que pensei quando os vi.

“O rei, avisado pelos guardas de vigia, saíra da porta principal para ir ao encontro do amigo, que finalmente podia rever após tanto tempo. Hércules já tinha descido do carro para abraçá-lo. Eu estava perto e pude assistir ao encontro. O herói invencível tinha mudado de expressão: agora parecia diferente, mais aliviado.

“Sei que perdeu a esposa, a minha amiga Alceste, mas não pode passar o resto da sua vida no pranto e no desespero. O seu povo precisa de você, assim como os seus filhos. E, portanto, mesmo a contragosto, terá de voltar a viver como sempre viveu.’ Admeto olhava a misteriosa figura velada, imóvel no carro. ‘Eu também tive aflições, dores e sofrimentos, mas voltei a viver, não há outro jeito. Um homem ainda jovem não pode passar sem o prazer do amor. Por isto, trouxe-lhe um presente: esta mulher. Comprei-a no mercado de escravos, na última cidade pela qual passei. É linda, nunca rasgada pelo parto, de quadris altos e seios firmes, e seus olhos brilham como a estrela da manhã. Curará a sua melancolia. Fique com ela.’

“Mas Admeto virou-se para o herói com os olhos cheios de lágrimas: ‘Não a quero, meu amigo. Fui um homem desprezível ao aceitar que Tânato levasse Alceste no meu lugar. E sabe por quê? Porque a minha vida já não é vida. Sem ela não há felicidade, e nem sequer os meus filhos conseguem me aliviar e me consolar. Não se ofenda, mas uma mulher comprada no mercado, por mais linda que seja, não pode substituir a minha esposa. Não dá para comprar o perfume dos seus cabelos, a luz e o calor do seu olhar, o seu amor tão apaixonado que a levou a sacrificar a sua vida para salvar a minha. Que loucura o que eu fiz! Que coisa mais vergonhosa! Se eu não tivesse estes filhos, eu juro,

juntar-me-ia a ela onde está agora. E ainda não excludo esta possibilidade, porque a vida, para mim, se tornou somente um fardo.'

"Héracles sorriu: 'Vejo que há sinceridade no que diz, e portanto merece que lhe perdoemos. Não será preciso que se vá para juntar-se a ela porque...'

"Todos nós ficamos mudos, sem fôlego, enquanto o herói invencível tirava o longo véu que cobria a mulher.

"Apareceu Alceste!"



Todos os presentes na grande sala rejubilaram-se com o final feliz da história contada por Mentor. E ele mesmo sorriu ao reparar no efeito que o epílogo tivera nos comensais. Fêmio, o cantor do rei, também estava lá, mas naquele momento não deixava transparecer nenhuma emoção. Dirigi mais uma vez, então, o olhar para o meu pai e o vi fazendo um sinal para Mentor. Dois dedos da mão direita traçaram no ar uma breve linha horizontal: pare. Depois meio círculo na direção da frente: poderá contar-me mais tarde.

Nenhum dos dois sinais passou despercebido a Mentor, que parou de falar, sentou-se à mesa e tomou uma taça de vinho para aliviar a sede.

– E Hércules? – muitos perguntaram. – O que houve com ele a seguir?

– E Admeto? E Alceste? Como é a vida do casal, agora? – perguntaram outros.

Mentor eximiu-se pedindo que os presentes o deixassem descansar e tomar um pouco de vinho, e anunciou que talvez fosse continuar a contar aquelas vicissitudes e a responder às perguntas em outra oportunidade. E, uma vez que o rei parecia concordar com ele, ninguém se atreveu a insistir.

Quando todos já se haviam recolhido e as vozes dos nossos hóspedes que voltavam às suas moradas se perderam ao longe, na noite, só três pessoas ficaram sentadas umas diante das outras na luz de uma lamparina que pendia do teto: o rei Laerte, meu pai, Mentor e eu mesmo.

O primeiro a falar foi o rei:

– Onde está Hércules? Já sabe que foi enganado por Euristeu? Sabe que não se manchou do sangue da esposa e dos filhos?

– Sabe. Conte-i-o a ele. E partiu para Micenas logo a seguir, no mesmo dia, no carro em que trouxera Alceste de volta. E posso garantir que as Fúrias, com suas serpentes agitando-se na cabeça, corriam ao lado dele. Os quatro garanhões pretos pareciam soprar fogo pelas ventas e fagulhas faiscavam sob os aros das rodas enquanto a quadriga atravessava o calçamento da praça.

“Admeto ordenou que os seus guardas corressesem atrás, talvez achando que fosse precisar de ajuda, e eu aproveitei para pular para um dos quinze carros de guerra que, um depois do outro, se lançaram em perseguição de Hércules. Eu já estava havia um bom tempo no palácio, todos me conheciam, e o meu gesto pareceu, portanto, natural. Corremos quase sem parar; perdemos alguns dos carros no caminho porque se quebraram ou porque os cavalos não aguentaram o esforço, mas ainda assim não conseguimos alcançar a quadriga de Hércules, que parecia voar. Talvez os quatro garanhões negros viessem realmente do Inferno, enviados por Perséfone.

“Dos quinze carros que haviam partido, somente três chegaram logo depois que o herói deteve a sua quadriga e soltou os cavalos dos arreios. Mas ficou de imediato evidente que não precisaria de ajuda alguma. Galgou as muralhas, precipitou-se na cidade como um gavião, e, por um tempo que nos pareceu interminável, não se ouviu mais coisa alguma. O primeiro barulho que chamou a nossa atenção foi o das dobradiças da grande porta dos leões sobre as quais rodavam as enormes folhas de madeira. Ele apareceu logo a seguir, arrastando pelo pé Euristeu ainda vivo e só reconhecível pelas roupas. O rosto era uma máscara informe e sangrenta. Apoiou-o nas muralhas segurando-o pelo pescoço com a mão esquerda, para que não escorregasse ao chão. Com um dedo da mão direita arrancou ambos os olhos, e depois a esquerda apertou

cada vez mais o pescoço do rei de Micenas até quebrá-lo. Chamou um dos nossos homens e entregou-lhe os olhos do seu inimigo, que nem tivera força para gritar: ‘Leve-os a Tebas para a minha mãe; diga-lhe de quem são e que esta é a justiça de Hércules.’

“Euristeu ficou largado no solo como a carcaça de um animal esquartejado enquanto ele pulava para o carro e desaparecia numa nuvem de poeira. Para o norte. Depois, nada mais soube dele.”

– Teve o que merecia – disse meu pai, depois de um longo, pesado silêncio.

– E o que acha que ele vai fazer agora? – perguntei.

– Não sei – respondeu Mentor. – A minha impressão é que descobrir a verdade acerca da morte da família só conseguiu incendiar a sua ira sem, contudo, abrandar as suas feridas. A esposa e os filhos foram massacrados e ninguém pode fazer com que os tenha de volta. Nem mesmo os deuses. Se o quisessem, já teriam feito isto ou, melhor ainda, não teriam deixado que a chacina acontecesse.

Seguiu-se mais um longo silêncio, tão profundo na casa adormecida, que se podia ouvir o chamado de um bando de patos selvagens voando na noite.

– E o que houve com Admeto e Alceste? – perguntei. Estava imaginando se um homem e uma mulher, depois de viverem experiências como aquelas, ainda podiam levar uma vida serena.

– Ninguém pode saber ao certo – disse Mentor –, nem eles mesmos poderiam dar uma resposta. A luz e a treva, a felicidade e a aflição, a vergonha e o orgulho, o amor além de qualquer limite, além do tempo e da vida. Foi para essas margens que fluíram as suas existências. Às vezes, nós, comuns mortais, temos possibilidade de viver paixões que levam o coração às extremas fronteiras do ser, paixões que nem sequer os deuses podem experimentar, porque não sabem o que significa amar até o desespero, desejar tão

ardentemente a vida até morrer deste desejo, chorar de solidão e de abandono. Admeto e a esposa passaram por isso tudo. Talvez encontrem força para esquecer, para encaminhar-se de novo rumo a uma morte que já não seja um abismo de treva, mas um quieto adormecer.

A noite estava àquela altura no meio do seu curso, e sentimo-nos vencidos pelo cansaço e pela vontade de repouso. Mentor falara como alguém carregado de anos e de sabedoria, e ainda nem era um homem maduro. Percebi que, não importa o que me acontecesse no futuro, ele sempre seria o meu amparo e o meu arrimo, em qualquer lugar que me encontrasse.

Naquela noite eu talvez tenha sonhado com a resposta às minhas perguntas, mas quando acordei, na manhã seguinte, não tive força nem vontade de lembrar.

Fui caçar com o meu pai.

Héracles, pelo que acabamos por saber, desapareceu do mesmo modo como aparecera – quase surgindo do nada, no palácio de Admeto em Feras –, e dele se perderam as pistas. Achei que talvez quisesse de qualquer maneira levar a termo o que Euristeu lhe ordenara que fizesse, pois se tratava de livrar o mundo de criaturas ferozes e mortíferas que assolavam e matavam. Certa vez, estando sozinho num barco com Mentor, fiz uma daquelas perguntas a que só se pode responder com a verdade ou então com a recusa a falar.

– Diga-me: o que pensa que aconteceu com Alceste, desde o momento em que desapareceu e a hora em que voltou no carro de Héracles? Você estava lá. Você mesmo deve ter-se perguntado o que houve.

– Já disse na noite em que voltei a Ítaca. Não há uma resposta certa para esta pergunta. Só Héracles e Alceste conhecem a verdade, mas um desapareceu e a outra nunca quis falar a respeito. A porta para o Inferno mais próxima de

onde estamos fica em Éfira, não muito longe daqui. Lá estão a lagoa Estígia e o rio Aqueronte.

Eu nada disse, mas a pergunta era importante demais, uma verdadeira provocação para a inteligência de Mentor, e por isso ele continuou:

– Já viu alguém sem sentidos, parecendo morto, sem nenhum sinal de vida, e depois voltar a viver? A linha que separa a vida da morte é muito tênue. O sonho é um território sem limites que fica em algum lugar entre os dois mundos: mais que terra de ninguém, é terra de todos, pois por ele circulam tanto os vivos quanto os mortos. De uma coisa pode ter certeza: Hércules sabia perfeitamente onde estava Alceste, sabia onde procurar por ela e como levá-la de volta para casa. Quando a trouxe em seu carro, ela estava com um véu que a cobria da cabeça aos pés. Parecia um fantasma.

E, quando o tirou para mostrá-la ao marido, o rosto da rainha estava pálido, os olhos cavados dentro de órbitas escuras, sem nenhuma expressão. A morte, pelo menos em parte, estava dentro dela, ainda não a deixara.

De vez em quando Mentor conseguia enviar mensagens ao palácio de Feras e, duas ou três vezes, também recebeu resposta. Então os contatos se tornaram mais raros, até desaparecerem.

Passaram-se dessa forma mais de três anos, e, certa noite, o próprio Mentor me disse que tinha novidades para mim, notícias que já havia comunicado ao rei meu pai.

– Muitas coisas importantes aconteceram no continente. Em Micenas, o trono vago após a morte de Euristeu foi ocupado por Atreu, o filho de Pélope que, junto com o irmão Tiestes, procurara abrigo na casa paterna. Agora, o mais poderoso soberano da Acaia é ele. Tem dois filhos homens: Agamêmnon e Menelau. Talvez tenham visto os dois quando estiveram em Micenas:

Menelau é aloirado, a cor da sua pele lembra o bronze. Sempre usa o cabelo preso na nuca com uma tira de couro. Agamêmnon, o irmão mais velho, é ainda mais imponente, de olhos negros, olhar misterioso e cabeleira comprida que lhe chega aos ombros. É muito hábil com a lança, com a qual treina todos os dias no pátio do palácio. Atreu também tem uma filha, Anaxíbia, linda e ativa. Já se tornou noiva do rei da Fócida.

“Ao que parece, em Argos o rei Adrasto não tem herdeiros: o genro Tideu, vocês mesmos o viram queimar na pira durante a sua visita à cidade. Tombara na luta diante das muralhas de Tebas. O filho dele, o príncipe Diomedes, é um guerreiro formidável. Desde que o pai morreu não faz outra coisa a não ser treinar na arte do combate junto com os filhos dos outros seis guerreiros mortos diante das sete portas. Todos eles têm um só propósito na vida: vingar a morte dos pais. Quem os viu costuma descrevê-los como um bando de jovens leões sedentos de sangue.

“Já conhece os filhos de Nestor, assim como os filhos de Tíndaro e Leda, Cástor e Polideuces; é possível que também tenha sido apresentado, mas não creio, aos filhos de Atreu e a Diomedes, o filho de Tideu. Se não foi, de qualquer maneira, conhecê-los-á muito em breve, pois todos estão se preparando para viajar para Esparta. Incluindo você.

– Eu? E por quê? Já estive em Esparta.

– Muitos dos mais poderosos príncipes da Acaia pediram em casamento a filha de Tíndaro e Leda, Helena, que acaba de completar dezessete anos. A sua beleza é tão esplêndida que qualquer um estaria disposto a arriscar a vida para carregá-la nos braços ao tálamo.

– Eu não, Mentor.

– Espere até vê-la, príncipe de Ítaca. Você também poderia perder o juízo.

– Duvido, meu precioso conselheiro. O juízo é a coisa que mais prezo: não gostaria de perdê-lo por motivo algum.

– Fico contente em sabê-lo, porque os mais fortes príncipes da Acaia parecem estar dispostos a degolar-se uns aos outros por causa dela. A coisa é preocupante.

Fiquei em silêncio, meditando. Eu não queria uma guerra: tinha ido ao continente, com meu pai Laertes, para fortalecer a amizade com os demais reis. Se houvesse sangue por derramar, de um modo ou de outro, querendo ou não, formar-se-iam dois ou mais grupos, e eu não poderia ficar de fora, teria de tomar partido, até contra a minha própria vontade.

O mais importante resultado da aventura dos argonautas não havia sido a conquista do tesouro da Cólquida, o velo de ouro, como àquela altura todos o chamavam: tinha sido unir cinquenta reis e príncipes numa mesma empreitada, na qual cada um lutara ao lado do outro, arriscara a sua vida para salvar a do companheiro. O meu pai era amigo de todos, todos eram amigos dele, e era assim que devia ser. A guerra, por regra, só traz lutos e desgraças, só pode ter sentido se a luta acontecer fora da Acaia, não dentro. Neste caso seria uma pavorosa calamidade.

– Para quando está marcada a nossa convocação em Esparta? – perguntei.

– Para a lua nova do mês que vem.

– Sendo assim, partirei imediatamente. Arranje um navio e chame os meus amigos: Euríloco, Perimedes, Polites, Euríbates e os outros. E venha você também, se puder; poderá me ajudar.

– Não, não posso, sinto muito – respondeu. – Preciso ficar à disposição do rei. Esse é um assunto que terá de resolver sozinho.

Enquanto Mentor se encarregava do navio e da tripulação, fui procurar o meu pai para informá-lo do que tencionava fazer. Os filhos dos argonautas

estavam começando com o pé esquerdo e precisariam da sabedoria dos pais. Cada um de nós teria de fazer o que era necessário, a começar por mim, porque uma guerra em Acaia destruiria o que eles haviam construído.

Relatei o que Mentor me contara, e ele não ficou surpreso:

– Já viu os carneiros chocar-se até quebrar o crânio na disputa por uma fêmea na primavera? E os veados e os javalis? Pois bem, nós não somos diferentes, ainda mais quando jovens. Encontre uma solução, se puder: a sua mente já conhece muitos caminhos, a esta altura, e não creio que a coisa lhe seja difícil. Não se esqueça: quando tiver de convencer alguém mais poderoso a fazer algo que você acha necessário, dê um jeito para ele pensar que a solução encontrada foi dele, e não sua. Venha me ver para se despedir, antes de partir, filho.

– Virei.

– Terá de levar presentes para Helena, mesmo que, francamente, não creia que se torne a sua esposa: ela é...

– De ouro, pai. E eu sou de madeira. De carvalho.

Nos dias que se seguiram, fiquei no porto cuidando do navio com os meus amigos. Até dormíamos a bordo, todos juntos, pois já nos parecia estarmos de viagem. A primeira viagem sem tutela. Eu era o chefe, o soberano, e os rapazes me tratavam como tal. Comíamos, nadávamos, pescávamos, e, sobrando um tempinho, a turma inteira também ia caçar, mas eu era objeto de gentilezas especiais: as melhores partes da comida sempre eram reservadas para mim, e ninguém se atrevia a tomar iniciativa alguma sem pedir o meu conselho, e isso me enchia de orgulho.

A primeira parada foi em Pilos, e fui imediatamente prestar os meus respeitos ao rei Nestor, que me tratou como a um filho. Quando retomei o meu caminho, deixei a embarcação com os amigos e confiei o comando ao

meu primo Euríloco. Os quatro dias de viagem se haviam passado depressa. Quatro dias alegres durante os quais procurei não pensar no que me esperava em Esparta: até então havíamos sido como uma turma de amigos que saem juntos para uma pescaria de atum. Vez por outra voltava à minha memória aquela tarde, logo antes de o sol se pôr, perto do cercado dos cavalos, quando Helena aparecera de repente e falara comigo.

O rei Nestor fez questão de dar-me uma escolta de guerreiros cobertos de bronze e de elmos cristados, mais por prestígio que por necessidade. Entre eles, também havia o seu filho Antíloco, que eu já conhecia e com o qual, durante a viagem, estreitei laços de sincera amizade. Também me deu um carro com uma grande tenda onde poderia abrigar-me enquanto durasse a minha permanência em Esparta, mantimentos e vestimentas luxuosas para as ocasiões em que fosse convidado ao palácio. Coisas, todas elas, a que eu não estava acostumado.

O longo cortejo de homens e carros tornou muito mais lento o nosso progresso, mas não havia pressa, pelo menos por enquanto. Quando alcançamos Esparta, o comandante da minha escolta apresentou-se para anunciar a minha chegada e voltou com um convite para jantar no palácio na noite seguinte.

Aprontei-me com antecedência: tomei banho no Eurotas e vesti as roupas que Nestor me dera, as quais no entanto me deixavam um tanto sem jeito. Nunca usara trajes tão luxuosos antes, e francamente não pareciam combinar comigo. Afinal de contas, decidi usar a roupa que Euricleia, a minha babá, pusera no baú de viagem. Não deixava de ser bonita, na verdade, mas era certamente muito mais simples. Só duas listras de púrpura bordada com fios de ouro afirmavam a minha dignidade de filho de um rei.

Antíloco queria que me apresentasse ao palácio escoltado por dois gigantescos guerreiros da guarda pessoal do pai, mas convenci-o a deixar que só dois serviçais fossem comigo, levando os presentes para Helena.

O rei Tíndaro e a rainha Leda receberam-me com grande honra e cheios de atenções, enquanto os criados abriam o estojo de marfim para mostrar o presente do príncipe de Ítaca para Helena de Esparta, um diadema de ouro com dúzias de pingentes que encastoavam pedras de maravilhosa beleza: cornalinas, jaspes, pérolas, lápis-lazúlis, gotas de âmbar vermelha e de quartzo azul.

– Helena vai ficar encantada – disse a rainha, e, enquanto fechava de novo o estojo para me devolver, pediu às criadas que nada contassem à princesa para não estragar a surpresa para o caso de caber a mim oferecer-lhe o presente nupcial.

Em seguida o rei levou-me à sala de armas, onde duas taças de ouro, cheias de vinho tinto, haviam sido colocadas em cima de uma mesa.

– O seu presente é realmente esplêndido, príncipe Odisseu – disse o rei.

– Na verdade, não passa de pálida homenagem diante da beleza da jovem mais linda do mundo. Mas é tudo o que eu tinha para oferecer – respondi –, fiz isto de todo o coração.

Tíndaro pareceu tomado de súbita preocupação, como se pensamentos obscuros passassem pela sua mente. Suspirou.

– A beleza dela é um perigo.

– Eu sei. Mas não para mim. Eu não tenciono levar a mão à espada para conquistá-la, embora a formosura dela justifique a contenda.

– Por que não? – perguntou Tíndaro. – Você é filho de um rei, como os demais pretendentes.

– Porque um noivado deve ser uma festa, um motivo de alegria, e não um massacre. E, quanto a mim, sei muito bem que nem mereço o mais simples olhar de Helena. O nosso é um reino de pequenas ilhas rochosas, *wánax*, não temos ricas planícies capazes de sustentar cavalos e de oferecer viçosas colheitas. Estamos acostumados a nos contentar com pouco, e, quando os nossos navios saem para saquear, às vezes os homens ficam longe por muito tempo. Helena pode almejar e ter muito mais que isto: os príncipes dos aqueus são muitos, com reinos poderosos, riquezas vultosas, palácios fastuosos. O que me preocupa são outras coisas, *wánax*.

– Que coisas?

– Receio que os príncipes da Acaia acabem se metendo numa luta feroz para conquistar Helena e levá-la ao tálamo depois de enchê-la dos mais ricos presentes. Mas quem for vencido e humilhado ficará para sempre ressentido, o seu ódio ao vencedor levará a guerras sangrentas, a combates e lutos sem fim.

– É o que eu também receio. Mas ouvir as suas palavras e o seu pensamento tão perspicaz, mesmo sendo você tão jovem, é para mim motivo de esperança. E do fundo do meu coração de pai, se coubesse a mim escolher, gostaria que você ficasse com a minha esplêndida filha, pois a mente e o coração valem mais que a espada, meu filho.

Fiquei comovido com o fato de o *wánax* Tíndaro, soberano de Esparta, me chamar por aquela expressão que só o meu pai, a minha mãe e a querida babá Euricleia usavam. Um arauto pediu para ser recebido e, logo depois de entrar, anunciou:

– Ajax de Locros chegou, meu rei, e plantou suas tendas na margem direita do Eurotas. As sentinelas também avistaram as insígnias do príncipe Diomedes de Argos: brilham ao sol como espigas de trigo maduro.

– Reserve para ele um lugar ameno, com bastante água e amplo espaço para o seu acampamento.

– O príncipe Diomedes? – perguntei.

– Ele mesmo – respondeu Tíndaro, enquanto o arauto saía para cumprir as ordens recebidas. – Diomedes é o segundo na linha de sucessão, uma vez que a mãe é filha do rei e viúva. Depois da morte do pai, Adrasto chamou-o ao palácio, mas ele o recusou, preferindo morar numa austera fortaleza na margem da floresta junto com os seis companheiros que algum dia lutarão ao seu lado para vingar os pais tombados diante de Tebas das sete portas. Não fazem outra coisa além de treinar para o combate, desde a alvorada até o pôr do sol. É, sem dúvida alguma, um dos pretendentes mais temíveis.

Vi-o no meu sonho, Tideu poderoso, enquanto devorava como um leão faminto o cérebro de Melanipo, caído perto da sétima porta. A deusa fugia horrorizada da Porta Onca...

– E outros príncipes ainda vão chegar: de Feras, Arnes, Micenas, Salamina, Ftias, das ilhas e das montanhas...

– Os filhos dos argonautas – respondi. – Os nossos pais formaram uma aliança que uniu todos os reis da Acaia, e nós vamos destruir a sua obra. Se, pelo menos, Héracles estivesse aqui! Forçaria cada um desses pimpolhos briguentos a ficar no seu devido lugar. De qualquer maneira, *wánax*, pensei numa solução que talvez afaste o triste presságio que nos ameaça.

– Uma solução? Ó príncipe Odisseu, filho do grande Laertes, você tem uma solução que poderia nos livrar do destino funesto? Se for este o caso, vou cobri-lo de presentes e concertarei com seu pai uma aliança perpétua. Nunca lhe faltarão trigo e vinho, nunca os tecidos mais preciosos e as escravas de formosos quadris, sabidas nas artes do amor. E a você gostaria de dedicar uma

cidade lindíssima, na costa que mais lhe agradar, e lavouras ricas de colheitas e pastagens. Fale, então, eu lhe peço.

O rei era sincero, entendia o desastre que ia tomando forma desde que os deuses haviam decidido reunir numa única mulher o esplendor de toda a beleza do mundo, uma beleza estonteante a ponto de levar cada um que a visse a matar para consegui-la.

Limitei-me a dizer:

– O maior presente será fazer com que a paz reine na Acaia e que a casa de Tíndaro seja abençoada com o nascimento de herdeiros.

“Eu poderia falar com os príncipes em seu nome, se o quiser, depois de cada um se apresentar a Helena. Direi que a beleza da sua filha não deverá ser conquistada com a espada, porque o sangue pede mais sangue, e uma corrente de inexoráveis vinganças funestaria a Acaia pelos séculos vindouros. Caberá, portanto, à luminosa Helena escolher. Mas antes que isto aconteça todos terão de jurar que, não importa quem seja o escolhido, os demais respeitarão a vontade da esposa. Então o próprio rei sacrificará a Zeus, guardião dos juramentos, um touro que mandará esfolar. Reunirá então todos os príncipes e fará com que jurem, um depois do outro e diante da pele ainda úmida do animal, que, caso alguém tire Helena do marido que ela escolheu, todos estarão dispostos a lutar ao lado dele para trazê-la de volta para casa.

– Você é surpreendente, meu rapaz – ainda disse o rei. – Como pode, tão jovem, conhecer tão profundamente o coração dos homens? Entendeu que todos os príncipes aceitarão isso porque cada um deles acreditará ser o único digno de levar Helena para sua casa e para o seu tálamo, e portanto jurará achando que a promessa vinculará todos os demais em prol dele.

– Sou devotado a Atena – respondi –, às vezes ela me deixa perceber a sua presença. Talvez, em alguns casos, um reflexo da sua infinita sabedoria

ilumine o meu coração para que eu possa pronunciar palavras ajuizadas. É, pelo menos, o que eu gosto de pensar.

O rei abraçou-me.

– Esta casa é a sua casa, esta terra é a sua terra. Você é o filho que todo pai gostaria de ter, o marido que desejaria para a própria filha. Fique ao meu lado, meu querido, até tudo se resolver.

– Ficarei, *wánax*, não só porque está pedindo, mas também porque esta noite a deusa me concedeu uma visão: um pássaro aquático de penas verdes e âmbar fez o seu ninho numa oliveira no palácio de Laertes, meu pai.

– As aves aquáticas não fazem seus ninhos nas oliveiras – disse o rei sorrindo.

– Pois é, mas, quando eu conseguir entender o significado do sonho, saberei que agi conforme o desejo da deusa virgem, guerreira, que tudo conhece... Olhos verdes.



Saí do palácio de cabeça cheia e coração pesado, tentando imaginar como os príncipes reagiriam diante de uma decisão daquelas: quando já se vira que a escolha caberia à mulher e não ao homem? Como renunciariam à força das armas para adjudicar a si mesmos a mulher mais linda do mundo? Teria de convencê-los à base de conversa e oferecendo amizade. Não havia outro jeito. Teria de escolher a dedo as palavras, tomando principalmente o maior cuidado para não encontrar Helena: não confiava bastante em mim e também receava sucumbir.

Assim, avaliando pensamentos e palavras, saí do palácio e estava agora me dirigindo ao vale que se descortinava, esplêndido de colheitas movidas pelo vento, ao longo das margens do Eurotas.

Um canto me deteve:

Voe, voe ao longe,
olhe de cima o rio,
olhe de cima o mar
no entardecer do dia,
no ar que sabe a sal,
saudade amarga e fria,
faça-o regressar!

A voz de uma jovem chegava até mim, límpida como a água, suave como uma carícia. De onde? Olhei em volta, mas não vi ninguém. Havia um pequeno muro coberto de jasmims em flor que cercava um pomar de macieiras e oliveiras, podia ver sua folhagem. Era de lá que a voz vinha. Fui andando ao longo do cercado para encontrar um lugar de onde pudesse ver o outro lado. Parei onde alguém tinha tirado umas pedras de forma regular e quadrada, talvez para usá-las nos cantos da sua própria casa, e vi uma jovem que vestia uma roupa leve, presa nos quadris por uma larga tira de pano, quadriculada, de mangas curtas, com um decote que revelava ombros perfeitos. Em cada quadrado aparecia, bordada de cores diferentes, uma marrequinha.

Colhia flores do campo, mas, ao perceber a minha presença, parou e veio ao meio encontro, sem nenhum receio.

– Quem é você? – perguntou ao chegar mais perto. – Pelo seu aspecto, parece ser um príncipe: por acaso está aqui para conquistar Helena? Vários deles já se apresentaram e montaram seu acampamento ao longo do rio... preparam-se para sangrentos desafios.

– Você também parece uma princesa: a sua roupa é preciosa, um trabalho de habilidosas tecelãs e bordadeiras, e o seu canto comoveu o meu coração. Estava porventura pensando em alguém quando entoava aquelas palavras? O meu nome é Odisseu.

– O príncipe de Ítaca. Um nome bastante estranho o seu.

– É o que todos dizem. E talvez não tivesse sido a minha escolha preferida, mas agora não o trocaria por nenhum outro, com ninguém. *Com ninguém?*

– Lutará, Odisseu? Como acha que procederão? As duplas serão escolhidas por sorteio? Desejo-lhe um adversário não excessivamente difícil.

– Era por alguém que você cantava aquelas palavras?

– Por ninguém – respondeu.

– *Por ninguém.* E por que me deseja um adversário não excessivamente difícil? Acha que não poderia enfrentá-lo?

– Porque tem olhos bonitos. Mudam de cor quando sorri.

– Os seus olhos também são bonitos, luminosos. Podemos perder-nos no seu olhar. Mas, afinal, quem é você?

– Sou a filha de Icário, o irmão do rei. E, portanto, sou prima de Helena – disse maliciosamente. – Já a vi nua muitas vezes, quer saber como é?

– O que eu quero saber é o seu nome: não vai dizer?

– Penélope.

– Um nome, também, bastante incomum! É por causa dele que traz tantas marrecas bordadas na roupa?

– Não gosta?

– Gosto, gosto muito. Têm lindas cores. Poderei vê-la de novo?

– Se não se deixar matar primeiro. Já viu o tamanho de Ájax Telamônio? É gigantesco, uma montanha que caminha. E o primo dele, Aquiles? Um raio. É capaz de cortar qualquer homem ao meio antes de o sujeito poder sequer alcançar a sua espada.

– Eu sou mais rápido – respondi. – Já os venci a todos.

Ficou calada, olhando para mim, as flores caíram das suas mãos. Retomei o meu caminho.

– Odisseu! – a voz dela ecoou atrás de mim. Virei-me.

Sorriu para mim. Morena e luminosa.

Cheguei ao acampamento dos hóspedes pretendentes quando o Sol já ia baixando no horizonte, e depois de parar várias vezes na sombra das árvores, na margem do rio. Queria pensar, repetir as palavras em voz alta, dizer tudo

de novo. Somente as cigarras respondiam, e o murmúrio do Eurotas. Decidi, afinal, entrar no acampamento. Primeiro vi a tenda de Aquiles, príncipe de Ftias dos mirmídones, depois a de Ajax de Télamon, príncipe de Salamina, a de Diomedes, príncipe de Argos, vinha logo a seguir, e depois a de Ajax, filho de Oileu, príncipe de Locros, de Idomeneu de Creta, de Menelau, príncipe de Micenas, acompanhado do irmão mais velho Agamêmnon, que não competiria. Já tinha pedido em casamento, e o seu desejo fora atendido, a irmã gêmea de Helena, Clitemnestra, e isto devia certamente significar alguma coisa que, por enquanto, eu não conseguia interpretar. Assim que cheguei, quase perdi as esperanças, percebi que a minha missão seria bem mais difícil do que imaginara: por todo canto via jovens lutando, preparando-se para duelos muito mais duros e cruentos. Mortais.

A certa altura havia um espaço vazio entre as duas fileiras de tendas, onde alguns grandes pedregulhos se amontoavam na margem do rio. Achei que aquele seria o melhor lugar para eu fazer o meu discurso. Também havia guerreiros de Tíndaro rondando por toda a extensão do acampamento, talvez para evitar que os nobres hóspedes se agredissem uns aos outros, provocando desde já rixas e tumultos. Eu ainda não estava pronto, fiquei andando pelo acampamento para ver quem eram os jovens que queriam conquistar Helena. Estariam eles só almejando possuir a mais linda das mulheres ou teriam também outras finalidades? Queria dar-me conta do caráter, da atitude de cada um deles. Só então me sentiria preparado para falar.

Quando vi que o sol já se aproximava do horizonte, chamei um dos arautos que se encontravam no espaço aberto entre as tendas, cada um embaixo das suas insígnias. Eu disse que era Odisseu de Ítaca, que estava falando em nome do rei Tíndaro, e mandei que reunisse os príncipes em assembleia. Olhou para mim e me reconheceu, talvez já me tivesse visto no palácio. Subiu num

pedregulho, o mais alto, e obedeceu. A sua voz trovejante ressoou desde as tendas de Aquiles até as mais distantes, de Protesilau; em seguida um toque de clarim chegou aonde a sua voz não podia alcançar.

Um depois do outro, todos os pretendentes chegaram ao espaço aberto ao longo do rio, e eu também subi num pedregulho para falar.

– Príncipes da Acaia!

A vozearia acalmou-se até tornar-se um vago murmúrio.

– Nobres príncipes, escutem-me! Sou Odisseu, filho de Laertes, rei de Ítaca. Sei por que estão aqui: todos vocês querem Helena, a mais bela da face da Terra. Mas vocês são muitos, e ela é uma só!

– Isso já sabíamos! – gritou uma voz. – Não era preciso nos convocar. – Os demais riram.

– Melhor assim, se já sabiam. Então também devem saber o que acontecerá, não é verdade?

– Por que se dirige a nós, filho de Laertes? Você não almeja a mesma coisa? Ou será que não está interessado em Helena?

Reconheci-o: era Diomedes de Argos. E ele me reconheceu a mim:

– Já vi você!

– Isso mesmo – respondi –, em Argos, no dia em que seu pai foi colocado na pira funerária! E agora você também quer morrer?

Diomedes baixou a cabeça, em silêncio, depois voltou a fitar-me com aquela expressão de desafio:

– E quem disse que vou morrer?

– Quem disse? Aquiles de Ftia, ou talvez Ájax de Salamina, ou Filoctetes ou...

– Ou eu! – disse uma voz que me pareceu conhecida.

– E quem vem a ser este garoto, agora? – perguntou então Diomedes.

– Eumelo de Feras, filho de Admeto – disse a mesma voz.
– Eumelo? O que está fazendo aqui?
– O mesmo que todos – respondeu secamente.
– Você não sabe do que está falando. Não duraria muito tempo. Há anos Diomedes não faz outra coisa a não ser lutar. – Não lhe dei chance de replicar e tampouco a dei aos demais: – O que disse este rapaz cujo rosto só mostra a sombra da primeira barba deixa bem claro a que ponto chegamos. Então, escutem-me, e depois vocês mesmo poderão decidir. Não estou aqui por minha escolha pessoal, a minha presença aqui foi solicitada pelo próprio rei, o *wánax* Tíndaro, senhor de Esparta, pai de Helena.

O confuso rumorejar que estava novamente se avolumando calou-se na mesma hora, e tive oportunidade de deixar correr a vista por aqueles que estavam me ouvindo: Aquiles, mais parecido com um deus que com um homem, estava coberto de bronze como se fosse enfrentar um combate a qualquer momento, com os braços também a reluzir como metal, os músculos a mover-se nervosos e como que animados por uma incontável energia, os cabelos a ondear a cada sopro do vento como a juba de um leão. Ajax de Salamina, gigantesco. Só mesmo Hércules devia ser daquele jeito, Hércules, que eu nunca tinha visto. Menelau, loiro como trigo maduro, mas de pele escura e olhos de âmbar, o segundo da sua dinastia, e que nunca se tornaria rei. Filoctetes, o infalível arqueiro: contavam que tinha herdado o arco de Hércules. Antíloco, filho de Nestor, o meu amigo: não teria chance contra guerreiros tão formidáveis, mas como convencê-lo a voltar para Pilos, que se espalhava no mar? Ajax de Locros, arrogante e seguro de si, ágil e ligeiro como um raio em cada movimento. Idomeneu, senhor de Creta, herdeiro de Minosse, e finalmente Eumelo, mais filho de Alceste do que de Admeto,

praticamente um garoto; estaria ele a fim de resgatar a fraqueza do pai enfrentando um desafio impossível? Eu precisava fazer com que recuperassem o juízo:

– Não caberá a sangrentos duelos definir quem será o vencedor: cada um de vocês que porventura tombasse ou ficasse desfigurado e aleijado pelo resto da vida seria motivo de luto e desgraça insanáveis para a terra e o povo inteiro dos aqueus. Quem tomará a decisão, portanto, será a própria Helena!

Os príncipes entreolharam-se incrédulos. Era a última coisa que podiam esperar, e a pior.

– Não há necessidade de derramamento de sangue: por que não lutar, ou correr com os carros, ou competir arremessando a lança mais longe que os outros? Qualquer coisa é melhor que deixar-se escolher por uma mulher – gritou Diomedes.

– Não mudaria as coisas: nenhum de vocês aceitaria a derrota, e a guerra, as vinganças só seriam adiadas. Não se trata meramente de uma mulher: trata-se de Helena de Esparta, e caberá a ela escolher aquele a quem preferir acompanhar, entre vocês, como marido. Todos os demais jurarão fidelidade a este matrimônio, como se Helena se tivesse casado com cada um de vocês. Jurarão um por um, à medida que forem chamados pelo arauto, ficando em pé, descalços, sobre a pele de um touro gigantesco recém-esfolado e imolado aos deuses do Infero. E alegrem-se: a partir deste momento, e até Helena pronunciar um nome, cada um de vocês poderá sonhar que será o escolhido.

– E você estará entre nós, itacense? – perguntou Ájax de Salamina.

– Não posso ignorar a honra que o rei e a rainha de Esparta me dão, e, portanto, eu também deitarei aos pés de Helena os presentes de núpcias e jurarei junto com vocês, mas não serei certamente o escolhido: príncipe de pequenas ilhas pobres e rochosas, e sem ter o aspecto imponente que vocês

têm, acredito que não terei a menor chance. O rei e a rainha, com a sua esplêndida filha, estarão à sua espera amanhã no pátio do palácio, depois do pôr do sol.

Por um momento, de pé entre Antíloco e Aquiles, vi o meu conselheiro Mentor, que me fitava com um sorriso enigmático nos lábios. Eu ia chamá-lo, mas ele já se dissolvera no ar. Atena!

A visão me fez estremecer, mas também senti uma profunda felicidade no coração: tinha certeza de ter vencido, de ter conseguido evitar o pior.

Voltei ao palácio pensando em Penélope. Andei por salas e corredores com a esperança de vê-la, mas sabia que era impossível: uma flor tão preciosa devia estar guardada nos aposentos das mulheres, pois o Sol já se pusera atrás dos desfiladeiros do Taígeto. Encaminhei-me de volta para sair no grande quintal onde os criados preparavam as bebidas e a comida do jantar. De repente alguma coisa caiu aos meus pés, e me dobrei para apanhá-la: um pequeno seixo de arenito vermelho. Levantei os olhos e a vi, debruçada na sacada de uma janela. Será que o seu sorriso estava realmente velado de tristeza ou era apenas impressão minha? Fiz sinal para ela descer. Ela apontou para a parede meridional do palácio e desapareceu.

Olhei em volta para ter certeza de que ninguém tinha reparado em coisa alguma, depois dobrei a esquina e procurei um lugar apropriado para um encontro tão inesperado e secreto. Um grupo de azinheiras e carvalhos criava um pequeno espaço tranquilo e afastado: o local, provavelmente, que ela tencionara indicar.

Meti-me entre as árvores e, dali a pouco, vi-a sair por uma portinhola e chamar o meu nome baixinho. Assim que me identificou entre as sombras, alcançou-me com ágeis passadas e ficou diante de mim.

– Um presente bastante estranho, o seu, e na verdade não sei se poderei retribuir. Bem que teria gostado de lhe trazer uma flor!

– Por que fala assim? Você tem fama de ser habilidoso com as palavras, dizem que consegue facilmente fazer com que as pessoas acreditem naquilo que não existe. – Os olhos dela brilhavam na penumbra.

– Não entendo o que quer dizer. As minhas palavras eram sinceras e vinham do fundo do coração.

– É mesmo? Então ouça esta história: faz pouco ouvi Helena falar com sua ama de leite. Dizia:

“Babá, tive um sonho, esta noite, um sonho que acredito ser verdadeiro.”

“O que sonhou, criança, minha menina?”, perguntou a babá.

“Sonhei que estava com o príncipe de Ítaca, Odisseu, numa sala de banho revestida de pedra rara, de reflexos esverdeados, com vasos de alabastro cheios de perfumes orientais. Estávamos nos portando como... marido e mulher.”

“O que quer dizer, exatamente, com isso?”, perguntou a criada, mas Helena ciciou alguma coisa a seu ouvido que eu não pude ouvir. Depois acrescentou: ‘Acha que se trata de um sinal verdadeiro?’

“Só depende de você, minha criança”, respondeu a babá, ‘só você pode fazer com que se torne verdade.’

“Mas não acha que os deuses me enviaram um sinal para ajudar-me na escolha?”

“Ninguém pode dizer com certeza, mas, se esse é o seu desejo, então é o seu próprio coração que lhe envia esses sonhos.”

Depois destas palavras, enquanto eu ainda a fitava, atônito, ela parou e caiu em pranto. Procurei puxá-la para junto a mim, mas ela repeliu-me como se eu fosse um traidor.

– Se Helena falou daquele jeito, quer dizer que já fez a sua escolha e que você já respondeu. Conheço-a muito bem, até bem demais. Sempre consegue o que quer.

Não tive tempo de dizer uma palavra sequer. Ela já tinha desaparecido, chorando.

Na tarde seguinte, quando o sol se punha, tudo estava pronto no palácio. Os sacerdotes puxaram o grande touro até o meio do pátio enquanto os jovens heróis entravam um depois do outro, usando os seus trajes mais lindos e as mais resplandcentes armaduras. Eu também me juntei a eles vestindo as minhas melhores roupas e as armas que o meu pai me dera para o dia do eventual combate. Todos seguravam o elmo embaixo do braço, pois os rostos deviam ser visíveis.

O rei e a rainha, com seu séquito de dignitários e guerreiros, saíram da porta principal, acompanhados pela filha coberta por um véu que chegava até o chão. Logo atrás vinham o irmão do rei, Icário, com a esposa. Fechando o cortejo, apareceram a princesa Clitemnestra com o esposo Agamêmnon, o filho mais velho de Atreu, o rei de Micenas.

Com um golpe seco de machado, o touro desmoronou no chão inundando o piso em volta de uma grande mancha de sangue. Em seguida, com o corpo ainda quente, foi imediatamente esfolado. Os cascos, as entranhas e a cabeça foram colocados no altar e queimados como sacrifício aos deuses. O corpo foi cortado em pedaços e levado para o faustoso banquete que se seguiria. A pele foi deitada no chão com a parte de dentro, ainda sangrenta, para cima. A babá revelou então o esplendor de Helena. Deixou cair o fino pano azul que a encobria, suscitando o pasmo de todos os presentes. Mais que de uma mortal,

estávamos diante de uma deusa, de beleza pura e perfeita como uma rosa de ouro, reluzente como um raio, diáfana como o luar.

Um depois do outro, pisando descalços a pele do touro, todos nós fizemos o mesmo juramento. Primeiro Aquiles:

Eu, Aquiles, filho de Peleu, senhor de Ftia dos mirmídones, para cá vim com os presentes de núpcias para Helena de Esparta e juro, ainda que ela escolha outro dos príncipes aqui reunidos, que defenderei a sua honra e a sua pessoa como se ela fosse a minha esposa.

Após pronunciar a jura, cada um de nós fazia um sinal ao próprio escudeiro para que deixasse aos pés de Helena os presentes de bodas. Em seguida ia então juntar-se, no meio do pátio, aos que já tinham feito o juramento. Acabei ficando à direita de Menelau e à esquerda de Diomedes. No fim, aos pés de Helena, havia-se amontoado um tesouro, mas só os presentes do homem com quem se casaria seriam guardados. Os outros seriam devolvidos. Depois de todos jurarem, chegou a hora, e no peito de cada príncipe, incluído o meu, o coração batia descontroladamente como no momento que antecede a uma terrível batalha, à luta feroz que pode levar à vitória ou à morte.

Helena mexeu-se e, ao descer um depois do outro os degraus, parecia mais temível que uma pantera. Dirigiu-se ao primeiro e mais resplandecente dos heróis perfilados: Aquiles. Todos pensaram que pararia ali mesmo, mas só se deteve por um curto instante, e para acenar com um leve sorriso. Aquiles mordeu o lábio inferior. Passou por Filoctetes, o infalível arqueiro, por Eumelo, cuja mãe voltara viva do limiar do mundo das sombras, por Protesilau, senhor dos trácios indomáveis, por Antíloco, o mais valoroso dos

filhos de Nestor, por Menesteu de Atenas. Deixou para trás Ajax de Locros, de olhar impassível, e Diomedes, o mais ativo e luminoso depois de Aquiles.

Vi-a diante de mim, o príncipe de uma pequena ilha rochosa, terra de cabras, portador de um presente bem modesto quando comparado com os tesouros dos outros. Ia certamente seguir em frente...

Parou.

Aproximou-se procurando o meu olhar, em busca de uma resposta. Revi-a mais moça, falando comigo perto do recinto dos fogosos cavalos. Entendi. Respondi que não com o olhar, mal chegando a sacudir a cabeça, só ela pôde ver. Lágrimas brilharam em seus olhos assim que o compreendeu. Acabou dando mais um passo à direita, quase imperceptível, e escolheu o primeiro que encontrou: Menelau cor de bronze, de cabelos vermelhos como cobre.

Todos explodiram num grande grito, de felicidade, de fúria, de delírio. A terrível prova chegara ao fim e nada tinha acontecido. Helena tinha um esposo, um príncipe sem reino. E o palácio já fervilhava para a grande festa de núpcias. Naquela noite, o átrida Menelau possuiria no tálamo a mulher mais linda do mundo. Ninguém se importava comigo, e aproveitei para sair de perto. Corri pelo pátio e depois pelo corredor até o jardim de trás. Não precisei procurar muito tempo. Penélope corria ao meu encontro com o belo rosto cheio de lágrimas e de alegria. Abraçou-me com transporte e *não queria mais soltar do meu pescoço os cândidos braços.*

– Leve-me com você – disse –, agora mesmo, Odisseu. É o homem que quero e que para sempre vou querer por toda a minha vida.

– Corra – gritei –, corra o mais rápido que puder, venha comigo! – E assim chegamos, ofegantes, aos estábulos. Atrelei os cavalos ao carro, mandei que ela

subisse comigo e fustiguei os bonitos corcéis de Nestor com as rédeas para que saíssem em disparada sem mais demora.

Mas logo ouvimos um brado mais alto que o barulho do galope:

– Pare, pare, minha filha! – e logo a seguir o pai dela, Icário, surgiu no meio do caminho. Talvez tivesse tido um presságio, talvez algum deus a mim hostil o tivesse avisado, e agora estava impedindo a minha passagem. Tive de puxar as rédeas com força para deter os animais e não atropelar o irmão de Tíndaro com o carro.

– Desça daí – disse a Penélope. – Não é esse o esposo que sua mãe e eu escolhemos para você. Queremos um rei poderoso, senhor de uma terra ampla e fértil, que tenha sob o seu comando numerosas formações de bem armados guerreiros. O filho de Laertes só reinará sobre pequenas ilhas do mar ocidental, íngremes e estéreis, e levará uma vida de saqueador, como o pai e o avô. Para sobreviver, terá de despertar muito ódio, como o seu próprio nome indica. Volte comigo, minha filha, enquanto tiver tempo, eu lhe peço!

Sentia-me humilhado por aquelas ofensas e tive vontade de enfrentá-lo de espada na mão, mas era o pai da mulher que eu amava e reprimi a ira no fundo do coração. E também senti pena. Ele estava chorando porque ia perder a filha que adorava. Mas Penélope foi irredutível. Cobriu a cabeça e o rosto com o véu que trazia nos ombros, como uma noiva já prometida que, com passo solene, se aproxima do esposo no dia das bodas, e ignorou as súplicas do pai. Voltei então a incitar os cavalos empurrando-os fora da estrada para deixar Icário para trás. Com inesperada energia, no entanto, ele segurou-se na borda e tentou saltar para o carro. Continuou agarrado por algum tempo, mas afinal não aguentou o esforço e acabou soltando a presa. Continuamos a ouvir os gritos com que chamava a filha até se perderem ao longe.



Detive os corcéis ao abrigo de um muro meio desmoronado, uma vez que seguir adiante seria muito arriscado. O céu nublado escondia a Lua, e Penélope estava comigo. De qualquer maneira, não gostava nem um pouco de sair de Esparta daquele jeito, como um ladrão. Sim, claro, talvez eu tivesse evitado que os pretendentes de Helena se enfrentassem numa série de sangrentos duelos, mas agora estava levando comigo, contra a vontade do pai, uma princesa de sangue real, e abandonando os homens do meu séquito numa situação totalmente insustentável. O próprio Nestor, que me ajudara, poderia sair prejudicado pelo meu comportamento. A minha missão, que começara de forma tão promissora, parecia destinada a um desfecho extremamente infeliz. Mesmo assim, naquele momento, a coisa para mim mais importante era estar sozinho com a jovem que amara e desejara desde o primeiro instante em que a vira.

Tanto eu como ela ansiávamos pelos prazeres do amor, ali mesmo e naquela mesma hora, levados pela juventude e pelos nossos sentimentos. Percebia o seu perfume, o da sua pele de jovem morena, que delicados aromas da Arábia tornavam ainda mais precioso. Na escuridão, procurava os seus olhos, e ela os meus. Os beijos tão sonhados não podiam saciar a nossa paixão e o nosso desejo e, aliás, incendiavam-nos como quando o vento sopra nas chamas que devoram o bosque, mas eu refreei o meu coração que a queria ardorosamente e, apertando-a a mim, disse:

– Penélope, não há criatura no mundo que eu poderia desejar mais que você, pois não amo somente a sua beleza, amo tudo o que a torna suave e doce, altiva e luminosa. Os deuses, certamente, a fizeram para mim porque, agora que a encontrei, nenhuma outra eu poderia desejar, nenhuma outra poderia querer como esposa, nunca.

– Eu sei – respondeu afagando-me. – Recusou Helena. Ninguém percebeu, mas eu reparei. Mais ninguém, no mundo, teria sido capaz de fazer uma coisa como essa. Cobri a cabeça e o rosto para fazê-lo entender que só quero estar ao seu lado, que não desejo outra coisa.

– E por isso mesmo não podemos fugir, precisamos voltar. Falarei com o rei Tíndaro e pedirei que interceda com o irmão para que não nos amaldiçoe e aceite que você seja a minha esposa. Sei que me ouvirá. Não quero ter o prazer do seu amor neste lugar esqualido e escuro. Quero levá-la a um lugar tão amável e aconchegante quanto o ninho de uma rolinha na primavera. Um lugar digno de você, digno do meu amor e da minha alegria. Então vamos, vamos voltar.

Dei-lhe a mão, e ela subiu ao meu lado. Então virei o carro na direção de Esparta e estimulei os cavalos, que seguiram adiante a passo. Conseguíamos divisar a estrada branca, no nosso lento progresso, e as nuvens deixavam transparecer uma vaga claridade. Subimos pela encosta de uma colina, mas assim que alcançamos o topo nos vimos diante de um espetáculo que nos deixou boquiabertos e sem fôlego: trinta carros de guerra, formando um leque, avançavam contra nós, dúzias de archotes presos às pontas das lanças dos guerreiros iluminavam o terreno em volta. Parei, e eles também se detiveram. Por alguns instantes o tempo pareceu parar, num silêncio tão oprimente quanto o céu que nos dominava. Ouviam-se somente o frigir das tochas e o

bufar dos cavalos. Então um dos carros, o com as insígnias reais, avançou até ficar diante do nosso. O rei de Esparta disse:

– Para onde está indo, a esta hora tão tardia, príncipe de Ítaca, após desertar as núpcias da minha filha? E quem é essa jovem despudorada a ponto de fugir com você, de noite e às escondidas?

Segurei a mão de Penélope, desmontamos do carro e nos aproximamos do coche real.

– Não estamos fugindo, *wánax*, e nenhuma ofensa foi feita à sua sobrinha, a princesa Penélope, apesar de nenhum mortal poder resistir ao amor, que é um deus. Ele nos arrebatou e nos levou a fugir, mas depois achamos que não podíamos deixar a sua casa desta forma e estávamos voltando para pedir-lhe perdão. E também pedir...

– O quê? – perguntou o rei.

– Que você interceda com o seu irmão Icário a fim de ele aceitar que a sua filha se torne a minha esposa. O rei meu pai enviará uma grande quantidade de presentes dignos da sua casa e receberá Penélope com todas as honras, e amá-la-á como a uma filha. Eu lhe suplico, *wánax*.

Tíndaro pareceu ouvir com indulgência as minhas palavras:

– Encontrei-o quando já estava voltando, Odisseu, e portanto acreditarei naquilo que me diz. E não posso esquecer que a sua ação foi preciosa. Helena, agora, tem um esposo, e todos os príncipes da Acaia estão vinculados por um juramento. Apesar de você ter ofendido a minha casa com o rapto da minha sobrinha...

– Ele não me raptou! – exclamou Penélope. – Eu mesma decidi ir, e, ainda que quisessem prender-me aqui, acabaria fugindo para juntar-me a ele, pois é o homem da minha vida.

Tíndaro não respondeu, mas disse novamente a mim:

– Não creio que, por enquanto, o meu irmão esteja disposto a ouvi-lo e a deixar que a filha se torne a sua esposa. Mas procurarei encontrar-me secretamente com a esposa dele, Policaste. Ela mesma vai se encarregar de falar com o marido. Quanto a Icário, vou dizer-lhe que o rei Laertes virá pedir a mão de Penélope para o filho.

Beijei a mão do rei em sinal de agradecimento, e Penélope fez o mesmo, para em seguida retomarmos o caminho para Esparta, escoltados pelo grupo de carros de guerra que acompanhavam o monarca.

Chegamos no meio da noite, e fui levado a uma ala do palácio pouco frequentada. Penélope, velada e protegida pela escuridão, foi levada aos aposentos da rainha.

Eu estava cansado, mas não conseguia dormir: passara com Penélope um tempo muito breve, mas mesmo assim ficar longe dela era para mim motivo de preocupação e de profunda aflição. Sentia que, se porventura a perdesse, a minha vida nunca mais poderia ser a mesma, lastimaria a sua perda para sempre. Levantei-me e saí para dar um passeio no olival que margeava aquela parte do palácio. Não sei quanto tempo se passara quando vi que a Lua quase cheia brilhava no céu, iluminando, além das minhas, várias outras pegadas no chão. Uma sombra apareceu ao meu lado e uma voz ressoou perto dos meus ouvidos:

– Por que não me quis?

Na luz incerta do luar, Helena era de uma beleza que chegava a doer. Era uma espada que penetrava fundo na carne. Somente uma deusa poderia ser como ela me aparecia naquele momento. A forma sublime do seu corpo se desenhava sob a veste leve que escolhera para a noite. A noite das suas

núpcias. Os cabelos desciam acariciando os ombros e o peito, como delicada moldura do rosto perfeito, um dourado reflexo que reluzia em seus olhos.

– Nenhum homem poderia resistir à sua beleza e à luz do seu olhar. Eu tremia diante do seu esplendor...

– Você me feriu, príncipe de Ítaca, e agora não responde à minha pergunta. Por que não me quis?

– Estava pensando em Penélope, a sua prima, e agora tenho certeza de que a amo. Ela foi feita para mim, e eu para ela. Você sentir-se-ia infeliz na minha ilha pobre e pequena, e acabaria me desprezando. Aos meus olhos, você era de ouro e longínqua como a Lua, longínqua demais para que eu pudesse pensar em tê-la. Não sou grande nem poderoso. Nenhum dos magníficos heróis que a desejavam aceitaria a ideia de eu ser o escolhido. Você seria amaldiçoada, e eu, humilhado...

– Não fale mais – respondeu –, mas fique sabendo que me magoou. É uma mulher como eu, quando está magoada, torna-se mais temível que um exército.

De repente senti que as forças estavam me abandonando, que a minha vista se tornava turva, e percebi que precisava sair dali:

– Desposou um jovem bonito e forte que a tornará feliz. Este é o meu desejo. Adeus, Helena.

Dirigi-me para o meu quarto, mas a voz dela voltou a deter-me. Chegou perto, tão perto, que o seu perfume fez estremecer o meu coração:

– Pode ter certeza de que nos veremos de novo, você e eu, num lugar muito lindo, juntos e sozinhos como marido e mulher. Tive um sonho. Não sei como nem quando, mas acontecerá. – Desapareceu na claridade do luar, entre as sombras das oliveiras.

Na manhã seguinte retomei viagem, com a minha escolta, rumo a Pilos. Tíndaro me disse ter falado com a mãe de Penélope e que me mandaria uma mensagem assim que a situação mudasse. Agradei-lhe mais uma vez o fato de ter acreditado em mim e de ter intercedido em nosso favor. Pedi a Euríloco que nos antecedesse, viajando o mais rápido possível, a fim de avisar os meus pais de que eu estava voltando com a minha namorada. Estava feliz com a ideia de o meu pai e a minha mãe a conhecerem, mas por três dias a lembrança da aparição noturna de Helena e das suas palavras amargas me deixou cheio de aflição. Ao chegarmos ao palácio de Nestor, despedi-me dele mostrando toda a minha gratidão por ter sido, para mim, um verdadeiro pai, e, no dia seguinte, partimos num dos seus navios. Mas ele, o cavaleiro gerênio como todos o chamavam, enviou mais dez para nos escoltar, levando cem guerreiros resplandecentes para que não corrêssemos risco algum. O meu navio havia ficado com Euríloco, que já estava a caminho de casa.

Navegando num mar tranquilo, com vento favorável, eu estava feliz porque tinha sido forçado a tomar várias decisões e todas haviam sido corretas. Às vezes Penélope percebia que a minha mente estava longe, ou ausente, e dizia:

– Em que está pensando? – E parecia ler meu coração.

– Penso em nós, na vida que levaremos juntos, nos filhos que teremos, no dia em que seremos o rei e a rainha de Ítaca e das ilhas ocidentais. O meu pai será o meu conselheiro, e a sua esposa, Anticleia, será para você uma segunda mãe.

– Tem certeza absoluta de que não lastima ter repellido Helena? Nunca esquecerei aquele instante. O mundo inteiro parara. Até os deuses estavam olhando, lá de cima, para ver quem seria o escolhido.

– Eu não a repeli, o meu olhar só a fez entender que nunca seríamos felizes juntos. Estou contente, agora, porque o que podia transformar-se num choque sangrento e provocar a morte de muitos dos mais bonitos e valorosos príncipes da Acaia se resolveu sem necessidade de violência. Os filhos dos argonautas estão agora em paz entre si, assim como estiveram e ainda estão seus pais.

– Está vendo paz, Odisseu? Que os deuses o escutem. Sabe quem são, de verdade, Agamêmnon e Menelau? Sabe quem era o pai deles, Atreu? Sabe o que fez com a mulher que o traíra com o irmão Tiestes e o que fez com ele quando descobriu? Convidou-o a um banquete, fingindo que queria reconciliar-se, e...

– Não quero ouvir nada disso! – gritei. – E, mesmo que fosse verdade, não estou interessado: Atreu não era um argonauta.

Na tarde do terceiro dia, lançamos âncora no porto grande e pudemos ver imediatamente que Euríloco já havia chegado fazia um bom tempo: trinta navios, quinze à esquerda e outros quinze à direita, surgiram de trás dos promontórios e juntaram-se aos que já nos escoltavam. Os remos mergulhavam nas ondas espumosas com ritmo perfeito. Nos mastros flutuavam as bandeiras das famílias mais poderosas do reino, nas amuradas estavam pendurados escudos polidos como espelhos, que refletiam os últimos clarões avermelhados do dia. Depois, quando todas as vias da terra e do mar se obscureceram, centenas de tochas inflamaram-se na proa e nos flancos de cada navio de forma que o golfo parecia sulcado por embarcações de fogo; os fogos também incendiavam o mar, e, à medida que nos aproximávamos da terra, um som extremamente suave começava a ser ouvido, enquanto aparecia um coral de jovens vestidas de branco e coroadas de flores. Entoavam o canto nupcial,

cantavam a graça e a beleza da noiva e o vigor do esposo que a carregaria nos braços até a sua casa. No meio, cercado pela sua guarda, o rei meu pai vestia a armadura com que tinha lutado na Cólquida, a couraça esculpida em altos-relevos e as perfeitas caneleiras. Do lado esquerdo, a espada invicta estava presa a um boldrié com adornos de prata e de fulvo cobre. Em cima dos ombros usava a capa azul que também vestia da primeira vez em que o vira descer do seu navio. À sua esquerda, a rainha minha mãe usava uma veste que eu nunca tinha visto: amarela com tiras vermelhas de púrpura, enquanto um véu cobria seus cabelos presos com uma fivela de âmbar e de ouro delicadamente trabalhado.

Os meus olhos ficaram úmidos de pranto.

– Está vendo? – disse eu a Penélope. – Reparou em como os meus pais estão lhe prestando homenagem?

Os marujos encostaram a passarela ao embarcadouro de estacas e tábuas de carvalho, e nós, Penélope e eu, descemos do navio. Curvei-me diante do meu pai e o cumprimentei beijando-lhe a mão, depois dobrei os joelhos diante da minha mãe e também beijei a sua mão. Eu disse:

– Pai e mãe, queiram por favor acolher com afeição e benevolência a minha noiva, Penélope, filha do nobre Icário de Esparta, e queiram abençoá-la para que possa alegrar com filhos a nossa casa.

– Minha filha – disse o meu pai.

– Minha criança – disse a minha mãe abraçando-a e beijando-a nos olhos e nas faces. – Seja bem-vinda. Terá todo o nosso amor.

– Terá todo o nosso amor – repetiu o meu pai.

Atrás deles, vi a minha boa babá Euricleia chorar comovida e não parar de enxugar os olhos com um lenço.

Nas embarcações, após o grito do arauto, os marujos levantaram os remos da água, ergueram-nos com as pás para cima e bateram ritmicamente com as empunhaduras nos bancos de voga fazendo ressoar a cavidade dos cascos com um surdo estrondo, como quando o trovão desce rumorejando para o mar das encostas das montanhas.

Subimos no carro puxado por cândidos bois e centenas de soldados, segurando tochas acesas, escoltaram-nos até o palácio já iluminado nas paredes externas e nas janelas.

Uma linda festa esperava por nós, todos os nobres do reino haviam sido convidados, a grande sala estava enfeitada com flores e grinaldas de pinheiro, murta e zimbro. Carnes de todos os tipos assavam nos espetos, as partes mais saborosas e macias. As cestas estavam cheias de pães quentinhos recém-saídos do forno. E até havia dançarinas e músicos que vinham do continente.

Os olhares de todos eram para Penélope. Mas ela só via a mim, e eu a ela.

Na manhã seguinte o meu pai levou-me à ala do palácio que dava para oriente e disse:

– Aqui poderá construir o seu tálamo. Eu mesmo teria feito isto, mas não podia prever que você voltaria com uma noiva. Uma verdadeira flor, devo admitir. Veja, lá vem ela. Madrugadora. Ainda não nos viu.

– Fico-lhe grato, meu pai. Pode deixar comigo. Só preciso da ajuda de alguns dos seus serviçais, e, num piscar de olhos, a obra estará concluída. Antes de tudo, uns lenhadores com seus machados para cortar aquela oliveira, que ocupa espaço demais.

Os criados chegaram logo, e dois robustos lenhadores levantaram seus machados, mas Penélope, que se dera conta da nossa presença, gritou:

– Detenha-os, eu lhe peço!

Um clarão! “Sonhei que um pássaro marinho pousava no ninho em cima de uma oliveira da minha casa.”

Levantei a mão para deter os machados, e Penélope chegou-se a mim:

– É uma oliveira tão linda. Não a destrua, por favor. Faça-o por mim.

– É o que farei, por você e para cumprir um destino que me foi revelado em sonho, mas que nem você nem eu conhecemos ainda. – Virei-me para o meu pai: – Sabe, *papai*, quando a vi pela primeira vez, ela estava num jardim de macieiras e oliveiras, e colhia flores.

* * *

Nos dias seguintes marquei com farinha branca o contorno dos muros e mandei buscar pedras por cortar nas medidas certas por bons pedreiros. Enquanto isso, outros homens cavavam as fundações com as picaretas. Em volta da oliveira que Penélope tão amava, foram rapidamente surgindo os muros, firmes e a prumo, com grandes pedras de sustentação nos cantos. Deixamos do lado de dentro o espaço certo para colocar as vigas que, enquanto isso, outros valentes artesãos iam aplainando e lixando. E também deixei grandes aberturas para as janelas. Na primavera e no verão a luz teria de entrar à vontade, iluminando todo canto; só no inverno fecharia as ombreiras para manter lá fora o sopro gelado de Bóreas. Dali por diante quis ficar sozinho. Mandei embora a todos, pois não queria que ninguém visse o que eu estava fazendo.

Enfiei nos devidos espaços as vigas e fixei nelas as tábuas com pregos de bronze. Arrumei-as com cuidado para que o tronco da oliveira pudesse atravessá-las e deixei mais uma abertura para a escada. Chegou então o grande momento. Cortei os galhos principais com o serrote e os pudei com o

tesourão, só deixando a ramagem mais fina. Depois disso, com um cinzel, abri nos galhos cortados, que àquela altura lembravam uma mão aberta, os buracos em que encaixaria os pés da cama nupcial. Prendi-os com cunhas de madeira fincadas à força com o martelo nos furos que fizera com a broca. Por cima dos pés, e em toda a volta, preguei uma armação formada por quatro sólidas tábuas de carvalho à qual prendi uma rede de tiras de couro de boi, esticadas ao máximo para suportar o peso. Coloquei então o colchão preparado pelas criadas da casa, de lã cardada e trespessada dentro de um sólido mas fino envoltório de linho. Finalmente, estiquei cobertores de lã tecidos e branqueados com cinzas e, por cima de tudo, a colcha e os travesseiros de púrpura que haviam sido parte do enxoval da minha mãe quando chegara, jovem esposa, à casa de Laertes.

As bodas foram celebradas logo a seguir diante do sacerdote de Hera, protetora do lar e da família. Levantei nos braços a minha esposa e a conduzi para dentro da minha casa. Então, com a chegada da noite, as criadas acenderam os archotes, prepararam-na e acompanharam-na até o limiar do tálamo. Depois que ela entrou, as jovens foram embora.

Ouvi o seu grito de alegria e maravilha, e o meu coração também se encheu de uma felicidade que nunca experimentara. Esperei sozinho, no escuro, levantei os olhos, para a abertura acima da escada de onde só transparecia a vaga luz rosada de uma lanterna. As batidas do meu coração quase me sufocavam, e tive de esperar um pouco, até a respiração se acalmar, antes de subir ao tálamo perfumado onde a mulher que eu amava me aguardava.

Jazia, sorrindo, sobre a colcha de púrpura, os cabelos negros e reluzentes esparramados no travesseiro, o corpo divino só velado por um leve tecido que se movia na brisa da noite. Em volta, pequenos ramalhetes de oliveira serviam-lhe de coroa; o verde quase metálico das folhas sobressaía sobre o

vermelho vivo da púrpura. Os olhos de Penélope brilhavam ardentes na escuridão.

– Construiu, para mim, um ninho entre os galhos de uma árvore. Ninguém no mundo pensaria numa coisa dessas. Mesmo que fosse só por isto, amá-lo-ia para sempre – murmurou.

– Um pássaro marinho pousou numa oliveira na casa de Laertes. Os deuses reservaram-na como presente para mim, meu amor.

Abriu os braços, e eu levantei o véu muito fino para contemplar a minha esposa, para acariciá-la, enquanto ela fechava os olhos entregando-se ao desejo de amor.

Nunca, na minha vida, fui tão feliz, nunca o meu coração bateu com tanta força, nunca mulher mortal ou deusa me deu tanto prazer como a minha esposa, naquela noite, delicada e suave, ardente. A alvorada nos encontrou ainda abraçados. Escureci o tálamo, e o sono desceu sobre as nossas pálpebras. O perfume dela encheu os meus sonhos.

Ouvi a sua voz sussurrar:

– Os deuses nos invejarão por causa disso. Não vão poder entender os imortais quão intenso e abrasador foi o nosso delírio, meu esplêndido Odisseu, príncipe de Ítaca, meu esposo.



Levantei-me, de qualquer maneira, antes que o Sol ficasse muito alto sobre o horizonte, para evitar que os serviçais e as criadas, mas também a babá e os meus próprios pais, tivessem motivo de fantasiar demais acerca do que acontecera naquela noite.

Encontrei o meu pai trabalhando na horta, como às vezes gostava de fazer. Endireitou-se, enxugou o suor e veio ao meu encontro.

– Você trouxe para esta casa uma esposa impecável, uma jovem respeitosa e recatada, nem um pouco soberba apesar de ser a sobrinha de Tíndaro e Leda, soberanos de Esparta. E estou orgulhoso de você, meu filho. A notícia já se espalhou e chegou aos ouvidos de... pois é, os homens de Nestor já sabiam. O que você fez foi um prodígio, restaurou a unidade e a concórdia entre os filhos dos argonautas antes que estourasse uma briga de consequências desastrosas.

– Pai, eu...

– Sabe o que isto significa para mim? Significa que muito em breve poderei retirar-me para a minha casinha no campo para plantar videiras e podar oliveiras, porque você reinará em meu lugar com sabedoria superior à minha.

– Não, pai – respondi –, continuará singrando os mares e se sentará no trono de Ítaca enquanto estiver vivo. Ainda preciso aprender muitas coisas antes de tomar o seu lugar.

– Não se preocupe, eu sempre estarei com você se precisar dos meus conselhos. E posso dizer o mesmo da sua mãe. Veja, Euricleia está chegando com o seu desjejum, particularmente abundante ao que parece.

Os nossos corações riram, de uma alegria sem sombras. Um dia luminoso resplandecia sobre a nossa ilha, perfume no ar, os meus pais e a minha esposa me amavam, e eu os amava, e todas as pessoas que me cercavam estavam prazerosamente entregues aos seus afazeres...

– Ainda lhe falta alguma coisa, não é? – disse de repente o meu pai. Parecia ter lido os meus pensamentos.

– O quê, pai, o que ainda me falta?

– Não sei. Mas o seu avô certamente sabe. E, com efeito, mandou dizer que espera por você, para entregar-lhe o seu presente de núpcias.

– Vovô... Partirei com a lua nova, daqui a cinco dias.

– Amanhã, meu filho, aquele velho birrento não gosta de esperar.

– Amanhã?

Anuiu.

Ao saber da coisa, Penélope ficou surpresa, talvez até contrariada, mas nada disse e veio despedir-se no porto quando levantei âncora com os mesmos companheiros que me haviam levado a Pilos, a cidade de Nestor:

– Pensarei em você o tempo todo – sussurrou ao meu ouvido. E acrescentou, sorrindo: – Ora coisas boas, ora coisas más. – Eu também sorri e a beijei.

Durante a travessia, eu e os companheiros falamos longamente acerca do que acontecera em Esparta, e eles fizeram muitas perguntas a respeito dos outros príncipes e da beleza de Helena. Queriam saber se Ajax de Salamina era realmente tão enorme e se Aquiles de Ftia, o filho de Peleu, era de fato invencível.

– Nenhum homem é invencível – respondi –, mas por enquanto não parece haver alguém capaz de vencê-lo.

Não mencionaram a esposa que eu tinha trazido de Esparta, e evitaram qualquer pergunta. Por respeito. Já me tratavam como a um rei, e, se por um lado a coisa me dava satisfação, por outro me deixava desgostoso.

Ajudados pelo vento de poente, firme e constante, chegamos ao porto naquela mesma tarde. Os tios estavam esperando por mim com alguns serviçais que ofereceram farta comida aos companheiros no navio. Mal chegamos a nos cumprimentar. O tempo que se passara não os havia tornado certamente menos taciturnos. Pulei para o carro, e partimos para a fortaleza de Autólico. O sol ia se pondo atrás de nós, no mar. Por uns momentos tudo ficou vermelho, e eu me senti um tanto perturbado. Havia algo no ar e no céu, na terra e nos rochedos, algo que me dominava e que eu não conseguia compreender. A sensação perdurou até eu ficar diante do senhor da fortaleza de Acarnânia: Autólico. Veio ao meu encontro sorrindo. De dentro do palácio chegava o aroma de carnes assadas e de pão quente. Abraçou-me, e tudo desapareceu. Eu estava com o meu avô.

– Vô – disse –, cá estamos mais uma vez juntos!

– Parece ontem que fomos caçar os javalis, e você ainda era um garoto. E eis você aqui, agora, um homem maduro, casado com uma princesa de uma das dinastias mais fortes de toda a Acaia. Sei como se portou em Esparta, e sinto orgulho de você. Mas não quer ver o seu presente, meu garoto?

– Claro – respondi –, não é por isso mesmo que eu vim?

Autólico riu, segurou-me pelo braço e levou-me à estrebaria onde guardava os cavalos.

– Aqui está: chama-se Argo, tem três meses e é seu. – Um cachorrinho de pelo ruivo, com uma mancha clara entre os olhos. – Vai ser um grande

caçador, assim como o pai e a mãe. É uma raça muito robusta e longeva, originária da Trácia. Vamos lá, pegue-o, precisam fazer amizade.

Segurei-o nos braços, e foi amor na mesma hora entre os dois. Abanava o rabo e me lambia como se já nos conhecêssemos havia muito.

– Obrigado, *vô*, é um lindo presente. Gostei muito, e ele gostou de mim, está vendo?

– Quanto tempo tenciona ficar? – perguntou ele.

– Pouco. Só faz dois dias que me casei.

– Entendo, mas fiquei muito contente de revê-lo.

– Eu também, *vô* – respondi.

Ficou em silêncio por alguns momentos e depois me levou de volta ao palácio.

– Agora vamos jantar e ficar contentes. Sabe como é... acho que será a nossa última oportunidade de ficarmos juntos.

– Por que, *vovô*? Você está forte como um touro e não tem receio de ninguém.

– Não estou falando de mim, garoto, estou falando de você.

Não sabia o que dizer e, de repente, senti um arrepio de medo, daquele medo que costumam comparar com uma lâmina de gelo, do qual a gente não consegue se defender. A felicidade dos dias anteriores desaparecera num piscar de olhos. O velho lobo falara com um tom firme e tranquilo. Eu precisava responder da mesma forma:

– Sei muito bem que se pode morrer jovem, antes dos pais e até dos avós. Estou preparado.

– Não, não é isso. Acho, simplesmente, que não poderá visitar-me de novo, antes que eu morra. Eu sinto. E, por isso, encontrará no seu navio uma arca

com o seu verdadeiro presente de núpcias. Não conte a ninguém que eu lhe dei, não a abra antes de estar sozinho, na sua casa, e não deixe os seus homens ver o que ela contém. *Os marujos são curiosos, não dá para con iar neles.* E agora preste atenção: não importa o que aconteça, não permita que ela saia da sua casa. Nunca.

– *Vô*, antes de entrarmos e de ficarmos bêbedos, preciso perguntar-lhe uma coisa.

– Se já estive no santuário do rei Lobo? – Falou mostrando os dentes, numa careta. Gostava de assustar-me. – Sim, estive lá, e não sei de que tipo foi a carne que comi, mas pode ficar tranquilo: o meu rabo nunca cresceu. Digamos que a história, de certa forma, me ajudou a impor respeito.

Entramos e mandou-me sentar à sua direita, serviu-me o pão e cortou para mim um pedaço da melhor carne. Eu olhava para ele e ficava contente de pensar que tinha dito a verdade, porque era a coisa mais natural de acreditar. Por outro lado, também sabia que a sua arte predileta era a mentira. De vez em quando Argo gania aos meus pés, e eu lhe jogava um osso ou um pedaço de carne mais fibrosa para ele mastigar. Acho que o nosso pacto de recíproca fidelidade foi selado naquela noite.

Quando o avô, arrotando e bufando, rolou embaixo da mesa, os tios o levaram para a cama e eu nem tive oportunidade de me despedir. Já me dissera e dera tudo, e, portanto, não o vi no dia seguinte. Detestava despedidas, e acho que eu sabia a razão: preferia que o imaginássemos fechado na sua toca a rosnar contra o mundo inteiro.

Assim que me viram, os companheiros me disseram que alguém tinha vindo entregar alguma coisa a mim e indicaram uma arca de madeira selada, apoiada na popa perto do lugar do timoneiro. Ficaram decepcionados quando a deixei

onde estava, sem tocar nela, mas ninguém se atreveu a perguntar se eu sabia de que se tratava.

A navegação foi desta vez mais difícil que na ida, pois o vento do norte amiúde nos investia entre uma e outra ilha, empurrando com força o lado direito do navio. Às vezes era preciso amainar a vela e recorrer aos remos. Chegamos bem tarde, portanto, quando já estava escuro. Ninguém nos esperava, pois pensavam certamente que eu fosse me demorar mais alguns dias. Dois dos companheiros passaram uma corda em volta da arca e fizeram uns laços para que fosse mais fácil segurá-la e levá-la para a minha casa. Não era, na verdade, muito pesada, somente um tanto comprida e estorvadora. Enquanto isso, eu segurava Argo nos braços para ele não se perder.

No palácio, todos dormiam. Só Penélope esperava por mim, e parecia mal-humorada, e as coisas não melhoraram quando viu o cachorro.

– Espero que não esteja pensando em levá-lo para o tálamo com a gente – disse.

– Pode ficar aqui fora, mas vai ganir a noite inteira e ninguém poderá dormir.

Conformou-se, mas não foi fácil fazer com que me acolhesse em seus braços: receava que o cão ficasse olhando.

Depois de aproveitar os prazeres do amor, a minha esposa adormeceu e eu saí, descalço, sem fazer barulho: as tábuas, encaixadas e conectadas com perfeição, não rangeram nem chiaram sob o meu peso. Argo levantou a cabeça e veio atrás de mim pela escada. A arca estava encostada num canto, no chão, no corredor perto da entrada. Acendi uma lanterna, coloquei-a ao meu lado e rompi os selos que a mantinham fechada.

Um arco!

Um grande, magnífico arco de corno com a corda solta: um nervo de touro cortado em longas tiras, entrelaçadas, a formar uma fina trança. Apanhei-o, segurei a extremidade superior com a mão esquerda, apoiei o joelho na empunhadura, peguei a ponta da corda com a direita e empurrei com força até a argola superior do nervo enganchar-se na extremidade do arco. Havia quanto tempo aquela arma não tinha sido tendida? Testei a corda e a ouvi ressoar surda aos primeiros toques no meio, e depois vibrar estrídula quando a tendi mais e a soltei. Devia ter uma potência terrível. Argo gania baixinho, como se soubesse para que aquele objeto servia.

Fechei novamente a caixa e voltei a deitar-me ao lado de Penélope, mas fiquei um bom tempo de olhos abertos, na escuridão, pensando no presente de Autólico e nas palavras que ele me dissera:

– Não deixe que saia da sua casa, nunca. – Tanto ele quanto a minha mãe tinham um dom: não exatamente a previsão do futuro, mas uma maneira de sentir longe, de antemão, como quando os animais pressentem o terremoto antes que Posídon sacuda a terra com o seu tridente. É uma capacidade que nós não temos, e portanto eu não entendia o sentido daquelas palavras. Quando a hora chegasse, entenderia.

Levantei-me bem cedo e escureci as janelas para que Penélope pudesse dormir à vontade, depois desci com Argo e lhe dei uma tigela de leite recém-ordenhado nos estábulos do rei. Dali a pouco meu pai também apareceu e logo viu o cão.

– É o presente do seu avô?

– Isso mesmo – respondi.

– Vejo que sabe mentir muito bem, justamente como ele. Ouvi vibrar a corda de um arco, esta noite. Conheço a voz de uma arma como aquela.

Inúmeras vezes semeou a morte entre os meus companheiros quando descíamos do navio para saquear terras selvagens.

– Este aqui é o presente do vovô – repeti indicando Argo.

– Deixe que o veja. Esta noite ouvi a sua voz. Cada arco tem uma toda sua, e o som deste inspira terror.

Não podia continuar a negar: levei-o ao aposento onde guardara a caixa e a abri diante dos seus olhos. O herói Laertes ficou pasmo ao ver a arma e esticou a mão para tocar no corno negro, reluzente.

– Esta arma vem de muito longe – disse –, talvez seja presente de um chefe ou de um rei, talvez um prêmio conquistado no saque de alguma cidade estrangeira. – A sua mão segurou com firmeza a empunhadura.

– O avô disse que esta arma não pode de forma alguma sair desta casa. O que significa?

– Significa que não deverá viajar por mar, que terá de ficar na ilha. Talvez um talismã, um objeto mágico que consiga manter longe as desgraças. O seu avô foi generoso, este é um presente digno de um rei.

A partir daí a minha vida voltou a correr tranquila, na ilha. Mentor viajava amiúde para o continente e nos trazia notícias do que acontecia. Em Micenas, Atreu tinha sido morto pelo irmão Tiestes, e a história que o meu conselheiro relatara era uma atroz cadeia de vinganças tão horrendas que quase não dava para acreditar. Agamêmnon, depois de escorraçá-lo da cidade com a ajuda do irmão, tornara-se rei. Menelau, marido de Helena, continuava morando em Esparta, e o rei Tíndaro achava que, depois da sua morte, dois reis reinariam na cidade, os gêmeos argonautas Cástor e Polideuces. Muito fortes, como meu pai bem sabia e podia atestar.

Enquanto isso, Argo crescera rápido, fartamente alimentado com os restos dos frequentes banquetes que oferecíamos aos nossos convidados, e me acompanhava em minhas caçadas. Eu levava sempre comigo, nestas ocasiões, o grande arco que o avô Autólico me doara e que eu aprendera a usar sem o menor problema: quase parecia que sempre tinha sido meu. Até Damastes estava pasmo de ver a facilidade e a leveza com que conseguia manuseá-lo. Era como se o próprio arco me transmitisse a sua força, e não o contrário. Argo tinha aprendido a empurrar os veados e os cabritos monteses para o meu esconderijo, onde eu os abatia com o arco e os acertava inexoravelmente.

Certo dia Damastes veio me procurar enquanto eu esfolava um corço e esquartejava as suas carnes para que os cozinheiros as limpassem dos humores silvestres e as preparassem para a cozedura.

– Vim me despedir – disse –, já não tenho mais coisa alguma para lhe ensinar, meu príncipe, e acabaria ficando enfadado com a minha inutilidade.

– Fico triste – respondi. – Só posso sentir-me grato por tudo o que me ensinou e pelos muitos dias aventureiros e estafantes que passamos juntos, mas você de fato transformou num homem o jovem rapaz que lhe fora confiado. Se por acaso decidir viver conosco como um membro da família e como conselheiro, eu ficaria feliz de tê-lo ao meu lado. Pense nisto, pois tenho certeza de que teria uma boa vida aqui.

– Agradeço de todo o coração, mas já lhe disse, meu príncipe, acabaria me entediando, sem ter outra coisa para fazer além de ficar à espera da velhice. Melhor eu voltar para o continente, lá para o norte, para a terra dos centauros, entre audazes cavaleiros e atrevidos navegantes. Um sujeito como eu não pode ficar parado até o Sol se pôr definitivamente, precisa correr atrás, ficar na sua luz enquanto as forças não o abandonarem, e morrer de pé, se possível.

O meu rude instrutor tinha aprendido a falar como um sábio, e as suas palavras ficariam gravadas no meu coração pelo resto da vida. O meu pai recompensou-o generosamente com lingotes de cobre das minas de Chipre, com uma espada de cabo de marfim tirada da sua sala de armas, e ofereceu um navio para a travessia. Argo latiu com força quando viu a embarcação afastar-se do porto, quase se despedindo, e ele respondeu com um gesto da mão. Nunca mais o vi, mas continuei a imaginá-lo a caminhar nos bosques e entre os penhascos, esperando em silêncio o anoitecer para ver os centauros acender suas fogueiras e tomar água das nascentes. Com ele, também ia embora a minha juventude. Naquela noite Penélope me disse que esperava um filho.

O meu amor por ela, se possível, ficou maior ainda. Um filho seria a suprema felicidade de uma vida perfeita e a dádiva de ver quanto de mim e quanto da mãe sobreviveria nele. Eu desejava um menino, mas uma menina que renovasse o semblante da única mulher que eu já amara na vida também seria uma felicidade para o meu coração. Euricleia tornara-se ainda mais atenciosa em relação a Penélope, tratava-a com carinhoso cuidado, ora dizendo que tinha emagrecido demais, ora que estava muito pálida, ora que devia se resguardar mais. No fim do ano, quando para a minha esposa chegava a cumprir-se o período de gestação, mudei-a para o andar térreo, onde eu mandara preparar outra cama com a desculpa de tudo ser ali mais fácil para ela. Na verdade, tanto eu quanto ela tínhamos ciúme do nosso tálamo e não queríamos que ninguém mais ficasse a par do nosso segredo. Só Euricleia podia entrar.

Nasceu um menino, e cuidei logo de dar-lhe um nome, antes que alguém escolhesse um de que eu não gostasse. Chamei-o Telêmaco porque, algum dia, ele também se tornaria um arqueiro e herdaria o arco com que o avô Autólico me presenteara, a arma mais poderosa e extraordinária que existia no palácio.

Todos os homens de nossa casa disseram que se parecia comigo, todas as mulheres juravam que era a cara da mãe. Seria, portanto, um garoto perfeito. Naquele dia subi até o topo do Nerito para oferecer a Atena, como sacrifício, um carneiro que mandara os meus pastores escolher: devia ser o mais forte e bonito do rebanho. Imolei-o, como holocausto, no meio de uma clareira, sobre uma pedra cercada de flores azuis e de papoulas vermelhas. Enquanto isso, no palácio, a minha mãe oferecia um sacrifício a Hera, protetora das parturientes, para agradecer-lhe o fato de tudo ter corrido bem.

Argo acostumou-se logo com o recém-chegado e muitas vezes, quando não estava caçando comigo, enroscava-se aos pés do berço e, ao ouvir qualquer barulho por parte da criança, levantava-se, apoiava as patas na borda e lambia a pequena mão como para deixá-la entender que não estava sozinha e que alguém a vigiava.

Penélope escolheu uma das suas criadas pessoais para babá do menino e, para ter certeza de que ele desfrutaria de todos os cuidados necessários, ficava com Telêmaco o maior tempo possível e, às vezes, até o levava no barco conosco, quando eu saía para pescar.

Certo dia, enquanto assistíamos ao pôr do sol no mar, sentados nos degraus de casa, ela disse:

– Você criou as condições para um longo período de paz na Acaia, a fim de o seu filho poder levar a mais longa vida possível num mundo sem sangue. O triste e infeliz presságio aninhado no seu nome não se realizou. Veja como o sol desce no mar, ouça a voz das crianças que brincam lá embaixo, na aldeia. Fico feliz por ter velado o meu rosto para você, Odisseu. E daqui a pouco chegará a hora de voltarmos para Esparta, e o meu pai entenderá que a felicidade não depende do poder e dos exércitos, mas do fato de desejarmos as

mesmas coisas, de amarmos viver em paz e de podermos criar os filhos para que tenham uma existência melhor que a que nós mesmos tivemos.

Peguei a mão dela e continuei a segurá-la até o Sol desaparecer no mar e Euricleia nos chamar para jantar. Mentor, no entanto, disse que o meu pai falaria de coisas importantes, e Penélope preferiu mandar servir a sua refeição nos aposentos das mulheres. Eu jantei no salão com meu pai.

Alguns dos meus amigos estavam presentes: além de Euríloco, Perímedes, Elpenor, Euríbates, que me haviam acompanhado na visita ao meu avô no continente, também se sentavam à mesa os conselheiros do rei, o seu batedor-chefe e Mentor. Ficou vazio o lugar de Damastes, e os presentes lamentaram a sua falta. Foram servidos pedaços de carneiro no espeto, pão torrado, azeitonas e ovos de codorna, com vinho tinto da Messênia. Um presente que Nestor nos enviava todos os anos e que nós retribuíamos com peles de cabra e de ovelha e com salsichas de porco.

Quando, no fim, as mesas ficaram limpas, Mentor dirigiu-se ao rei dizendo:

– O príncipe Odisseu, os nossos hóspedes e eu estamos ansiosos por ouvir o que tem para nos dizer.

O meu pai mandou servir vinho a todos e começou a falar:

– Antes do fim do ano, você, Mentor, reunirá a assembleia do povo na praça da cidade. Cada um de vocês que estão presentes nesta sala terá de convencer todos os amigos e conhecidos a participar. O arauto, de qualquer maneira, sairá muito cedo no dia combinado a fim de convocar a assembleia. Desejo a todos uma noite serena.

Virei-me para ele, tentando adivinhar nos seus olhos o que estava pensando, mas não fiz perguntas. Um murmúrio correu entre os presentes. Estavam todos perguntando a si mesmos o que poderia ter acontecido e o que

mais estava prestes a ocorrer para que o rei convocasse a assembleia do povo: mas, uma vez que meu pai concluía o seu discurso com palavras de despedida, cada um se foi levantando para desejar boa-noite e voltar em seguida para a própria casa. No fim, com os amigos já longe, ficamos somente eu, Mentor e meu pai, que serviu mais uma taça de vinho e voltou a falar.

– Filho – disse –, você já é um homem e demonstrou que pode assumir grandes responsabilidades... – Olhei interrogativamente para Mentor, mas parecia que ele tampouco sabia aonde aquelas palavras nos levariam.

– ... Na sua missão em Esparta, demonstrou grande sabedoria e sagacidade. A Acaia inteira deve-lhe gratidão. Preferiu desistir da mais linda mulher do mundo para escolher a que, aos seus olhos, era a mais bela, e também a mais sábia e a mais digna. Construiu o tálamo nupcial com as suas próprias mãos, possui uma arma formidável, sinal da consideração e do apreço do homem mais desdenhoso e irascível que jamais conheci: o seu avô. E agora já gerou um filho, é o chefe da sua família. Está na hora de ser o chefe do seu povo...

– Não, pai! – gritava o meu coração, mas a voz não saía dos dentes. O meu pai fitou-me fixamente, com aqueles seus olhos de um azul iridescente, até o fundo da minha alma.

– ... Pode ser o rei de Ítaca!



Tentei dissuadi-lo de todas as formas, supliquei que não tomasse aquela decisão. Eu teria preferido que aquele momento nunca chegasse, pois nem passava pela minha mente suceder a meu pai. Era um homem extremamente forte, apreciado e conhecido por todos os reis da Acaia, podia contar com aliados poderosos, gozava de enorme prestígio e, portanto, ainda poderia reinar por muitos anos. Quanto a mim, até então não havia levado a cabo façanha alguma, a não ser a matança de um javali depois que me deixara surpreender e ferir por ele.

– Fez muito mais que isso – redargui –, evitou uma confrontação violenta entre os maiores príncipes da Acaia e vinculou-os com um juramento. Isto vale muito mais que vencer um duelo ou uma batalha. Não pense, portanto, que tomei esta decisão de forma irrefletida.

Falei a respeito disto a noite inteira, com Penélope, que ao contrário procurou convencer-me a aceitar a decisão do meu pai.

– O seu pai também é o seu rei, Odisseu. Não pode eximir-se da responsabilidade que ele lhe atribuiu: seria uma grave falta de respeito e uma ingratidão. Sou uma mulher feliz, não tenho desejo algum de tornar-me rainha, mas tenho certeza de que você será um grande soberano porque o conheço. Quando sorri, os seus olhos mudam de cor como o Sol da manhã. Já lhe disse isto, no jardim das macieiras e das oliveiras...

– Eu me lembro – respondi –, como se fosse ontem. Você mesma não conseguia reprimir o riso, enquanto eu assumia a pose de um grande

guerreiro.

– E você é mesmo. É um guerreiro tão grande que nem precisa demonstrá-lo. Aceite, portanto, a vontade do seu pai e honre-o pelo resto da vida. Quanto à sua mãe, a rainha Anticleia, tenho certeza de que vai ficar contente.

Baixei a cabeça, com o coração cheio de tristeza: muitos outros desejariam o cetro e o trono. Mas não eu.

Os arautos anunciaram o evento por todos os cantos do reino no dia do último novilúnio de verão, e a minha sucessão aconteceria no equinócio de primavera, um prazo de tempo indispensável aos preparativos. Foram convidados todos os nobres do reino, e o meu pai considerou longamente se deveria convidar também os outros reis ou alguns dos companheiros que haviam participado, com ele, da aventura do velo de ouro. Achou, no entanto, que seria impossível preparar uma digna acolhida para soberanos tão poderosos: o palácio não seria grande o bastante, porque junto com os reis também viriam as esposas, os filhos, o séquito, os guardas pessoais, as criadas e os escravos.

– Ítaca é pequena demais, meu filho. Mas mesmo assim será um grande dia. Os reis serão avisados a seguir por uma mensagem minha, que Mentor levará pessoalmente viajando ao continente.

Fitei-o nos olhos, tão profundos, tão transparentes. Queria dizer-lhe um montão de coisas, suplicar mais uma vez que não jogasse em cima dos meus ombros um fardo tão pesado, queria fazê-lo entender que ainda queria ser livre, que queria voltar a caçar com o vovô, sozinho e sem a escolta de guerreiros itacenses. Só consegui dizer:

– Que tristeza, pai, que enorme tristeza...

Suspirou o herói Laertes, meu pai. Deu um tapa no meu ombro, mas não respondeu.

Passei o tempo que me separava da sucessão falando com ele todos os dias, tentando apossar-me da sua experiência e da sua sabedoria, das suas lembranças e dos seus erros, dos seus mais recônditos segredos, das suas aventuras, dos sentimentos mais escondidos no fundo do seu coração.

Passei o tempo caçando com Argo, um animal extraordinário, poderoso, rápido, incansável. Empurrava as presas na minha direção, e, assim que as via aparecer, eu soltava os dardos com o arco de corno que o avô Autólico me doara. Um só tiro podia furar a pele extremamente dura de um javali e trespassar seu coração.

Passei o tempo junto da minha esposa, que com o correr dos dias me parecia cada vez mais linda e desejável. E visitava os pastos e os currais para conhecer o meu patrimônio: os rebanhos, as manadas, os escravos.

Certa vez Eumeu, o rapaz a que o meu pai confiara a criação de porcos, perguntou:

– Ainda virá ver-me quando for rei?

– Se me convidar a jantar e preparar uma coxa desses seus bichos gordos, pode ter certeza de que virei! – respondi.

Beijou a minha mão e, depois, voltei vê-lo várias vezes, após uma caçada, para retomar fôlego e refestelar-me. Não lembrava quem eram os seus pais nem onde ficava o seu país de origem. Papai o tinha comprado ainda muito pequeno de uns mercadores fenícios. Nós éramos a sua única família. Por meu pai teria sacrificado a própria vida sem pensar duas vezes.

Também passei muito tempo com Mentor, e foi ele, no dia da minha sucessão, quem pegou o cetro das mãos do meu pai e o entregou a mim: de marfim, enfeitado com gemas de âmbar primorosamente esculpidas e encastoadas em ouro e prata. O rei Laertes, meu pai – *sim, isto mesmo,*

continuarei a chamá-lo assim enquanto eu viver, pois um rei é rei para sempre –, colocou nos meus ombros a capa azul que vestia quando voltou da expedição dos argonautas.

A minha mãe chorava, Euricleia também, sem dúvida alguma de pura comoção. Afinal de contas, não se passara tanto tempo assim desde que as duas ainda me seguravam nos braços, menino. Estendi a mão esquerda, e Penélope ficou ao meu lado. Nos ombros dela também foi colocada uma capa, branca, com bordados de púrpura na bainha e na cintura. A minha mãe dera-lhe de presente um colar de jaspe com três pérolas rosadas, pescadas em mares longínquos, e um anel de quartzo amarelo fixado no castão de oricalco que pertencera à avó Calcomedusa. Estava incrivelmente bonita a minha rainha, com o cabelo arrumado no topo da cabeça e preso com um pente de osso, mas mesmo assim eu não conseguia sentir-me feliz. Percebia o olhar do meu pai, ouvia o clamor do povo, mas sabia que aqueles que agora me aclamavam estariam mais seguros com meu pai no trono do que comigo.

O cortejo foi avançando até chegar a uma caverna à beira-mar, um lugar sagrado onde moravam as ninfas, às quais ofereci um sacrifício propiciatório. Em seguida, na pedra nua, imolei outro animal como sacrifício a Zeus, protetor dos reis.

Mas foi a Atena que dirigi a minha prece mais sentida e comovida. Nada pedi à deusa afora que continuasse a ficar ao meu lado:

– Nunca me abandone, deusa de olhar verde-azulado, continue a acompanhar-me e mostre-me o caminho a seguir. E dê-me, eu suplico, um sinal para mostrar que ouviu a minha invocação e que concederá o que lhe peço.

Ao voltar ao palácio, vi um jovem pastor que estava levando ao campo um só cordeiro e achei estranho. O bicho era jovem demais para pastar. Uma repentina ventania gelada investiu-me vindo da esquerda, e olhei naquela direção perguntando:

– Onde está, minha deusa?

Quando voltei a me virar, o jovem pastor tinha desaparecido e o cordeiro se transformara no enorme carneiro albino do avô Autólico.

Um som saiu da minha boca, e não reconheci a minha voz quando disse:

– Haverá tempestade, e o cordeiro terá de se transformar no grande carneiro... A mensagem é esta, Atena?

Naquela noite havia sido preparado um grande e farto banquete para os nobres do reino e das ilhas próximas. Cada um deles me foi apresentado e prestou homenagem a mim e a Penélope. O parentesco da rainha com os reis de Esparta tornava-a uma pessoa de notável prestígio e importância. Alguns eram homens com a idade do meu pai e não conseguiam disfarçar uma atitude um tanto superior em relação a mim. Todos manifestaram, no entanto, sua lealdade e fidelidade, pois afinal de contas a presença de Laertes ao meu lado tinha a sua influência.

Vários foram hospedados no palácio, outros encontraram acomodação junto aos nobres de Ítaca: uma oportunidade para cada um deles confirmar amizades, combinar casamentos, definir alianças militares. Quando chegou a hora de nos recolhermos, procurei o meu pai, que fora tomar um pouco de ar fresco no pátio antes de voltar ao quarto. Sorri para mim:

– E então? O que acha de ser rei?

– Pai, antes de qualquer outra coisa, gostaria de entender. Por que quis me entregar o cetro? Você está na plenitude do vigor e da experiência, e eu não desejava ser rei. E continuo a não desejar, enquanto você tiver forças para

reger os destinos do reino com sabedoria e firmeza. Sentar-me no trono sabendo que você já não goza do prestígio de soberano me magoa.

– Eu sei, e entendo. Mas é necessário. Muitas coisas aconteceram: em Argos, o rei Adrasto, não tendo filhos homens, cedeu o trono ao genro Diomedes, que você já conhece. Os motivos não estão claros, mas acredito que ele ache possível restabelecer o prestígio de Argos, maculado pela derrota dos Sete, graças justamente a Diomedes e aos seus companheiros. Diomedes liderará a guerra contra Tebas para vingar o pai, mas para fazer isto terá de ser o rei de Argos. Em Micenas, Agamêmnon jê é rei de fato. Se pensar que até três anos atrás ninguém o conhecia e que agora é um dos mais poderosos reis, se não o mais poderoso, da Acaia, você poderá entender o que estou dizendo. E não é só isso. Em Esparta o rei Tíndaro está profundamente angustiado: já faz um bom tempo que não tem notícias dos dois filhos, que eu bem conheço. Cástor e Polideuces parecem ter desaparecido no ar. Saíram de viagem para o norte, sem dar nenhuma explicação, e até agora não voltaram. Há temores de que isso possa tornar instável o trono de Esparta, agora sem herdeiros. Por enquanto a coisa é mantida em segredo, e foram espalhadas notícias só para tranquilizar o povo. Mas, se a situação não mudar, Menelau, como marido de Helena, irá suceder a Tíndaro. Pelo menos, é o que chegou aos meus ouvidos. E sabe o que isto significa? Significa que Menelau e Agamêmnon, juntos, disporão de um poder superior a qualquer outro na Acaia e que toda a península meridional ficará nas mãos de uma nova geração de jovens soberanos, e que nós teremos de ficar à altura das demais famílias reais. Por isso eu lhe entreguei o trono. Não se preocupe: não tenciono desaparecer e sempre estarei aqui, pronto a ajudá-lo com o conselho e até com o braço, se for necessário. Mas não será preciso. Estamos num canto afastado e tranquilo, somos amigos de todos. E somos a sentinela da Acaia deste lado do território.

Não vejo coisa alguma, no horizonte, que possa nos criar problemas. – Deu um tapa nas minhas costas: – Não se preocupe, filho, tudo vai dar certo, e não se esqueça de que, se para os habitantes das nossas ilhas você é o rei Odisseu, para mim continua a ser o meu garoto, e é assim mesmo que tenciono continuar a tratá-lo.

Abraçou-me o herói Laertes meu pai, e por um momento tive a impressão de voltar de fato a ser menino.

Ser rei acarretava uma porção de obrigações, ainda que o nosso reino fosse pequeno. Como primeiro passo, tive de visitar junto com Penélope todas as nossas ilhas. Os nobres já tinham vindo me visitar no dia em que eu fora colocado no trono e haviam beijado a minha mão. Alguns tinham a idade do meu pai, outros eram mais jovens, e isto significava que os pais deles já haviam morrido.

De cada um que me era apresentado, meu pai tudo sabia e, antes e depois dos cumprimentos, murmurava baixinho ao meu ouvido o que pensava dele. Quando os encontrei separadamente, cada um em sua morada, casa ou palácio, compreendi que as suas homenagens, a maneira como me honravam sempre eram acompanhadas por demonstrações de força. Estava claro que o meu reinado duraria enquanto eu fosse capaz de demonstrar que era o mais poderoso, o bastante para tirar da cabeça de qualquer outro a ideia de desafiar-me ou de rebelar-se. Por isso mesmo viajei sem nenhuma escolta.

Nenhum dos meus amigos morava nas ilhas próximas: eram todos itacenses, e, quando me dei conta disto durante a viagem de uma para outra terra, pareceu-me uma limitação. Era bom ter amigos por todo canto, alguém em quem poder confiar. No fim, de qualquer maneira, quando saí de Same para atravessar o canal que a separava de Ítaca, estava satisfeito. As ilhas

estavam tranquilas, as pessoas viviam bem, os nobres se haviam dado conta de que a escolha do meu pai fora ajuizada. A maioria deles era-lhe certamente fiel. Muitos o haviam acompanhado em suas façanhas e sempre o tinham visto enfrentar pessoalmente os perigos.

Depois de seis meses do meu reinado, Telêmaco começou a emitir os primeiros sons, mas por mais algum tempo Argo continuou a ser o único a entendê-lo. Penélope brincava com ele assim que lhe sobrava algum tempo após os afazeres da casa. Eu também teria gostado de fazer o mesmo, mas imaginava que um rei tinha de aparentar algum desapego, alguma frieza em relação aos sentimentos humanos. Certa noite, convidei formalmente o meu pai a jantar conosco para dizer-lhe que tencionava visitar o avô na Acarnânia e que ele teria de sentar-se no trono do palácio para administrar a justiça, receber os hóspedes e, em resumo, substituir-me durante a minha ausência.

Mentor não estava. Por ordem do meu pai tinha ido ao continente a fim de anunciar a todos os reis a minha sucessão. Ninguém sabia quando estaria de volta: só sabíamos muito bem que adorava este tipo de incumbência, o cerimonial dos palácios, falar com reis e rainhas. Eu entregara-lhe presentes para Aquiles, Diomedes, Ájax de Salamina e Ájax de Locros, Eumelo, Antíloco filho de Nestor, Menelau e Agamêmnon, rei de Micenas.

- Por que quer visitar o seu avô? – perguntou meu pai.
- Porque já faz muito tempo que não nos vemos.
- Ninguém visita o Lobo da Acarnânia sem uma razão específica.

Fiquei em silêncio tempo suficiente para cortar um pedaço de fígado de vitelo e servi-lo no seu prato.

- Então?
- Só vou dizer se não contar à mamãe.
- Está falando como criança. Mas tudo bem, prometo.

– Quando da visita em que me presenteou com o arco, despediu-se dizendo que também seria a última, não devido a ele, mas sim a mim, que não voltaria a vê-lo.

– E, portanto, quer mostrar que estava errado. Que você pode inverter um vaticínio, mudar o curso do destino. Você deve estar louco, meu filho.

– Não, só quero mostrar que, se uma pessoa decide encontrar outra, mais cedo ou mais tarde consegue.

– É bem capaz de não recebê-lo, só para mostrar que quem está certo é ele.

– Melhor assim, quer dizer que continua em forma, firme e forte.

– Vou ficar em seu lugar, mas *não demore a voltar*. Tenho os meus próprios planos: preciso semear favas, tosquiatar as ovelhas, rachar a lenha para o inverno... ou até folgar, só deixar o tempo passar. Também é um trabalho, e até descobri que estou gostando.

– Não vou me demorar, pai.

Ficamos conversando até tarde, bebericando vinho. No dia seguinte mandei aprontar o meu navio antes da lua nova, mas quando só faltavam dois dias para a partida anunciaram-me que outra embarcação tinha chegado, de Esparta. O meu pai estava presente e, ao ouvir aquilo, franziu a testa e olhou para mim com expressão preocupada.

– Esparta é nossa amiga, não temos coisa alguma a recear. Por que está fazendo essa cara?

– Esparta é a cidade de Helena, não é preciso dizer mais nada. E o seu avô nunca se engana.

– O que vamos fazer? Descemos até o porto para recebê-los?

O meu pai hesitou por alguns instantes antes de responder.

– Esperemo-los aqui em nossa peça. Ponha o seu traje de audiência. Você é o rei.

Deixei que os criados me vestissem e mandei chamar a rainha. Penélope apareceu logo a seguir usando uma veste de linho azul apertada na cintura por uma faixa preta de lã que tinha na ponta uma fina franja de fios de ouro. Um delicado alfinete de oricalco prendia aos seus cabelos um véu da mesma cor do traje. Sentou-se à minha esquerda. Em seguida apareceram doze guerreiros em suas armaduras de bronze reluzente e, seis de cada lado, tomaram posição perto do trono. O meu pai sentou-se num banco de oliveira folheado a ouro aos pés da escadaria, lugar de honra para quem fora rei e ainda gozava de todos os privilégios da sua condição.

Uma grande agitação tomara conta do palácio porque estavam dizendo que Mentor se encontrava no navio e estava agora chegando por um atalho. Apareceu, de fato, ofegante e suado.

– Rei Odisseu, o rei Menelau está vindo ao palácio para ser recebido.

– Rei? Rei de Esparta? – A previsão do meu pai se tornara verdade antes do que esperávamos. Procurei-o com o olhar e li na sua expressão a preocupação, os pensamentos que passavam pela sua cabeça, todos eles de mau agouro. Penélope também olhou para mim com inquietação. Fiz um sinal a Mentor para que chegasse perto e perguntei baixinho: – Como se explica esta visita tão repentina?

– Aconteceu uma coisa terrível – respondeu Mentor, sussurrando. – Helena foi raptada. – Ficamos pasmados, eu e Penélope, abismados por aquela revelação inesperada, e nos entreolhamos, cheios de aflição.

Raptada. De uma hora para outra o meu reino, a paz de Acaia, a minha família e a minha casa, até então felizes, estavam correndo um grave perigo. Teria gostado de saber mais, mas a chegada do rei de Esparta já estava sendo

anunciada e passos pesados ressoavam no pátio. O primeiro a entrar foi um arauto, que declamou:

– Menelau, filho de Atreu, rei de Esparta, pede para ser recebido por Odisseu, filho de Laertes, rei de Ítaca!

Levantei-me e fui ao encontro dele para abraçá-lo: era realmente um bonito homem, alto e de ombros largos, com os longos cabelos ruivos presos na nuca com uma tira de couro, vestindo uma reluzente armadura de bronze, mas de cara fechada, quase irada. No momento em que estávamos apertando o abraço, eu pensava no que Mentor dissera. Raptada? Como podia ser? Quem seria louco a ponto de raptar a rainha de Esparta? E se a ideia de fugir tivesse sido dela? Era uma possibilidade real: era uma jovem tão bela quanto imprevisível.

Estávamos um diante do outro: dois jovens reis que talvez estivessem sentados em tronos que não haviam desejado. Penélope abraçou-o logo a seguir, fingindo não estar a par de nada, recebeu-o com grande calor:

– Primo! Que prazer revê-lo aqui, na nossa casa. Espero que me traga boas-novas do meu pai.

– Infelizmente – respondeu Menelau – as notícias que lhe trago não são boas. O seu tio Tíndaro morreu: um mal súbito levou-o...

– O rei Menelau certamente ficará conosco por alguns dias – disse eu –, e você terá todo o tempo do mundo para perguntar acerca do seu pai. Creio que tenha para nós outras notícias graves sobre as quais precisaremos conversar. Por favor, mande os criados providenciarem acomodação para o rei de Esparta e seu séquito e mande servir o nosso jantar na sala dos Argonautas. – Era assim que chamávamos uma sala reservada onde meu pai mandara pintar numa parede o navio *Argo* quando levantava âncora e deixava a enseada de

Iolco rumo ao mar aberto. A estátua na proa representava a deusa Hera, e, perto dela, reconhecia-se o príncipe Jasão. O rei costumava receber os hóspedes naquele aposento para discutir assuntos confidenciais. Pensando nele, falei com Menelau em tom conspiratório, bem baixinho: – Percebo que esta é uma visita insólita e bastante fora do comum. Posso ler nos seus olhos e no seu comportamento. Incomoda-se de se eu também convidar para jantar o rei Laertes, meu pai? É um homem sábio, com muita experiência. Poderia nos ser útil.

– A presença do seu pai será bem-vinda – disse Menelau.

– E para mim será uma honra jantar com o rei de Esparta – completou meu pai.

– Então, acompanhe-nos, por favor – disse eu. E o levei para a sala. Percebia que não havia tempo para honras e cerimoniais. Pelo que podia ver, ele nem trouxera presentes de hospitalidade. “Sinal de uma partida de improviso e urgente”, pensei, “mais que da tradicional arrogância dos átridas.”

Penélope mandou servir cabrito assado, queijo de ovelha e vinho tinto. Logo que puseram tudo na mesa, os criados fizeram uma mesura e sumiram.

– O que aconteceu, Menelau? O que o traz a Ítaca? – perguntei enquanto cortava para ele um pedaço de carne.

– Helena foi raptada.

– Raptada? Quando?

Os olhos azuis do meu pai ficaram sombrios como o mar antes de uma tempestade.

– Há quinze dias. Eu estava na Fócida, visitando a minha irmã Anaxíbia, quando em Gythion chegou um navio proveniente de Ílio, trazendo a bordo o príncipe Páris, filho do rei Príamo. Uma visita de cortesia, eu acho, mas que provavelmente era algo mais. O rei Príamo, certamente, quer manter-se

informado sobre a situação na Acaia, pois muitas coisas mudaram nos últimos tempos. Na minha ausência, foi recebido pelos anciãos, que ouviram o que ele tinha para dizer.

– E o que tinha para dizer?

– Isso não faz diferença – respondeu ríspido –, aquele bastardo violou a minha casa e a minha hospitalidade, desonrou-me diante do mundo inteiro. Você, Odisseu, é o fiador do pacto dos príncipes, da jura solene feita na presença do rei Tíndaro em nome dos deuses do Ínfero, e é por isto que estou aqui. Cabe a você fazer com que seja respeitado, cabe a você conclamar aqueles que juraram defender não só a minha honra, mas a de toda a Acaia. Se qualquer estrangeiro achar que pode atrever-se a tirar as nossas esposas das nossas casas, permanecendo impune, então o destino desta terra já estará marcado. Vou querer estrangulá-lo com as minhas próprias mãos, arrasar a sua cidade, exterminar os seus habitantes e trazer de volta à Acaia as suas mulheres como escravas e concubinas.

– Espere, meu rapaz – disse o meu pai com um tom e uma profundidade de voz que infundiam respeito e exigiam atenção. Menelau virou-se para ele com um olhar turvo e desvairado: estava visivelmente descontrolado. Parecia estar a ponto de aniquilar quem quer que não fosse o herói argonauta, o amigo de Héracles, de Télamon e de Peleu e o chefe da casa em que se encontrava. Deixamos que meu pai continuasse a falar.

– Uma guerra sempre é uma catástrofe. O país fica desprovido por meses ou por anos dos seus reis e dos seus príncipes, dos seus melhores homens. Muitos tombam e nunca mais voltam. Numa guerra todos perdem, uns mais, outros menos. Cada um dos contendores parte confiando na vitória, mas o êxito nunca é seguro. Poderosos aliados podem intervir mudando o rumo da guerra até quando já parece que a sorte está decidida. Quem foi vencido suscita

a vingança dos amigos e dos aliados, a piedade dos deuses. A guerra é a última das escolhas, quando já se tentou tudo para conseguir o resultado desejado. Não se pode sacrificar a vida de milhares de jovens na flor da idade e do vigor físico para aplacar a ira, ainda que justa, de um príncipe. Escute-me, meu rapaz, um rei é o pai do seu povo e não quer a morte dos seus filhos, a não ser que seja realmente impossível evitar o conflito.

Menelau estava para dizer alguma coisa que talvez fosse ofender o meu pai e deixar-me numa situação insustentável. Adiantei-me bem em cima da hora:

– O que aconselha fazer, então? Não podemos admitir que o rei de Esparta sofra uma afronta como esta sem reagir.

Menelau ficou momentaneamente acalmado pelas minhas palavras e olhou para o meu pai com uma expressão que podia ser de desconfiança, mas também de curiosidade.

O rei Laertes disse:

– Devem ir a Ílio imediatamente, você, Menelau, e você, meu filho. Cheguem mostrando a sua boa vontade, levando Príamo a entender que por trás do gesto insensato do filho dele estão vendo um povo que nada de mal nos fez: homens, mulheres, velhos e crianças que gostariam de continuar a viver em paz e cujas vidas seriam ceifadas ou para sempre arruinadas pela guerra. Menelau limitar-se-á a pedir a devolução de Helena. Se houver uma recusa, será a sua vez de falar, Odisseu, e confio em que saberá convencê-lo a evitar os lutos e as desgraças da guerra. Evoque os liames de sangue: a irmã do rei de Troia é a esposa de Télamon de Salamina. Se Príamo persistir na recusa, terá de tentar conversar com ele privadamente, será mais fácil.

Virei-me para o hóspede:

– O que acha, Menelau?

– Faria isso por mim? – perguntou ele por sua vez.

– Faria por você, faria por mim, pela minha família. Faria porque é a coisa certa e porque confio na sabedoria e na experiência do meu pai.

– Quando estaria disposto a partir?

– Daqui a dez dias. De Gythion.

– Daqui a dez dias. A partir deste momento, considere-me seu grande e fraterno amigo, Odisseu.

Abraçamo-nos, e cada um se retirou para o seu quarto.

Ninguém tinha tocado na comida.



Os dez dias passaram num piscar de olhos, e chegou a hora de eu deixar Ítaca, Penélope e Telêmaco. O meu coração estava muito triste, mas os meus olhos continuavam secos, pois estava aprendendo a me portar como um rei. Apertei-os num único abraço, e a separação, para mim, foi um momento de profunda aflição: as palavras não queriam sair da minha boca. Quem falou primeiro foi a minha esposa:

– Viajarão com uma numerosa escolta de guerreiros? Haverá graves perigos por lá?

– Não, quem leva guerreiros leva a guerra, e é o que tenciono evitar. Em casos como este, ou se parte com um exército invencível ou se parte solitariamente. Iremos acompanhados somente pelos nossos arautos. Príamo é um velho rei sábio, a sua cidade é rica devido aos comércios nos estreitos, que lhe pagam tributos; muitos navios nossos também contribuem para o enriquecimento do seu tesouro.

“Devolverá Helena, oferecerá uma indenização pelo gesto insensato do filho e tudo ficará resolvido. Daqui a um mês estarei de volta, e não deixarei passar um só dia sem pensar em você.

– Não se esqueça de levar o cão – disse a minha esposa –, os animais pressentem o perigo e avisam.

– Não, Argo criou grande afeição pelo menino, e o menino por ele. Não reparou em como gostam de brincar juntos?

– Volte para mim o mais rápido que puder, volte a dormir ao meu lado na cama que construiu entre os galhos da oliveira, volte a respirar entre os meus braços. Todo dia que passar sem a sua presença será para mim um dia cinzento.

– Se eu conseguir evitar a guerra, será um dia luminoso para todos e haverá festejos em Ítaca e em todas as ilhas. Atena me ajudará. Senti-a perto de mim nestes últimos dias.

Beijei-a para levar comigo, para o mar, o sabor dos seus lábios, mergulhei o olhar nos seus olhos, negros como abismos, e beijei o meu filho, que ela segurava nos braços.

Não tirei os olhos dela por todo o tempo em que pude vê-la do navio. A sua figura esbelta assemelhava-se à sombra de uma deusa, e quase me parecia ouvir a canção que me revelara a sua voz antes que seu rosto num jardim de Esparta: “Voe, voe ao longe...”

Argo foi solto quando o navio já tinha partido, e o vi correr de um lado para outro ao longo do embarcadouro, tentando pular na água sem conseguir, refreado pelo medo. Ouvi-o latir por um bom tempo, desesperado.

Quando a noite chegou, senti o pungente desejo da minha esposa, a sua falta, e o mar que ficava cada vez mais amplo e o céu que nele se espelhava imóvel tornavam ainda mais amarga a minha solidão. Por que meu pai não se prontificara a viajar comigo pelo menos até Gythion, de onde o navio voltaria? Onde estavam Cástor e Polideuces, os dois gêmeos invencíveis? Onde estava Hércules, para onde tinha sido levado pelo desespero? Por que os argonautas, um depois do outro, iam pouco a pouco desaparecendo nas sombras? De que tinha morrido Tíndaro, o rei de Esparta? Por que cabia a mim comparecer diante de um grande rei da Ásia para vencer uma guerra sem combater?

Os meus companheiros que governavam o leme, que manobravam a vela, estavam taciturnos como se a noite que se aproximava os enchesse de medo e de escuridão. Deixada para trás, Ítaca mergulhara no mar, e só a costa do continente, à nossa esquerda, se erguia como escuro bastião. Uma luz tremeluziu fraca, incerta, distante. Apagou-se entre as dobras das montanhas.

“Atena!”, invocou o meu coração. “Filha de Zeus, nunca vencida virgem tritônia,^[1] venha a mim!”

E Atena veio a mim, ouviu a minha voz, inspirou-me outros pensamentos, os mesmos que me haviam dado coragem da primeira vez que tinha singrado o mar. Mais que apenas coragem! Desejo de tudo o que nunca vira, que nunca conhecera, desejo de correr atrás do horizonte fugidio, *até o ponto sem retorno?* Até onde a água tudo encobria e nenhuma terra levantava a cabeça acima das ondas, além do mar, até as margens de outro continente, até terras mágicas, misteriosas, fantásticas, onde tudo pode acontecer. Pensei em Damastes, o meu mestre de armas, que quisera voltar às suas montanhas para apagar-se naquelas alvoradas e naqueles ocasos, espiando entre troncos enormes para ver se os centauros desciam para os vales, se as quimeras superavam na hora incerta dos confins da noite o céu do impossível, se os seus gritos ressoavam nos longínquos desfiladeiros.

O cansaço, finalmente, venceu-me e apagou-me os pensamentos. Talvez a deusa tivesse enviado o sono para facilitar o meu repouso e dar-me a inspiração para o que teria de fazer no dia seguinte.

Embalado pelas ondas e pelo vascolear da água contra o casco do navio, dormi profundamente enquanto os companheiros de vigia cuidavam do leme e da vela. A alvorada demorou-se, indecisa: a sombra das montanhas, estendida sobre o mar como uma capa escura, protegeu-me da luz e prolongou

o meu descanso, e quando abri os olhos e olhei em volta vi ao longe, branco e ocre numa colina, o palácio de Nestor a dominar Pilos, o litoral arenoso e a ampla baía. As sombras dos montes no mar se encurtavam à medida que o sol se erguia do horizonte e desapareceram por completo quando os primeiros raios despontaram acima das arestas e dos íngremes picos. O mar tornou-se um espelho de prata, e o navio pareceu deslizar mais leve nas ondas, o vento nos empurrava para a terra e foi bem-vindo. O primeiro rosto que pude ver ao me levantar foi o de Euríloco.

– Achei que nunca mais fosse acordar, *wánax* – disse –, e enquanto estava dormindo mandei amainar a vela. Estamos chegando.

– Agiu bem – respondi –, mas não me chame assim. Você é meu primo e meu amigo, como todos vocês. Podem chamar-me, então, pelo nome. O que distingue um chefe e um rei é a sua capacidade de tomar as decisões certas e de cercar-se de homens que podem fazer o mesmo enquanto ele está dormindo.

Os outros também ouviram e se aproximaram:

– Sentimos orgulho por nos considerar amigos e nos pedir que o chamemos pelo nome apesar de ser o nosso rei – disse Perimedes. – Consideramos isto um privilégio e queremos que saiba que o seu destino será o nosso, que os perigos por enfrentar serão os mesmos, mas o comando sempre será seu, seus os privilégios na mesa e na partilha da presa depois de uma incursão ou de uma vitória em combate. E, se ao voltarmos desta missão você quiser partir de novo para saquear em terras longínquas colheitas e vinho, ou mulheres ou escravos, fique sabendo que na grande caixa na popa e na outra da proa temos armas que estamos prontos para usar.

– Não pensem nisso, amigos; esta embarcação saiu para uma missão crucial: se tivermos sucesso, então viveremos tranquilos, e, se tudo der errado,

então precisaremos das armas e eu terei de recorrer à sua fidelidade e ao seu valor por muito tempo.

Ficaram por uns momentos mudos e parados ao ouvir aquelas palavras, pois não entendiam o seu sentido, uma vez que eu não tinha revelado o segredo da viagem, mas logo a seguir Euríloco ordenou as manobras de atracação e ele mesmo assumiu o seu lugar no leme. O navio entrou com vento de popa, cortando como uma faca a superfície lisa da água entre a colina de Pilos e a longa ilha que fechava a baía. Tocamos o embarcadouro enquanto do palácio chegavam os filhos de Nestor: Antíloco e os outros, e até o pequeno Pisístrato, avisados pelos guardas que tinham avistado o navio e as insígnias.

– Rei Odisseu – saudou-me Antíloco –, parece que foi ontem que ainda era um garoto como eu e viajava com o rei Laertes, seu pai, e agora se senta no trono de Ítaca e das outras ilhas. Quanto tempo vai ficar conosco? O rei Nestor mandou matar um grande touro para você e os seus homens.

– Agradeço, meus amigos, mas não posso demorar-me. Subirei ao palácio para cumprimentar o seu pai e pedir água para beber, pescado fresco, pão e fruta.

– Pode ir, então – respondeu Antíloco. – Foram tomadas providências para que, ao voltar, encontre o navio abastecido de todo o necessário para tornar feliz a sua viagem.

Nestor recebeu-me como a um filho. Já estava a par de muitas coisas:

– O navio de Menelau fez escala aqui, a caminho de Ítaca, e novamente quando já navegava rumo ao porto de origem. Em sua expressão taciturna e preocupada, podia-se ler todo o seu tormento. Saber que a sua mulher, a mais bela do mundo, uma mulher que você nem imaginara poder ser sua, está agora longe, com outro homem, jovem, capaz pouco a pouco de seduzi-la com os

olhares, com as carícias... E agora, pelo que andam dizendo, você irá com ele. Será que pode contar mais a um velho amigo do seu pai, jovem rei?

– Como poderia recusá-lo? – respondi. – O meu pai acha que você é o mais sábio dos homens e certamente não está errado. Sei que guardará no seu coração as minhas palavras.

“Iremos juntos a Ílio, para sermos recebidos por Príamo. É isto o que Menelau quer, que eu fale com o velho rei, que eu lhe peça que devolva Helena, de boa vontade, sem resgate, oferecendo aliás uma indenização pela ofensa, pela violação da lei da hospitalidade. Caberá a mim falar porque eu fui o fiador do pacto dos príncipes quando os levei a jurar em Esparta, diante de Tíndaro e Leda.”

– A fama da sua mente multiforme, provida de variados recursos, meu filho, alcançou a outra margem do mar e está à sua espera na Ásia. Fale com sinceridade, se quiser aceitar o meu conselho, fale com a força do direito de quem foi ofendido e ferido depois de oferecer hospitalidade e boa acolhida. O rei Príamo é um homem justo. Vai escutá-lo.

– É o que muitos dizem, mas a realidade nem sempre corresponde às expectativas. De qualquer maneira, seguirei o seu conselho. Obrigado, mais uma vez, pela sua acolhida e pela sua amizade, grande rei. Quando eu voltar, farei novamente escala neste porto, visitarei esta casa e rezarei para que os deuses me concedam a felicidade de trazer boas-novas.

O nobre cavaleiro, o rei Nestor, abraçou-me mais uma vez como a um filho e disse:

– Se não for bem-sucedido na sua missão, estaremos diante de uma época de lutos e massacres. Os jovens guerreiros estão ansiosos por travar combate, querem mostrar sua força, seu poder e sua valentia, mas não se dão conta do que uma guerra realmente é. Só você parece estar consciente disto, porque

sabe o que são a responsabilidade e o valor da vida. Arrume um tempinho, ainda que em segredo, para conversar com Príamo, para trazer Helena de volta à Acaia e impedir uma guerra.

A minha intenção era seguir viagem naquele mesmo dia, mas foi impossível recusar a hospitalidade do rei. Nenhum dos companheiros teve de dormir no navio. Todos foram acomodados no palácio ou nos arredores. Levantamos âncora antes do alvorecer, mas Nestor já estava de pé e quis nos acompanhar até o porto. A sua figura, ereta e majestosa, ficou um bom tempo agitando a mão em sinal de despedida enquanto nos afastávamos rumo ao sul.

Dois dias depois dobramos o cabo Málea e voltamos a navegar para o norte, na direção de Gythion, com o vento de Noto nos empurrando para o golfo de Argólida. Protegido a oriente e a ocidente pelos longos promontórios e pelas altas montanhas que emergiam da água como dorsos de dragões, o navio avançava veloz para o seu porto de destino. Chegamos a Gythion cinco dias depois da nossa saída de Ítaca, hasteando as nossas insígnias. Fomos avistados quando ainda estávamos em mar aberto, e o rei Menelau estava à nossa espera no molhe, cercado pelos seus amigos e pela guarda pessoal para prestar homenagem ao rei de Ítaca.

Mais dois navios de guerra estavam encostados ao cais, embarcando água e mantimentos: eram os que nos levariam a Ílio, com vento favorável, contrário ou transversal. Abracei os meus companheiros, um por um, enquanto manobravam a fim de colocar a proa virada para o sul. Compartilhariam o meu destino por muitos anos, no bem e no mal, na boa aventura e na desventura.

– Digam ao meu pai que logo voltarei e peçam-lhe que não se preocupe demais. Levarei lindos presentes para a rainha-mãe Anticleia e para a minha

esposa também.

Asseguraram que fariam isso e que ficariam aguardando ansiosamente o meu retorno da Ásia. Antes de o navio se afastar para mar aberto, aproximei-me de Menelau. Carrancudo, fechado em sua armadura, mesmo assim sorriu e veio ao meu encontro com palavras de boas-vindas. Já se passara um mês desde que Helena tinha ido embora de Esparta.

Dois dias depois partimos. Uma vez que estávamos no mesmo navio, durante a viagem tivemos oportunidade de conversar bastante. A principal preocupação de Menelau era demonstrar que Helena havia sido raptada à força e que não fugira com outro homem por vontade própria. Contou que acabara de parir uma menina, Hermíone, e que por nenhuma razão do mundo a abandonaria, ainda mais por causa de um desconhecido.

– E além do mais quem me escolheu foi ela – disse –, a escolha não foi minha.

– É o amor o que o leva a dizer isso ou a honra ofendida?

Voltou à minha mente aquele momento em que Helena, a mais bela entre as belas, pareceu vir a mim, só desviando o seu caminho e o seu olhar no último instante, quando percebeu o sinal negativo e quase imperceptível da minha cabeça.

Menelau respondeu:

– Não posso separar uma coisa da outra: Helena é minha! Fazendo amor comigo, Helena me deu uma filha. Acredita, porventura, que um homem que se uniu no amor com uma mulher como ela poderia algum dia esquecer? É uma coisa que entra no seu sangue, Odisseu, como uma doença; nenhuma outra mulher conseguiria jamais substituí-la nem parecer desejável aos seus olhos, e ficar longe dela se torna então uma tortura insuportável. Toda noite,

quando fecho os olhos, vejo-a nua nos braços do outro, fazendo aquilo que fez comigo, e é como se um lobo mordesse o meu coração.

Eu tinha feito uma pergunta inoportuna. Parei de falar para não exacerbar os seus sentimentos. Mesmo assim, durante a viagem, ainda falamos longamente enquanto dobrávamos o Súnio e navegávamos ao longo da Eubeia... Passamos perto da baía de Iolco, distinguimos ao longe o brilho esbranquiçado da cidade, com o palácio de Pélias que se erguia na colina, e fiquei imaginando onde poderia estar naquele momento o navio *Argo* que tinha conquistado o velo de ouro na Cólquida, nos confins do mundo. Talvez estivesse deitado sobre um flanco, como um cetáceo encalhado, com mexilhões incrustando-se à sua quilha e as pessoas cortando o mastro e os parapeitos a fim de juntar lenha para o inverno. Grande demais, construído e feito para homens grandes demais. Completamente inútil, àquela altura.

– Acho que os navios têm alma – disse eu. – Cantam no vento, gemem na tempestade, sussurram na brisa da noite, e quando o último resquício do seu espírito se esvai, carcaças abandonadas e tristes choram, e a sua voz se confunde com a das ondas, e dos olhos que têm na proa escorrem lágrimas que se perdem no mar.

Navegamos além da Tessália, e Menelau indicou, de braço estendido, um pico envolto por nuvens tempestuosas.

– O Olimpo – disse –, de lá de cima os deuses podem ver o mundo inteiro.

Um vento ocidental empurrou-nos rapidamente ao longo da península dos três promontórios e depois rumo à Trácia, e dentro de cinco dias já pudemos avistar a costa da Ásia. No fundo do peito, o meu coração agradeceu à deusa que me estava ajudando e pediu que me desse ânimo e força para enfrentar as dificuldades que me aguardavam.

Outra montanha se erguia imponente, dominando aquela parte do mundo, e só então senti necessidade de fazer a Menelau uma pergunta que deveria ter feito muito antes, mas que sempre adiará:

– Se Príamo nos devolver Helena, você se dará por satisfeito? Já não pedirá indenizações que poderiam provocar uma recusa? Poderemos voltar para casa e viver em paz?

– Está com medo de lutar? – perguntou Menelau. E eu pensei que quando um homem responde a uma pergunta com outra pergunta quer dizer que não quer dar uma resposta que você não gostaria de ouvir. E o meu coração estremeceu.

– Não estou com medo. Fui moldado e criado como um guerreiro, exatamente como você. Mas me entristece a ideia de deixar Penélope e Telêmaco, de ficar sem vê-los por muito tempo, talvez para sempre. Receio que, na minha ausência, alguém possa se aproveitar, levar vantagem e dominar a minha casa, a minha esposa, o meu pai, que já não está na flor da idade: invasores, piratas, quem sabe? O reino ficaria desguarnecido dos melhores guerreiros, empenhados numa guerra de resultado incerto. Acha tão difícil entender? O que eu penso é o mesmo que foi dito pelo rei Laertes, meu pai, quando você veio me visitar na minha casa. Menelau, você veio a Ítaca para pedir a minha ajuda porque sabia muito bem o que eu pensava: disse que a partir daquele momento seria um amigo pelo resto da vida.

– Isso mesmo – disse o rei de Esparta.

– Então responda sem meias palavras: vai apoiar as minhas tentativas de conseguir Helena e levá-la de volta para Esparta? Se isto for realmente o que quer, ajudar-me-á a consegui-lo dos troianos e do rei Príamo? A verdade, Menelau.

– Ajudá-lo-ei – respondeu Menelau, e por um bom tempo não disse mais coisa alguma.

No sexto dia após a nossa partida de Gythion, avistamos a ilha de Tênedos e o promontório Reteu. Diante de nós, abria-se um golfo que penetrava a costa por pelo menos quatro léguas e que, na sua ponta mais distante, chegava a lambar as encostas de uma colina em que se erguiam uma fortaleza poderosa e um grande palácio.

Ílio.

1. Tritônia: um dos epítetos de Palas Atena. (N. do T.)



A fortaleza se erguia no topo da colina e dominava a baía, cercada por um bastião reforçado por poderosos contrafortes. Mais para baixo se via outro cinturão de muralhas, menos imponente e impressionante que o primeiro, mais antigo e ligado ao outro por uma rampa. Podia-se adivinhar o palácio de Príamo pela grande esplanada ameada e pelas duas torres igualmente guarnecidas de ameias que dominavam o conjunto. À nossa frente, podíamos ver uma das portas, a que dava para o ocidente. Estava aberta e havia uma grande movimentação de carros, de gado, de animais de carga, principalmente burros, mas também pude divisar alguns bichos que nunca tinha visto antes: camelos. Muitos subiam do porto, outros vinham do campo. Havia guerreiros nas torres, nas muralhas, ao lado dos portais, pesadamente armados com elmo, couraça, escudo, espada e lança. A cidade e o seu rei faziam questão de mostrar o seu poder a quem chegava do mar, fossem mercadores, viajantes ou piratas. E a nós também.

Do cume da colina, do lugar onde deviam encontrar-se os santuários e os recintos sagrados, erguia-se a fumaça dos sacrifícios em honra dos deuses. Do oriente confluía na baía um rio que, como soube depois, se chamava Simoente, e do ocidente outro que descobriria chamar-se Escamandro. O curso deles era margeado por altos e esbeltos choupos, viçosos devido à fartura de água. No sopé da fortaleza, via-se um aglomerado urbano bastante extenso, com casas de um ou dois andares, cercado por uma sólida muralha de tijolos crus, de flancos inclinados e reforços de pedra em pontos estratégicos e nos umbrais

das portas. A principal estrada de acesso era perpendicular à mais imponente porta da cidadela, de duas folhas, meio enviesada e com as ombreiras em níveis diferentes do terreno. Eu nunca vira uma construção tão extraordinária. No futuro, o seu nome se tornaria símbolo de massacre e chacina, baluarte coberto do sangue de tantos jovens heróis: Ceias! Nome que sabia a tropeço e dor infinita.

Também havia guerreiros no porto, ao longo das docas, no mercado do peixe e no das demais mercadorias. Aparentavam tranquilidade, apoiados em suas lanças conversavam e, vez por outra, olhavam em volta. Naquele momento eu não conseguia ver outra coisa, somente eles, criaturas irreais. Achei que era um sinal da minha deusa, uma advertência.

Alguns deles apontaram para o nosso navio, gritaram alguma coisa, e o cenário, de repente, animou-se. Um bulício de homens e de vozes. Chamados poderosos, o som de cornos, talvez uma saudação, talvez um grito de alerta. O nosso era um navio de guerra que entrava no porto. Tínhamos a bordo uns vinte guerreiros perfilados ao longo das amuradas com escudos, lanças e vistosos elmos cristados. Na popa, erguia-se o estandarte com as insígnias de Esparta, de cor vermelha e ocre, com os dois leões em pé, o brasão dos átridas, o mesmo que eu tinha visto na arquitrave da porta de Micenas.

Mandei encostar e puxar para dentro os remos. O timoneiro lançou um cabo, e dois escravos prenderam-no a uma amarra. Um bom número de guerreiros troianos, enquanto isso, juntara-se no cais. Até o céu se tornara mais pesado: nuvens escuras, calor úmido e abafado. A minha testa pingava, o suor escorria pelos meus braços.

– Estavam a par da nossa chegada? – perguntei.

– Ninguém os avisou – respondeu Menelau –, mas certamente sabiam ou esperavam por ela. O que aconteceu é muito parecido com um ato de guerra.

Convoquei os nossos arautos. Um deles era dos meus, de Ítaca, chamava-se Euríbetes e era filho de um nobre senhor de Same. O outro acompanhava Menelau e falava a língua dos troianos. Dirigiu-se ao que, pelo aspecto e pelas insígnias, parecia o comandante.

– Este vaso é um navio real e transporta dois soberanos da terra de Acaia. – O comandante fixou o olhar em mim e em Menelau.

– O *wánax* Odisseu, filho de Laertes rei de Ítaca, e o *wánax* Menelau, átrida rei de Esparta. Vieram para encontrar Príamo, senhor desta poderosa cidade. Querem falar com o seu soberano e pedem, portanto, que ele os receba. Os reis ficarão esperando a resposta neste navio.

O comandante confabulou baixinho com dois dos seus homens, e eles, depois de convidarem os nossos arautos a subir num carro, incitaram os cavalos em disparada para a cidade e a fortaleza. Menelau e eu ficamos esperando, em silêncio; nenhum dos dois estava com vontade de falar. Naquele momento, as palavras solenes com que os arautos nos anunciaram haviam despertado em mim uma sensação de quase medo. Olhava para a fortaleza e percebia que estava buscando seus pontos vulneráveis, olhava para os campos e a praia e procurava o melhor lugar para a frota encostar, o melhor local de onde lançar um ataque. No fundo do coração me portava como um homem que já não acredita possível um acordo de paz, e Menelau devia estar certamente fazendo a mesma coisa. A minha missão parecia nascer comprometida, mas não estava disposto a desistir, continuaria tentando encontrar uma saída.

Observava as portas, as pessoas, a névoa, a poeira. Tinha diante dos olhos cenas de paz: o comércio, os negócios, os navios que entravam e saíam da enseada. Um cantador de rua em busca de ouvintes. Ninguém se detinha. O

tempo se recusava a passar. Eu não estava com sede, não estava com fome. Só tinha um nó a apertar a garganta. O Sol começava a baixar atrás de nós, a luz mudava, tudo se tornava mais lindo de olhar, as cores se reavivavam, o ar abafado abria espaço para as andorinhas, o mar ia assumindo a cor do vinho, os peixes chispavam sob a superfície da água, as gaivotas voavam baixo, famintas, e soltavam seus gritos estrídulos, irritantes.

– Lá vêm eles.

Eu também vi: desciam das grandes portas enviesadas: Ceias! Os dois, num carro dirigido por um auriga. Outros dois aurigas conduziam carros vazios, para nós.

– Vieram nos pegar – respondi.

Aprontamo-nos:

– Nada de armas, Menelau, só as de defesa: a armadura, as caneleiras, o elmo embaixo do braço. Nada mais que isso.

Anuiu, e desembarcamos, acompanhados da nossa guarda, enquanto os carros chegavam e os arautos desciam. Procurei com os olhos a minha deusa, por todo canto, um sinal da sua presença. *Onde está?*

“Aqui”, disse uma voz dentro de mim, e os olhos se viraram para cima, apressados; corriam como jovens guerreiros impacientes, para além das portas Ceias, para além da primeira muralha defensiva, para além da subida e do segundo círculo de muralhas, até o santuário. Uma figura se erguia em cima da fortaleza, flutuava no vento, um escudo refletiu o pôr do sol, rubro, pequeno astro de fogo.

“Ajude-me, eu lhe peço”, suplicou o meu coração, muitas batidas palpitantes, lenta a respiração. Cheiro de mar e gritos de aves. A hora chegara.

Os arautos se aproximaram:

– *Wánax* Menelau, *wánax* Odisseu, o rei Príamo consentiu em recebê-los e ouvir as suas palavras. Mas, durante o período que passarão aqui, ficarão hospedados na casa de Antenor, um dos nobres mais eminentes da cidade, conselheiro do rei, pai de muitos filhos, todos homens.

Subimos. Os carros deram meia-volta, os aurigas incitaram os cavalos rumo à cidade, e nós deixamos a guarda a vigiar o navio. Atravessamos as portas sobre guias de madeira, móveis, enfrentamos a subida, tão íngreme que os cavalos retesavam o pescoço, os aros de bronze ressoavam nas pedras. Pararam, afinal, diante do palácio. Primeiro o carro de Menelau, depois o meu. Os guerreiros troianos, doze de cada lado, escoltaram-nos para dentro. Seus passos pesados ecoaram nos corredores, assim como os metais sonoros das armas, até a grande sala do trono. O rei estava esperando, no grande assento de marfim; tinha cabelos brancos, barba grisalha e bem aparada, ainda estriada de preto; um aro de ouro cingia a sua cabeça. A mão direita segurava um cetro de prata.

Tudo, à sua volta, falava do seu poder, de imensas riquezas, de mulheres lindas, esposas e concubinas, capazes de gerar vigorosos príncipes. Eu podia imaginar o que devia estar passando pela cabeça de Menelau: que Helena estava próxima, que talvez o estivesse vendo, escondida, talvez até pedindo ao príncipe Páris que não deixassem que a levassem de volta para a Acaia.

Ao lado do rei se sentavam anciãos e conselheiros que ouviriam as nossas palavras. O primeiro a falar foi Menelau:

– Príamo, rei desta grande e gloriosa cidade, escute-me. Vim à sua presença em busca de um ato de justiça. Hospedei o seu filho na minha casa, comeu do meu pão. E ele, enquanto eu estava ausente, de visita à minha irmã Anaxíbia, raptou a minha mulher Helena, legítima esposa que me escolhera para seu

marido. Ofendeu a minha casa, ofendeu gravemente a minha honra. Peço que você a devolva para que possa levá-la de volta para Esparta, para a filha que nasceu do nosso matrimônio e que ela nunca mais viu.

O rei logo respondeu:

– Nobres soberanos, entendo as suas razões, mas o costume desta cidade é deixar que a assembleia delibere. Enquanto estiverem aqui, na sagrada cidade de Ílio, as suas pessoas serão igualmente sagradas e invioláveis. Falarão, portanto, com o povo e procurarão convencê-lo. Caberá à resposta do povo decidir. Pedimos aos deuses que inspirem a vocês e à minha gente as palavras e os pensamentos mais certos. O nobre Antenor, meu grande e querido amigo devido à sua sabedoria, hospedá-los-á na sua casa. E lá receberão o anúncio e o convite quando a assembleia se reunir.

Concluiu-se assim o nosso primeiro encontro com um dos mais poderosos reis da Ásia. E não entendi por que ele mesmo não se oferecia para convencer o povo. O seu grande prestígio, a própria imponência e majestade da sua pessoa, a autoridade de pai sobre o filho Páris bastariam para desatar o laço que ameaçava apertar como um nó corredio a sua magnífica cidade. Eu percebia cada vez mais intensamente, à minha volta, a presença de potências invencíveis que não poderiam ser dobradas à nossa vontade, de nuvens escuras que se juntavam sobre nós como tempestade no mar.

Tentei pensar em Penélope, na sua roupa bordada com uma porção de marrecas, em Telêmaco, que falava uma língua que só Argo podia entender, a língua dos inocentes. Naquele momento, percebia-os longe, mais longe que nunca.

Fomos levados à casa de Antenor, um palácio com muitas janelas que se erguia perto da subida. Cada janela, pensei, devia corresponder ao quarto de um dos numerosos filhos.

Era um homem de aparência imponente, bastante alto, com uma espessa barba escura apesar da idade já avançada. Vestia-se com o luxo dos orientais, usava brincos e anéis de ouro, e a casa estava cheia de alfaias de bronze, de prata e de ouro. Eu não conseguia separar aquela visão de luxo de imagens de saques e espoliações. Era desse modo que eu vira voltar o navio do meu pai após viagens armadas: carregada de objetos roubados em longínquos países onde qualquer ato de saque e conquista praticado à custa de povos desconhecidos era justo.

Antenor recebeu-nos cercado da numerosa prole e nos tratou conforme a nossa condição social. Dava para entender que deviam tê-lo avisado, porque os serviçais estavam atarefados com o preparo do jantar, e da cozinha se espalhava pela casa inteira o cheiro gostoso de carne assada. Para cada um de nós foi oferecido um banho dado pelas criadas instruídas a nos servir. Também encontramos roupas limpas para o nosso uso, na medida certa para o nosso corpo. Menelau era mais alto e imponente que eu, e isto me levava amiúde a pensar no motivo pelo qual Helena, tendo ao seu lado um homem como ele, decidira fugir. Naquela cidade, parecia-me perceber a presença dela em todo canto. Uma sensação que oprimia o meu coração. No que daria o pacto que eu mesmo forcara os príncipes a jurar? Era difícil entender como a beleza pode desencadear a violência até as mais extremas e terríveis consequências. E voltava a pensar continuamente nos momentos em que ficáramos juntos, em como aparecera ao meu lado na noite eu que raptei Penélope de Esparta. O que poderia sentir agora, se eu voltasse a vê-la?

O jantar aconteceu conforme o cerimonial. Os convidados deviam ser a fina flor da nobreza local, a julgar pelas roupas, pelas armas e pelas joias. Vi-os desfilar um por um até tomarem seus lugares na sala. O último a entrar foi um

velho carregado nos braços por quatro servos, assistido por um jovem guerreiro.

Os troianos falavam uma língua muito parecida com a nossa, ainda que com sotaque diferente. Antenor era para nós perfeitamente compreensível, e, quando ele mesmo não entendia alguma coisa, pedia a ajuda de um intérprete. Foi então possível mantermos uma conversa. Falamos de cães, de cavalos, de armas, de caçadas e de tiro com arco e flecha. Era por aquilo que tínhamos viajado até Troia? Demo-nos conta de que não era bem assim quando todos foram embora e só ficamos nós quatro. O rei Menelau e eu, o nosso anfitrião e o jovem príncipe troiano que assistia o velho inválido com devoção filial. O nome dele era sonoro e vogal como um grito de guerra, ou como o canto de uma mulher, segundo o modo como era pronunciado: Eneias! Um rapaz de pele morena, cabelos escuros e cacheados e olhos negros e reluzentes. Antenor tomou logo a palavra:

– O príncipe Páris é filho de Príamo, e, por respeito ao rei, não direi abertamente o que penso dele, mas o que aconteceu é terrível, e, se fosse filho meu, tê-lo-ia castigado severamente, devolvendo em seguida a esposa ao rei Menelau junto com uma condizente indenização pela ofensa.

Menelau e eu nos entreolhamos, surpresos por uma afirmação como aquela. Voltei a ter esperança de voltar à minha ilha e amar a minha esposa entre os galhos da oliveira, a criar o meu filho, a respeitar os meus pais, a ir caçar com o meu cão.

– Nobre Antenor – disse eu então –, as suas palavras aliviam meu coração, pois para cá viemos em paz, em busca somente dos direitos do rei Menelau. Agora, eu lhe pergunto se estaria disposto a repetir diante da assembleia do povo o que disse entre estas quatro paredes.

Eneas fez um sinal com a cabeça, quase a antecipar o que o dono da casa diria.

– É justamente o que tenciono dizer, e fico contente por ter tido a oportunidade de lhes oferecer a minha hospitalidade. Não quero que nossos filhos tenham de se defrontar com vocês em combate e perder a vida ou tirá-la. Mas, por enquanto, vamos tentar não pensar em coisas tristes. Acho oportuno que descansem: devem estar exaustos depois de uma viagem tão longa. Sintam-se aqui como se estivessem na sua casa.

Passamos, dessa forma, três dias na casa de Antenor, e eu começava a pensar que a contenda poderia ter uma solução satisfatória. Dediquei muito tempo a Menelau para fazê-lo entender como deveria falar antes de ceder a mim a palavra.

– Esta é uma cidade orgulhosa – expliquei –, procure não provocar a altivez dos seus cidadãos e dos seus guerreiros: embora cientes de estarem errados, poderiam não resistir à tentação de mostrar que onde há força também há razão. Nós mesmos fazemos isto. Não se esqueça de que escolher entrar na guerra sempre parece fácil, pois cada um pensa que levará facilmente a melhor. Agora, levá-la adiante, à guerra, é algo muito diferente.

No dia da assembleia convenci Menelau a não usar a armadura, mas somente as vestes normais, sem adornos, sem joias. Precisava mostrar a imagem do homem ofendido que pede justiça em nome do direito. Quando todos se reuniram na praça e o rei Príamo se sentou no trono tendo ao seu lado a rainha Hécuba, um dos anciãos acompanhou com um arauto Menelau até o meio da assembleia e pediu atenção. O burburinho logo se acalmou, e todos ficaram em silêncio. Estavam presentes todas as pessoas que eu tinha conhecido durante a nossa permanência dentro das muralhas de Ílio: o rei e os seus filhos, entre os quais sobressaíam o mais poderoso e valoroso, o herdeiro

do trono Heitor, e o príncipe dos dardânios Eneias, ambos vestindo a armadura; o pai inválido deste último, Anquises; Antenor e muitos outros nobres que conhecera na casa do nosso anfitrião. Foi a ele que coube, com um gesto da mão, convidar Menelau a tomar a palavra.

O rei de Esparta avançou até o centro da praça. Vestia uma ampla roupa verde bordada de ouro, calçados de pele de veado com fivelas de prata, e o sol fazia resplandecer os seus cabelos fulvos com reflexos de chama. O seu olhar lembrava o de um leão que está pronto para dar o bote, o seu avanço parecia o de um touro que está prestes a atacar. O simples olhar para ele já despertava admiração. Pensei que somente os deuses podiam ter ofuscado o juízo de Helena convencendo-a a deixar um marido como ele para acompanhar um rapaz imbele e inconsciente. Aquela não podia ser a mesma Helena que eu conhecera ao entardecer, ainda juvenzinha, perto do cercado dos cavalos. Ou talvez fosse ela mesma, o botão prestes a desabrochar que eu pressagiara seria causa da ruína de muitos, com sua beleza devastadora.

Menelau começou a falar:

– Rei Príamo, rainha Hécuba, homens e mulheres da grande cidade de Ílio, ouçam!

“Estou aqui para pedir-lhes que consertem uma injustiça: o príncipe Páris, ao chegar de visita a Esparta, foi recebido como hóspede na minha casa, mas, aproveitando a minha ausência, levou ao seu navio a minha esposa, Helena, para em seguida zarpar e fugir para Troia. Talvez esteja aqui, entre vocês, e não tenha coragem de aparecer para enfrentar-me cara a cara, como verdadeiro homem!” Um intenso murmúrio acompanhou estas últimas palavras, e eu receei que o seu caráter impetuoso o traísse. Gritei, dentro de mim, “cuidado!”, esperando que o seu coração me ouvisse.

Continuou:

– Devolvam a minha esposa junto com uma indenização pela ofensa que sofri e esquecerei o que aconteceu: se não fizerem isto... – tentei detê-lo com um gesto da mão, mas foi inútil – “será a guerra!”

Houve um longo, pesado silêncio durante o qual dúzias de arautos-intérpretes espalhados no meio das pessoas e perto do rei e das autoridades difundiram o discurso de Menelau, e então um estrondo explodiu na assembleia com gritos confusos, frases de escárnio que provavelmente Menelau não conseguiu entender, mas que mesmo assim o feriram pelo modo como soavam. Eu, àquela altura, já tinha compreendido o que diferenciava a língua deles da nossa e o que as tornava, ao contrário, parecidas, ou talvez fosse Atena quem sussurrasse ao meu lado o sentido das palavras. Vi Antenor empalidecer para então levantar-se e ir ao centro da praça. Os presentes ficaram novamente em silêncio enquanto o ancião chegava ao pódio, curvava-se diante do rei e da rainha e pedia atenção:

– Nosso rei e vocês, filhos da nossa amada pátria, queiram também ouvir as palavras do *wánax* Odisseu, rei de Ítaca. Ele também quer falar.

O meu coração estremeceu no peito: agora a responsabilidade de evitar uma guerra já desencadeada por Menelau pesava exclusivamente nos meus ombros. Invoquei a deusa para que me ajudasse, para que acudisse ao meu lado e inspirasse os meus argumentos. Abri a boca e falei na língua deles, certo de que interpretariam isto como um sinal de respeito, certo de que Atena cumpriria o milagre. Eu disse:

– Rei Príamo, rainha Hécuba e todos os nobres e habitantes da grande e gloriosa Ílio! – E a assembleia calou-se, pasmada.

– O *wánax* Menelau, que reina sobre Esparta, falou movido pela amargura e pela ira. Não teriam vocês mesmos agido dessa forma se tivessem sofrido a

mesma humilhação? Se sua amizade e sua hospitalidade fossem retribuídas com ofensa e traição? O seu príncipe não foi afinal tratado como a um filho de um rei amigo? E as nossas nações não estão afinal ligadas por vínculos de hospitalidade e até de sangue? A irmã do seu rei não é, afinal, a esposa de um dos reis da Acaia?

“Mas no caso de isso não bastar, se acharem que a guerra é a única saída, pensem nos males que nós todos, tanto vocês quanto nós, teremos de enfrentar! Quantos dos nossos e dos seus filhos tombarão em combate, embebendo a dura terra com seu sangue? Quantos pais e quantas mães que aqui me ouvem terão de suportar a terrível aflição de ver seus filhos ardendo nas piras? E quantos outros ficarão perscrutando indefinidamente o horizonte marinho à espera de filhos perdidos para sempre?”

Então vi Helena. Ao longe, altiva e branca na torre do palácio. Olhava e, acredito, ouvia. Tive vontade de gritar: cadela! Mas foram outras as palavras que pronunciei.

– Se recusarem o que estamos pedindo, em nome da honra e do direito seremos forçados a recorrer às armas: não faria exatamente o mesmo qualquer homem aqui sentado, nesta assembleia, se fosse desprovido da sua dignidade? Quanto tempo duraria o conflito? Quantas famílias seriam tragadas pelo luto e pelo desespero? E tudo isso por causa de uma mulher? Busquemos um acordo, troianos, há mil maneiras de evitar uma guerra se esta for a vontade de todos. O rei Príamo tem muitos filhos e, certamente, quer vê-los crescer e sentar-se, esplêndidos, na assembleia dos melhores, perpetuando nos tálamos a sua estirpe. Espero que os aconselhe com a sua sabedoria. Nós continuaremos na casa do nobre Antenor até tomarem a suja decisão.

Fomos embora, e, enquanto saíamos da assembleia, ouvi as palavras de Antenor, que exortava os concidadãos a devolver Helena.

– Será que vai conseguir? – perguntou Menelau.

– Assim espero – respondi.

Acompanhamos o criado que nos levava à casa de Antenor. Este, no entanto, naquela noite não voltou. Jantamos, portanto, sozinhos, servidos por um criado frígio.

Enquanto limpava a mesa e levava os restos da comida, dirigi-lhe a palavra:

– Entende a minha língua? – perguntei.

– Sim, meu senhor – respondeu.

– Sabe por que estamos aqui?

– Por causa da princesa Helena, meu senhor.

– E você o que acha desta história toda?

– Se me for permitido dizer, preferiria não responder.

– Não lhe é permitido – disse eu.

– Não será devolvida.

– Por quê?

– Porque o príncipe Páris sempre consegue o que quer do pai. E ele quer Helena.

Menelau ficou roxo. Se eu não o detivesse, teria esganado o sujeito.

O criado afastou-se apressado, quase fugiu, na verdade.

– Não passa de um escravo – disse eu a Menelau, soltando o seu braço.

– Até um escravo pode dizer a verdade, e ele a disse.

– Não creio – respondi. – O rei não vai aceitar enfrentar uma guerra só para contentar o filho.

Na manhã seguinte fomos levados de volta à assembleia. Havia um grande silêncio, e o sol estava encoberto por um véu de nuvens altas e finas. Na praça reinava um calor abafado. Um cão latia ao longe. O rei levantou-se, e todos os

presentes fizeram o mesmo, aos milhares. Heitor estava ao lado do pai, esplêndido em sua armadura. Eneias, o príncipe dardânio, estava de pé atrás dele.

Príamo disse:

– Nobres soberanos, o povo emitiu o seu veredicto depois de ter escutado as palavras do príncipe Páris. Não podemos devolver Helena porque não é isto o que ela quer, e porque seguiu o meu filho por sua livre escolha. Agora é a esposa dele e a minha nora. Como uma filha.

Aproximei-me do monarca sem que os guardas procurassem deter-me e quando fiquei diante dele disse baixinho para ninguém ouvir:

– Grande rei, isto significa a guerra. Sangue e lutos infinitos. Por quê? Detenhamo-la enquanto houver tempo. Eu estou autorizado a tratar do problema, ainda que em segredo. Podemos chegar a um acordo.

– Não podemos tratar quando está em jogo a liberdade de uma pessoa decidir acerca do próprio destino, rei Odisseu, mas aprecio a sua tentativa de evitar a guerra de todas as maneiras. Eu teria feito o mesmo. E, enquanto as armas ainda não tiverem derramado sangue, peço que cumprimente por mim o rei Laertes, seu pai. Conheci-o quando passou aqui com o navio *Argo* rumo a Cólquida e lembro o seu valor e a sua sabedoria.

– Farei isso.

Voltei para perto de Menelau e fitei-o nos olhos, sacudindo a cabeça. O rei de Esparta franziu as sobrancelhas e assumiu um aspecto terrível enquanto gritava com toda a força da sua voz trovejante:

– Isto significa a guerra! Voltaremos com uma frota como vocês nunca viram, e pegarei de volta a minha legítima esposa, arrasaremos esta cidade e levaremos todos vocês à Acaia, como escravos!

Não sei se o povo entendeu direito, mas reagiu como se não tivesse perdido uma só palavra. Lançaram-se furiosos contra nós, alguns já brandindo paus e segurando pedras. Aquela que eu via chegar não era exatamente a morte que eu teria desejado. Menelau virou-se para mim, e, por um momento, vi em seus olhos uma expressão de pasmo incrédulo, mas logo percebi que ele lutaria com unhas e dentes antes de ser massacrado, e eu faria o mesmo. Naquela mesma hora, mais de cem guerreiros intrometeram-se entre nós e a multidão raivosa.

– Ninguém lhe fará mal algum – disse Heitor com um sorriso atrevido – enquanto estiverem no nosso território e sob a proteção do rei Príamo. Podem voltar aos seus navios.

Saímos da cidade acompanhados pelos guerreiros troianos, até onde a nossa escolta os substituiu.

Passei a bordo a minha última noite em Ílio, esperando, amiúde de olhos arregalados, os primeiros raios da alvorada. Assim que o sol nasceu, mandei soltar as amarras e zarpar.

– Remos ao mar! – gritei. – Vamos voltar para casa.

O vento foi favorável, e costeamos a Ásia até o promontório Mimas, depois viramos para o ocidente e passamos de uma ilha a outra até atravessar o mar e chegar ao golfo de Gythion. Após sete dias de navegação, lançamos âncora sem levantar insígnias e estandartes. Não havia motivo algum de júbilo.

Separei-me de Menelau para tomar a rota que me levaria para casa. Abraçamo-nos porque aquela viagem malsucedida tinha de qualquer maneira fortalecido a nossa amizade. Antes de subir no meu navio, achei que ainda poderia haver uma saída e perguntei:

– Você tem o poder de livrar os príncipes do juramento. Faria isto? Por mim, por eles, por todas as mães e todas as esposas que lastimarão os filhos e os maridos caídos?

– Não – respondeu.



O meu navio parecia voar sobre as ondas, empurrado pelo vento do oriente e mais ainda pelo nosso desejo de voltar para casa. Eu já esperava a recusa da parte de Menelau a desvincular os príncipes do juramento de Esparta, mas mesmo assim havia alguma coisa que continuava para mim um tanto obscura. Eu, porém, não tinha ficado nos braços de Helena, não tinha gozado da flor de ouro do seu ventre nem podia saber o que significava morrer de desejo e de raiva, enlouquecer de ciúme. Que privilégio, o seu, e que maldição tremenda, Menelau de grito poderoso e de fulvo cobre nos cabelos!

Voltavam à minha memória as palavras que eu proferira diante dos troianos: “E tudo por causa de uma mulher!” Sim, claro. Não era para isto, afinal, que todos os nossos mais ardentes desejos nos levavam para o nicho escuro e tórrido entre as coxas de uma mulher? E Helena não era afinal a síntese de todas as mulheres do mundo? De todas as belezas e todas as graças, de todos os perfumes reunidos num só corpo? De todos os olhares em um só olhar, para atrair e condenar qualquer homem e qualquer deus?

Qualquer, menos eu.

Eu podia refletir, pensar, decidir, mas tinha de admitir que uma guerra pela mulher mais linda do mundo era a única que fazia sentido.

Voltava à minha mente a última noite no nosso navio, ainda no porto de Ílio, na véspera da volta para casa. Uma volta triste, sem esperança. Dormi um sono irrequieto, naquela noite, e acordei várias vezes para ir à proa e ver a

Lua, vermelha, enorme, que se punha lentamente no mar. Desci da embarcação para passear pelo porto, respirar o ar salobro, ouvir o silêncio.

– Não consegue dormir, *wánax*? – ressoou uma voz, de um canto escuro. O cantador de rua, o poeta que ninguém ouvia.

– Pergunta inútil, meu velho. Se conseguisse dormir, não estaria passeando pelo porto a esta hora.

– Eu lhe peço, escute o meu canto. Acalmará a angústia que oprime o seu coração. Farei isto por você, de graça.

– Não, esqueça. Deixe-me sozinho, não é uma boa hora.

– Sentir-se-á apaziguado, depois. Não posso torná-lo feliz, mas posso dar-lhe visões que enchem o espírito de luz tênue, doce como um pôr do sol no mar.

Segui em frente, mas ouvi o seu canto, que me acompanhava, voz solitária no escuro.

Não havia palavras: apenas uma interminável melodia, pungente, infinita. O poeta chorava, isto mesmo, o dele era canto e pranto, lágrimas e gotas de luz na escuridão. Senti que o que eu tinha no peito e oprimia o meu coração, pedregulho, pedra de lagar, insustentável aflição, se derretia naquele canto noturno, invisível, incorpóreo.

Quando voltei, ele já tinha desaparecido, mas ficara o seu canto, vivo da vida própria. Permaneceria no ar para sempre? Quem sabe?...

Levantei os olhos para onde o canto parecia insinuar-se levado pelo vento, com a poeira entre as ruas da Ílio sagrada, sobre as muralhas construídas pelos deuses, e ainda vi uma figura oscilar entre o ser e o nada, entre nuvens sutis como lâminas, transparentes:

– É você, altiva Helena, maldita e desejada, é você que chama falanges de bronze a esbarrar nas muralhas de Troia?! É você, abjeta e divina criatura? Por você, milhares de homens jovens se imolarão, fincado lâminas uns nos peitos dos outros, e muitos, demasiados deles, descerão ao reino sem luz de Hades.

O rei Laertes, meu pai, ficara perscrutando o mar ao longe, do topo de um penhasco, para ver se por acaso aparecia a vela do meu navio, tal como Egeu, rei de Atenas, à espera de Teseu, quando este partira para matar o homem-touro no seu Labirinto. Abraçou-me apertado e sussurrou ao meu ouvido:

Foi mal, meu filho, não foi?

– Muito mal, pai. Menelau quer a guerra. E Príamo também, ou o seu povo, não faz diferença.

– Se tiver de ser assim, então que seja. Você lutará, rei de Ítaca, e cobrirá o corpo de bronze, brandirá uma espada e segurará um escudo, armas que enfeitam as paredes do palácio, armas sem mácula que foram dos nossos antepassados antes de ser suas ou minhas. Nos dias que o separam da partida, ficará perto da sua mãe e da sua esposa e dar-lhes-á o amor do qual durante anos sentirão falta.

Subimos ao palácio, no topo da colina, onde a rainha-mãe me aguardava.

Chorou quando soube do resultado da missão.

– Fiz o possível, tentei convencê-los, e um deles, o nobre Antenor, procurou persuadir os troianos a devolver Helena, a evitar a guerra com seus infinitos lutos e desgraças. Em vão.

A minha mãe amaldiçoou Helena e a sua beleza, e a loucura que toma conta dos homens e os induz à guerra. Amaldiçoou o brilho das armas, o desejo de poder que os leva para longe, perdendo os filhos, abandonando as esposas que ficam sofrendo, à espera. Penélope não apareceu. Aguardou-me no tálamo,

entre os galhos da oliveira, quando as luzes da casa em cima do morro se apagaram e tudo mergulhou no silêncio e na escuridão.

Sabia, tinha ouvido, chorava.

– Não vá, meu amor, não me faça amaldiçoar o dia em que o encontrei, os seus olhos que mudam de cor quando sorri, não nos deixe sozinhos, a mim e a Telêmaco, nesta ilha escura... de repente tão escura.

Aproximei-me, e ela se retraiu para a cabeceira da cama:

– É filha de guerreiros e bem conhece a regra. Eu fiz um juramento sobre os deuses do Inferno, o mais tremendo que existe. Jurei para que não houvesse guerra, discórdia, para que não se derramasse sangue. E agora tudo se vira contra mim e contra o que fiz. Acha que isto poderia acontecer por acaso?

– O seu avô sempre quebrou suas juras, nunca participou de nenhuma expedição aventureira.

– E vive sozinho, rejeitado e odiado por todos. Eu nunca poderia.

– Na escala de medidas de um homem, deve haver o que vale e o que não vale, o que vale mais e o que vale menos. O que pode valer mais que a sua casa, a sua esposa, o seu filho e os seus pais? Uma guerra por uma mulher que traiu o marido?

– Escute: um rei mora num palácio, recebe hospitalidade dos outros reis e a retribui, dispõe de comida farta, sempre, e de roupas preciosas, goza de privilégios, mas precisa demonstrar que é o melhor, o mais corajoso, pronto a sacrificar a vida se for necessário. Como poderia aguentar o desprezo dos meus companheiros, dos meus amigos, do povo e dos demais reis? O meu pai também foi muito claro. A coisa não é tão simples.

– É, sim. Tão simples como a água, como o dia e como a noite, como o amor e como o ódio. Simples, Odisseu, meu senhor, meu rei, meu único amor...

E escondeu o rosto nas dobras da cama. Tentei segurá-la nos braços e passar-lhe o meu calor e a minha paixão. Havia momentos em que quase me parecia ouvir o canto do poeta que em Ílio me seguira na noite, um canto melancólico e pungente, tão solitário quando o do rouxinol que gorjeia nas trevas.

Nenhum de nós conseguiu dormir, choramos um nos braços do outro, em silêncio no nosso tálamo entre os galhos da oliveira, pois não havia saída, e qualquer expediente só levaria à vergonha e à miséria.

A primeira pálida luz do alvorecer encontrou-nos agarrados, nus no abraço do amor, tão intenso e profundo a ponto de doer. Quando me soltei dos seus braços tão brancos, quando me afastei dos seus olhos tão *negros, negros, negros*, e do seu ventre abrasador, capaz de dissolver o medo e a angústia assim como a fornalha derrete o bronze, abandonamo-nos exaustos, um ao lado do outro. E então Atena, talvez movida por compaixão, derramou sono nas nossas pálpebras, levando-nos a um torpor leve e suave em que me pareceu ouvir Penélope cantar baixinho a sua canção.

Quantas vezes voltaria a cantá-la nos tempos vindouros? Quanto tempo eu ficaria longe? Quando poderia voltar para ela? Pensava em como, ainda criança, eu esperava o retorno do meu pai, naquela vez em que voltou carregado nos braços pelos seus guerreiros, com o torso enfaixado por ataduras sangrentas, o rosto pálido como o de um morto, entre as lamúrias das carpideiras. Eu me agitava na cama como que ferido por um dardo, mas então voltava a entregar-me ao sono parecido com a morte.

A minha mãe parecia inconsolável, e mesmo assim quantas vezes já tinha experimentado a solidão, à espera de um retorno que nunca chegava?

– Voltarei, mãe, e trarei comigo ricos presentes, joias e adornos saídos das mãos de grandes artistas...

Ela chorava com o queixo apoiado no peito e não queria falar nem ouvir. Só de vez em quando, por breves instantes, levantava os olhos cheios de lágrimas e me fitava com uma expressão desesperada que apertava o meu coração.

– É só uma guerra como muitas outras. Alguns morrem, outros voltam. Eu voltarei, pode ter certeza disto. Prometo. Espere-me, ajude Penélope, fique perto do meu filho, vai precisar de você, e de *papai* também. Por favor, não chore. Não chore como se eu já tivesse morrido!

Então se calava e ficava rígida como uma estátua.

Mas onde estava Mentor? *Por que não me lembro de onde estava?* Longe, numa das suas viagens? Estaria vagueando por terras selvagens e desoladas? Na trilha de heróis perdidos, esquecidos? Eu pensava em Hércules: quem sabe alguns cabelos grisalhos houvessem crescido em suas têmeoras? Como estaria vivendo Admeto, senhor de Feras, a sua segunda vida depois de sobreviver à primeira morte? E a sua esposa Alceste: que parte do seu coração havia sido congelada pelo sopro de Hades quando se debruçara no abismo? Onde estavam Cástor e Polideuces, os lutadores invencíveis? E Jasão, o herói do navio *Argo*? Continuaria gozando do amor da princesa selvagem?

Estas histórias me pareciam mais distantes que a luz das estrelas. Eu meditava, andava durante dias inteiros pelos bosques da minha ilha. Argo vinha comigo, ouvia-me e também olhava para mim com olhos úmidos: parecia entender... Às vezes ficávamos sentados num penhasco a pique sobre o mar, ao entardecer, olhando para o sol que incendiava as ondas. Eu falava com ele, que respondia com uns surdos resmungos.

Cheguei a pensar que pudesse levá-lo comigo. Não! Melhor deixá-lo com Telêmaco para que o protegesse e ficasse sempre ao seu lado. Não demoraria muito, venceríamos logo a guerra porque éramos os mais fortes, os mais poderosos, e depois voltaríamos.

Certo dia chegou ao porto pequeno uma embarcação leve e ligeira, anunciando uma visita de grande reputação e prestígio: o rei da Messênia, senhor de Pilos, o cavaleiro gerênio. Nestor!

O rei chegou no dia seguinte, depois do pôr do sol, e encontrou à sua espera um carro puxado por uma parelha de bois brancos, de longos chifres, que o pequeno Filício, filho do nosso boiadeiro, segurava pelo cabresto. Para representar-me, acompanhado por vinte guerreiros em suas reluzentes armaduras de bronze que escoltariam o monarca, o *wánax* Laertes, meu pai, foi dar as boas-vindas ao amigo vestindo os seus melhores trajes, de espada na cintura e lança na mão.

Recebi Nestor sentado no trono com Penélope ao meu lado. Já não era somente a minha esposa: era uma rainha que trazia no rosto e no olhar a austera expressão da responsabilidade e da autoridade. Um traço de bistre salientava os seus olhos, e a testa estava enfeitada por um lindo diadema, presente de casamento do meu pai. No dedo, o anel que a minha mãe recebera da dela, de cornalina vermelha encastada em ouro. Usava uma veste de um vermelho chamejante e um cândido cinto tecido com fios de púrpura e de ouro. Eu vestia uma longa túnica branca com duas listras de ouro, usava o diadema do meu pai e segurava o cetro. Mandara colocar diante de mim um assento do mais requintado feitio, da mesma altura do meu, para o *wánax* Nestor, que proporcionava ao nosso reino uma honra tão grande. De lado, um assento quase tão lindo e imponente quanto o meu, destinado ao meu pai.

Assim que superou o limiar da grande sala, enquanto os meus guerreiros e os deles se perfilavam em leque a toda a volta, o rei da Messênia veio ao meu encontro de braços abertos:

– Que bom encontrá-lo de novo, meu rapaz! Deixe-me vê-lo na majestade das suas funções régias! E você, minha doce criatura – disse dirigindo-se a Penélope –, se a sua prima tivesse tido apenas uma migalha da sua sabedoria, agora eu estaria aqui numa mui prazerosa visita de cortesia, para sentar-me à sua mesa, e não nesta missão de guerra que me foi confiada pelos átridas.

Abraçou calorosamente nós dois, sem nenhuma consideração pelo cerimonial, justamente como um pai que aperta os filhos no peito. Penélope beijou-o na face, comovida, murmurando:

– *Wánax*, querido pai e amigo...

– Meu rei – respondi –, a felicidade que experimento em vê-lo vem do fundo do coração, e a afeição que sinto por você é parecida com aquela que tenho pelo herói Laertes, meu pai.

Depois dos cumprimentos de praxe e das honras devidas a um hóspede de tão alta condição, dirigimo-nos à sala dos argonautas, o nosso hóspede, meu pai e eu, para falarmos livremente sem sermos ouvidos.

– O motivo da minha visita – começou Nestor – é muito importante, e preciso da sua ajuda.

– Estou ao seu dispor – respondi.

– Precisa ir comigo à Tessália, a Ftia, à casa de Peleu, amigo do seu pai e meu... Ele tem um filho, Aquiles...

– Conheço-o muito bem: um verdadeiro raio na guerra, corre como o vento, e ninguém é capaz de alcançá-lo. Jurou comigo o pacto dos príncipes.

– Pois é, mas alguém está fazendo o possível para não deixá-lo partir.

– Quem?

Por um momento Nestor pareceu hesitar:

– Não sei. A mãe, pelo que contam. Nada se sabe dela. Ninguém pode realmente dizer que já a viu, e quem afirma o contrário não está dizendo a verdade. Atribuem-lhe poderes sobre-humanos. Somente o nome dela é conhecido, Tétis; só Peleu sabe onde encontrá-la, e dela teve aquele único filho, uma criatura quimérica, e dizem que é... – e aqui se interrompeu. – Está disposto a ir comigo?

– Estou, *wánax*. Fiz o possível para evitar esta guerra, mas agora que já está decidida também farei o possível para vencê-la. Sem Aquiles não teremos a menor chance. Eu pude ver o exército de Príamo.

– Também irá conosco, Laertes? A sua presença seria preciosa. Goza de grande prestígio, e todos os jovens o respeitam.

– Pergunte ao meu garoto – respondeu sorrindo e apontando para mim. – O rei de Ítaca, agora, é ele.

– O meu pai sabe muito bem que pode tomar qualquer decisão – respondi –, mas também sabe que, na minha ausência, o fato de ele sentar-se no trono para administrar a justiça e guiar o exército, se isto for necessário, para defender a minha família, é para mim motivo de extremo conforto.

– Como você mesmo acaba de ouvir, ordenam que cuidem do reino durante a ausência do rei – disse o meu pai com um sorriso irônico. – Ainda bem que já conheço o ofício. Terá de contentar-se com o meu filho, mas acho que será suficiente.

Foi o que ele disse, mas continuou por um bom tempo a dar conselhos de todo tipo, para finalmente concluir pedindo que eu levasse as suas lembranças

ao rei Peleu, amigo antigo e companheiro de aventuras, e que o convidasse com o seu garoto para uma caçada na ilha de Same quando a guerra acabasse.

Partimos no dia seguinte, e quando me despedi de Penélope pareceu-me que aquela separação momentânea lhe servisse de ajuda para preparar-se para a muito mais dura e demorada que em breve teria de enfrentar. Beijou-me na boca, mas não derramou lágrimas.

– Volte o mais rápido que puder – disse –, quero aproveitar cada instante, cada dia e cada noite que ainda nos separam da sua partida.

– Voltarei, minha rainha e meu amor, voltarei desta vez e da próxima, eu juro.

Sorriu e seus olhos brilharam como pérolas negras:

– Começo a pensar que você pode de fato mudar o destino e que a sua deusa realmente gosta de mim. Mas nem mesmo ela, que é imortal, pode amá-lo mais que eu.

Ficou no embarcadouro, agitando a mão branca e leve como uma folha de prata, e não tirei os olhos dela até a sua figura desaparecer atrás da crista das ondas.

– Sei como está se sentindo – ressoou ao meu lado a voz do cavaleiro gerênio.

– Acha mesmo, *wánax*?

– Acho. Isso aí é amor, uma terrível doença da qual jamais poderá livrar-se. Eu sempre vivi cercado de mulheres: esposas, concubinas... Quando uma murchava, pegava outra, mais jovem, até hoje. Mas sinto inveja de você, sabia? Num passado longínquo, eu também experimentei o que é o amor. Um sentimento humano que transforma uma mulher mortal numa deusa e torna imperecíveis o seu fascínio e a sua beleza. Infelizmente, para mim este

encantamento não durou quanto eu esperava: eu vivia nas montanhas, naquela época, presidiando os desfiladeiros que levam à Arcádia. Acostumada com o sol quente de Creta, ela não sobreviveu a um inverno particularmente rigoroso. Tinha pele morena, reluzente e lisa como bronze, um sorriso luminoso e o corpo sinuoso de uma pantera. Pintava de vermelho os lábios e a ponta dos seios, como as antigas rainhas da sua terra.

Virei-me para ele e vi que os olhos do senhor de Pilos estavam lustrosos de lágrimas.

– Você é um homem de sorte – prosseguiu –, porque tem Penélope: suave, sábia e linda, doce como mel.

Costeamos a Lócrida, onde reinava Oileu, que tinha um filho chamado Ájax, o mesmo nome do gigantesco herdeiro de Télamon, príncipe de Salamina, e seguimos adiante rumo a Corinto, que eu visitaria, portanto, pela segunda vez. Ali, disseram-nos que Jasão, o herói do navio *Argo*, estava na cidade!

– Quero vê-lo, *wánax* – disse eu a Nestor. – Nunca terei outra oportunidade de encontrar o valente guerreiro que trouxe o velo de ouro da Cólquida e navegou no maior navio do mundo junto com uma tripulação de cinquenta reis e heróis.

Nestor franziu a testa:

– Quer mesmo conhecê-lo? Quer dizer que não sabe o que aconteceu? – Mandou soltar a âncora, e desembarcamos. – Agora vamos atravessar o istmo no seu ponto mais estreito. A pé. Do outro lado, esperando por nós, há outro navio, que nos levará ao nosso destino, evitando toda a longa navegação em volta da península meridional da Acaia, com seus promontórios e perigosos recifes.

“É por isso”, pensei, “que Nestor goza de tamanha consideração entre todos os aqueus. Pelo seu saber, pela sua incrível experiência, pela sua grande sabedoria.” E o fato de ele me querer ao seu lado na missão mais importante naquele momento, convencer Aquiles a participar da guerra, enchia-me de orgulho. Marchamos por várias horas através do istmo, levando conosco muares carregados de mantimentos e de tudo o mais necessário à viagem, até chegarmos a um lugar de onde já se avistavam o mar oriental, o golfo e o segundo porto.

Ficamos por um momento parados, imóveis no local que separava as duas vertentes. A vista que se descortinava diante de mim era surpreendente. Nestor apontou para os recifes na costa setentrional do golfo.

– Está vendo – disse – aquele casco enorme encalhado nas pedras? – Um frio terror apertou o meu coração. Naquela hora nem tive força para articular uma única palavra entre os dentes.

– Aquele é o *Argo*.

Retomamos o caminho, de coração pesado, até chegarmos, lá embaixo, à margem do mar oriental e ao molhe onde estava amarrado o navio à nossa espera.

– Vamos embarcar de novo – disse –, mas não se esqueça do que estou dizendo: não vai gostar do que vai ver. E menos ainda do que vai ouvir.

– Como assim, *wánax*? Não consigo entender.

Nestor mandou o timoneiro manobrar para ficar mais perto do enorme casco encalhado.

– Já viu um navio tão grande na sua vida? Escute: depois que voltou para Iolco, Jasão percebeu que a princesa selvagem nunca poderia levar uma vida como qualquer outra pessoa, o povo a detestava e temia devido às suas magias.

Odiada por todos, só continuava loucamente apaixonada por ele, o único ao qual aceitava ficar submissa e a quem dera dois filhos. Quando viu o rei Pélias, sabendo que no passado o velho tinha usurpado o trono do seu príncipe, atraiu-o com o engano para um lugar secreto e o esquartejou. Encontraram-na enquanto cozinhava aqueles pobres restos para em seguida comê-los.

A cidade ficou horrorizada, e Jasão foi forçado a fugir. Subiu no navio acompanhado da esposa e dos filhos e, com uma tripulação de mercenários, veio para cá, para Corinto, onde o rei era seu amigo. Apaixonou-se pela filha do rei, Glauce, de sublime beleza. A princesa selvagem, Medeia, louca de amor, transformou-se numa fera como as que vivem na terra dela. Fingiu aceitar a nova esposa de Jasão e ofereceu-lhe uma veste como presente de casamento. No dia das núpcias, acompanhada dos filhos vestidos de pajem e com flores na cabeça, aproximou-se de Glauce segurando um dos archotes sagrados e encostou-o na veste, que, imbuída em alguma substância desconhecida, se incendiou na mesma hora. A linda Glauce transformou-se numa tocha humana, seus gritos aflitos e desesperados ecoaram por toda a cidade. Reduziu-se a alguma coisa informe, um tição negro. Ato contínuo, a princesa selvagem matou os dois filhos tidos com Jasão bem diante dos olhos do pai. Cortou-lhes a garganta. Depois pulou para um coche, incitou os cavalos e desapareceu. Perseguiram-na, procuraram-na por toda parte, mas nunca foi encontrada. Jasão enlouqueceu, subiu a bordo do seu navio e, sozinho, esperou a chegada do vento ocidental e içou a vela; ficou então no leme e dirigiu a embarcação até se espatifar contra a barreira de recifes.

Mal tinha acabado de falar, ouviu-se, da negra e apodrecida carcaça do *Argo*, coberta de algas, um grito desumano, um berro de dor e loucura que gelava o sangue. Por um momento, na falsa luz do crepúsculo, pareceu-me ver

uma figura espectral mover-se entre os trapos da vela, entre o cordame mofado.

– Ouviu? – disse Nestor. – Aquela era a voz de Jasão, o herói do velo de ouro. E este é o seu último porto.

Chorei.



Aquela voz de aflito desespero e aquele casco desventrado do *Argo* atormentaram-me por vários dias enquanto subíamos ao longo da costa oriental da Acaia rumo a Ftia, a cidade dos mirmídones. Dobramos o cabo Súnio, passando então pelo canal que separava o continente da ilha Eubeia. Nestor teve todo o tempo do mundo para contar-me o que sabia daquelas terras e de quem as regia, mas na verdade eu já estava a par de muitas informações, pois conhecera seus príncipes em Esparta por ocasião da escolha de Helena.

– Peleu é o irmão mais velho de Télamon, rei de Salamina, o que torna Aquiles e o gigante Ájax primos-irmãos. O fato de dois jovens como eles, com quem ninguém pode competir em toda a Acaia, serem ligados por tão estreito vínculo de sangue deu origem a muitos boatos acerca da sua ascendência. Aquiles nasceu quando o pai já era um homem idoso, e a invisível mãe, que ninguém jamais viu e cujo semblante ninguém conhece, inspirou inúmeras histórias que passam pelos lábios de poetas e cantores.

– Uma deusa?

– Uma deusa marinha, Tétis.

Nestor continuou:

– Ftia, a cidade de Peleu, domina e controla a planície do lado meridional. E do outro lado, mais para o norte, fica Feras, a cidade de Admeto e Alceste, mas não chegaremos tão longe. O filho deles, Eumelo, já mandou dizer que

estará no porto de Áulis, na Beócia, para o ajuntamento de todas as nossas tropas...

– Eumelo – repeti baixinho, para mim mesmo –, a pequena, corajosa testemunha da inocência de Hércules. Por quê?

Ainda assim, Nestor me ouviu ou escutou os meus pensamentos. Disse:

– Porque sabe do pacto entre os pais, sabe o que Hércules fez para trazer a mãe de volta da porta do Infero: talvez, para ele, jogar-se na fornalha da guerra seja melhor que ver todos os dias um pai que tremeu de medo diante da morte, uma mãe que retornou de onde ninguém jamais voltou e que nunca poderá saber quando está viva ou está morta.

Concordei com um sinal da cabeça:

– É verdade, *wánax*, coisas terríveis aconteceram na nossa terra. E nem quero pensar no que ainda nos aguarda.

– Caberá a você convencer Aquiles. É o único que pode fazê-lo. E, se Aquiles vier, o seu primo Pátroclo também virá, são inseparáveis.

“Pátroclo é um foragido. Teve de deixar a sua cidade porque matou um sujeito numa briga de jogo de dados. Os parentes do homem o procuram para se vingar, mas enquanto ele estiver com Aquiles ninguém ousará importuná-lo. Não fosse por isto, o seu destino estaria marcado.

“O que não consigo entender”, prosseguiu, “é por que Aquiles não se apresentou logo: a guerra é o seu elemento. Como a água para um peixe, o ar para um pássaro... É um matador sanguinário.”

– Já o viu lutar, *wánax*?

– Já tive esta oportunidade. Olhá-lo já dá medo. A armadura que veste é ofuscante, o escudo reflete a luz do sol como um espelho, o elmo só deixa vislumbrar os olhos de gelo; é rápido como um raio, ninguém consegue prever

os seus movimentos, costuma matar quase sempre com o primeiro golpe: só não faz isto quando ele mesmo quer prolongar a luta e a agonia do adversário.

– Como explicar a sua relutância, então?

– É justamente o que você terá de descobrir.

Deixamos à nossa direita a baía de Iolco, de onde o *Argo* partira para alcançar lugares aonde nenhum outro navio chegara antes, e seguimos em frente até lançarmos âncora numa pequena enseada protegida, dominada pela massa imponente do monte Ótris. Desembarcamos e começamos a subir por um íngreme caminho montanhês. Estávamos sendo esperados, ou talvez ninguém conseguisse chegar a Ftia sem ser avistado pelos invencíveis guerreiros mirmídones. Quando alcançamos o desfiladeiro, eles juntaram-se a nós e prosseguiram em silêncio ao nosso lado rumo à cidade. Pareciam autômatos criados por Hefesto: marchavam todos ao mesmo passo, em suas armaduras polidas e exatamente iguais, os penachos ondeando a cada sopro do vento. Pareciam formigas gigantes, como o nome deles o indicava. E talvez tivessem sido, em alguma época longínqua, quem sabe? Finalmente, Ftia ergueu-se diante de nós no topo das montanhas, e eu quase fiquei sem fôlego.

Peleu recebeu Nestor como a um irmão, mas logo percebemos que não havia preparativos para uma festa ou para um grande banquete. A sombra da guerra apagava a alegria.

– Deixe-me apresentar-lhe o rei de Ítaca – disse Nestor, fazendo sinal para eu me aproximar.

– O filho de Laertes... Aquiles me falou de você – disse Peleu, pensativo. – Como vai o seu pai?

– Manda lembranças e espera que algum dia você aceite ser nosso convidado para uma caçada em Ítaca quando... – hesitei – quando a guerra

acabar.

Peleu suspirou:

– Desde o momento em que partirem de Acaia, eu e o seu pai, e todos os pais, não pensarão em outra coisa a não ser no retorno de vocês. Mas, se por acaso acabarem não partindo, onde poderiam se esconder?

– Não tenciono esconder-me – respondi –, fiz o possível para evitar esta guerra, mas agora ela se tornou inevitável e precisamos ganhá-la.

– Veio buscar Aquiles?

– Não podemos vencer sem o seu filho.

– É esta a maldição dele?

– Onde está, agora?

Peleu indicou um lugar na encosta da montanha que tínhamos à nossa frente. Uma nuvem de poeira se movia extremamente rápida declive abaixo. Um carro de guerra. Uma figura toda de metal ofuscante, um penacho vermelho, dois cavalos lustrosos, longas jubas franjadas, protetores da cabeça rostrados que os faziam parecer unicórnios.

– Lá – respondeu.

Pelo jeito como olhava para mim, já tinha entendido que Nestor não conduziria a conversa, que deixaria o assunto por minha conta.

Eu estava fascinado pelo que estava vendo: o carro de Aquiles descia em disparada, a uma velocidade espantosa, e então irrompia na planície, passava pelas lavouras, entre rebanhos no pasto, entre manadas.

Não demorou para o estrondo das rodas e o redobre dos cascos serem ouvidos cada vez mais perto, até o carro entrar no pátio e Aquiles pular ao chão. Tirou o elmo e a armadura, lavou-se na fonte. Molhou o focinho dos seus magníficos garanhões.

– Bálío e Xanto – disse apontando para eles, enquanto vinha ao meu encontro.

– Lindos animais, Aquiles – respondi enquanto os serviçais os livravam dos arreios e os enxugavam.

Também dei uns passos, e ficamos um diante do outro.

– Seja bem-vindo, rei de Ítaca.

– Aquiles, revê-lo enche o meu coração de alegria.

– Veio sozinho?

– Nestor está comigo. Ficou conversando com o seu pai.

– E você?

– Vim falar com você.

Aquiles baixou a cabeça por um momento, em silêncio, e disse:

– Siga-me.

Sáímos do palácio e nos encaminhamos por uma trilha que levava a um bosque de carvalhos. Os cavalos vieram atrás de nós, passo a passo, um ao lado do outro. Paramos perto de uma nascente que jorrava de baixo de uma grande pedra coberta de musgo. Aquiles sentou-se num tronco caído. Apalpou-o.

– Derrubado por um raio. Era uma bonita planta, vigorosa. – Entendi o que queria dizer.

O seu silêncio me dava arrepios.

– Em que está pensando? – perguntei.

– Fico imaginando que um trato pode ser interpretado de várias formas.

– Quanto a mim, estou aqui porque acho que o juramento é muito claro. O troiano levou a esposa de Menelau. Eu e ele fomos a Ílio e pedimos a devolução de Helena. Só conseguimos uma recusa. O povo escarneceu e ofendeu Menelau.

– Helena foi embora por vontade própria. E o nosso juramento mencionava claramente um rapto.

– E é justamente de um rapto que estamos falando. Helena pertence a Menelau, e foi tirada dele. De você eu esperava outras palavras.

– E você? Por que quer partir?

– Porque a jura foi ideia minha. Não posso eximir-me. Tentei evitar esta guerra. Mas agora é tarde, já não é possível, e só acho que precisamos vencer. Sem você, contudo, é impossível. Diga-me: por que hesita, Aquiles?

Os cavalos se haviam aproximado e o tocavam com seus focinhos. Pareciam entender a voz do seu coração.

Aquiles afagou-os.

– São como pessoas, para mim. Falam comigo, sabia? Do jeito deles, falam comigo.

– Estou vendo... Responda, Aquiles, por que hesita? Você é como um deus da guerra, ninguém pode enfrentá-lo. Por que não é o primeiro a se apresentar?

Sorriu com tristeza.

– Você sabe, quando há uma guerra, cada um de nós se vê diante de duas possibilidades: partir, morrer jovem em combate e ser lembrado para sempre por aqueles que virão, ou então não partir e viver tranquilo na obscuridade de uma vida sempre igual e desprovida de sentido.

– Há uma terceira possibilidade, Aquiles: pode-se conquistar a glória e voltar vivo para a casa e para a família. E é o que nós faremos.

– Isso é coisa para você, versátil e astucioso Odisseu. Para mim só há dois destinos.

Eu não estava entendendo:

– O que me diz não faz sentido. Quem lhe contou: um oráculo? Um adivinho? Talvez sua mãe, o ser misterioso que ninguém jamais viu? Preciso saber, Aquiles, porque disto vão depender a vida ou a morte de milhares de jovens combatentes e o futuro do nosso mundo.

– Faz diferença? Os meus possíveis destinos são estes, e já fiz a minha escolha. Quando morremos, tudo o que sobra de nós é o nome. O resto é consumido pela fogueira. Eu quero que o meu nome permaneça para sempre. A glória é a única luz dos mortos, Odisseu. Até Áulis, quando nos veremos de novo na primavera.

Partimos de volta no dia seguinte, e só consegui ver Pátroclo de relance. Parecia mais velho que Aquiles, e, de repente, lembrei-me de tê-lo visto entre os pretendentes de Helena, em Esparta.

Nestor e Peleu demoraram-se num longo abraço e, quando se separaram, ambos tinham os olhos úmidos de lágrimas. Ouvi Nestor murmurar:

– Não vou conseguir ficar ansiando pela volta do meu garoto, em pé nas muralhas do meu palácio, angustiado na espera. Vou com eles, vão precisar dos sábios conselhos de um velho. – Então retomamos em silêncio o nosso caminho, escoltados como na vinda por uma unidade de soldados mirmídones. Só quando já estávamos no navio, Nestor dirigiu-me a palavra: – Virá?

– Virá. Na primavera estará em Áulis, na Beócia.

Nestor anuiu, sem acrescentar mais palavras. Acompanhou-me até Ítaca.

* * *

O tempo passou rápido demais, e o dia chegou. Os arautos de Agamêmnon e Menelau chegaram ao porto grande, e eu convoquei os melhores jovens, os filhos das famílias mais importantes e os meus amigos. O meu era um

alistamento para as armas. Também chegou das ilhas próximas a fina flor da nossa juventude, resplandecente em suas armaduras; eles pareciam não dar-se conta de que, lá longe, no campo de batalha, a morte podia estar à espera deles. Pareciam partir para uma grande aventura que seria cantada pelos poetas, exaltada e fantasiada pelos cantores, de onde voltariam carregados de despojos e de glória. Brincavam uns com os outros, riam atrevidos, falavam de tesouros por saquear, das lindas mulheres da Ásia que trariam de volta como escravas e concubinas.

Armamos doze navios, carregando-os com mantimentos, armas, tendas e roupas, com tudo aquilo de que iríamos precisar para uma longa guerra.

Desde que eu voltara de Ftia, o meu coração se preparava para dizer adeus a Penélope. Telêmaco ainda não tinha idade para entender: sabe-se lá se se lembraria de mim, se me reconheceria como eu reconhecera o herói Laertes, meu pai, quando voltara da Cólquida.

Mas Penélope... como me despediria dela? Teria preferido lutar com um dragão a enfrentar a angústia do seu olhar, a expressão de corça ferida nos seus olhos. Porque cabia a mim soltar a flecha, cabia a mim afundar a lâmina na carne. Mas ela conseguiu ajudar-me de forma incrível. Desceu até o porto a pé, como qualquer outra mulher da ilha, com a mesma aguda dor no coração. Esperou que os meus pais acabassem de me abraçar, que minha mãe chorasse todas as suas lágrimas, agarrada ao meu pescoço, que meu pai dissesse:

– Vença esta guerra, rei de Ítaca, torne-nos orgulhosos de você... e volte, volte, *garoto*, para nós, que o aguardamos.

A babá Euricleia venceu o instinto de abraçar-me como uma mãe e baixou a cabeça diante da sua ama, de Penélope, que lhe confiou o menino para segurar. A minha rainha cingiu o meu pescoço com seus braços brancos e

perfeitos, num abraço apertado, beijou-me longamente, com paixão ardente, como uma amante sem nenhum pudor, depois aproximou a boca do meu ouvido e murmurou:

– Lembre-se dos meus lábios, meu rei, lembre-se da paixão com que lhe doe o meu corpo. Nenhuma mulher no mundo pode amá-lo como eu.

Logo depois, afastou-se e fitou-me com olhos trêmulos de lágrimas:

– E agora sorria, para que possa ver mais uma vez o seu olhar, que muda de cor.

Fiz um esforço para sorrir. Ela jogou nos meus ombros o seu último presente, uma magnífica capa vermelha, e prendeu-a com uma fivela de ouro que representava um veado entre as patas de um cão de caça. Sussurrei a seu ouvido:

– Fique certa de que pensarei em você todo instante e toda noite, na hora em que a Lua surge do mar. Cuide do nosso filho, da minha cama, do meu cão e do meu arco.

Euricleia ajoelhou-se aos meus pés, beijou a minha mão, e ouvi-a murmurar, entre soluços:

– Minha criança, minha criança...

Beijei Telêmaco e fui andando pelo molhe até a escadinha do navio real, mas enquanto apoiava o pé no primeiro degrau ouvi um latido e me virei: Argo!

– Não posso levá-lo comigo – disse –, você tem de ficar com Telêmaco, precisa protegê-lo enquanto eu estiver longe, e quando eu voltar vamos caçar juntos.

Quase pareceu entender. Lambeu a minha mão e olhou para mim ganindo enquanto eu subia a bordo. Um marujo soltou a amarra, e o navio afastou-se do embarcadouro, afastou-se de Ítaca e de tudo o que me era querido no

mundo. Senti o coração despedaçar-se no peito, mas lembrei que os homens nos remos e no leme esperavam o tríplice brado dos reis de Ítaca que anunciava o começo da guerra. Subi na proa enquanto os outros navios se dispunham em semicírculo para ficar todos igualmente distantes do meu. Os marujos puxaram os remos da água e os levantaram como se fossem lanças de guerra. Vesti a reluzente armadura e gritei a plenos pulmões:

He-ha-hee!

He-ha-hee!

He-ha-hee!

E todos responderam com um estrondo, batendo ritmicamente a empunhadura dos remos no convés de madeira da embarcação.

Partimos.



Ainda me lembro, como se fosse agora, do progresso da nossa expedição. Talvez nunca como então eu tivesse me dado conta da razão pela qual a minha presença na guerra era indispensável. O meu pequeno reino era o mais setentrional. Era a nascente ocidental da armada. Lembro como, da popa, observava os outros quinze vasos que acompanhavam o navio real construído por Laertes. E à medida que descíamos para o sul outras frotas se juntavam a nós dos portos, dos golfos, das enseadas, como regatos que afluíssem a um rio principal: a de Mages de Cálidon, a de Toas de Chálki, a de Ajax, filho de Oileu, de Locros, a de Anfímaco e Políxeno de Élida, terra costeira que tinha o grande golfo ao norte e o mar aberto a ocidente. Continuamos a descer, e, quando chegamos à entrada da baía diante do palácio de Pilos, a frota já era imponente. Ali, os navios de Nestor estavam à nossa espera. Entramos com duas formações separadas, pelos dois estreitos entre a ilha e o continente, e reunimo-nos em duas fileiras diante da frota messênia perfilada em toda a sua grande extensão. Noventa navios apinhados de guerreiros igualavam e superavam toda a esquadra que até então tínhamos juntado.

Subi pessoalmente no navio real para ceder a Nestor o comando da formação inteira. O cargo lhe era devido, pois era o mais velho e a sua frota e o seu exército eram os mais fortes e numerosos.

– Cá estamos nós de novo, *wánax* – cumprimentei-o –, e aqui o seu poder fica patente. Nunca o vira de forma tão manifesta.

– Veja quem está aqui – respondeu em tom carinhoso, e mandou Antíloco chegar mais perto, o que, entre os seus filhos, era naquele momento o mais apto para a guerra. Perfeito para vencer, perfeito para morrer.

– Antíloco, ainda ontem brincávamos juntos, e agora...

– Agora você é um rei – respondeu.

– E você é com todo o mérito o orgulho da Messênia, da gloriosa Pílos e do *wánax* Nestor, o cavaleiro gerênio.

Sorriu:

– Será uma honra combater ao seu lado, rei de Ítaca.

Abraçamo-nos trocando carinhosas palmadas nas costas cobertas de bronze. Havia no ar uma força e uma vibração tremendas, o cheiro de pez e o de pinheiro, o som do metal e o do mar. Naquele momento, entre tantos milhares de jovens, ninguém gostaria de faltar, de ficar em casa vendo os navios desfilar ao longo da costa, de ouvir o movimento das ondas, sentado inerte à beira da água.

Nem eu.

Ficamos ali ancorados durante três dias para completar a carga com mais mantimentos fornecidos, neste caso, por Nestor. Possuía grande fartura deles. Na terceira noite fiquei acordado até tarde, pois na manhã seguinte íamos partir. Já fazia algum tempo que um pensamento se agitava incômodo na minha mente: o de não ter visto Mentor no porto na hora da minha saída de Ítaca. O meu conselheiro não viera despedir-se. Por quê? Onde estava? Por que não se apresentara a fim de ouvir de mim as palavras com que lhe pediria que cuidasse de Telêmaco e de toda a minha família? E por que eu não pedi que o procurassem? Naquela noite, senti-me novamente envolver por aquele estado de percepção que já experimentara outras vezes, na Acarnânia e na

Arcádia; estava plenamente consciente de pairar no limiar entre dois mundos: um visível e outro invisível, mas igualmente forte e presente.

Lá pelo meio da noite, quando as estrelas já começavam a baixar e a superfície da baía parecia uma chapa de mármore, vislumbrei uma luz indecisa no mar. Um pequeno barco estava se aproximando do meu navio, silencioso como se os remos não tocassem na água. Quem podia ser àquela hora? E por que não havia sentinelas de vigia? Estávamos seguros, é verdade, em território amigo, mas alguém tinha ainda assim de ficar de plantão à noite.

– Quem está lá? – perguntei quando a embarcação se encostou no flanco direito do meu navio. Um homem segurou o cabo da âncora para puxar-se para bordo, e uma voz respondeu:

– Não me reconhece?

– Mentor? O que faz aqui, a esta hora? Por onde andou?

– Se me ajudar a subir, eu conto.

Estiquei o braço e ajudei-o a pular o parapeito. Pareceu-me tão leve quanto o ar.

– Está com fome? Com sede?

– Nem uma coisa nem outra – respondeu.

– Como encontrou o meu navio no meio de tantos outros, no escuro?

– Normalmente o *wánax* Odisseu não faz perguntas, dá respostas. Vi o estandarte.

– Nesta escuridão?

– Há o luar.

– É verdade – respondi – agora, há luar.

– Também havia antes, acredite, mas você não o via porque a sua cabeça estava longe.

– Por que não veio se despedir, em Ítaca?
– Por que não pediu que me procurassem?
– É um pensamento que me atormenta desde que deixei a ilha, e não encontro resposta.

– Quem sabe por que, de qualquer maneira, íamos nos encontrar?
– Pode ser. De onde está vindo?
– De uma longa viagem, e tenho notícias.
– Tristes? Posso ver pelo seu olhar.
– Terríveis. Mas, se quiser, nada direi, não deixarei que saiam da minha boca, guardá-las-ei dentro do coração.

– Quero saber.
– Hércules já não existe.
– Não acredito, não pode ser!
– Sabe que não minto. Sabe que, se estivesse vivo, estaria esperando por nós em Áulis, na Beócia, a terra dele. Ainda acha que poderá vê-lo?

– Não, você está certo. Aquiles estará lá, mas não ele.
– Deixou de ser parte do nosso tempo.
– Como pôde acontecer, se não há homem, monstro ou animal que possa vencer a sua força? Será que alguma doença o debilitou antes de matá-lo? – Enquanto isso, o meu coração chorava porque Hércules, durante algum tempo, participara da minha vida, vivera na minha época, embora se tratasse de outro lugar e de outro espaço, e eu não chegara a vê-lo. Não chegara a conhecer o maior homem que jamais pisara a terra dos mortais. Só pudera imaginá-lo.

– Eu tive a oportunidade de vê-lo – disse Mentor. – Não faz muito tempo, foi numa montanha que mergulha no mar espumoso de Palene, ao alcance da majestosa sombra do Olimpo. Erguia-se imóvel como uma coluna de pedra, parecido com um deus, diante de uma imensa pira ainda apagada. Um jovem

pastor segurava uma tocha acesa. Ele deu o sinal, e o rapaz incendiou a madeira. Na encosta, uma rampa de terra batida levava até o topo. Acho que ele mesmo a construíra. Vi-o jogar ao chão a clava, que rolou ricocheteando no solo até ficar inerte. Despiu a pele de leão e avançou pela rampa, nu, entre o remoinho de chamas que se levantavam ao céu explodindo entre as nuvens do ocaso num turbilhão de fumaça e faíscas. A cada passo que dava, eu ouvia gritos, vislumbraava nas labaredas imagens de monstros, de feras, de criaturas selvagens que ele enfrentara e aniquilara, via os espíritos do Inferno que ele desafiara e vencera. E agora estavam todos lá, sedentos de vingança. Despedaçaram-no.

– Por que não procurou detê-lo? Você tinha levado Eumelo de volta a Feras para que lhe revelasse a sua inocência, ele trouxera Alceste do Além, de volta para o marido.

Um leve sopro de vento encrespou o mar e fez vibrar o cordame, como quando um habilidoso cantor dedilha de leve as cordas do seu instrumento. O meu coração estava carregado de dor por aquilo que a história de Mentor evocava: o fim do maior de todos os heróis.

– Não havia coisa alguma que eu pudesse fazer. Hércules subia ainda vivo na sua própria fogueira porque, ainda que inocente, não podia suportar a imagem da família exterminada, não podia suportar a solidão à qual o fado o condenara. Precisava juntar-se aos que tinha amado e nunca esquecera. Ao chegar ao topo, jogou-se nas chamas...

– Chega! Não quero ouvir mais! – gritei. – Não aguento!

Mesmo assim, Mentor prosseguiu:

– O seu grito de agonia despedaçou as rochas da montanha, que ruíram pelo declive, desarraigou os pinheiros que se amontoaram uns em cima dos outros com estrondo de trovão, rasgou as nuvens já negras da noite.

Um longo e pesado silêncio desceu sobre o mar e o navio. Agora a minha mente tinha a transparência do alabastro, a nitidez do vidro egípcio. Os meus pensamentos eram como seixos no fundo reluzente do mar.

– Quem é você? – perguntei.

Mentor não abriu a boca, mas ainda assim ouvi a sua voz dizer:

– Não faça perguntas se já sabe as respostas a elas.

– Atena... onde está Mentor? Digo onde, eu lhe peço.

Tive a impressão de que os seus lábios se moviam.

– Está dormindo, num lugar secreto que só eu conheço. E, desta forma, posso assumir o seu semblante.

– E desde quando é Mentor? Desde quando Mentor deixou de ser? Onde encontrei você achando que era ele? E onde e quando era de fato ele?

– Não se queixe. Eu tenho de fazer coisas que um homem não saberia nem poderia fazer. Não tema, sempre ficarei ao seu lado.

Logo a seguir mergulhou na água para imediatamente reaparecer na forma de uma cândida gaivota. Vi-a voar para longe, quase transparente na luz do luar.

Uma profunda amargura tomou conta de mim, uma infinita melancolia porque Hércules sucumbira ao desespero, porque Jasão, príncipe de Iolco, arrebentara o seu navio jogando-o contra os recifes e, com ele, também destruíra a sua mente, o seu coração. Porque Mentor, o meu fiel amigo, havia desaparecido para que a minha deusa pudesse assumir a sua aparência. Ou talvez tivesse morrido.

Aguardei a alvorada com ansiedade, esperei o Sol nascer e o vento fazer ouvir a sua voz, depois vi o navio real de Nestor atravessar a baía impelido por muitos remadores que ritmavam a voga entoando uma antiga canção. Todos

os navios da sua frota iam atrás, e eu juntei-me a eles com meus doze vasos e os dos demais reis.

Tentava esquecer as imagens e os sons da noite, pensar que tudo não passara de um sonho, mas dentro de mim uma voz dizia que aquilo tudo era verdadeiro e que não havia como evitar a dura verdade, pois a realidade nunca fica à mercê do sono e a ele nunca se entrega.

Dobramos a ponta extrema da Messênia, onde dizem haver uma entrada para o reino de Hades, e depois de mais dois dias o cabo Tênaros. Entre o cabo Tênaros e o cabo Málea, juntou-se a nós o contingente de Menelau, rei de Esparta, com sessenta navios. Encostei o meu barco ao dele, e encontramos-nos no meu vaso.

– Salve, *wánax* Odisseu, meu amigo – disse, e me deu um abraço.

– Salve, *wánax* Menelau, meu amigo – respondi.

O rei Nestor, Ájax de Oileu e os demais reis juntaram-se a nós e mandei servir vinho. Trouxera-o num grande jarro de terracota que mandava molhar continuamente com água do mar para mantê-lo fresco. Jantamos todos juntos, a bordo do navio ancorado, aproveitando o mar tranquilo. Tudo parecia favorecer a viagem. Os deuses sabiam de que lado estava a razão e de que lado o erro.

– Nunca tomei um vinho tão bom – disse Menelau. Derramou uma parte no mar invocando o deus do abismo para que nos fosse propício na navegação.

À noite, já tarde, cada um dos meus convidados voltou ao seu navio e, ao alvorecer, seguimos viagem.

No golfo da Argólida, juntaram-se a nós os cem navios do *wánax* Agamêmnon, rei dos reis dos aqueus, senhor de Micenas, que eu já não via fazia algum tempo, e os de Menesteu de Atenas. Também chegou, com a sua

frota, Diomedes de Argos, comandante dos epígonos que tinham vingado a morte dos pais, os Sete contra Tebas. O último a aparecer foi Ájax de Salamina, ele também filho de uma ilha pobre e pequena. Trazia, como eu, somente doze navios, mas imensa fama e glória: era primo-irmão de Aquiles e tinha um corpo gigantesco, incrivelmente poderoso. Na proa do navio estava pendurado o seu escudo, feito com sete costados de touro sobrepostos, construído com a finalidade específica de proteger o seu tamanho descomunal. A cada nova frota que chegava, a armada ficava mais numerosa, e sugeri a Nestor que mandasse manter distância entre as colunas para evitar que as embarcações, numa repentina tempestade, se chocassem uns com os outros.

Depois de mais quatro dias de navegação, alcançamos Áulis, na Beócia, onde já se encontravam Aquiles, Pátroclo e Automedonte, o auriga que segurava Bálio e Xantos, os cavalos velozes como o vento. O príncipe de Ftia dos mirmídones tinha portanto cumprido a promessa que fizera no juramento dos pretendentes. Lá também estavam ancorados os cem navios da grande frota de Idomeneu, senhor de Cnosso e de toda a Creta.

Subi à montanha que dominava a baía e vi-me diante de um espetáculo que nunca poderia sequer imaginar. Mil navios fundeados e talvez cinquenta mil homens. Quase não conseguia acreditar nos meus olhos. A melhor juventude da Acaia estava reunida naquele porto para atravessar o mar e levar a guerra a Príamo. Quando, na história, já se viram tantos navios e tantos homens reunidos para uma guerra? E era realmente possível que a finalidade de todo aquele poderio que se descortinava diante de mim fosse somente vingar a honra ofendida de um príncipe da Acaia? Não só os príncipes que haviam feito o juramento estavam lá, mas também outros que, embora afirmassem o contrário, não haviam estado em Esparta. Talvez Agamêmnon os tivesse convencido.

Eu não podia tolerar a ideia de algum outro escopo para a guerra, além daquele que conhecia, permanecer para mim oculto.

Quando o sol se pôs entre as montanhas atrás de mim e os caminhos da terra e do mar ficaram escuros, contei as noites que passara no mar, longe de Penélope, e percebi como sentia falta do seu amor, do seu perfume, dos seus olhos e cabelos, dos cândidos braços e do corpo sinuoso. E senti falta de Telêmaco, do toque dos seus pequenos dedos, do som da sua voz, que, algum dia, já adulta e trovejante, soltaria o tríplice brado dos reis de Ítaca. Quantas outras noites e quantos outros dias teria de passar longe deles? Quando receberia notícias dos meus amados, e eles minhas?

Depois dos primeiros momentos de entusiasmo, dos banquetes, dos convites entre os reis e das festas entre os guerreiros, os dias que se seguiram tornaram-se tão pesados como pedras. O sol surgia sem ser anunciado pela aurora: de repente, uma bola de fogo escaldante. Um calor insuportável sufocava a Terra, e a água da baía ficava imóvel, estática no ardor meridiano. Parecia que o carro do sol havia parado no meio de céu, sem que nada pudesse tirá-lo dali. O suor escorria farto na testa, e os aqueus, aos milhares, buscavam refrigério na água. Os navios não se mexiam, imóveis como pequenas ilhas, com seus estandartes pendurados inertes nos mastros, de velas recolhidas, de cordame afrouxado. Não havia um único sopro de vento, uma única encrespadura no mar. Parecia uma maldição, e foi este o rumor que começou a se espalhar entre os homens. Sem dúvida alguma os deuses deviam estar zangados, por alguma razão ainda desconhecida. Quem os ofendera e o que fazer para reparar o estrago?

Reunimo-nos e ficamos nos entreolhando, eu, Aquiles, Diomedes, Ájax de Lócros e Ájax de Salamina, Nestor, Menelau e Agamêmnon. E o rei Idomeneu de Creta também. Estávamos preocupados: havia o perigo de os homens

acharem que a empreitada era uma ofensa aos deuses. Grande, ativa e atrevida demais. Tamanha era, para mim também, a preocupação, que às vezes quase me esquecia da família, dos meus pais e da minha ilha, na tentativa de encontrar uma solução.

Mas não havia solução a não ser que viesse do chefe supremo da grandiosa expedição: Agamêmnon, o rei dos reis dos aqueus.

E foi justamente com estas palavras que deixei a assembleia dos chefes e voltei à minha tenda em terra firme. Subi até o topo do promontório e observei a baía apinhada de navios e a Lua surgindo do mar, e me lembrei das palavras que dissera a Penélope na hora da despedida. Pensei nela tão intensamente, que podia sentir a sua pele sob os meus dedos, os seus lábios sobre os meus e o som da sua voz. Virei a cabeça e vi Mentor, que se aproximava subindo pela encosta.

Parecia mais maduro, alguns fios brancos entremeavam as suas têmporas, assim como a barba que lhe emoldurava o rosto.

– Trago notícias da sua família – disse.

– Fico-lhe grato, meu amigo. Fale então: como estão eles?

– Penélope... você partiu o seu coração, mas se porta como uma verdadeira rainha. O seu pai acode aos seus deveres de soberano como você pediu, mas sempre pergunta a opinião dela, trata-a com o maior respeito. Telêmaco se move cada vez mais despachado, fiz para ele uma pequena lança de madeira e uma pequena espada... costumamos brincar de guerra juntos.

Eu sorri, mal conseguindo conter as lágrimas:

– Sei que é um bom instrutor, embora neste caso eu confiasse mais em Damastes. Sabe-se lá por onde anda, agora, aquele velho urso rabugento.

– Está na terra dele. Vive caçando, acende o fogo e prepara a comida na floresta, onde construiu um barraco de madeira, a sua morada.

Fitei-o fixamente nos olhos, que mudaram de cor assumindo uma tonalidade esverdeada, e então falei sem receio:

– Por que esta calma mortal? O que precisamos fazer? Estamos em guerra e, se ficarmos nesta poça de água parada, seremos derrotados antes mesmo de partir. Ajude-me!

Ouvi a sua voz dentro da minha mente, límpida e cortante:

– Fique fora disto. Quem detém o supremo poder não é você. Um adivinho dará a sugestão, e depois o vento voltará a soprar. Da terra para o mar.

Nenhum de nós viu, mas a fama provida de mil bocas com todos falou. Uma divindade ofendida mantinha prisioneiro o vento nas longínquas cavernas do Hemo. Para soltá-lo, pedia ao comandante supremo do exército o supremo sacrifício: imolar a filhinha no altar. A que mais amava, Ifigênia, prometida a Aquiles quando chegasse à idade das noivas.

Ninguém viu.

Disseram que na hora em que a lâmina descia sobre o pescoço macio, a deusa, aplacada, levou-a embora para a segurança de um santuário na nevada Táuris, substituindo-a por uma corça. Ninguém ia vê-la de novo. Não ia vê-la a mãe, Clitemnestra, que concebeu no coração um ódio inextinguível que, como um monstro, foi crescendo com o tempo.

Então, numa silenciosa manhã, o vento soprou. O cordame vibrou, rangeram as madeiras, a água encrespou-se em milhares de arrepios reluzentes. Então um longo, longo toque de corno, um estandarte desfraldado no vento e muitos, muitos outros, abrindo-se em lindas cores e imagens fantásticas. As velas se encheram, um navio se moveu e ganhou o mar aberto, outro foi atrás, ajudado pela força dos remos, e prosseguiu cada vez mais rápido. E então dez e cem velas cândidas como asas de borboletas que, no entanto, levavam a morte para além das margens espumosas do mar.

Movimentei-me acompanhando a esquadra de Menelau, ouvia o seu alto brado de guerra, via a nuvem ruiva dos seus cabelos, furiosa. As demais embarcações das nossas ilhas juntaram-se à minha volta, como quando um bando de patos selvagens levanta voo e só um deles, na frente, os guia.

E, finalmente, mil.



A vista da imensa frota, das centenas de navios, dos milhares de remos que batiam na superfície do mar revolvido e espumoso encheu-me de pasmo. Aquela era uma empreitada que ofuscava qualquer outra aventura humana. O mundo de Hércules, de Jasão, dos Sete contra Tebas, de Teseu de Atenas que derrotara o homem-touro no seu Labirinto, perdia os seus contornos na névoa que o vento levantava da crista das ondas. Um mundo perdido para sempre esvaía-se naqueles vapores matinais de um dia de verão, enquanto o sol surgia da Ásia iluminando uma desmedida extensão de navios, uma floresta de estandartes, uma miríade de escudos faiscantes. O estrondo dos tambores que ritmavam a voga, os clarins que soltavam toques de bronze para o céu límpido, onde brancas nuvens galopavam, eram a imagem e a voz da maior armada que o mundo já vira. Milhares e milhares de homens atravessavam o mar, aquela visão soberba imprimia no coração de cada um deles uma lembrança que passaria para os filhos e para os filhos dos filhos pelos séculos vindouros, por milhares de anos.

Deixavam atrás de si esposas e filhos pequenos, ou até recém-nascidos, pais enfraquecidos pela idade e pela ansiedade da qual nunca mais se livrariam, até o fim das suas vidas. Agora, sentiam-se parte daquela multidão, dos gritos e dos toques, do contínuo rufar dos tambores, do estrépito das ondas contra as proas, da espuma marinha, dos chamados dos pássaros; depois chegaria, no entanto, a hora dos esforços terríveis do combate, da rinha cruel, do sangue,

das noites insones, dos olhos arregalados no escuro. Chegariam as feridas e a morte e, pior que a própria morte, o medo!

Muitos, muitos deles não iam voltar, iam descer ao impiedoso reino de Hades. Esta visão que me enchia os olhos e o coração seria a última tão grandiosa e gloriosa, eu sentia isto. Não haveria outras igualmente luminosas. O destino já tomara o seu curso. A rota estava traçada, o vento soprava firme e contínuo, a sua imensa força empurrava mil navios e seus inúmeros milhares de homens cobertos de bronze. Onde estava a minha deusa? Talvez estivesse sentada no seu trono de marfim no luminoso Olimpo, ela também contemplando o espetáculo, tendo ao seu lado os demais numes imortais: Zeus e Hera, Apolo, Ares, que já sentia o cheiro do sangue, e Afrodite, que protegia a beleza por causa da qual aquela guerra era combatida. Ó Atena! Será que o seu olhar esverdeado estava à minha procura entre as ondas espumosas, entre as velas desfraldadas? Eu, de pé na proa, segurando a lança que me fora doada pelo *wánax* Autólico, senhor da Acarnânia, procurava o seu. Podia você, minha deusa, ver o seu lampejo ofuscante?

O vento continuou a enfunar as velas sem mudar de direção por dois dias e duas noites. *Oh, quantos dias, quantas noites seriam necessários para fazer o caminho de volta!* A força dos remos aumentava a velocidade, e os timoneiros mantinham com firmeza a proa apontando para o oriente. Era como se algum deus, de repente, tivesse aberto as portas do monte Hemo, onde por muito tempo mantivera o vento aprisionado, e este se tivesse lançado como corcel fogueiro a um galope desenfreado e desejoso de espaços infinitos.

Cada um dos navios dos reis liderava a própria frota: uns mais rápidos, outros menos. E eu podia vê-los, aos soberanos da Acaia, altivos em suas resplandecentes armaduras, na proa. Às vezes as nossas embarcações quase se

tocavam e nós trocávamos saudações, superando com a voz o assvio do vento. À minha esquerda podia ver Menelau de cabelos de cobre, e parecia-me voltar ao dia em que Helena o escolhera desviando o olhar de mim, no último instante.

O navio de Aquiles encostou-se ao meu e conversamos. Queria desembarcar em Esquiro para ver o garotinho de poucos anos que tivera de uma princesa menina filha do rei Licomedes quando morara como pajem em seu palácio. Chamava-se Neoptólemo. O nome do menino era este, mas ele preferia chamá-lo Pirro porque tinha cabelos cor de fogo. Mandei avisar a Agamêmnon. A frota iria esperar ao amparo de um promontório, aproveitando para reabastecer-se de água e comida. Só eu e Aquiles, acompanhados por dois lápitas da sua guarda, fomos ao palácio. Não quis encontrá-lo pessoalmente o filho, mas apenas vê-lo de trás de uma cortina, nos braços da mãe. Contemplou-o longamente, em silêncio. Eu, por minha vez, fui dar com o menino e presenteei-o com uma pequena armadura que mandara fazer por um dos meus mestres carpinteiros, junto com uma espada forjada pelo meu armeiro usando o metal fundido de um braseiro de cobre. Eu disse:

– Quem lhe manda isto é seu pai, que partiu para a guerra. Prepare-se, pois algum dia vai lutar ao lado dele.

O menino soltou uns risos estrídulos, pegou a espada e começou a dar golpes fendentes para todos os lados. Os olhos do pequeno guerreiro eram os de um filhote de lobo, frios e sem nenhuma expressão.

– Vai tornar-se igualzinho a você – disse eu a Aquiles. – Mas precisará de alguém que o instrua e o prepare. Seria bom você deixar aqui os seus lápitas. – Disse que sim com a cabeça, mas sem nenhum comentário.

Coube a mim despedir-me do rei Licomedes:

– *Wánax*, fico-lhe grato pela sua acolhida. Não podemos ficar mais porque temos de atravessar o mar, mas voltaremos. Deixo aqui estes dois guerreiros, que, como mestres de armas, vão instruir o menino já desde agora. Têm qualidades que poderão retribuir a sua hospitalidade.

Não sei por que pensei numa coisa dessas, nem por que disse aquelas palavras: era como se estivesse obedecendo a uma ordem que uma voz desconhecida murmurava aos meus ouvidos. O que fiz naquele momento continua me incomodando até hoje...

– É o meu neto – respondeu ríspido o rei –, quem decide como deve ser criado sou eu.

– É a vontade do pai, Aquiles – repliquei.

Aquele nome, por si só, inspirava medo, obediência e silêncio. O rei calou-se. Então, em segredo, disse aos dois lápitas:

– Escutem, o êxito desta guerra é bastante incerto. Ele precisa ser a nossa última arma no caso de não haver outras esperanças. Precisam fazer dele um guerreiro implacável, um matador: nenhuma piedade, nenhum afeto separem-no da mãe a partir de amanhã.

No dia seguinte, juntamo-nos ao restante da frota. As tripulações estenderam as velas enfunadas pelo vento, exortaram os companheiros a dobrar as costas em cima dos remos, a transformar as ondas num mar de espuma com suas vigorosas braçadas. Todos queriam ser os primeiros a alcançar a costa. Ao longe já dava para ver Ílio no topo da colina.

Parecia uma corrida, como quando, no dia em que se comemora a festa de Posídon, o deus azul senhor dos abismos, os navios desprovidos de mastro e de vela, impelidos somente pelos remos, se arrojam a toda a velocidade, com

os cascos sulcando as ondas e as proas disputando o espaço que as separa da linha de chegada.

Agamêmnon mandou logo proclamar pelos arautos que todos dispusessem as embarcações de forma ordenada ao longo da praia, conforme os grupos e os lugares de origem. Eu ficaria exatamente no meio, igualmente distante das pontas onde lançaram âncora os navios de Ajax de um lado e de Aquiles do outro. Foram então descarregadas as tendas e tudo o mais que servia para montar o acampamento. Enquanto isso, as muralhas de Troia se enchiam de guerreiros e também de povo: idosos, mulheres, rapazes e até crianças. Afinal, depois do resultado infeliz da nossa visita, não podiam certamente esperar que aceitássemos o rapto da rainha de Esparta sem reagir. Príamo estava sem dúvida a par dos preparativos e de quantos navios e guerreiros iam chegar. Reparei nos reforços construídos dos lados das Portas Enviesadas, Ceias! Mas o que mais me surpreendeu foi o fato de a frota deles não ter saído ao mar para nos enfrentar. Não entendia por que não nos haviam atacado na hora do desembarque, quando éramos mais vulneráveis. Quase parecia que uma cidade tão poderosa, capaz de dominar e controlar os estreitos, não dispunha de uma esquadra. Seria possível?

O primeiro a chegar à margem foi o navio de Protesilau, comandante dos tessálios, que se lançou de pronto adiante com os seus homens. Logo a seguir desembarcou Aquiles, e depois Menelau com os seus lacedemônios. Depois foi a minha vez e, então, a de Agamêmnon com os micênicos, de Diomedes com os argivos, de Ajax menor com seus locrenses, de Ajax gigante com os guerreiros de Salamina ao lado dos atenienses de Menesteu, e em seguida de todos os demais. Saí correndo em busca do primeiro átrida para pedir que detivesse Protesilau, mas já era tarde demais. Uma flecha se fincara no peito do rei dos tessálios, e um bando de soldados troianos, postados atrás da paliçada

que protegia a segunda porta ao lado das Ceias, arremeteu da esquerda e da direita atacando o exército de Protesilau. Os homens deste formaram uma parede compacta em volta do corpo do rei ferido na tentativa de protegê-lo, mas não tinham nenhuma cobertura e os troianos atacavam com os carros!

– Aquiles! – gritei. – Aquiles! – Mas o príncipe dos mirmídones já se dera conta da situação. Os seus guerreiros tinham baixado os carros dos navios. Bálio e Xantos, esplêndidos animais, um malhado de branco e marrom, o outro aloirado como trigo maduro, estavam sendo atrelados ao carro de combate. Outros companheiros estavam fazendo o mesmo. Os mirmídones, todos armados de couraças e caneleiras polidas, juntavam-se apressados e corriam entre os carros em unidades de cinquenta homens. Gritei a Menelau e Diomedes para que fossem ajudar, e eles também formaram uma segunda onda de carros e de guerreiros a pé. Eu postei os meus arqueiros a fim de proteger os homens quando voltassem ao acampamento.

O contra-ataque deteve a arremetida troiana. Em seu conjunto, a tropa deles não era bastante forte e numerosa para suportar o choque furioso de Aquiles e depois a força de Diomedes e Menelau, que vinham logo a seguir. O rei de Esparta certamente esperava que Helena, de cima das muralhas, o visse e reconhecesse pelo esplendor das armas e pelas insígnias no carro. Diomedes irrompeu logo depois de Aquiles, arremessou uma pequena âncora que tirara do navio e enganchou a roda de um carro inimigo, enquanto o seu auriga, Estênelo, empurrava os cavalos numa trajetória oblíqua que desequilibrou violentamente o adversário, derrubando-o em cima de outros carros numa maranha de homens, cavalos, estilhaços e ossos quebrados. No meio da lamurienta gritaria, o sangue negro começou a manchar a terra. Eu estava avançando com os meus arqueiros quando vi as portas Ceias à nossa esquerda abrir-se vomitando milhares de guerreiros no campo já empapado de sangue.

Eram muitos, muitos! Soltei o tríplice brado dos reis de Ítaca e me virei. Os arqueiros formaram imediatamente três fileiras e postaram-se ao meu lado. Fincaram as aljavas no chão, armaram e esticaram os arcos e ficaram à espera.

He-ha-hee!

He-ha-hee!

He-ha-hee!

A minha garganta ardia em brasa.

As frentes estavam molhadas de suor, brilhavam. O Sol dardejava à nossa direita. Nenhum dos nossos companheiros empenhados no combate se dera conta da ameaça. Lembrei-me do javali da Acarnânia. O ferimento na coxa de repente ardeu.

– Agora! – gritei, e uma nuvem de dardos dura como granizo choveu sobre as Portas Enviesadas, em cima da falange troiana.

Tombaram.

– Atirem!

Gritaram.

– Atirem!

Viraram-se para nós. Desembainhamos as espadas, seguramos os escudos. A confusão era total, eu não conseguia distinguir os gritos e o som dos vários metais, as armas falavam linguagens diferentes, mas pronunciavam a mesma palavra: morte, morte, morte! Estava ofegante na fúria do combate, com a respiração acelerada, quebrada, dolorosa. Mas o estrondo dos carros cortou a terra entre nós, incindiou-a com círculos de marcas profundas. Nossos! Carro de Aquiles! Carro de Diomedes! Carro de Menelau!

– Ceias! – gritou o troiano. Poderoso, elmo reluzente ao sol, alto penacho. Heitor!

As Portas Enviesadas se abriram de novo com estridor, com um rangido ensurdecedor. A cidade engoliu os seus filhos para não deixá-los morrer.

Fecharam-se.

Ájax gigante avançou. Foi recebido por um enxame de flechas, levantou o imenso escudo, de sete costados, de sete touros esfolados. Com a outra mão brandia um machado de dois gumes, a terra tremia sob os seus passos. Até ao pé da porta.

– Atirem! – voltei a gritar. – Para as muralhas! Protejam Ájax! Cubram-no!

Ele já estava embaixo dos passadiços. Segurou o imenso machado e golpeou com ele a porta uma, duas, três vezes. Os batentes estremeceram, os enormes gonzos de bronze gemeram.

O meu coração rejubilou-se dentro do peito: Ájax estava batendo à porta!

Muitos deles ficaram no chão, só uns poucos dos nossos. Demasiados, de qualquer maneira. Os tessálios tinham trazido de volta o seu rei Protesilau, carregado nos ombros, e entoavam uma lamentação fúnebre. Antes do anoitecer, os aqueus ergueram uma pira e colocaram nela o corpo do monarca. Os dias amargos já haviam começado. Acabara de casar, só passara uma única noite de amor com a jovem esposa e, assim que pisara no solo da Ásia, perdera a vida. Seria lembrado por isto mesmo: como aquele, entre os aqueus, que fora o primeiro a chegar à Ásia e o primeiro a morrer.

Em Troia, os guerreiros vigiavam com o olhar, das torres mais altas, o nosso acampamento, enquanto outros abriam com todo o cuidado as portas e recolhiam apressadamente os mortos para lhes prestar as honras fúnebres. Assim que ficou escuro, altas colunas de fumaça se ergueram de uma colina sombria, coberta por negros ciprestes, próxima do bastião oriental da cidadela de Ílio. Se, no comando de um grupo de audazes guerreiros, eu subisse até lá em cima para atacar os que, ignaros, atendiam à triste cerimônia das exéquias,

poderia certamente matar muitos, mas achei que devia haver um limite para as torpezas da guerra. Não se havia passado muito tempo, ainda. Depois as coisas mudariam.

Outras colunas de fumaça subiram ao céu do nosso acampamento. Jovens reduzidos a cinzas que nunca mais voltariam, que os pais e as mães, aflitos, nunca mais veriam. As cinzas foram recolhidas em vasos de bronze e sepultadas. Fora esta a decisão tomada: não se enviariam de volta navios para transportar as cinzas dos mortos. As famílias teriam de erguer à beira do mar túmulos vazios em que derramar suas lágrimas.

Já noite alta, Agamêmnon mandou os arautos convocar o conselho dos chefes. Quis saber o número dos caídos de ambas as partes e como os troianos haviam lutado, até que ponto se haviam mostrado fortes na rinha e na luta corpo a corpo, quantos carros de guerra tinham usado na operação. Prestou homenagem a Aquiles, a Menelau, a Diomedes e a Ajax e, finalmente, a mim também por ter protegido os nossos combatentes com os arqueiros, mantendo a distancia os troianos. Felicitamo-nos uns aos outros, comemos juntos e tomamos vinho para recobrar as forças. Nestor perguntou-me, àquela altura, o que eu achava da ausência da frota troiana.

– Isso mesmo – perguntou então Agamêmnon –, como explica uma coisa como esta?

– Acho que a esconderam. Não teriam a menor chance num enfrentamento direto e, em lugar de assistir à sua destruição, preferiram dispersá-la nos portos de várias cidades da costa aliadas de Príamo.

Agamêmnon meditou por algum tempo sobre as minhas palavras, e também Nestor, que em seguida disse:

– Talvez fosse melhor atacá-las e capturá-las uma depois da outra: tirar de Príamo os amigos, isolar Troia, destruir a sua frota onde ela estiver e então

fechar o cerco em volta da cidade até ela cair.

Os chefes começaram a debater a questão, e os pontos de vista eram diferentes. Aquiles queria assaltar imediatamente as muralhas, Menelau o apoiava, e todos podiam entender a razão: para saquear a cidade, exterminar os habitantes, esquarterar Páris e jogar os pedaços aos cães, como comida, pegar Helena de volta, levá-la para casa e, se possível, esquecer a história toda. Mas não era tão simples. A cidade era defendida por uma grande muralha e uma profunda vala, suas portas eram protegidas por paliçadas. O exército era poderoso, e Príamo podia certamente contar com muitos amigos: talvez até o grande rei dos ceteus, que se sentava em seu trono de mármore na sua cidade de pedra no coração da Ásia. Prevaleceu, afinal, a ideia de levar adiante incursões contra as cidades aliadas de Príamo ou, como quer que fosse, situadas nos arredores – deixando, porém, o grosso das nossas forças no cerco de Troia.

A decisão revelou-se bastante sábia: ao longo do primeiro ano de guerra, Aquiles e Pátroclo, chefiando a frota deles e a de Protesilau, atacaram várias cidades costeiras, saquearam-nas e destruíram suas frotas. Só pararam com a chegada do tempo ruim e do vento de Bóreas, que fustigava o mar com rajadas violentas. Trouxeram de volta ricos despojos, deixando uma parte deles com Agamêmnon, supremo comandante do exército.

Na primavera seguinte Aquiles, Pátroclo, Menesteu, Meríones e alguns outros dos nossos conquistaram a maior e mais próspera cidade costeira nos arredores de Troia. O seu nome era Tebas e surgia no sopé de uma montanha chamada Plakos, habitada por cilícios do mar meridional. Aquiles matou pessoalmente o rei deles e escravizou os habitantes. Foi uma grande vitória, mas eu não consegui regozijar-me. O rei morto chamava-se Aécion e era o sogro do príncipe Heitor, filho mais velho de Príamo e herdeiro do trono de

Troia. Eu já vira a esposa de Heitor, Andrômaca, quando tinha vindo, com Menelau, pedir a devolução de Helena para evitar a guerra. Era muito bonita e tinha olhos profundos e melancólicos.

A morte violenta do pai dela, o rei de Tebas Hyplopákia, exacerbou mais ainda os ódios e tornou mais encarniçado o combate. Os troianos tentavam contínuas surtidas para nos empurrar de volta para o mar ou queimar os nossos navios, e nós rebatíamos tentando destruir o exército deles e forçar a vala e as muralhas da primeira cerca. Uma tarefa que se tornava cada vez mais difícil.

Eu também sofri as primeiras perdas. Nunca tinha acontecido antes, e a minha dor foi muito mais forte porque os mortos eram de Ítaca. Conhecia as suas famílias, as esposas, e tinha assistido ao nascimento das suas crianças. Ia vingá-los matando outros tantos inimigos, pois esta é a lei da guerra: perpetuar a chacina mesmo sabendo que isto não chamará de volta à vida os que pereceram. O que mais oprimiu o meu coração foi ver os seus rostos, que sempre haviam sido avermelhados pelo sol e pelo mar, tão exangues e pálidos. Uma cor que não saberia definir, uma cor própria dos mortos. *Cabeças pálidas!*

Em seguida Aquiles atacou outras cidades e as saqueou. Deu de presente a Pátroclo uma linda jovem chamada Ífi para que tornasse prazerosas as suas noites. Tinha pernas longas e bem torneadas, e os seios firmes, empinados. Guardou outra para si mesmo, Diomedéia, esplêndida, de cintura alta.

Daqueles primeiros tempos da guerra, mais que as batalhas e o sangue, mais que as vitórias e as derrotas, mais que as façanhas minhas e dos companheiros, lembro as palavras. Todos falavam comigo.

Ájax de Salamina, de descomunal tamanho, força invencível, montanha que caminha: acho que nenhum dos reis e dos príncipes dos aqueus cumpriu

façanhas como as dele: enfrentou incríveis esforços nunca pedindo a ajuda de ninguém, nem de homem nem de divindade. E ainda assim era puro e ingênuo como uma criança. Tal como Ájax, pesava na terra como um ponderoso pedregulho, assim como Aquiles era leve, ligeiro como o vento, mortífero, impiedoso mas ao mesmo tempo frágil como uma taça de barro. Matava para não ser morto, combatia para sobreviver à moira da morte, que sempre sentia ao seu lado. Via-a correr, acredito, num carro puxado por quatro cavalos negros como asa de corvo, segurando a sua foice. Inalcançável por qualquer outro, incitava Xantos, o loiro, e Bálio, o malhado, a voar sobre o campo de sangue, e os dois respondiam com palavras que só ele entendia. Não queria esquivar-se da morte, queria que o derradeiro momento da sua vida fosse como relâmpago, como lampejo ofuscante. Não ser esquecido, não desaparecer no esquecimento.

Menelau, devorado pelo rancor e pela humilhação, confessava-me os seus pesadelos, as suas dúvidas, os seus sonhos. Só falava daquele modo comigo. Certa vez perguntou:

– Você estava ao meu lado, naquele dia: por que Helena me escolheu? Por que me quis para em seguida abandonar a mim e à minha casa?

Eu fitava-o nos olhos e me parecia sincero. Mas era realmente possível que mil navios e cinquenta mil guerreiros tivessem atravessado o mar só para trazer-lhe de volta a esposa? Eu procurava no fundo do meu coração outros motivos mais verdadeiros ainda que menos visíveis. Tanto para os homens quanto para os deuses. Mas não os encontrava. Pelo menos, até então.

– Não se aflija – respondia eu –, olhe em volta: mil navios superaram o mar, com milhares e milhares de guerreiros. Acha mesmo que isto aconteceu pela razão que imaginamos? A melhor juventude da Acaia derrama o seu sangue nesta terra queimada pelo sol. Há algum jeito de explicarmos o motivo

disto? Não, não há, nem sequer se você achasse sabê-lo. Estamos aqui sem uma razão plausível, sem um escopo. Somos como gravetos à mercê da correnteza de um rio caudaloso, sujeitamo-nos a esforços, privações, feridas, medo e fome, para acabar na boca implacável de Hades. Outro alguém quer isto, alguma outra coisa irresistível, avassaladora, sem rosto nem voz. A única defesa que nos sobra é ficarmos juntos, como agora, entre companheiros, entre amigos, para afugentar as trevas, o temor.

– Mas havia um pacto entre nós...

– Nenhum pacto poderia manter unidos cinquenta mil guerreiros por todo este tempo, você não acha? E pode explicar por que não regressamos antes do começo do inverno? Havia alguma coisa especial que nos prendia aqui? Não sei, francamente não entendo. E você sabe? E Agamêmnon? O rei dos aqueus o sabe? Se você o sabe, conte-o a mim, quero entender por que estou aqui arriscando a minha vida. Helena não basta.

Menelau ficou calado, não sei se por escolha ou pelo fato de realmente não saber.

– Reparou em algo estranho, algo que o torna inquieto e enche o seu coração de ansiedade?

Menelau fitou-me como se estivesse me vendo pela primeira vez, como se estivesse percebendo que eu podia ver coisas que os demais não podiam ver:

– Contam que a deusa Atena fala com você. É verdade?

– O que os outros dizem a meu respeito não é importante, o que precisamos entender é o que acontece por aqui. Não está vendo que o tempo foge das nossas mãos? Saberria dizer o que aconteceu, digamos, sete dias atrás? Ou quatro? Ou dois? Há quanto tempo estamos aqui?

Certa noite, aventurei-me até o sopé das muralhas de Troia para ouvir a sua voz, se me fosse possível, mas só o silêncio pairava acima da cidade adormecida. Era como se estivesse deserta, vazia. Aquele silêncio dava arrepios. Estaríamos por acaso sitiando uma cidade fantasma? Mas então eu pensava que tinha visto a cidade, que entrara nela, gozara da hospitalidade de Antenor e que tinha conversado com ele durante noites inteiras. Fiquei andando por mais um bom tempo, quase alcançando a cidadela, e chamei Helena. Queria que ouvisse a nossa voz enquanto jazia entre os braços de Páris, queria que se lembrasse de dias distantes: um rapazola e uma juvenzinha no cercado dos cavalos, o Sol que se punha...

Voltei ao acampamento já alta a noite e tive de avisar em voz alta as sentinelas para que não me matassem. Aquela noite, *qual delas?* De repente senti agudamente a falta do meu pai. Ele já passara muitas noites insones, de olhos arregalados no escuro.

Vi Diomedes quando Agamêmnon revistou pela primeira vez o exército. Olhou para ele como se duvidasse do seu valor:

– Por que titubeia? Por que receia enfrentar abertamente a luta?

– Não receio coisa alguma – respondeu –, não esqueça que sou o único que, antes de vir para cá, combateu e venceu sob as muralhas de Tebas das Sete Portas. Vinguei o meu pai.

Agamêmnon nada mais disse e continuou a avançar com seu carro diante do exército perfilado dos aqueus. Diomedes virou-se para mim, e tive certeza de que me reconhecia.

– Era você – disse, e entendi o que queria dizer.

– Sim, era eu – respondi.

– E por que estava em Argos?

– Estava levando Eumelo de volta a Feras, aos seus pais: Admeto e Alceste.
Sabe do que estou falando, não sabe?

– Sei – respondeu. – Muitos procuravam por ele...

– Mas ninguém o encontrou.

– Você tem alguma coisa que eu não tenho. O que é?

– Sei que a mente é uma arma mais poderosa que qualquer espada, lança ou presa ou garra afiada.

– Juntos, poderíamos ser invencíveis.

– Mesmo sozinho, posso sê-lo – respondi –, mas, se você quiser, aceitarei de bom grado ser seu companheiro. Os nossos pais estavam juntos no navio *Argo*.

– Todos os nossos pais estavam juntos naquele navio – respondeu com um sorriso e subiu no carro ao lado de Estênelo, o auriga, preparando-se para o combate.



Aquiles também conquistou outras cidades da costa, mas nem por isto a guerra ficou mais favorável para o nosso lado. Mais guerreiros, de outros países, chegavam a Troia para ajudar Príamo a repelir os invasores estrangeiros. Até os deuses, àquela altura, haviam escolhido de que lado ficar, dava para sentir no ar e os próprios fatos eram prova disso. O tempo, as inesperadas manifestações do céu e da Terra, lampejos e trovões, e certa vez até um terremoto que agastou os cavalos e fez fervilhar o mar, mandavam mensagens que os adivinhos logo procuravam interpretar. Agamêmnon trouxera consigo a Troia o seu vidente, Calcante, apesar de este ter dado o horrível vaticínio quando a interminável calmaria retivera a nossa frota em Áulis. Odiava-o, mas o mantinha ao seu lado. Certa vez, enfasiado pelo seu comportamento e pelas suas palavras, fiz-lhe uma pergunta:

– Diga-me, profeta, quantos figos há naquela árvore?

Olhou gelidamente para mim, aproximou-se:

– Não é para contar figos que serve a minha arte – respondeu –, e você sabe muito bem disto. Acha que não o ouvi, quando fala com alguém que ninguém mais vê?

Fiquei pasmo. Estávamos embaixo de uma grande figueira viçosa e, não sei como nem quando, de repente estávamos andando à beira do mar enquanto a Lua surgia, e sabia que naquele momento Penélope esperava os meus pensamentos, *amarga saudade...* Ele prosseguiu:

– Não é isto? – como se ainda estivéssemos sob a figueira.

Não respondi. Não queria que alguém se metesse entre mim e a minha deusa.

– Ela gosta de você e o protege. E você pode sentir quando ela está por perto, mas eu também me dou conta da sua presença, sabia? Sinto inveja, porém, porque você pode vê-la. Como é?

– Cuidado – respondi –, se ela quisesse ser vista, você não deveria perguntar coisa alguma.

Baixou a cabeça e continuamos a andar em silêncio.

– Gostaria de propor um trato. Você me diz o dia da minha morte, e eu lhe direi o seu.

– Ninguém quer saber quando vai morrer – respondi.

– Então nos contaremos isso sem mexer os lábios, sem dizer uma só palavra. Dessa forma cada um saberá a verdade, mas terá a possibilidade de ignorá-la.

– E vai adiantar alguma coisa? – perguntei. – Aqui é muito fácil morrer. Todos os dias.

– Vai, sim. Servirá para nos deixar entender se de fato somos diferentes dos demais, para nos mostrar o motivo pelo qual os deuses nos concederam uma dádiva tão rara. Há fronteiras que só pouquíssimas pessoas conseguem superar. Você é uma delas.

– Aceitarei o seu trato se responder a esta pergunta: por que não consigo perceber claramente a passagem do tempo? Por que não sei desde quando estou aqui e por que os meus companheiros tampouco falam a respeito?

– Porque há duas fronteiras no nosso mundo: a do tempo e a do lugar. Você superou a do tempo, e, se lhe parece que passou um mês, para os outros pode ser um ano. Ou o contrário. E algum dia conseguirá superar a outra também. Superará uma linha invisível para alcançar lugares que ninguém mais

pode ver. Atena... talvez seja ela quem quer isto. Não há mais nada que eu possa dizer.

Virei-me para ele e no instante em que me fitava nos olhos mergulhei num poço de trevas sem fundo. Dei-lhe uma resposta, assim como ele deu uma a mim. A resposta dele, contudo, não era um dia ou um ano. Era uma que já me parecia ter visto. Passaria muito tempo antes que eu voltasse a pensar nela. A guerra prosseguiu agora mais dura, cada vez mais violenta e cruel, cada vez mais difícil. E odiada. Para sustentarmos um exército tão grande, tínhamos sido forçados a saquear todos os lugares nas redondezas, a nos apoderar das colheitas, do gado e dos rebanhos, enquanto o ouro, o bronze e o cobre e as mais lindas mulheres ficavam com os reis. Eu queria que a guerra acabasse, e portanto lutava com todas as minhas forças, com fúria, assim como os meus homens. Eu tinha de ser um exemplo para eles, devia compartilhar suas privações, os riscos que corriam, as vigílias e até a comida. Só quando era convidado à mesa de Agamêmnon com os demais soberanos, comia carne assada e tomava vinho puro, inebriante. Eram banquetes intermináveis, que talvez servissem para nos fazer esquecer o que estava acontecendo.

Certa noite percebi que havia um convidado que nunca esperaria encontrar por lá: o cantor de rua, o que ninguém ouvia no porto, o que oferecera o seu canto só para mim. Lembrava a sua canção como uma longa lamentação, como a misteriosa harmonia de um pranto. Isto não era, afinal, uma resposta àquilo que eu tinha no coração e que ele compreendera? O que fazia, agora, no nosso acampamento? Seria um deus que aprontava desgraças para nós e que perambulava ocultando a sua verdadeira aparência? Ou seria um nume que aparecera para nos ajudar? Calcante dar-se-ia conta da presença dele?

Só começou a cantar depois de o banquete acabar, e eu prestei atenção a todo som que saía dos seus lábios. Nem Diomedes, nem Aquiles, nem o

gigante Ajax e nem sequer Nestor, o cavaleiro gerênio, e tampouco o esplêndido Idomeneu, rei de Creta, pareciam dar-se conta da presença dele. Lindas escravas se haviam juntado a eles, e até Nestor, ainda que idoso, desejavam gozar daqueles corpos perfeitos. Percebi que o poeta olhava para mim, que os seus lábios se mexiam sem emitir nenhum som. Vi e entendi uma palavra:

– Antenor.

Quando se afastou, fui atrás dele.

– Quando? – perguntei.

Não se virou. Disse:

– Agora, sob a figueira-brava – e desapareceu na escuridão antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa.

Passei na minha tenda, peguei uma capa escura provida de capuz e preendi a espada na cintura. Deixei para trás as fileiras de navios em seco na praia e penetrei terra adentro. Percebia a presença de inúmeras sombras inquietas, fantasmas de heróis caídos em combate acirrado, e sentia dentro de mim a dor deles, a lástima pela vida perdida.

A figueira-brava era uma planta enorme, tão grande, que cem homens poderiam facilmente abrigar-se à sombra da sua coma. Era, desde o nosso desembarque, um ponto de referência no meio da planície e guardava as marcas das nossas batalhas, flechas fincadas no tronco e pontas de lança, profundas feridas e rasgos na casca e na madeira, mas continuava viçosa e cheia de frutas que os pássaros comiam. Avistei uma figura e, de longe, disse:

– Um poeta pediu que eu viesse a este encontro, nobre Antenor. E vim porque tinha certeza de que não esqueceria os vínculos da hospitalidade.

– O *wánax* Odisseu... reconheço a sua voz, embora o seu rosto ainda esteja escondido. Ninguém além de você poderia estar neste lugar a esta hora. Confiava em que aceitaria. – Acabamos ficando um diante do outro, sombras, estátuas esculpidas pela lua. – Nós fomos os únicos a lutar, na assembleia, para evitar o inútil massacre.

– Em vão, *wánax* Antenor. Que motivo o levou a convocar-me a este lugar?

– Tanto nós quanto vocês estamos sofrendo graves perdas. São testemunhas disto as piras que ardem sem parar à beira do seu acampamento e na nossa colina de ciprestes. Jovens na flor da idade tombam no campo todos os dias, incessantemente, as mães apertam no peito as urnas com suas cinzas e choram, inconsoláveis, dois povos se dessangram sem que nenhum deles consiga prevalecer. Deve haver uma solução, uma saída.

– Você já sabe qual, nobre Antenor?

– Um duelo...

– ... entre os dois contendores principais: Páris e Menelau. Mas como convencer a Páris? Um covarde. Deixa que milhares de jovens morram por um capricho seu.

Antenor hesitou, meditou entre as trêmulas sombras que o luar desenhava atravessando a copa da figueira-brava:

– Não é um capricho, é amor, mas isto não muda as coisas. Heitor o convencerá. Páris fica o tempo todo ao lado dele em combate, tem medo de lutar sozinho. Escute, Odisseu, e prometa que não se aproveitará do que vou dizer para levar vantagem...

– Eu juro. Estou tão interessado quanto você em pôr um termo a esta guerra sem sentido.

– Heitor, amanhã, tomará posição na ala direita do exército, o seu primo Eneias estará no meio, e o irmão Deífobo à esquerda. Convença Menelau a desafiar Páris num duelo: não lhe será difícil reconhecê-lo, usará uma pele de leopardo por cima da armadura. Diga-lhe que se adiante, terá de gritar com voz altissonante para superar o fragor do embate. Melhor se lançar o seu desafio antes de as duas frentes se chocarem. A esta altura Páris, só de vê-lo, ficará em pânico e tentará fugir, mas Heitor o deterá e o forçará a lutar: é nobre, orgulhoso e intransigente demais, e não tem o menor apreço por ele. Levá-lo-á a resgatar-se, a demonstrar que ele também está preparado para assumir seus riscos, para não deixar que somente os outros, os que não são filhos de reis, morram pelas coxas de Helena. Páris não terá escolha, e Menelau poderá ter sua satisfação. Pouco interessa saber quem vencerá. Um trato terá de ser jurado, e eu convencerei o rei Príamo a garanti-lo pessoalmente. O rei está abatido e abalado com o grande número de caídos, entre eles vários dos seus filhos, e não creio que se oponha a um duelo, por mais que ame aquele filho infeliz. Cabe a você convencer Agamêmnon e Menelau, não deve ser difícil. Então, qualquer que seja o resultado do desafio, a guerra acabará.

O meu coração rejubilou-se ao ouvir aquelas palavras. A volta estava próxima. Talvez, dali a dois ou três dias, pudéssemos puxar de novo os navios para o mar depois de averiguar se os cascos estavam em condições de enfrentar a travessia. Mais uns sete pores do sol, e dormiria ao lado de Penélope no tálamo preso aos braços de uma oliveira, veria o meu filho, os meus pais. Quase não conseguia acreditar e pedia silenciosamente à minha deusa que me ajudasse. Agora, tudo dependia de mim.

Apertamos as mãos, e, antes de nos separarmos, eu disse:

– Se Agamêmnon aceitar, verá um estandarte amarelo flutuar na proa do meu navio.

Antenor anuiu. Cada um pegou o seu caminho de volta e desapareceu na escuridão.

Voltei à tenda de Agamêmnon, onde o banquete chegara ao fim, mas ele não se tinha recolhido e pedi que mandasse chamar Menelau. Contei do meu encontro e da proposta de Antenor assim que o rei de Esparta entrou na tenda do irmão. O seu rosto iluminou-se.

– Finalmente! – exclamou. – Vou massacrar aquele covarde já no primeiro ataque. Quero vê-lo cuspir sangue na poeira e agitar-se como um cabrito esganado que está a ponto de morrer. Darei a sua carne aos cães, como prometi. E eu mesmo comerei o seu coração.

– Nada disso – respondi –, as coisas não podem ser desse jeito. O rei Príamo virá pessoalmente sacramentar o trato. Haverá solenes sacrifícios aos deuses do céu e aos que reinam nas entranhas da terra. O que tombar ferido de morte será devolvido ao seu povo para receber as honras fúnebres. Depois, se a vitória for nossa...

– Pode ter certeza disso! – interrompeu Menelau.

– Se a vitória for nossa – repeti –, os troianos terão de devolver Helena e uma vultosa indenização em ouro, prata e cobre. Se, porventura, a vitória for deles, nós estaremos comprometidos a levantar de pronto o nosso acampamento e voltar para a Acaia. Digam se concordam com estas condições. Eu já disse a Antenor que, se fosse por mim, aceitaria estes termos na mesma hora.

– E eu vou aceitá-los também – disse Agamêmnon. Vi-o soltar um longo suspiro de alívio e sorrir. Tampouco ignorava o peso de todas aquelas vidas sacrificadas sem nenhum resultado evidente, e receava uma eventual perda do prestígio de que sempre gozara. Além disso, o seu coração estava oprimido pelo ônus da perda da filha, a mais linda e a mais doce, Ifigênia: Ífi, como ele a

chamava. Só eu, depois do primeiro momento de entusiasmo, ainda tinha algumas dúvidas. Não esquecia que o fado ou a vontade ou o capricho dos deuses sempre podem destruir os planos dos homens. Disse:

– Heitor, o príncipe herdeiro, ficará na ala direita, e Páris lutará ao seu lado. Eneias, no meio, comandará as unidades dos dardânios, enquanto a ala esquerda será comandada por Deífobo, o irmão predileto de Heitor. Assim, Menelau, você ficará no comando da ala esquerda do nosso exército. Adiantar-se-á para desafiar Páris, sem escolta, mas não creio que isto represente um perigo, uma vez que Antenor preparou tudo. Ninguém mais que ele quer que a guerra acabe, e ao que parece esta também é a vontade de Príamo. Coloquem Aquiles longe da nossa ala esquerda. É impulsivo demais, poderia estragar os nossos planos.

Saímos juntos, e Menelau abraçou-me:

– Eu juro: se tudo correr como imagino, vou presenteá-lo com terras férteis no meu reino, perto do mar e de cidades onde você possa assentar-se para passarmos pelo menos algum tempo juntos, pois, de todos os reis da Acaia, você é para mim o mais querido e aquele pelo qual sinto mais apreço.

– Fico-lhe grato por honrar-me com a sua amizade. Mas pedimos aos deuses que esta noite nos favoreçam com sua benevolência. Para eles, tudo é possível, enquanto o fado sempre pode acabar com os nossos planos e até com a nossa vida. Durma e descanse, acumule forças para que amanhã o seu braço seja invencível. E lembre-se disto: do alto das muralhas, ela certamente poderá vê-lo.

Nada mais disse, mas esperava de todo o coração que tudo fosse correr como o nobre Antenor e eu tínhamos imaginado. Ao chegar ao meu navio, mandei desfraldar no mastro dianteiro um pano amarelo que seria visto de longe assim que fosse iluminado pelas primeiras luzes do alvorecer.

Na manhã seguinte, quando os raios de sol trespassaram as nuvens em volta dos cumes das montanhas, juntamos o exército e o movimentamos para fora do acampamento, rumo à cidade. As portas de Ílio abriram-se, as tropas e os carros saíram em campo aberto devorando o terreno que as separava dos inimigos. Agora faltava pouco, e eu olhava ansiosamente em volta para descobrir alguma presença misteriosa que pudesse perturbar os acontecimentos, mas nada vi. Se havia deuses contrários a nós, certamente não se haviam disfarçado de humanos. Não demorei a reconhecer o elmo reluzente de Heitor e, ao lado dele, divisei Páris. Uma pele de leopardo cobria, em parte, o seu peito e os seus ombros.

– Lá está ele – gritei a Menelau, que avançava no carro, não muito longe de mim. Era uma visão realmente imponente: o bronze que lhe cobria o peito resplandecia como ouro e, a cada movimento, soltava clarões ofuscantes, enquanto um alto penacho ondeava em cima do elmo a cada sopro do vento. Assim que viu Páris, gritou com voz trovejante:

– Páris! Seu traidor covarde! Até agora conseguiu esconder-se porque tinha medo de enfrentar-me. Mostre finalmente o que vale, mostre a todos se só é capaz de conquistar mulheres ou também tem coragem de medir forças com um homem.

Ao mesmo tempo, segurando o escudo e levantando a lança, pulou ao chão e aproximou-se com passo pesado do adversário. Páris tentou recuar para encontrar abrigo entre as fileiras dos guerreiros, mas Heitor o deteve e gritou alguma coisa que não entendi. Páris deu meia-volta e, sem o menor entusiasmo, voltou a avançar para a primeira linha do seu exército.

– Troianos! – gritou então Menelau. As tropas diminuíram a marcha e os nossos também se detiveram a um sinal de Agamêmnon, que levantou a lança e a manteve enviesada. – Troianos, vou lhes propor um trato! Não é justo que

vocês todos sofram devido à culpa de um só. Eu estou pronto para lutar com Páris: somente nós dois precisamos arriscar a vida!

Os dois exércitos estavam agora a apenas uns poucos passos de distância, os guerreiros da primeira linha mantinham as armas apontadas para os homens da primeira linha adversária, preparados para lançar-se ao ataque caso percebessem qualquer ameaça.

Páris olhou em volta, preocupado, sem entender o que estava acontecendo. Heitor, acompanhado pelo seu arauto, aproximou-se de Agamêmnon e acenou para eu também me acercar.

– Estamos prontos para ouvir a proposta de Menelau – disse o príncipe troiano. O meu coração pulou de contentamento: mais um passo decisivo para o fim da guerra. Os dois chefes supremos concordavam. Aquiles estava longe.

O nosso chefe, Agamêmnon, respondeu:

– Príncipe Heitor! Já padecemos sofrimentos demais, nós, os aqueus, e vocês, os troianos, por culpa de um só homem. Vamos deixar que o seu irmão Páris lute com o meu irmão, o *wánax* Menelau. Se Páris vencer, deixaremos as terras de Troia sem nada pedir, levantaremos âncora dentro de três dias para nunca mais voltar. Se Menelau for o vencedor, devolverão Helena, com muitos presentes preciosos para compensar os prejuízos que sofremos.

Heitor pediu que o pacto fosse aprovado e sancionado pelo rei Príamo, e nós concordamos. Todos os guerreiros dos dois exércitos se sentaram e apoiaram as armas no chão, como quando um vento repentino investe contra um campo de trigo e dobra as espigas, até então erguidas, deitando-as todas no solo. O espetáculo era extraordinário e, talvez, incrível para todos, mas não para mim: os eventos estavam justamente seguindo o curso previsto por Antenor e por mim. Sem dúvida alguma Heitor também devia estar a par e

concordava com o trato. O único que, provavelmente, não sabia de coisa alguma era Páris.

Esperamos com ansiedade que o rei, avisado por algum mensageiro, chegasse ao campo de combate para jurar e sacramentar o pacto combinado diante dos dois exércitos. Finalmente o vimos chegar e, quando o carro chegou mais perto, reparamos que Antenor estava ao lado dele: eu comecei então a pensar que aquele podia ser realmente o dia determinante para a nossa volta.

Foram degolados dois pares de carneiros, dois de pele branca e dois de pele preta, foram feitas as juras rituais e definidas as indenizações. Por um instante o meu olhar cruzou com o de Antenor. Devia sentir-se mal àquela altura, sabendo que tinha sido forçado a aceitar um compromisso penoso e humilhante, mas necessário. Seria o orgulho mais importante que a vida de tantos jovens? Poderia a soberba passar por cima da angústia de tantas mulheres, de tanto sangue derramado, de todo aquele sofrimento? Naquele momento, amei-o e estimei-o como até então só tinha amado e estimado o rei Laertes, meu pai.

Mesmo assim, no fundo da alma me sentia apreensivo, tomado por estranha inquietação, por um vago mal-estar que eu não conseguia definir nem afugentar. Considerei que estávamos perto da conclusão, uma vez que Menelau certamente acabaria com o adversário, todo aparência mas sem força alguma, e a guerra terminaria. Devia ser por isto que eu estava tão ansioso: estávamos no fim, estava faltando pouco.

Àquela altura os dois adversários estavam um diante do outro, armados da cabeça aos pés, procurando o melhor caminho para a lança alcançar o coração do inimigo, ou a garganta, ou a virilha. O primeiro a atirar foi Páris: arremessou o dardo sem esperar um só instante. Mas Menelau foi rápido em

levantar o escudo, que a ponta metálica só conseguiu penetrar superficialmente, para em seguida cair devido à haste que pesava por trás. Foi então a vez de Menelau arremessar a lança, que perfurou o escudo e a couraça do adversário. Todos gritaram pensando que Páris havia sido ferido, mas não era bem assim. Nenhum sangue escorria, nenhuma mancha vermelha empapava a túnica. Mordi o lábio de decepção. Menelau soltou o escudo agora já inútil e lançou-se novamente ao assalto com a espada. Páris quebrou a lança inimiga para tirá-la do escudo e voltou a segurá-lo para proteger-se.

A minha inquietação aumentava, tomava conta do meu coração e da minha garganta.

Menelau atacou com fúria, como uma fera faminta, e a sua espada descia com a violência de um malho, tanto assim que o grande bronze que protegia Páris ecoou tão ensurdecidamente quanto o trovão. O príncipe troiano resistia recuando, como a buscar refúgio entre as fileiras do seu exército, mas não havia abrigo, todos estavam sentados, só Heitor estava de pé, apoiado na lança: preocupado, amuado, mordida o lábio inferior. Ouvi um barulho longínquo, como de um vento correndo na planície, entre as árvores. Uma leve névoa avançava do oriente.

No segundo assalto, a espada de Menelau despedaçou-se, talvez algum deus a tenha estilhaçado, e comecei a perder a esperança. Não dava para acreditar. A névoa virou neblina, ficou mais densa, com o vento que a insinuava entre as duas formações. Menelau apanhou a coto da sua haste e, com ele, deu uma tremenda maçada no braço direito de Páris, que deixou cair a espada. Menelau pulou em cima dele, jogou todo o peso do seu corpo poderoso sobre o escudo do príncipe para esmagar-lhe o peito e o coração. Páris esgueirou-se para o lado, a fim de safar-se, mas o rei de Esparta segurou-o pelo penacho do elmo e puxou-o arrastando-o para as fileiras dos aqueus, que o incitavam a

estrangulá-lo. A correia do elmo afundou-se na carne. A névoa tudo encobriu, ocultando as duas armaduras e os encarniçados lutadores.

Então, de repente, o vento mudou, dissolveu a neblina e pude ver Menelau bem perto de mim: apertava entre as mãos o elmo de Páris, de correia rasgada, enquanto lágrimas de raiva escorriam dos seus olhos.

O príncipe troiano havia desaparecido, e agora todo o exército de Príamo estava em pé.

Um surdo zunido, um agudo assovio.

Um golpe seco, metálico.

Um rugido.

Menelau trespassado por um dardo!

A flecha fincara-se no seu flanco. Um filete de sangue descia lentamente pela sua coxa. Escarlate.

Está vendo esse sangue, Helena? O sangue do seu marido, o pai da sua filhinha?

Longínqua demais, alta demais na mais alta das torres, ao lado do rei, ao lado de Antenor. Ao lado de Páris na cama, onde tudo se exalta e tudo se aplaca.

Tudo acabado. Acabado o sonho, o plano tão cuidadosamente preparado, violados os pactos sacramentados pelo juramento de dois grandes reis... E eu, que estava tão certo de partirmos logo, tão dolorosamente inquieto! Quantas vezes ainda teria de passar pelo mesmo desespero na minha vida? De ser empurrado para trás, para o desconhecido, quando tudo estava pronto, tranquilo, certo e visível, ao alcance da minha mão.

Os dois exércitos enfrentaram-se como nuvens tempestuosas no céu, entre lampejos e trovões; o ódio, o ressentimento, a decepção incendiavam o coração dos homens, o furor impelia-os à luta mais acirrada. Envolvia-os no

sangue, no grito, no estrondo do bronze; o horror apertava as suas têmporas, a sua respiração ficava presa na garganta, e somente se ouvia o rosnar feroz das suas bocas entreabertas, enquanto os seus olhos esbugalhados lampejavam de ódio. E como a noite demorou a chegar! Quanto tempo ainda foi preciso esperar até as piedosas trevas cobrirem os corpos, concedendo aos feridos a esperança de viver, e o pranto aos mortos!

Dei o tríplice brado dos reis de Ítaca, modulei-o agudo e estrídulo, chamei de volta os meus. Matei muitos, de lança e espada, a outros feri e mutilei golpeando-os nas pernas, nos braços, no rosto, e a outros ainda ceguei negando-lhes para sempre a luz do sol. Liderei com fúria os meus companheiros para que nenhum deles ficasse desprovido da merecida chacina.

* * *

Macáon estava conosco, grande guerreiro, o melhor dos médicos, filho de Asclépio, aquele que derrotava a morte. Mandaram chamá-lo para que cuidasse do ferimento de Menelau, para que averiguasse até onde o dardo havia penetrado na carne. E ele deixou em brasa o seu punhal, fincou-o acompanhando a seta até alcançar a ponta. O músculo contraído a detivera, segurando-a antes que chegasse aos órgãos internos. Tirou-a, queimou a ferida, costurou as bordas e aplicou um bálsamo que só ele conhecia, herança do pai. Deu então uma poção para acalmar o rei de Esparta, um remédio que o induzisse ao sono, e Menelau, após muito sofrer no coração e na carne, adormeceu.

Naquela noite, Diomedes convidou-me à sua tenda junto com Aquiles. Este último não via na guerra motivo de sofrimento: ela era o seu elemento, como o ar para os pássaros e a água para os peixes. E, em muitas coisas, Diomedes se

parecia com ele. Fui para esquecer a amargura, para não chorar pensando no que acontecera, para não entregar-me ao desespero.

– Por que está tão abatido? – perguntou Aquiles. – Menelau vai sobreviver, e terá certamente mais oportunidades para matar Páris.

Assenti com a cabeça. Se fosse dizer como me sentia, eles não o entenderiam. Já tarde, de noite, voltei ao meu navio. Não estava com vontade de dormir na tenda, queria deitar-me nos bancos de voga como o meu pai fazia quando acompanhava Jasão de Iolco à Cólquida, em busca do velo de ouro.

No meio da noite, quando o Grande Carro começava a baixar para o mar, ouvi um passo no escuro, um passo que conhecia desde menino. Levantei-me de chofre, pulei ao chão e olhei para as trevas diante de mim: Damastes!

Pareceu-me maior que o normal, mas, a não ser pelo tamanho, igual a como o vira da última vez, pouco antes da sua partida: usando as mesmas armas, de cabelos grisalhos nas têmporas, os braços fortes, os ombros largos de lutador.

– Achei que estaria em suas montanhas, espionando as quimeras que abrem suas asas e pulam no vazio dos penhascos do Pélion e do Ossa, ouvindo o eco dos seus gritos. Como chegou aqui?

– Estou sempre ao seu lado, rei de Ítaca, nunca deixo de protegê-lo.

Suspirei. Eu mal conseguia segurar o pranto:

– Então, ó deusa, por que hoje permitiu que Páris sumisse na espessa neblina, que evitasse a morte quando Menelau estava a ponto de estrangulá-lo? A esta altura, eu estaria preparando a partida, fixando as argolas dos remos, esticando o cordame entre o mastro e as amuradas. O coração cantaria no meu peito, impaciente por empurrar de novo o navio ao mar. E, longe disso, estou aflito, e penso em quão longe ficou de mim e dos companheiros o dia da volta.

Por que fez isso? Por que dissolveu as minhas esperanças e continua a me aparecer sob falso semblante?

– Realmente não entende? Não entende por que estou com a aparência de Damastes?

– Porque Damastes nunca existiu? Quem me dava pauladas, quando me ensinava a lutar, era então você? E, quanto a Mentor, ele tampouco jamais existiu?

– Não pode pretender entender, apesar de a sua mente ser aguda e versátil. Use o que puder da minha benevolência e não faça mais perguntas. Eu não podia mudar o que aconteceu hoje, porque era a vontade dos deuses que moram no céu. Eles não queriam que a guerra chegasse ao fim, querem que este jogo mortal continue para sua diversão. Alguns deles ajudam os troianos, outros os aqueus. De forma que a luta ainda vai continuar por um bom tempo, sem trégua nem interrupção. Conforme-se: os mortais não têm possibilidade de esquivar-se da vontade dos numes.

– É então por isso que derramamos o nosso sangue? É por isso que tantos jovens se precipitam no reino de Hades?

– Não, não é só por isso: o que acontece é um mistério até para nós. O fado imperscrutável não tem rosto nem expressão, não tem finalidade nem causa.

– O que a leva então a ajudar-me, se tudo é inútil?

– O fado nada mais é que o resultado de milhares e milhares de vontades, infinitas, humanas e divinas, da força das ondas e do sopro dos ventos, do canto dos pássaros e dos movimentos dos astros, assim como um grande rio é feito de inúmeras correntezas que tornam invencível a sua força. Eu fico ao seu lado porque desde o começo do tempo até o seu fim ninguém jamais foi como você, ninguém jamais o será. Eu amo o seu medo e a sua coragem, o seu ódio e o seu amor, a sua voz e o seu silêncio, e, portanto, rei de Ítaca, viva a

sua vida, enquanto ainda houver em você um sopro vital. Nenhum deus poderá ser o que você é, nunca, nem que o quisesse.

Foi embora, e por algum tempo pude ouvir seus passos se afastando.



Passsei muito tempo tentando vencer as minhas dúvidas, as minhas incertezas, os meus medos. O que mais receava era a loucura que sentia serpear entre nós, insinuar-se nas mentes, tomar posse dos mais fracos, mas também dos mais fortes. Viver e matar eram, na verdade, duas ações distintas, mas uma era a negação da outra. No começo a minha vida estava ligada às suas origens, a uma terra com as suas águas, as suas árvores, as suas frutas, os seus sons, os seus cantos e os seus prantos. Eu vinha de uma família com pais, esposa, filho, criados, cão, rebanhos e manadas. Um equilíbrio quase divino.

Depois tudo mudara. Antes de ir para a guerra, eu nunca tinha matado senão animais durante uma caçada; agora matava homens, sem parar, às vezes de um só golpe, ou então acabava com eles depois de feri-los, de deixá-los coxos ou de mutilá-los. Via-os estremecer, de rosto contraído. Ainda estavam vivos quando os meus homens tiravam suas armas. Um direito meu e de todos os reis. Desta forma o vencedor podia apossar-se de preciosos troféus que, na volta, ficariam na sala de armas do palácio, testemunho do seu valor, da sua riqueza, do seu prestígio.

Quando era a minha vez, os meus companheiros levavam os despojos dos vencidos ao meu navio e os guardavam no compartimento da proa. O que mais me atormentava, no começo, era o olhar, aqueles olhos moribundos que continuavam a fitar-me depois que eu já estava dormindo, que continuavam a atormentar-me a noite inteira. Mas acabei por me acostumar, pois os nossos adversários também faziam a mesma coisa. Às vezes, no estrondo da luta, no

delírio dos gritos e do sangue, voltavam à minha mente as palavras de Damastes quando me ensinava a combater com a espada no corpo a corpo:

– Eles chamam isto de glória.

Com o passar do tempo, *quanto tempo?*, acostumei-me e reparei que mudara, que me tornara mais parecido com Diomedes. Diomedes e eu, com efeito, ficamos muito amigos. Ele também deixara no palácio uma jovem esposa, lindíssima, Egialeia, e toda noite, quando só se ouvia a voz do mar, que nunca dorme, via-o sentado na praia, cabisbaixo, talvez pensando na sua rainha distante, inalcançável. De nada adiantavam, àquela altura, os despojos que conseguira no campo sangrento. Eu não dispunha de um e não saberia lutar em pé naquele pódio que corria entre as fileiras de soldados, ceifando homens como o camponês que ceifa e segura na mão as espigas de trigo.

O carro distinguia os grandes reis dos menos poderosos, como eu e Ájax de Oileu, audaz, feroz, sem medo dos deuses, ou como Ájax de Télamon, o gigantesco príncipe da árida Salamina, uma ilha, talvez, ainda mais pobre que a minha. Ájax era, ele mesmo, uma fortaleza, tão imponente e pesado que nada ou ninguém podia tirá-lo do lugar quando se plantava, de pernas abertas, um pé diante do outro, erguendo-se como uma torre acima de todos. Brandia uma lança formada pelo fuste de um jovem freixo, impossível de quebrar, com uma ponta que tinha quase um côvado de comprimento, e um escudo que cobria quase toda a sua pessoa, tão grande que até conseguia proteger Teucro, seu irmão, mas filho de mãe diferente. Arqueiro formidável, debruçava-se rapidamente na orla do escudo, soltava a seta e logo se abrigava para armar novamente o arco.

Nestor, o sábio senhor de Pilos, talvez fosse, entre todos, o mais tranquilo: só uma vez, para minha surpresa, eu o vi lutar entre os seus guerreiros e

criados. Foi um dia amargo, angustiante. Talvez quisesse experimentar de novo a embriaguez do combate, do qual não participava havia muito tempo, ou talvez achasse que chegara a hora de enfrentar a morte, que sempre o poupava, agora imediata, rápida, sem um longo e triste declínio. Do mesmo modo, às vezes mandava trazer à sua tenda e à sua cama alguma linda jovem, presa de guerra, para ver se as coxas macias e as formas estupendas ainda podiam despertar os seus sentidos.

Naqueles anos de estrondo ensurdecador, lutamos em todo lugar e com qualquer tempo. Às vezes nem a chuva repentina, nem os trovões, nem os relâmpagos conseguiam destrinchar a maranha monstruosa de corpos de homens e cavalos, de gritos e clangores metálicos. E naqueles momentos, devo admitir, eu me sentia diferente de qualquer outro ser humano. Percebia que explorar os limites extremos do que um homem pode suportar e experimentar ao longo da sua existência o torna diferente e incapaz de voltar àquela que sempre considerara uma vida normal e desejável. *Não há volta dos extremos com ins do nosso mundo, da nossa mente. E, depois de dar-se conta disto, um homem é tomado por uma estranha sensação de vertigem que o faz sentir-se parecido com os deuses, tanto os do céu como os do inferno. Mas, ao mesmo tempo, também, por uma in inita melancolia, a mesma que os marujos experimentam quando deixam a terra que amam, onde nasceram, e a esposa e os ilhos, pois o coração lhes sugere um triste presságio, a possibilidade de nunca voltarem.*

Compreendia a razão pela qual os que haviam participado de algum tipo especial de façanha, se a sorte e os deuses lhes permitissem voltar, sentiam necessidade de encontrar-se, de confraternizar de novo, para falar, caçar, para comer e gozar de corpo de lindas mulheres, talvez até para somente dormir, na mesma casa, no mesmo palácio. Juntos. Só nestes casos, durante as visitas, os

banquetes e as caçadas, sentiam-se cercados pelos seus similares. Sozinhos, eram presas fáceis da angústia.

Não havia nenhum outro sentido naquilo que estávamos fazendo, somente a superação de todo limite e de toda imaginação no furor e no sofrimento, num campo cuja largura e comprimento podíamos diariamente medir com o olhar com o surgir das primeiras luzes da manhã. E, assim como os ceifeiros todo dia se levantam, pegam suas foices e vão ceifar na lavoura suas louras espigas, dobram o corpo sob o sol escaldante e à noite retornam às suas casas, exaustos, para jantar e finalmente dormir, também nós voltávamos ao nosso campo de batalha para ceifar homens.

E acabei conhecendo as muitas maneiras que existem de morrer, todas infinitamente dolorosas.

Vi um jovem troiano arremessado fora do carro por um golpe de lança de Diomedes. Tão violento, tão poderoso, que o seu corpo voou para trás. A arma fincara-se no meio do peito, e a ponta da lança saíra do outro lado, estraçalhando o seu coração. O auriga dele, apavorado, virara os cavalos para fugir, mas Diomedes lançara mais um dardo que atravessara a sua nuca, rasgara a sua língua e despontara na frente, entre os dentes. Enquanto os serviçais desatrelavam os cavalos para levá-los de volta aos navios, vi outro jovem trespassado em uma das nádegas: a lança despontava no seu ventre, deixando escorrer sangue e urina. Perfurara a sua bexiga.

Vi Diomedes baixar um fendente tão violento contra um guerreiro da Lícia que tentava detê-lo, que o golpe simplesmente cortou fora todo o seu ombro, separando-o do pescoço e do busto. A cavidade interna e os órgãos que ela continha ficaram à mostra enquanto a vida fugia daquele rasgo horrendo. E assisti à cena como se quem estivesse vendo fosse outra pessoa porque eu mesmo, não muito longe com os meus formidáveis cefalônios, empurrava com

todas as minhas forças as fileiras inimigas e precisava prestar atenção para não ser atingido, trespassado por uma das muitas lanças, por uma das inúmeras espadas.

E aprendemos a ignorar a dor, se porventura a ela já não estivéssemos acostumados. Eu mesmo vi Diomedes mandar o auriga Estênelo arrancar uma flecha que se fincara no seu ombro. Apertava o queixo para não gritar e rosnava como um lobo, para então segurar a seta e arremessá-la contra aquele que o ferira. Outra vez vi Teucro puxar um dardo que se fincara na coxa do irmão Ájax.

Muitas vezes, no ímpeto da luta, no estrondo ensurdecido dos bronzes que se chocavam e dos ossos que se quebravam, ouvia ecoar mais alto o canto do poeta, o mesmo que naquela noite no porto de Ílio eu ouvira esmorecer na distância até sumir. O mesmo que me guiara ao encontro de Antenor que poderia ter acabado com a guerra. Uma cantiga que era um longo pranto, um lamentoso gemido, mas também uma melodia sublime e pungente que tudo dominava, de tão diferente que era dos brados de guerra e de morte. Nunca consegui saber o que realmente era. Talvez o meu coração guardasse a sua lembrança, talvez o poeta fosse um deus com o poder de fazer ressoar uma voz incomparável: choro de mães, de pais, de esposas, música do coração que sempre sobrepuja com sua força qualquer outra coisa.

Várias vezes os campeões troianos enfrentaram os nossos heróis mais poderosos, e o embate sempre foi pavoroso. Nestas ocasiões todos paravam para ver até que ponto o príncipe Heitor, Eneias, que comandava os dardânios, Deífobo, irmão de Heitor, eram capazes de competir com os nossos mais valorosos guerreiros. Mas ninguém jamais se atreveu a medir forças, sozinho, com Aquiles, sabendo que desta forma iria ao encontro de morte certa. A ele se opunha uma massa compacta, escudo contra escudo e ombro contra ombro,

para limitar as perdas, para cercá-lo, mas sem ninguém se expor sozinho. Como costumam fazer os pastores quando tentam afugentar um leão do curral do gado. Ficam todos juntos, um ao lado do outro, agitando paus pontudos até a fera recuar, até pular com um rugido para fora do cercado. Mas ninguém seria tão louco de adiantar-se sozinho, pois acabaria sendo imediatamente estraçalhado.

Aquiles achava que estava fadado a morrer jovem, acreditava ter feito a escolha fatal, e queria que a fama o tornasse imortal e também tornasse imortal tudo aquilo em que ele tocara: as suas armas, os seus amigos, os inimigos que tinha matado e que, um por um, seriam todos lembrados. Mas, se Aquiles morresse, como poderíamos vencer? Não seria tudo inútil? Era uma pergunta para a qual não conseguia encontrar resposta, nem mesmo quando conversava com ele.

– Voltaremos – dizia eu –, ambos voltaremos.

Ele sorria, sem responder. O que mais me deixava surpreso era o seu olhar tranquilo, quase sereno, quando conversávamos na sua tenda, ou na minha, tomando vinho. Mas era só ele vestir a armadura e subir no carro para se transformar: seus olhos brilhavam de uma luz sinistra atrás da celada, as mãos fechavam-se na empunhadura da lança como garras, a voz ressoava dentro do elmo com um timbre profundo e cavernoso. A sua própria carne e os seus ossos vibravam como bronze sonoro.

Parecia haver um tácito acordo entre os dois campeões máximos, Aquiles do nosso lado, Heitor do lado dos troianos: era melhor que não se enfrentassem, pois o preço por pagar seria alto demais e não valia a pena arriscar. Melhor que cada um ganhasse glória imortal ceifando multidões de inimigos incapazes de resistir à sua pujança.

A guerra arrastou-se por longos anos, e todos nós mudamos. Acho que não ficamos melhores nem piores: somente diferentes. E, uma vez que as mudanças eram mais ou menos as mesmas para todos, cada um mantinha a mesma diferença com respeito aos demais, tal como no começo da guerra. A coisa mais importante era fazer com que cada dia que passava tivesse algum sentido.

Como teria gostado de falar com o meu pai! Acreditava que ele nunca tivera uma experiência como aquela, mesmo considerando apenas o número dos homens e o tamanho das forças envolvidas. Nem sequer a façanha dos argonautas podia comparar-se com a nossa.

Para Aquiles eu era um amigo especial, de alguma forma único e difícil de entender:

– Não consigo compreender o que o torna tão diferente de mim.

– Quem sabe o fato de eu ter uma esposa e um filho? – respondi.

Sorriu, como quando falávamos da morte.

– Por que está rindo?

– Você sabe, até o viu: eu também tenho um filho, mas não de uma esposa.

Acho que agora deve estar com doze, treze anos de idade.

Pois é, doze anos...

Eu acabava de trazer vinho da Trácia. Naquele dia, eu e os meus homens havíamos saído e atravessado o braço de mar que nos separava da costa do outro lado. Havíamos desembarcado e carregado dois navios com ânforas de vinho tinto, forte, licoroso, que nos fazia companhia e confortava os nossos corações.

– Sabe como é, o meu pai Peleu mandara-me passar um tempo no palácio de Licomedes, o rei de Esquiro, para aprender os usos e os costumes e habituar-me a viver numa corte mais rica e requintada que o nosso despojado

palácio nas montanhas. Eu estava com treze anos, e o rei tinha umas seis ou sete filhas com idade entre dez e quinze anos. Uma delas era particularmente graciosa, e gostávamos de brincar juntos. Ninguém reparava na gente, pois parecíamos crianças, mas tanto eu quanto ela já não o éramos. Certa noite de inverno, meti-me na sua cama, e ela recebeu-me sem nenhuma relutância: sentia-se protegida, e o calor do meu corpo confortava-a e dava-lhe prazer. Foi quase uma brincadeira, as carícias tornaram-se cada vez mais ousadas e íntimas, e quando entrei nela sentimo-nos envolver por um calor intenso que nunca tínhamos experimentado, levados por uma embriaguez como esta que o seu vinho me dá agora...

– E ela ficou grávida.

– Pois é. Mas ninguém poderia imaginar uma coisa assim. Eu era tão loiro e o meu rosto era tão delicado, que quase me confundia entre aquelas meninas. Acho que nem você me reconheceria.

– Claro que sim. Ia reconhecer na mesma hora.

– Como?

– Como fiz com o seu filho, não se lembra? Ia trazer presentes! Roupas bordadas, bonecas, fitas para o cabelo e depois uma pequena armadura, muito bonita e bem-feita, com uma espada e uma lança, e uma daquelas meninas logo se apressaria a ficar com ela. Você!

– A raposa é uma criatura ingênua, comparada com você! – exclamou Aquiles rindo.

– E chegou a vê-lo de novo, depois daquela vez que desembarcamos juntos na ilha?

– Não, nunca mais. O rei me odeia. Ficou furioso, quando aconteceu, e mandou dizer ao meu pai que viesse me buscar imediatamente. Mas estávamos no inverno, e a própria primavera foi muito ventosa e agitada, ou talvez meu

pai não pudesse sair do reino de repente. Quando afinal chegou, o menino já tinha nascido. Cabelos cor de fogo, foi por isto que o chamei Pirro. Pedi que lhe fosse dado este nome, mas eles preferiram chamá-lo Neoptólemo. Para mim, de qualquer maneira, será sempre Pirro, de cabelos de fogo. Licomedes pedia que o meu pai nos levasse para casa, a mim e ao meu bastardo, como ele mesmo o definiu, mas a mãe, a minha doce amada, quis mantê-lo ao seu lado para amamentá-lo e criá-lo como uma verdadeira mulher.

– Mas para você é como se não existisse. Eu, por minha vez, quis o meu Telêmaco, assim como quis a mãe dele, Penélope.

– Erro seu. Penso bastante nele, procuro imaginar como deve ser agora. E ele sabe de mim, diz o meu nome o tempo todo, gostaria de estar aqui para lutar ao meu lado. É um filhote de leão!

– Com esta guerra que nunca acaba, pode até conseguir. Mas, quando a hora chegar, já não encontrará ninguém. Os dois exércitos ter-se-ão gasto reciprocamente num contínuo, feroz massacre.

– Não – disse Aquiles –, acabaremos vencendo, e a cidade será arrasada, apagada da face da Terra sem sobrar pedra sobre pedra.

E enquanto falava os seus olhos acenderam-se de uma luz turva e perturbadora, como quando segurava a lança e pulava para o carro.

Às vezes gostava de cantar. Trouxera uma cítara consigo, obra de um habilidoso artesão, marchetada de marfim, e tinha uma bonita voz, poderosa e sonora, quase cortante, que no campo de batalha, quando soltava o seu grito de guerra, espalhava o terror entre os inimigos, mas que no canto encontrava uma sua harmonia intensa e melancólica.

Pátroclo era a sua sombra, o seu ajudante de campo, mas também uma espécie de irmão mais velho que talvez conhecesse os segredos da sua alma. Vinha de Opunte, encontrara hospitalidade junto a Peleu, pai de Aquiles,

depois de um homicídio numa briga de jogo, um acidente involuntário mas nem por isso menos grave. Os parentes da vítima não tinham acreditado na sua versão dos fatos, haviam recusado o resgate oferecido pelo seu pai, Menécio, e logo haviam decidido persegui-lo e matá-lo. Ciente de que era um homem morto fora dos confins do reino de Peleu, que simplesmente acreditara nele, era fiel à família e estava disposto ao extremo sacrifício se isto fosse necessário, a qualquer momento. Pátroclo e Aquiles haviam crescido juntos, embora Aquiles fosse alguns anos mais moço, e desde sempre haviam treinado juntos na arte das armas. Assim, Pátroclo conhecia melhor que qualquer outro a maneira de Aquiles lutar, a maneira de desferir e de fingir os golpes, de esquivar-se e reagir com a rapidez de um raio, mas nunca poderia igualar-se a ele. Faltavam-lhe a frieza feroz, a reação instantânea, a potência devastadora e a surpreendente velocidade que lhe permitiam, mesmo usando a pesada armadura, alcançar inexoravelmente as suas presas que fugiam.

Naquela tarde só falara umas poucas vezes, cuidara das armas, amolando a espada e as pontas de lança, polindo até tornar espelhos os escudos, as caneleiras, os elmos e a couraça, mas sem dúvida escutara tudo, sem perder uma só palavra.

Quando me levantei para voltar à minha tenda e descansar um pouco, Aquiles acompanhou-me por um bom pedaço, passeando comigo ao longo da praia.

– É uma noite bonita – disse olhando as nuvens empurradas pelo vento.

Respirei devagar aquele vento.

– É verdade, é uma noite bonita – disse eu. – Esta brisa passou pelas nossas casas antes de chegar aqui.

– Gostaria de estar de volta à sua ilha, não é?

– Gostaria, mas não a qualquer custo – respondi. – Se entramos em guerra, é para vencer, e nós não vencemos.

– Não, ainda não.

– O barulho do mar me faz lembrar Ítaca. E a você?

– Quanto a mim, traz à minha memória a imagem da minha mãe – respondeu.

Seguimos andando por mais um breve trecho, embalados pelo vascolear das ondas.

– A sua mãe? Dizem que é uma deusa do abismo.

Aquiles sorriu, como quando pensava na morte.

A partir daquela noite, um pensamento constante insinuou-se na minha mente: já não estava interessado em contar o número dos inimigos abatidos, em avaliar os despojos que tinha acumulado no compartimento dianteiro do meu navio. Queria encontrar um modo de entrar na cidade, descobrir o que dava àquelas pessoas a força de lutar de forma tão acirrada, e os recursos que lhes possibilitavam enfrentar uma guerra tão longa. Eu não podia simplesmente esperar, inerte, o curso dos eventos. Não tinha notícias da minha terra, nada sabia da minha família, e não conseguia explicar a mim mesmo por que este pensamento era para mim insuportável.

Fiquei pensando e cheguei à conclusão de que somente havia duas soluções possíveis. A primeira era voltar para casa. Eu tinha mantido a palavra dada, tinha cumprido o que jurara, mas as coisas não haviam saído do modo esperado. Não podia ficar para sempre no sítio daquela cidade. Mas seria o primeiro, e talvez o único. Uma mancha vergonhosa que destruiria o nome da minha família e que eu não podia aceitar.

A segunda era tomarmos a cidade, e eu tinha de encontrar a maneira de tornar isto possível.

Alguns dias depois, juntei os meus companheiros: Euríbates, Sínon, Euríloco, e expus o meu plano.

– Amanhã teremos de lutar de novo, e preciso que vocês fiquem ao meu lado e atrás de mim. Se Atena me conceder matar um inimigo, como espero, terão de apossar-se imediatamente do corpo: tirarão suas armas e roupas e guardarão tudo em lugar seguro. Ao anoitecer, os guerreiros troianos voltarão ao abrigo das muralhas, e eu ficarei no meio deles: cobrirei de alguma forma o rosto com sangue e poeira, como se tivesse sobrevivido a um cruento combate, e voltarei à cidade para ser tratado.

– Se for descoberto, vão torturá-lo sem nenhuma piedade – disse Euríloco.

Mostrei uma ponta afiada:

– Não. Se porventura me capturarem, só deixarei nas mãos deles um corpo inanimado.

– Que provavelmente ficará sem sepultura, jogado aos cães – replicou Euríloco.

– Sei disso, mas tomei a minha decisão, e nada nem ninguém poderá convencer-me do contrário.

Só voltamos a lutar em campo aberto oito dias depois, pois os troianos preferiram não deixar a proteção das suas muralhas apesar das nossas provocações. Quando finalmente tomaram uma atitude, a batalha tornou-se logo mais acirrada e cruel do que havia sido até aquele momento. Eu tomei posição, com os meus guerreiros, longe dos comandantes mais ilustres, que avançavam em seus carros puxados por fogosos corcéis, e, quando ao anoitecer cada um recolheu os seus mortos e feridos, eu me escondi com os mais fiéis companheiros atrás da figueira-brava, tirei as minhas armas, vesti as

de um troiano que eu mesmo tinha derrubado com um golpe de lança e que Euríloco tinha definitivamente matado com a espada. Empapei a túnica, molhei o rosto e os braços com sangue para que a minha aparência fosse ao mesmo tempo terrível e digna de comiseração, e então me juntei sorrateiramente a um grupo de inimigos que voltavam apressados à porta antes que os batentes se fechassem. Alguns deles, ao ver-me coxear, até me ajudaram segurando-me pelas axilas para que pudesse superar os degraus desiguais que levavam às portas Ceias.

Em seguida, já sozinho, esgueirei-me por um beco escuro e desapareci.



Vez por outra eu encontrava guerreiros que patrulhavam as ruas ou socorriam os feridos, mas a maioria deles levava os mortos à colina oriental, onde surgiam as piras. Um bosque inteiro havia sido derrubado para formar as pilhas de madeira e celebrar as honras funerárias dos heróis que haviam sacrificado a vida pela pátria. Podia ouvir prantos e gemidos abafados pela distância, *ecos de a litas lamentações...* Quando ninguém me via, podia correr livremente e movimentar-me com rapidez de um lado para o outro da cidade. Queria alcançar a cidadela e dominar, lá de cima, as muralhas, as portas, o palácio e qualquer outro lugar importante. Já tinha uma ideia geral, pelo menos em parte, devido à minha visita anterior com Menelau, mas muitas coisas haviam mudado, obras defensivas haviam sido erguidas, cortes profundos na rocha haviam sido feitos para eliminar os pontos por onde se poderia facilmente subir até o topo das muralhas. E uma nova fortificação, protegida por uma vala – algo que eu nunca vira! – havia sido construída ao norte para defender os acampamentos dos aliados: trácios, frígios, lícios e outras nações da Ásia. Milhares e milhares de guerreiros que amiúde lutavam contra nós ao lado do exército de Príamo. Nem sempre, porém, pois às vezes se ausentavam para cuidar da sementeira ou da colheita em suas lavouras.

A cidadela já estava perto: lá de cima podia ver as piras queimar no nosso acampamento e as outras que ardiam na colina oriental de Ílio. O porto, que eu já vira apinhado de navios e de mercadores, estava agora deserto. Tentava guardar tudo na memória antes que a escuridão apagasse todas as coisas. E

finalmente cheguei ao mais imponente dos santuários, o de Atena, na parte mais elevada da cidadela. Um verdadeiro mistério para mim: como podia a deusa desviar o olhar da cidade que a honrava daquela forma? E em volta do santuário via uma fileira de guerreiros cobertos de bronze que seguravam maciças lanças. A luz das tochas projetava no pavimento em volta as longas sombras das hastes e dos guerreiros.

Eu precisava aproximar-me e esperar a hora certa para descobrir a razão de todos aqueles guerreiros estarem ali, perfilados e prontos para defender um santuário, um recinto sagrado que, pela sua própria condição, não deveria precisar de proteção alguma. Mas como poderia superar a fileira de homens armados que estavam de vigia? Cheguei o mais perto que podia, mantendo-me escondido na sombra do pórtico que margeava a ala meridional da cidadela, tentando descobrir algum modo de entrar. Tinha de distraí-los, de chamar a atenção deles para alguma outra coisa, e arremessei o elmo o mais longe que pude para a extremidade oposta da colunata. O bronze ressoou com estrondo ao chocar-se com a parede, e continuou a ecoar enquanto rolava pelo chão. Alguns guardas acudiram ao lugar do barulho. Outros acenderam archotes nos braseiros para iluminar o local, e, enquanto isso, eu arrastei-me com cuidado para a entrada. A porta não estava fechada, somente encostada, como se alguém acabasse de entrar e, dali a pouco, fosse sair. Entrei. Lá fora, podia ouvir chamados e os passos apressados dos guardas que voltavam a se aproximar. Olhei pela fenda e reparei em que os soldados haviam retomado os seus lugares em volta do santuário: como é que eu poderia sair?

Virei os olhos para o interior e vi uma figura feminina ajoelhada diante da imagem de Atena, uma imagem pequena, de apenas uns três côvados, que a representava de pé, de lança na mão e elmo na cabeça. Não era de metal nem de madeira. Parecia esculpida numa pedra desconhecida, áspera e porosa,

entremeada de cristais que brilhavam e se tingiam de vermelho refletindo a luz das tochas e do braseiro. Os olhos eram de madrepérola, tinham pestanas e sobrelanceiras e pareciam fitar fixamente quem quer que estivesse dentro do santuário. Pela riqueza das vestes e pelo diadema de ouro que lhe cingia a cabeça, a jovem de pé diante do simulacro devia ser uma princesa de sangue real, e isto explicava a presença do cinturão de guardas armados em volta do recinto sagrado. Uma filha de Príamo? Mas qual delas? A esposa de Heitor, o herói exterminador?

Continuei a mover-me leve e silencioso como um fantasma até poder vê-la de frente. Reparei no seu rosto e na sua expressão, e nas lágrimas que corriam fartas pelas suas faces, dos seus olhos tristes e assustados. E se eu a raptasse e a levasse para o acampamento? Não. Não ia cometer um ato execrável dentro do santuário.

A princesa molhou os pés da estátua com as suas lágrimas, pronunciando entre soluços uma invocação que não compreendi, e depois se dirigiu finalmente para a saída. Ouvi os passos dos guerreiros que se afastavam para escoltá-la rumo à sua morada e ouvi a porta que se fechava. Fiquei sozinho com a deusa e me aproximei do simulacro.

Havia algo perturbador naquela imagem. Os olhos de madrepérola, imóveis e fixos, revelavam-se extremamente penetrantes, a haste quase parecia vibrar nas mãos da divindade. Embora o esforço daquela confrontação tão poderosa me obrigasse a desviar amiúde o olhar, tinha certeza de que naquela mesma hora um rápido pestanejo passava pelos olhos da deusa. Sabia disso porque percebia um repentino e seco movimento do ar, inatural naquele lugar fechado.

“Mostre-me uma saída!”, gritou o meu coração, mas só ouvi um rumorejar distante de trovão. Um relâmpago súbito rasgou a escuridão revelando a

abertura que deixava a fumaça do incenso e das tochas subir ao céu.

A deusa dera a sua resposta.

Galguei uma coluna até o teto e pulei para o telhado. A lua saía naquele instante de trás das nuvens tempestuosas e iluminava a cidade com sua luz azulada.

Tudo era silêncio, agora. Os troianos buscavam no sono um alívio para as aflições e os lutos cotidianos. A vida deles devia ser um contínuo sofrimento. Nós éramos guerreiros, acostumados a dar e receber a morte, mas eles eram uma comunidade de famílias com pais, esposas, maridos, noivos, filhos e filhas: a dor se amplificava de forma desmedida dentro do círculo de muralhas, como o eco de um grito num desfiladeiro, como um grito espremido entre as paredes rochosas de um vale. Olhei por um longo, interminável instante para a sagrada Ílio, esplêndida com as suas torres, as suas muralhas, os seus palácios e santuários, as suas casas dispostas em vários degraus até a defesa mais externa e as paliçadas, os seus altares, as suas estelas pintadas ou esculpidas a lembrar antigos reis e heróis, os seus pináculos e os seus pilares. Pensei que, algum dia, íamos vencer e que tudo aquilo se tornaria objeto de saque, mas não consegui sentir regozijo no coração porque naquele momento quase me parecia ser parte daquela visão encantada.

Deixei-me escorregar ao chão sem fazer barulho, e, quando já ia ocultar-me nas sombras do pórtico, uma mão se apoiou no meu ombro. Virei-me na mesma hora, de espada na mão, pronto para matar. O bronze chegou a encostar-se num pescoço de divina perfeição, branco e puríssimo, num rosto tão sublime que somente as deusas do Olimpo podiam ostentar: Helena! A espada tremia na mão assim como o coração tremia no peito no dia em que ela estava a ponto de escolher um marido na longínqua Esparta.

– Odisseu – disse –, só você podia ser o guerreiro que primeiro coxeava e depois corria como um jovem cabrito, pulando de um lado para o outro das muralhas.

– O que pretende fazer? – perguntei. Era só ela dar um grito e eu estaria morto. Mas a minha mão hesitara, e já era tarde demais para matá-la. Mesmo assim, aquela seria a maneira certa de pôr termo à guerra. Por que não tinha pensado nisto antes? Pareceu adivinhar os meus pensamentos:

– Por que sua mão hesitou? Por que não matou a cadela que se entregou a um visitante que nem conhecia, traindo o marido que ela mesma escolhera? A guerra estaria acabada, e você poderia voltar para a sua Penélope.

Eu tremia ofegante, tomado pela emoção que oprimia o meu peito e não deixava passar as palavras.

– Siga-me – disse, e virou-se dando-me as costas. Fui atrás, o que mais podia fazer? Helena, linda como uma flor purpúrea: a infelicidade e a desgraça de uma inteira cidade sacrificada à sua beleza, a morte de milhares de jovens no campo sangrento não tinham deixado marca alguma nela; o corpo sinuoso, sublime, ondeava sob o fino pano da veste, quase transparente, os cabelos eram como a espuma do mar no luar, mas soltavam lampejos dourados quando os raios incendiavam o céu, acompanhados pelo estrondo do trovão.

Abriu uma portinhola sob um arco e se meteu num longo e estreito corredor iluminado por algumas lamparinas, depois abriu outra porta e entrou numa estupenda morada, sem dúvida a casa em que vivia.

– Venha – continuou a dizer, e abriu mais uma porta. Estávamos agora num aposento revestido de alabastro, com uma grande concha de água perfumada no fundo e vasos cheios de essências raras.

– Mandara preparar para mim – disse. – Dispa-se e tome um banho. Antigamente os príncipes troianos tomavam banho no mar, mas agora os

aqueus ocupam a praia e eles têm de tomar banho em casa.

Tirei a roupa, deitei a espada no chão e fiquei nu e inerte diante dela. Helena pegou uma vasilha de prata, encheu-a de água e derramou-a em cima de mim, livrando do sangue coagulado os meus cabelos, ombros, rosto. Perguntou:

– Nunca consegui ver os meus irmãos Cástor e Polideuces de cima das torres. Onde estão?

– Ninguém sabe. Saíram numa expedição militar rumo ao norte. Nunca mais voltaram. Contam que cada um morreu para salvar a vida do outro. São venerados na sua cidade como heróis imortais.

Suspirou, escondendo o rosto, enquanto me fazia entrar na banheira. Depois se sentou ao lado da borda e lavou as minhas costas e o meu peito com uma esponja marinha. Estaria eu, naquele momento, numa morada do Olimpo? Como podia aquilo estar acontecendo? Os seus olhos brilhavam de uma luz trêmula, com uma expressão que ninguém conseguiria interpretar, criada por sentimentos contrastantes, e ainda assim, por um instante, naqueles gestos, na maneira com que olhava para mim, pareceu-me reconhecer Penélope.

– Por que faz isto por mim? – perguntei.

– Porque este sempre foi o meu desejo – respondeu. – Lembra o cercado dos cavalos? Lembra o que eu disse?

– Acha que poderia esquecer?

Ouviram-se passos pesados lá fora: um grupo de armados se aproximava.

– Páris está voltando do conselho de guerra, onde todos o desprezam. Suma daqui, rápido, e não me esqueça. Lembre que não o traí.

Entregou-me umas roupas limpas e apertou-me num abraço que eu nunca mais esqueceria pelo resto da minha vida. Lágrimas desciam dos seus olhos.

– Por quê? – voltei a perguntar.

– Porque é com isto que eu sonhei na noite anterior à minha escolha: você e eu, como marido e mulher, em algum lugar lindo, na intimidade da nossa casa. Achei que era um sonho, uma mensagem sobre o meu futuro. E, com efeito, era, mas não como eu então imaginava. Foi assim que os deuses me enganaram. Esta é a visão daquele sonho, e eu a tornei real sem querer, só agora percebo. Maldito seja o deus que me enviou, que zombou de uma jovem apaixonada. Pois o meu destino não era aquele. O meu destino era esta guerra pavorosa, cruel, sangrenta, cuja verdadeira finalidade ainda não consigo entender, mas da qual os deuses muito gostam... E agora saia daqui, rei de Ítaca, para que a sua audácia não seja a sua perdição.

Beijou-me. Um longo, louco beijo desesperado.

* * *

Agora, vestido daquele modo, eu parecia novamente um troiano, um aristocrata que perambulava pela cidade àquela hora noturna. Do fundo do coração, pedi à minha deusa que guiasse os meus passos na escuridão, e enquanto me movia sorrateiro, evitando as patrulhas e os postos de guarda, mas guardando cuidadosamente na memória e na alma tudo o que tinha que ver com as defesas da cidade, pensava naquela imagem no santuário, misteriosa, enigmática, terrível com seu olhar de madrepérola e o corpo coberto de reluzentes cristais. O que era aquele simulacro extremamente antigo?

Alcancei afinal o passadiço que levava às portas Ceias, as únicas que davam para o campo aberto. Deixei-me escorregar segurando-me nas saliências da parede, esfolando as mãos entre as fendas e as bordas cortantes das pedras,

para finalmente pular e cair ao chão. Rolei machucando os cotovelos, os ombros, as costas e choquei-me com um pedregulho que poderia ter-me matado. Do santuário, a deusa de olhos azuis devia certamente estar me protegendo. Um cão latiu ao longe, outro respondeu com um longo uivo enquanto uma chuva rala começava a cair. Ofegante, alcancei a figueira-brava e vesti novamente as minhas roupas: fantasiado daquele modo, no escuro, algum dos nossos poderia matar-me.

Não demorei muito a entrar na tenda de Agamêmnon, e logo foi convocado o conselho dos chefes. relatei que o povo não se havia entregado ao desespero; que uma muralha fora levantada no lado setentrional para proteger os acampamentos dos aliados que não podiam ser hospedados dentro da cidade: que havia trácios, lícios, frígios e outras nações da Ásia. contei que obras haviam sido feitas para isolar mais ainda as portas Ceias do território em volta e tornar o acesso mais difícil. E expliquei que um ataque frontal às fortificações seria de fato impossível. Por enquanto, só podíamos continuar lutando em campo aberto, tentando conseguir uma vitória definitiva: sem ela, nunca poderíamos dobrar a determinação dos troianos.

– Não manifestam a sua dor em público, só durante os funerais, quando as mães e os pais veem os filhos ser colocados nas piras. Existe certamente alguma coisa que lhes dá força e ânimo para continuar, para suportar o desespero, as feridas e as mutilações.

– E o que acha que pode ser, meu sábio Odisseu? – perguntou Agamêmnon.

Fiquei um bom tempo indeciso enquanto a imagem de Atena na cidadela voltava à minha mente nítida e quase real. Depois respondi:

– O amor pela sua cidade e pela sua terra. Em nome deste amor, estão dispostos a enfrentar qualquer perigo e a perder a vida, se necessário. Nós

estamos sozinhos, eles têm bem diante dos olhos, todos os dias, as mulheres e os filhos, os pais e os irmãos, as pessoas a que amam. A força deles está nisto. Espero que a noite nos sugira alguma solução e que os deuses nos concedam um sono sereno.

Encaminhei-me para os meus navios e a minha tenda e, quando já estava perto, reparei numa sombra escura em pé diante da entrada. Calcante esperava por mim.

– Ouvi as suas palavras, embora você não me visse.

– E não o satisfez o meu relato?

– A pessoa que encontrou no santuário, Cassandra, a filha de Príamo. Ela também tem o dom.

– Só me pareceu uma mulher sozinha, assustada e triste.

– Todos os que têm o dom estão sozinhos. O dom também é uma maldição. Contam que, quando Páris nasceu, ela, ainda menina, entrou no quarto da rainha que acabava de pari-lo. Hécuba e as criadas sorriram ao ver que a menina tinha vindo conhecer o irmãozinho. Mas ela, fitando o recém-nascido com olhos de gelo, disse: “Matem-no.”

“A rainha debulhou-se em pranto ao ouvir tão pavorosa sentença, ainda mais terrível por sair dos lábios de uma menina inocente. Ninguém entendeu a coisa. Pensou-se que ela, até então a predileta dos pais, odiava o recém-chegado que lhe tiraria os afagos e a afeição deles. Receando que Cassandra pudesse fazer-lhe mal, o pequeno Páris foi afastado e entregue a uma babá casada com um pastor que morava no monte Ida. Mesmo agora, Príamo e Hécuba se recusam a entender a mensagem, apesar de ver os seus filhos caindo sob os golpes de Aquiles.”

– E qual é a mensagem?

– É fácil entender: Páris seria a ruína da sua pátria, e, por isto, era preciso acabar com ele.

– Quer dizer, então, que Troia cairá.

– Assim está escrito. Mas não agora.

– Pois é, é o que eu também acho: não agora.

– Não brinque comigo: você viu o motivo com seus próprios olhos. Não se trata de amor pela pátria ou, pelo menos, não somente dele: é aquela estátua de pedra coberta de estrelas luminosas. Enquanto continuar onde está, a cidade não cairá.

Preferi não perguntar mais nada. A imagem de deusa de olhos de madrepérola ainda me perturbava, e o beijo de Helena envenenava o meu sangue. Limitei-me a dizer:

– Desejo-lhe uma noite sem pesadelos, Calcante –. E me despedi dele.

Muito tempo se passou, e a terra ainda bebeu muito sangue sem que a balança de Zeus indicasse uma preferência qualquer para um ou outro lado nos destinos da guerra. Às vezes acontecia que alguns dos nossos mais fortes campeões fossem feridos e não pudessem participar da batalha; outras vezes a superioridade podia ficar conosco, mas neste caso as invencíveis muralhas de Ílio se tornavam um abrigo seguro e o nosso ímpeto se chocava inutilmente nos pesados batentes dos sangrentos portais de Ceias. Em várias ocasiões tentamos, portanto, colocar Heitor e Aquiles frente a frente, mas o troiano sempre evitou o embate, levando o seu carro para outra ala da formação onde as arremetidas de Agamêmnon, Menelau e Diomedes estivessem levando a melhor. Nada realmente decisivo acontecia. Heitor se portava como homem sábio: sabia que não devia arriscar a vida, pois do contrário poderia privar o

seu exército de um líder fundamental. Para ele, a vida da sua gente e a da sua cidade eram mais importantes que a glória pessoal de combatente.

Parecia que nada ia mudar, que os deuses tinham cravado com pregos de bronze o nosso destino naquele pavoroso campo de chacina e de pranto, quando aconteceu uma coisa que mudou a sorte de todos nós.

Naquele ano o verão foi tórrido, sufocante. O calor era tão insuportável, que até a guerra esmorecera. Já nenhum grego nem nenhum troiano conseguiam lutar dentro de uma armadura que o sol tornava escaldante, com as forças que se esvaíam antes mesmo de a batalha começar, de forma que os choques rarearam até desaparecer quase por completo. Mas na canícula estival que oprimia o nosso acampamento espalhou-se uma doença que ceifava numerosas vítimas todo dia e toda noite, deixando a todos nós no maior desalento. Um guerreiro pode aguentar as feridas, a sede e a fome, a morte em combate, mas não a podridão de um leito sujo de suor e de vômito, a aceitação de uma morte sem glória nem sentido.

A calamidade devia-se certamente à ira de algum deus. Era mister entender qual tinha sido a ofensa e que nune era preciso aplacar com sacrifícios e rituais de expiação. O próprio Aquiles pediu que fosse convocada a assembleia dos reis e dos príncipes da Acaia e que fosse consultado o adivinho Calcante.

Reunimo-nos ao anoitecer à beira do mar, dentro de um círculo traçado na areia e marcado por doze tochas acesas. Agamêmnon estava irritado, pois a assembleia havia sido convocada por Aquiles e não por ele. E foi justamente Aquiles o primeiro a tomar a palavra:

– Diga então, vidente, que deus ficou tão irritado conosco que nos enviou esta desgraça? Qual é o motivo da sua indignação?

Mas Calcante parecia relutante em dar uma resposta.

– Diga-me o que o detém – insistiu Aquiles.

– O que direi não será do agrado do nosso chefe supremo.

Sem nem sequer olhar para Agamêmnon, Aquiles respondeu:

– Não precisa recear ninguém nem coisa alguma, pois está sob a minha proteção. – Era um desafio pronunciado diante de todos e contra o soberano mais poderoso de toda a Acaia.

Calcante levantou o seu cajado agitando os chocalhos que ornavam a ponta, e sobre a assembleia dos reis e dos príncipes desceu o silêncio: podiam-se ouvir o vascolear das ondas e os lamentos distantes dos moribundos. A fumaça negra das piras obscurecia com sua caligem o disco do sol, que se punha. A palavra do vidente ecoou naquela atmosfera de morte:

– Apolo está zangado conosco porque o seu sacerdote, Crises, como muitos de nós puderam ver, veio ao acampamento trazendo numerosos tesouros para resgatar a filha que Agamêmnon tornou sua escrava, mas a oferta foi recusada. Prostrado, o sacerdote invocou o deus para que vingasse a sua humilhação, e Apolo ouviu-o e lançou contra nós os seus dardos mortais. A única possibilidade de acabar com a nossa desgraça é Agamêmnon devolver a Crises a filha, imolando ao mesmo tempo muitas vítimas no altar de Apolo, com a esperança de o deus aceitar este ato de penitência.

Nunca, em todos aqueles anos de guerra, o chefe supremo da expedição havia sido tão humilhado publicamente e forçado a baixar a cabeça diante do atrevimento de Aquiles. Mas o rei dos reis dos aqueus reagiu duramente às palavras de Calcante:

– Profeta de mau agouro, nunca me deu uma notícia capaz de alegrar o meu coração, somente desgraças e aflições! Está bem, preferi não privar-me da minha escrava, e daí? Criseis me pertence, é linda de rosto, de corpo, de mente, e quis mantê-la ao meu lado. Possuí-la era um direito meu, assim como era faculdade minha aceitar ou recusar o resgate. Aconteceria exatamente o

mesmo com qualquer de vocês! Mas, se o que diz for de fato verdade, não quero que alguém diga que não me importo com o destino dos meus homens, dos guerreiros que lutam diante das muralhas de Troia, pois só penso nisto.

“Devolvê-la-ei ao pai se isto servir para aplacar a ira de Apolo, mas não é justo que eu fique sem a parte mais preciosa do meu despojo de guerra. E, assim sendo, vocês, reis e príncipes aqui presentes, terão de dar-me outro presente de igual valor e beleza. Não é justo que eu, chefe supremo, fique desprovido dele!”

Eu podia facilmente prever o que aconteceria: Aquiles era o guerreiro mais forte de todo o exército, Agamêmnon era o chefe supremo e o mais poderoso dos soberanos, as palavras deles tornar-se-iam cada vez mais duras e agressivas. Não era previsível o desfecho, no entanto, se os dois passassem das palavras aos fatos. Talvez o fim da empreitada. A vergonha e a ignomínia da derrota. Embora eu desejasse a volta mais que qualquer outra coisa, preferiria morrer a assistir àquela desonra.

Aquiles respondeu:

– Átrida notoriamente grande e igualmente ávido, já não há despojos por repartir para satisfazê-lo, mas se conseguirmos conquistar Troia poderá ser o primeiro a escolher os despojos mais preciosos e as mulheres mais lindas. – Suspirei aliviado: o príncipe de Ftia dos mirmídones conseguira controlar-se, pelo menos em parte. Aguardei, um tanto ansioso, a resposta de Agamêmnon.

– Nada disso – respondeu com dureza o rei de Micenas –, quero o meu presente agora, e, se não me for dado, tirá-lo-ei de você, Aquiles, ou de Ájax ou de Odisseu.

Sorri com amargura ao ouvir o meu nome: não ia encontrar coisa alguma no meu navio que pudesse compensar a perda da sua esplêndida escrava, e ele também o sabia. E também sabia tudo aquilo que eu tinha feito primeiro pela

paz e depois pela guerra. Portava-se como um homem sem valor. Tudo podia acontecer, agora. E, de fato, foi o que se deu. Aquiles insultou-o ferozmente, lançou-lhe em rosto a sua avidez e cobiça, chamou-o “sujo bastardo” e “despudorado”, mas tais palavras nem chegaram a me surpreender: o que rasgou o meu coração foi o que disse a seguir.

– Sempre lutei com todas as minhas forças, conquistei aldeias e cidades, rebanhos e manadas com milhares de cabeças e sempre guardei para você a parte mais rica, em nome de um respeito que de fato não merece. São meus os ombros que precisam suportar o fardo mais pesado da guerra. Estou aqui, com os meus homens, porque a mulher do seu irmão foi raptada para manter a palavra dada e cumprir uma promessa – por um momento os seus olhos penetrantes fixaram-se nos meus –; a mim os troianos nada fizeram de mal, não me assaltaram nem invadiram o reino do meu pai, razão pela qual vou embora, volto para casa, não tenho a menor intenção de ficar acumulando riquezas para você, de combater a sua guerra!

– Pode ir! – rebateu Agamêmnon. – Não serei certamente eu quem vai retê-lo, outros não menos valorosos que você ficarão e lutarão ao meu lado, e terei o apoio do rei dos deuses, que protege o rei dos homens. Não sentirei a sua falta, seu briguento, furioso, rebelde sempre em busca de rixas e contendas! Pode ir, tem a minha permissão, mas uma vez que quem terá de pagar sou eu, devolvendo ao pai a minha escrava, então ficarei com a sua Briseis. Isto mesmo, vou levá-la para a minha tenda.

Isto já era demais, Aquiles nunca o aceitaria. Jogou o cetro no chão, investiu-o com todo tipo de injúrias, e a sua mão correu à espada. Era o fim.

Mas então, de repente, senti a presença dela. Atena. Não a vi, mas quem mais poderia deter, no ápice da ira, o mais forte e feroso guerreiro que jamais aparecera na face da Terra? Induzi-lo a guardar a arma?

Reparei que Aquiles falava, mas sem emitir nenhum som – estava bastante perto de mim –, e virava os olhos para trás, baixando a cabeça.

Nestor aproveitou para tentar acalmar os ânimos, mas eu não participei. Demorou-se, como costumava fazer, lembrando as façanhas da sua juventude e o prestígio com que todos o ouviam, procurou semear a paz entre os dois contendores e salientou os deveres de cada um. Tarde demais. Agamêmnon mandou os seus homens buscar a mulher de Aquiles, uma jovem de esplêndida beleza que ele amava e que retribuía esse amor apesar de ele ter-lhe matado o esposo. Depois ordenou que preparassem o mais poderoso dos seus navios de combate e o maior dos seus navios de carga para embarcar os animais destinados à hecatombe e mandou-me chamar quando eu já ia voltando, triste e pensativo, para a minha tenda.

– Preciso de você, Odisseu. Quero que lidere os navios nesta viagem e que me apoie quando encontrarmos o pai da jovem. Não podemos cometer erros, já aconteceram muitas coisas terríveis. Confio em você.

Embora ele não o merecesse, aceitei-o, e na manhã seguinte me levantei bem cedo, mandei empurrar para a água o navio de carga ainda vazio e só em seguida deixei subir as vítimas por sacrificar através de uma rampa de madeira. Depois, no fim da operação, quando Criseis, de corpo escultural e olhos profundos e reluzentes, também já estava a bordo, mandei içar a vela e ordenei aos remadores que começassem a vogar. Antes de sairmos para o mar aberto, Agamêmnon veio se despedir.

– Por que provocou aquele guerreiro selvagem? – perguntei. – Sem Aquiles, não temos a menor esperança de vencer. Nem podemos contar com a ajuda dos deuses. Eles não ajudam os tolos.

Agamêmnon não respondeu, e eu também fiquei em silêncio, de coração pesado. O sol iluminava com seus primeiros raios as torres de Ílio enquanto eu

subia ao navio.



Mais uma vez eu tinha nas mãos o destino da Acaia, assim como acontecera em Esparta quando propusera e fizera aceitar o juramento dos príncipes. Mais uma vez tudo tivera origem na disputa por uma mulher. A força de Aquiles, pura, cortante e inexorável como o raio, já não estava conosco; sobravam apenas o meu coração e a minha mente para guiar a maciça potência do gigante Ajax e o furor de Diomedes, a nobre força de Idomeneu e Menelau. Seria suficiente? Enquanto isso, de qualquer maneira, eu tinha de derrotar a doença que nem mesmo Macáon, o nosso médico guerreiro, filho de Asclépio que vencida a morte, conseguira deter. Era preciso encontrar compromissos com homens e deuses, reparar a ofensa: chegara a minha hora.

Durante a viagem conversei com a jovem e descobri que se chamava Astínome, embora todos a chamasses Criseis, devido ao nome do pai.

– Como acha que ele nos receberá? – perguntei. – Decidi viajar sem escolta armada, eu mesmo inerme, para apresentar-me a seu pai e ao deus como é justo e conveniente.

Hesitou, acostumada que era a pertencer a outro homem e a não falar com ele como se fala aos próprios iguais e amigos. Afinal aceitou responder com uma voz intensa e levemente rouca, um tanto áspera e por isso mesmo ainda mais perturbadora.

– Ficaré muito feliz em rever-me, sou a sua única filha, e estava disposto a oferecer todos os seus bens para resgatar-me. Sentir-se-á seu devedor, pois você será o responsável pela minha devolução.

– Isso muito alegre o meu coração. Como foi tratada por Agamêmnon, o nosso chefe supremo?

– Como uma escrava – respondeu.

Não era preciso dizer mais coisa alguma, depois daquela resposta, mas ainda assim decidi saber mais:

– Até os escravos podem ser tratados de muitas formas. Tratou-a bem ou mal?

– Tratou-me como uma escrava... bonita.

Fiquei impressionado com a sua mente límpida e com as suas palavras sinceras.

– Eu também tenho escravos no palácio e nas lavouras da minha ilha. Todos me amam, e eu amo a todos como parte da minha família.

– Você tem filhos, *wánax*? – Era a primeira vez que perguntava alguma coisa. Eu estava ganhando a sua confiança.

– Só um. Telêmaco é o nome dele, nascido de mim e da minha esposa. Deixei-o quando ainda nem sabia falar, mas às vezes eu tinha a impressão de que dizia *atta*.

Sorriu:

– Todas as crianças dizem esta palavra quando ainda não sabem falar, e nem dá para saber se querem dizer *mãe* ou *pai*.

Não sei o que pensava a meu respeito, mas procurei deixá-la entender que eu era uma pessoa com mente e coração e pensamentos e esperanças. Principalmente esperanças. E acho que ela entendeu.

Quando chegamos a Crisas, já começara a falar comigo sem esperar que eu fosse o primeiro a tomar a palavra, e isto era um bom sinal. Lancei âncora do

meu navio e do navio de carga, e pedi a Astínome que descesse para em seguida mandar desembarcar os animais por sacrificar.

Fui ao santuário e alcancei o altar ao lado da jovem. O pai estava a ponto de começar os rituais em honra de Apolo, e o seu rosto, quando nos viu, iluminou-se de felicidade. A mais pura alegria brilhava em seus olhos. Coloquei a mão da jovem na dele e disse:

– O senhor dos nossos povos, Agamêmnon, enviou-me aqui para devolver a filha que lhe é tão querida e oferecer ao deus uma hecatombe que o aplaque, se você decidir invocá-lo. – Ouvi Astínome falar na língua deles. Só consegui reconhecer uma palavra: o meu nome.

Ele, o sacerdote, invocou o deus com a sua prece:

– Deus do arco de prata que reina soberano sobre as nossas cidades, já ouviu antes as minhas palavras e fez com que os aqueus pagassem duramente pela sua culpa, fazendo-me justiça. Agora a ofensa foi reparada e uma hecatombe está sendo oferecida junto com um coro de cantos para celebrar a sua glória. Remova a sua ira do acampamento dos aqueus.

Oferecemos então como sacrifício os animais que tínhamos levado, a carne acabou sendo repartida, e todos comeram e libaram o vinho. Passamos a noite dormindo nos bancos dos navios ou na praia, e eu muito rezei para que a minha deusa intercedesse com Apolo, para que o convencesse a aceitar a súplica do seu sacerdote. Quando a alvorada nos acordou, reparei que a jovem estava caminhando descalça na areia fina. Tinha recomeçado a viver.

Ainda hoje, às vezes, penso nela. Será que ainda vive? O que houve com a sua existência? Foi, para nós, esperança de salvação ou ameaça de catástrofe durante o breve tempo em que a vi e conheci? Teve ilhos? Um marido? Alguém ainda a quis depois que estivera na cama do rei dos reis dos aqueus? Dedicou-se, ainda virgem no

coração, ao culto do deus do pai? Na minha mente, ela continua a viver naquela última imagem...

A ira de Apolo demorou a aplacar-se. Talvez quisesse primeiro acabar as setas que lhe sobravam na aljava, talvez levasse algum tempo para extinguir a sua ira, tão vagaroso quanto fora rápido em acendê-la. É difícil compreender a mente e as intenções dos deuses. Afinal a praga desapareceu e os enfrentamentos recomeçaram. Aquiles manteve-se afastado, mas tampouco foi embora como tinha prometido. Ficou onde estava, consumindo-se pelo fato de não participar dos combates. Manter-se longe da guerra era uma punição sentida muito mais por ele que por Agamêmnon. Não se passaram muitos dias até o inimigo perceber a ausência dele, e nós mais ainda. Aquiles despertava o terror, e nada conseguia detê-lo. Toda noite voltávamos ao acampamento carregando um número cada vez maior de mortos, e, pouco a pouco, o desalento ia tomando conta dos nossos homens. A minha missão havia sido inútil. Mesmo assim, no entanto, não queria me render.

Certa vez encontrei Pátroclo, que voltava de uma caçada no bosque carregando nas costas um cabrito montês que abatera com o arco. Logo percebeu que eu não estava ali por acaso e parou atrás de uma árvore. Não queria ser visto por Aquiles no caso de o amigo sair da tenda, e, enquanto conversávamos, começou a esfolá-lo e a limpá-lo das entranhas.

– Ele o preza – disse – e não entende como um homem como você ainda possa reconhecer a autoridade de Agamêmnon. Mas o que mais o atormenta é que a mulher que ama esteja na tenda e, talvez, na cama dele. Demonstrou, contudo, ser mais sábio do que se podia imaginar. Poderia tê-lo matado, mas não o fez.

– Talvez alguma divindade lhe tenha inspirado bons pensamentos. Eu não perdi as esperanças. Não foi embora, continua aqui. A não ser que você saiba de coisas que eu desconheço, de intenções que não revelou a ninguém a não ser você, que é o seu melhor amigo.

Pátroclo suspirou. Ele também sofria com as nossas aflições, mas nada podia fazer.

– Naquela mesma noite, depois que os arautos de Agamêmnon vieram para buscar Briseis, vi-o sentado numa pedra da praia, sozinho. Acho que estava chorando. Um homem que suporta a dor e as feridas sem um único lamento, sempre pronto a enfrentar toda espécie de perigo... chorava de raiva, de humilhação, chorava pelo seu amor ofendido.

“Tirara-a do marido, o rei de Lirnesso, depois de matá-lo em combate. Chamava-se Mines e lutou como um leão, mas não conseguiu resistir à força de Aquiles. Durante muito tempo ela o odiou. Não falava, nunca olhava para ele, eu receava que lhe fincasse um punhal nas costas enquanto dormia ou que o envenenasse. Mas nada disso aconteceu. No começo se sujeitava tal como uma escrava se sujeita ao amo, sem entregar-se à excitação do amor, mas acabou pior ao ser atropelada pelo seu ardor, pelo seu arrebatamento. Apaixonaram-se. Ela também era uma rainha, tinha a dignidade, a beleza, a altivez de uma rainha, apesar de ainda ser muito jovem, e isso tornava digna e nobre a união dos dois. Os braços dela eram, para ele, um refúgio seguro. As horas que passava na cama com ela, depois da batalha, acalmavam o seu furor, amansavam a fera que vive nele. Agora não pode suportar que ela esteja submissa ao homem a quem detesta. Aceitou este sacrifício sabendo que de outra forma o desastre seria além de qualquer imaginação. Um sacrifício imenso: para ele, Briseis era amante, irmã, mãe.”

– Mãe... – murmurei. – Ninguém jamais a viu. Dizem que é uma deusa do mar.

– Você acha? – perguntou Pátroclo. – Eu vi muitas vezes o sangue de Aquiles escorrer, e posso lhe garantir que era sangue de homem.

– E quem é então a mãe, que sempre pode esconder-se dos nossos olhares e que só a ele pode revelar-se?

– Talvez nunca tenha existido. Talvez tenha morrido quando ele nasceu. Talvez ele fale com um fantasma quando, ao anoitecer, se senta na praia e canta uma triste melodia acompanhando-se da cítara.

– Talvez seja uma deusa do abismo – respondi –, nem sempre conseguimos explicar tudo o que nos cerca. Só ele conhece o mistério. Um mistério tão grande, que encerra em si o extremo epílogo da sua vida.

Pátroclo baixou os olhos e ficou calado. Eu via a sua faca separar a pele, cortar a cabeça, e as suas mãos penetrar no corpo do animal e arrancar-lhe as entranhas.

Retomei a palavra:

– Você já conheceu alguém parecido com ele em toda a sua vida? Eu nunca, e quem o convenceu a vir para cá fui eu, e agora isto me dói e me deixa angustiado. Está me entendendo?

– Perfeitamente.

– Você disse que talvez fale com um fantasma, que à noite se senta à beira do mar. E o que pede a esse ser invisível?

Pátroclo levantou a cabeça:

– Vingança.

E vingança foi.

Os troianos logo se deram conta da ausência de Aquiles – não se via em parte alguma, o seu carro reluzente de prata e oricalco tinha sumido, desaparecidos os seus magníficos corcéis de protetores brônzeos na cabeça, o loiro Xanto e Bálio, o malhado –, e tornaram-se cada vez mais atrevidos. O desânimo serpeava entre as nossas fileiras. Tanto assim que certo dia, como um pastor que, às escondidas, atea fogo a um bosque a fim de conseguir novos pastos para os seus rebanhos, se espalhou como incontável labareda o boato, de origem que permaneceu desconhecida, segundo o qual os chefes haviam decidido voltar à pátria: a tropa começou a debandar, e milhares de homens voltaram apressados aos navios e começaram a empurrá-los ao mar. Nós todos fomos tomados pelo pânico, não sabíamos como reagir. A deusa veio então falar comigo, apoiando a mão de bronze no meu ombro:

– Detenha-os!

E eu obedeci. Gritei como um louco:

– Parem, aqueus! Aonde acham que estão indo? – Rodava o cetro como uma maçã e repelia todos os que se aproximavam de algum navio. Golpeei outros nos ombros, nas costas e no rosto. Ninguém se atreveu a reagir. Àquela altura os demais reis vieram ajudar, e reunimos todos numa gigantesca assembleia. Acabei ao lado de Calcante e disse a ele:

– Profetize que Troia cairá dentro de um ano a partir de agora. Diga-o! – E ele me relatou na mesma hora um prodígio, não sei se inventado ou verdadeiro, que acontecera em Áulis antes da nossa partida. Voltei a gritar: – Escutem! –, e pouco a pouco a multidão ficou silenciosa. Contei de quando uma cobra de cabeça vermelha tinha saído de baixo do altar, em Áulis, subira num plátano e comera oito pintinhos de pardal e a mãe, que, piando desesperada, se aproximara demais. Em seguida a serpente se tornara pedra. O nosso destino era lutar por nove anos, mas no décimo Troia cairia.

– E querem ir embora logo agora? Fugir como covardes? Fiquem e lutem! Troia será arrasada. Eu prometo! Eu juro! – Eu não sabia ao certo o que estava dizendo, mas gritei tão alto, que a garganta sangrou. Todos precisavam me ouvir.

Até os outros reis olharam para mim pasmos: de que é que eu estava falando?

– E agora todos em formação de combate! – disse Agamêmnon logo a seguir. Foi um dia memorável, terrível. Diomedes tornara-se o novo Aquiles. Já sem o filho de Peleu e os seus mirmídones no campo da luta, o rei de Argos começou a resplandecer como um novo astro da guerra. Na primeira ocasião, lançou-se adiante com o seu carro guiado por Estênelo, o filho de Capaneu, que tinha lutado em Tebas das Sete Portas. Incitou os cavalos ao galope, irrompeu entre as fileiras dos troianos com a força de um pedregulho que rola pela encosta de uma montanha, atropelando e esmagando tudo em seu caminho. Golpeava com a lança e com a espada, sem parar, animado por uma força inextinguível. Deixava atrás de si um rastro de terra manchada de sangue e de corpos massacrados, e os seus serviçais nem tinham tempo para despir os caídos a fim de tirar deles as armaduras e os enfeites preciosos.

Eu estava em outro local da formação, com os meus itacenses e cefalônios, e podia ver os demais reis lutando com um vigor nunca visto, como se quisessem mostrar que não precisavam da força de Aquiles para derrotar os troianos e os seus mais valorosos guerreiros. Contaram que Atena e Ares e Apolo haviam pessoalmente participado da batalha, e que Atena tirara dos olhos de Diomedes a nuvem que não deixa os mortais ver a imagem dos deuses. Visão aterradora de que eu fui poupado.

Uma vez entregue ao turbilhão da batalha, dos berros, dos relinchos, do estrondo dos carros de guerra, do faiscar das armaduras, eu também me havia

lançado ao ataque com uma violência que *só mais uma vez na vida ia mostrar*. Atropelei e matei com lança ou espada todos os que estavam no meu caminho. O carneiro que pastava no campo de Ítaca tornara-se um enorme animal branco de chifres retorcidos que tinha a força de um touro e avançava com ímpeto implacável.

A certa altura vi Diomedes empurrar o carro na direção de Eneias, e depois contra Heitor, o mais valente dos troianos, e enfrentá-lo sem nenhuma hesitação. Podia ver o seu elmo relampejar ao sol, a ponta da lança oscilar enquanto a haste se ajeitava na mão, pronta para o arremesso. Então o perdi de vista na confusão da rixa e nada mais pude distinguir, pois não podia descuidar-me da luta que me cercava por todos os lados com estrondo ensurdecador. Mas soube, e na volta vi, que Estênelo guiava cavalos de estirpe muito antiga e nobre, presente dos deuses a um dos ancestrais de Eneias. Mesmo tendo de pular do carro, o herói dardânio conseguira salvar-se, mas perdera os dois esplêndidos animais, que a partir de então ficariam com Diomedes. Consegui safar-se por um verdadeiro milagre, e, infelizmente, voltaríamos a vê-lo lutar contra nós. Heitor apareceu, afinal, de forças renovadas, formidável e coberto de bronze, e o destino da batalha começou a virar para o lado dos troianos. Lancei contra ele o gigante Ajax, o único capaz de enfrentar o choque, firme como uma rocha, herói que confiava somente na própria força e que, pelo que contavam, nunca fora ajudado por nenhum dos deuses. Já lhe tinham concedido o tamanho descomunal, e acharam por bem não lhe dar mais nada. Como um bando de cães em volta de um javali, um grande número de troianos se havia juntado em torno dele, e a muitos ele abatera, mas não pudera despi-los das armas e ganhar o prêmio pelo seu valor: mal conseguia arrancar a lança do cadáver dos adversários vencidos, apoiando

o pé em seus corpos inertes, e já uma saraivada de setas o forçava a proteger-se sob o seu enorme escudo.

Ájax de Locros plantou-se ao seu lado, de forma que a velocidade fulmínea juntou-se à potência, mas isto não foi suficiente para conter o ímpeto de Heitor: parecia que as setas e as lanças não conseguiam alcançá-lo, como se um deus as desviasse com a mão. E continuamos deste modo até o entardecer, até a escuridão separar os contendores. Havia sido o dia de Diomedes: tal com um astro, o guerreiro formidável e feroz brilhara, resplandecente nos raios do sol, e Eneias teria certamente sucumbido sob os seus golpes se algum deus não o tivesse poupado do dia fatal. Embora, no fim, tivéssemos sido forçados a recuar, tínhamos matado muitos inimigos e contido a força de Heitor.

Enquanto eu voltava ao acampamento, vi Pátroclo sentado diante da sua tenda. Atrás, no fim da praia, podia ver os poderosos mirmídones nadando no mar como garotos que brincam, e quase não consegui acreditar. Ao mesmo tempo, na outra ponta do areal, via um dos meus companheiros apoiado numa pedra, ganindo de dor, enquanto outro guerreiro arrancava uma seta da coxa. Outros se arrastavam de volta ao acampamento deixando no chão um rastro de sangue.

As horas que se seguiam ao combate eram as mais sofridas. Durante a luta, tínhamos a impressão de viver em outro mundo, em outro lugar, não percebíamos o medo nem a dor, estávamos entregues a uma embriaguez delirante parecida com a dada pelo vinho, pela febre e pelo amor juntos. E pela proximidade da morte. Depois, mergulhávamos numa espécie de calmo desespero e de fria vertigem, de medo do vazio e da escuridão.

Fiz um sinal para Pátroclo, levantando o queixo numa muda pergunta. Ele meneou a cabeça. A vingança ainda não era suficiente para aplacar a sua ira. Queria vê-la e saboreá-la: era por isto que ficara, que não fora embora para

voltar a Ftia, onde o velho pai esperava por ele perscrutando o mar todos os dias.

Contaram-se os mortos e os feridos. Até Diomedes havia recebido um ferimento num ombro. Estênelo arrastara-o para longe da linha de frente, ao abrigo do carro e dos guerreiros argivos que formavam uma parede em volta do seu rei, e arrancara o ferro enquanto ele gritava: “Levem-me de volta, quero matar quem me feriu!” E logo a seguir voltara à luta, procurando o arqueiro lício que o acertara. Chamava-se Pândaro e, quando viu Diomedes reaparecer, ficou imóvel e incrédulo como se estivesse diante de um fantasma que voltava do Infero, e assim acabou por ser trespassado pela lança inexorável do filho de Tideu.

Nos dias seguintes, voltou-se a lutar, e a lutar, e a lutar. Seria impossível evitar até que esta fosse a nossa escolha. Os troianos, guiados por Heitor, Deífobo e Eneias, milagrosamente restabelecido, saíam todos os dias das portas, e nós tínhamos de detê-los para que não chegassem até os nossos navios. Certo dia Heitor saiu da formação e desafiou os nossos campeões: a qualquer deles que estivesse disposto a enfrentá-lo. Era um comportamento estranho, algo que eu nunca esperaria. O príncipe troiano sempre evitara aquela atitude, pois sabia que o adversário seria Aquiles. Agora, certo de que venceria, desafiava-nos para tirar de circulação mais um dos nossos mais valorosos combatentes e dobrar o orgulho e a vontade de lutar do exército inteiro.

Lembro aquele momento terrível. O medo nos gelava a nós todos, e a vergonha não bastava para nos fazer reencontrar a coragem. Menelau levantou-se gritando:

– Eu enfrentarei o príncipe troiano, porque este é o meu dever se ninguém mais, entre os que poderiam medir forças com ele, se apresentar!.

Nestor, o rei de Pilos, cobriu-nos de injúrias e de desprezo. Lastimava a juventude perdida a amaldiçoava a canície que lhe impedia enfrentar o atrevido desafiante. Então o primeiro a se levantar foi Agamêmnon, o chefe supremo, depois Diomedes e, depois dele, Ájax de Locros e Ájax gigante, filho de Télamon, e então Idomeneu, senhor de Creta e do Labirinto, e depois Meríones, o seu escudeiro, e Toas, senhor de Cálidon. Pelo menos quatro deles não teriam a menor chance contra a força massacrante de Heitor.

Fui o último a levantar-se, com a esperança de não ser escolhido. Eu queria sobreviver, queria voltar para Penélope, na qual pensava toda noite quando o sol mergulhava no mar de púrpura, queria voltar para Telêmaco para outra vez ouvi-lo chamar-me *papai*, queria rever Ítaca beijada pelas ondas, mas iria combater se eu fosse o escolhido.

Éramos nove.

Os nossos destinos foram colocados no elmo de Agamêmnon e agitados: um arauto tirou um deles e andou em volta para que todos pudessem vê-lo: Ájax, Ájax colossal! Todos nós exultamos! E ele, baluarte dos aqueus, montanha que anda, ficou de pé. Segurando o escudo de sete costados de touro, coberto de bronze, parecia uma torre. Baixou a celada em sobre o rosto, deixando à mostra somente os olhos negros que brilhavam sinistros na escuridão. A mão segurava a haste de cinco cúbitos de comprimento, maciça, ameaçadora. As suas passadas faziam tremer o chão. Heitor empalideceu, nunca tinha ficado frente a frente com o filho de Télamon, e agora, de repente, o medo mordida o seu coração como um cão.

Ficaram um diante do outro. Ájax gritou:

– Achou por acaso que não houvesse mais ninguém, entre os aqueus, capaz de enfrentá-lo? É verdade, Aquiles deixou de lutar, já não pode vê-lo nas nossas fileiras: se cá estivesse, você não teria lançado o desafio. Mas há outros igualmente fortes, embora não gozem da mesma fama. E agora, príncipe troiano, pode entrar na dança!

Heitor respondeu:

– Não me trate como a uma criança ignara ou como a uma mulher, Ajax: sei tudo a respeito de guerra e de massacre, vamos lá!

E logo arremessou a lança, que furou seis costados de touro e parou no sétimo. Então foi a vez de Ajax; a ponta da sua lança trespassou o escudo, a couraça de Heitor e rasgou a túnica, mas só conseguiu arranhar a pele. Depois os dois arrancaram a haste inimiga do próprio escudo e se agrediram como leões famintos. No duelo corpo a corpo, Ajax voltou a furar com a lança o escudo de Heitor, e desta vez a ponta chegou a rasgar a pele do pescoço. Vimos o sangue, e o nosso exército prorrompeu num estrondoso grito. Mais uma vez, no entanto, era apenas um ferimento superficial. Heitor levantou uma grande pedra e a arremessou contra o escudo do adversário, que ressoou, fragoroso, mas sem nenhum prejuízo. Ajax lançou por sua vez um pedregulho enorme que desequilibrou o adversário, para então cair em cima dele na tentativa de esmagá-lo sob o peso do escudo. Estávamos a ponto de aclamar a vitória quando, incrivelmente, o príncipe troiano se esgueirou do peso, recobrou o fôlego e as forças, e os dois voltaram ao ataque com as espadas.

Continuaram a lutar durante horas, com acalorada violência, com uma energia que parecia sem fim, arquejando de sede, suando copiosamente e sujos de sangue, sob o olhar atento dos dois exércitos. A noite separou-os. Assim que o sol desapareceu no horizonte, Taltíbio e Ideu, os arautos das duas formações, aproximaram-se e lançaram seus cetros entre os contendores. A

luta parou. Os dois campeões trocaram entre si palavras de cortesia e preciosos presentes: a faixa purpúrea de Ajax, a espada com enfeites de prata de Heitor, objetos gloriosos que por anos a fio lembrariam aquele feito formidável. *Mas eu nunca deixei de perguntar-me a mim mesmo: o que aconteceria se Ajax conseguisse matar Heitor?* Como ficaria a ira de Aquiles, que sacrificara a vida de milhares de companheiros devido ao seu orgulho? Era destino, no entanto, que o mais vigoroso, generoso e fiel dos nossos campeões não levasse a cabo esta façanha.

Voltamos ao acampamento a fim de recobrar as forças após um dia de cansaço, de medo, de ansiedade e de luto. O terreno estava cheio de corpos sem vida. Eu alcancei a minha tenda e o meu navio. Queria aproveitar o mar para renascer das águas límpidas, das ondas reluzentes. Voltei a emergir, com efeito, mais calmo no coração, mais lúcido na mente.



Uma voz que parecia vir do passado ecoava perto de mim:

– *Wánax* Odisseu!

Virei-me: um jovem guerreiro com as marcas do combate no corpo e no rosto, e uma luz febril a brilhar em seus olhos.

– Eumelo!

– Já faz muito tempo que não nos encontramos, *wánax*, mas eu sempre o vejo e aprecio a sua obra, a sua mente, o seu pensamento multiforme.

– Em um lugar como este, quando passamos muito tempo sem ver uma pessoa, somos levados a pensar que ela já não existe... No passado não se dirigia a mim dessa forma.

– Você é o rei de Ítaca, *wánax*, e é minha intenção respeitá-lo e honrá-lo.

Sentei-me num banquinho e mandei buscar outro na minha tenda, junto com duas taças de vinho mantido fresco em ânforas constantemente molhadas com água do mar. Foi trazido por uma das mulheres que me couberam como justa recompensa após a conquista de uma cidade da Ásia.

– Deveria ter-me procurado antes, existem muitas coisas que nos ligam.

– Peço-lhe perdão. Não sei por quê, mas não me atrevia; quanto mais esperava, mais sentia vergonha de vir vê-lo: já se passou tanto tempo. Hércules morreu... – começou Eumelo.

– Hércules não pode ter morrido. Só saiu deste mundo, e já não podemos vê-lo. Foi certamente acolhido entre os deuses, pois levou uma existência

amarga, sofreu incríveis padecimentos e, afinal, não conseguiu suportar a falta das pessoas que amava, mas sempre levou a termo façanhas para ajudar os que não se podiam defender. Às vezes lembro aqueles dias e penso nos seus pais, no *wánax* Admeto, em Alceste, sua mãe, uma mulher sem igual, nobre, linda e altiva, generosa como nenhuma outra. Como se despediu deles, ao partir?

Eumelo baixou os olhos, e pude ver no seu rosto uma expressão aflita:

– Prometi que voltaria com os navios carregados de bronze, de prata e de tecidos preciosos.

– Só isso?

– Toda noite penso na minha mãe, em como deve sentir-se agora ao lembrar aquilo que estava a ponto de enfrentar.

– É por isso que veio lutar nesta guerra? Para fugir das lágrimas da sua mãe? Do olhar confuso do seu pai?

– Também. Mas recordo com paixão a noite em que arranhei as pedras embaixo da sua porta. Vivi muitas horas de terror naquele lugar, mas vi Hércules, e esta simples imagem basta para dar sentido a uma vida inteira. Nunca vou esquecer.

O tempo passou veloz para nós, que lembrávamos juntos momentos e sentimentos passados, buscando-os no fundo do coração, enquanto ficava escuro e o mar ia lentamente se acalmando. Também deixamos passar umas pausas em silêncio: uma maneira de compartilhar as lembranças em comum e viver dos nossos afetos. Surpreenderam-nos a voz de um arauto e o passo pesado de um homem coberto de bronze.

– *Wánax* Odisseu, a sua presença é requerida no conselho dos reis e dos príncipes, imediatamente. O arauto dos troianos, o nobre Ideu, veio ao nosso acampamento pedindo que o escutássemos para expor um pedido.

O homem vestido de bronze, por sua vez, era Diomedes.

– Precisamos de alguém que saiba usar as palavras até melhor que a espada... – disse.

Apoiei a mão no ombro de Eumelo:

– Preciso ir, garoto, talvez haja novidades importantes, mas vejo que tem lindas éguas atreladas ao seu carro e ficarei esperando... Algum dia, gostaria que me mostrasse o valor delas quando as soltar a galope.

Eumelo sorriu e abraçou-me.

– Quando quiser, *wánax* Odisseu, quando quiser!

Quase todos os chefes já estavam reunidos no recinto circular perto do mar, as tochas ardiavam, e outros iam chegando conforme a distância que separava as suas tendas do local do conselho. Agamêmnon pediu então silêncio e convidou o arauto a falar.

– Estou aqui a mando do rei Príamo – disse Ideu –, esta noite houve uma assembleia. O nobre Antenor propôs devolver Helena e também pagar uma indenização, além de solicitar uma trégua para que possamos sepultar os mortos. Diante do primeiro pedido, o príncipe Páris respondeu que está disposto a devolver os tesouros e a juntar outros como reparação, mas que não tenciona de forma alguma abrir mão de Helena. O rei Príamo apoia o pedido de trégua. Estou aqui para conseguir a sua aprovação e voltar, se possível, com uma resposta satisfatória.

Antenor insistia na sua tentativa de parar uma guerra sangrenta e de devolver Helena, mas Páris ainda era poderoso, e Príamo, pelo menos por enquanto, não parecia disposto a contrariá-lo.

Diomedes, que estava em pé ao meu lado, adiantou-se para responder, antes mesmo que Menelau:

– Eu aconselho que recusemos a primeira proposta: não podemos aceitar. E se fazem este pedido significa que as pessoas estão cansadas da guerra e não querem pagar com mais sangue os erros do príncipe. Compreenderam que, mesmo sem Aquiles, podemos vencer. Parece-me correto, no entanto, aceitarmos a proposta de uma trégua. É justo que cada um recolha os seus mortos e os honre com os devidos rituais.

Menelau falou logo a seguir:

– A voz de Diomedes também expressou o meu pensamento. Um direito sobre o qual todos nós juramos foi violado, e só pode haver uma reparação, a que o sábio Antenor propôs. Qualquer outra proposta deve ser descartada.

Fiquei surpreso com o fato de ninguém ter pedido a minha opinião e de outros terem falado de forma tão incisiva que não deixava espaço a nenhuma negociação, mas entendi o motivo disso quando Agamêmnon me pediu que sozinho acompanhasse Ideu até o limite do acampamento, depois de trocar com o arauto palavras gentis e de pedir que agradecesse a Antenor as sensatas propostas que fizera na assembleia.

– Nobre Ideu – disse eu assim que nos afastamos –, o *wánax* Diomedes e o *wánax* Menelau só podiam dizer as palavras que pronunciaram, mas aqui ninguém nos ouve e podemos usar outras, diferentes, buscando uma possível saída para esta situação tão difícil e espinhosa.

– Estou escutando, rei Odisseu. Muitos ainda lembram em Troia o seu sábio discurso que poderia ter evitado tantos lutos.

– Há uma possibilidade. O que o rei Príamo e o rei Menelau não podem aceitar em plena luz do dia, na frente de todos e com pactos juramentados, pode ser feito na calada da noite e com acordos secretos.

Ideu parou e procurou o meu olhar no escuro:

– Continue – disse.

– Entregue-me Helena. Posso ficar no porto velho, disfarçado, esperando com um barco, na hora que achar mais conveniente. Com um presente simbólico como indenização. Grandes quantidades de bronze, de ouro e de prata não combinam com quem quer passar despercebido.

– Mas Menelau aceitaria?

– Ninguém pode resistir à beleza de Helena, e ele menos que todos. Levá-la de volta a Esparta seria, para ele, um troféu mais que suficiente.

Esperei com todo o coração que Ideu tivesse licença para negociar aquela possibilidade e resolver o assunto de uma vez por todas, devolvendo uma vida tranquila a dois povos sem que tivessem de enfrentar diariamente a morte. O seu breve silêncio encheu-me de ansiedade.

– É muito difícil – respondeu afinal. – O obstáculo maior, agora, é Heitor. Nem mesmo Andrômaca, a esposa, que implora que não se arrisque demais, consegue segurá-lo. Ele vislumbra a possibilidade de vitória. É um guerreiro, a glória de derrotar o maior exército de todos os tempos, de afogá-lo no mar e queimar os seus navios, de tornar-se para a sua cidade pouco menos que um deus é um prêmio grande demais. Recusaria o que você propõe, e sem ele nada podemos fazer. Se houver alguma possibilidade de sucesso, daqui a três dias poderá ver a esta altura da noite uma luz que se acende aos pés da figueira-brava. Amanhã começaremos a recolher os mortos.

Assenti. Não mencionou Aquiles, não tocou no assunto, e eu tampouco falei a respeito. Mas o fantasma dele estava entre nós, um gigante mudo que, com a sua simples ausência, já fazia pender a balança para o lado dos nossos inimigos.

Cada um de nós retomou o próprio caminho.

No dia seguinte, antes de o sol nascer, as portas de Troia se abriram e as famílias saíram para o campo coberto de mortos. Quanto a nós, os aqueus misturaram-se com elas revirando e separando os corpos ainda entrelaçados no último espasmo do combate. Em silêncio, ambos os lados colocavam seus mortos nos carros.

As piras arderam durante todas as noites da trégua. Somente os chefes recebiam a honra de ter o seu nome gritado dez vezes por guerreiros perfilados que, em seguida, dobravam ritualmente as espadas e as guardavam na urna bem-feita e cheia de adornos; os demais tornavam-se cinza sem nome, coberta pela terra ou levada pelo vento. No terceiro dia passei a noite a perscrutar a planície, mas não vi luz alguma brilhar embaixo da figueira-brava. Sem esperança.

Quando retomamos os combates, ficou claro que o nosso valor e a nossa força, o próprio afincamento com que me dedicava a ganhar honra no campo não bastavam para manter os troianos longe do acampamento: quem atacava, agora, eram eles, eram deles as investidas que procuravam nos rechaçar para o mar. Tivemos de nos conformar e cavar uma vala, e erguer uma paliçada a fim de proteger os navios. Se as embarcações fossem queimadas, o nosso destino estaria marcado. Era uma obra enorme, que se via de longe e que levantamos às pressas: um monumento aos nossos temores.

Na noite em que concluímos os trabalhos, o céu encheu-se de nuvens negras, e o estrondo do trovão fez estremecer a terra. Estávamos reunidos na tenda de Agamêmnon, tomando vinho. Vi o líquido vermelho e brilhante tremelicar na minha taça. Vi Menelau empalidecer. Era um presságio de mau agouro.

Mas a trégua chegara ao fim. Na manhã seguinte Heitor voltou a atacar, e nós também, deixando para trás a paliçada e a vala, tomamos posição. O grito

de Agamêmnon e o seu braço levantado, brandindo a lança em cima do seu carro, foram o sinal para avançarmos. Corríamos uns contra os outros, sem pensar, de mente vazia, o coração parecendo estourar no peito, o fôlego já sem encontrar uma saída através da barreira dos dentes fechados, apertados, os pés devorando o espaço que ainda nos separava do embate, do abismo do Infero. Miríades de escudos se chocaram levando às alturas um estrondo ensurdecedor. Na mesma hora, a terra tornou-se vermelha, escorregadia pelo sangue derramado. Acima de nós o céu estava negro, nuvens enormes, lívidas, riscadas de amarelo, grávidas de repentinos lampejos, mas não choveu, só sangue, por todos os lados, e nós cegos naquele rubor, dilacerados, estraçalhados, e gritos, gritos, gritos!

Um raio acertou a ponta da lança de Ajax de Télamon. Caiu o gigante, ficou de joelhos. Enxames de setas voaram por todos os lados; muitos caíram, muitos se abrigaram atrás dos escudos, como último baluarte. Aterrorizados por aquele prodígio, começamos a recuar: Zeus em pessoa combatia contra nós! O próprio Diomedes retrocedeu, assim como os dois Ajax e Idomeneu. Nestor, que avançara demais com o seu carro, ficou isolado. Uma flecha acertou um dos seus cavalos, em cima, entre as orelhas, perfurou-lhe o cérebro e o derrubou de estalo. O velho guerreiro caiu, voltou a levantar-se, ficou sozinho perto do carro virado. Heitor aproximou-se dele com fúria desenfreada, mas a esta altura, apavorado, eu corria, fugia. Diomedes gritou:

– Odisseu! Para onde está indo? Volte, precisamos defender o velho, não pode se salvar sozinho! – Mas eu não entendia mais coisa alguma, não ouvia, não respirava, nada mais tinha em mim: nem força, nem coragem, nem vergonha.

Ouvi Diomedes que ainda gritava:

– Vai morrer com uma lança nas costas, como um covarde!.

Saltei a vala, atravessei a paliçada, fui procurar abrigo no meu navio, fui me esconder.

O estrondo da batalha que ecoava perto da vala chegou com fúria até mim, mas não me abalava, eu só conseguia chorar, dobrado sobre mim mesmo, escondido entre os bancos. Então fiquei com frio e desejei que fosse noite, que a escuridão completa me encobrisse, que encobrisse o acampamento e os navios e os rostos dos vivos e dos mortos.

Treva, abismo escuro, lágrimas ardentes. E finalmente silêncio.

Quanto tempo passou, quanta dor? Levantei-me, afinal. O vento soprava das montanhas, e subi o mastro, alcancei o topo, ofegante, e a planície descortinou-se diante de mim. Fogueiras ardiem naquela escuridão profunda, centenas, milhares, miríades de fogueiras. Não havia trégua, não havia salvação. Heitor nos sitiava, esperava a alvorada, paciente como um lobo, para desfechar o derradeiro ataque e acabar com a guerra. Então vi fogueiras que também se acendiam no acampamento, do lado de cá da vala, ouvi chamados e o som longo, lastimoso, do corno.

Mais tempo, silêncio, e então uma voz. Voz do filho de Tideu, selvagem, indomável.

– O velho quer falar com você – disse –, e Agamêmnon também, na sua tenda.

– Falar comigo? Por quê?

– Aquiles precisa voltar. É o único modo de nos salvarmos. Tudo está contra nós.

Não falou da minha fuga vergonhosa, e por isto me senti agradecido. Acompanhei-o até a tenda de Agamêmnon.

Encontrei-o sentado ao lado de Nestor, de Idomeneu, de ambos os Ajax, de Menelau e dos arautos. Diomedes também se sentou, e eu com ele.

Quem tomou a palavra foi Nestor, que ainda tinha no corpo e no rosto as marcas da desastrada queda:

– Agamêmnon se deu conta do seu erro e está disposto a pagar por ele, mas você terá de convencer Aquiles a voltar, a lutar ao nosso lado. Os troianos são muito mais fortes e corajosos agora, sabendo que Aquiles não combate, e, de qualquer maneira, sem ele não temos a menor possibilidade de vencer. Agamêmnon oferece riquezas enormes em bronze, ouro e prata, e também oferece uma das suas filhas como esposa, com sete aldeias como dote, e terras férteis com manadas e rebanhos, vinhas e oliveiras, e sete lindas mulheres, entre as quais Briseis, que ele tanto amava e de quem foi injustamente tirada. Jura sobre a sua honra que não tocou nela, que não a levou para a cama, como ela poderá confirmar pessoalmente. E agora vá, Odisseu, só você pode convencê-lo. Em você ele confia.

Em seguida falou Agamêmnon, pálido no rosto, marcado pelo cansaço e pela vigília:

– Leve com você Ajax, pois são primos e ele muito o preza. Convença-o, Odisseu, e terá a minha eterna gratidão e a do meu irmão Menelau.

Percebi que Diomedes também olhava para mim, queria ver na minha expressão quais eram as minhas intenções.

Respondi:

– Irei porque sofro ao ver os meus companheiros, os nossos guerreiros, tombar massacrados no campo sangrento. Só espero que Atena nos guie e inspire as nossas palavras.

Sáimos e fomos andando pela praia, rumo à tenda de Aquiles. Uma lanterna ardia dentro do aposento e espalhava uma tênue luminosidade em

volta. Pátroclo estava do lado de fora e nos viu. Veio imediatamente ao nosso encontro para então levar-nos até o amigo, o guerreiro zangado e irredutível, cheio de rancor.

Aquiles recebeu-nos como velhos amigos:

– Odisseu, Ájax, o que os traz aqui no meio da noite? Não deveriam estar em suas camas, descansando? A sua presença aqui, de qualquer maneira, é um prazer para mim, e fico contente em recebê-los na minha tenda, em oferecer-lhe uma taça de vinho e trocar umas palavras.

– Sabe muito bem por que estamos aqui, Aquiles. Não ouviu os gritos dos nossos companheiros? Não viu as piras arderem por todo esse tempo? Escute, Agamêmnon percebeu que lhe fez uma terrível injustiça e quer redimir-se. Oferece-lhe grandes riquezas, uma das suas filhas como esposa e sete cidades como dote, e mais sete lindas mulheres, entre as quais Briseis, que você ama. Não a tocou, tratou-a com respeito.

Sacudiu a cabeça enquanto eu falava, e as palavras murcharam na minha garganta.

– Não, meu amigo, não confio nele, não o prezo, as suas palavras são como ar para mim. E de qualquer maneira é tarde demais, já tomei uma decisão: vou embora, Odisseu, zarparemos amanhã mesmo e, se o tempo nos for favorável, dentro de três ou quatro dias estaremos em casa. Em casa, está me entendendo? Passamos anos e anos neste lugar de sangue e de horror. Esquecemos tudo, descuidamo-nos de qualquer outra coisa, gastamos inutilmente a nossa vida. A vida, Odisseu! O único e verdadeiro tesouro nosso! Uma filha dele? Não me casaria com ela nem que fosse mais linda que Afrodite. Há muitas mulheres bonitas na minha terra, filhas de homens ilustres, da mais nobre linhagem. E não preciso de presentes. O meu pai tem um palácio inteiro cheio deles. Nem consigo imaginar a felicidade do meu

velho *atta* quando puder abraçar-me de novo. E, afinal, não precisam se preocupar! Cavaram uma vala e ergueram uma paliçada, não foi? Deveriam ser mais que suficientes para deter Heitor, você não acha?

Estava nos escarnecendo. Mas tentei de novo. Não queria render-me.

– Mas não pensa nos seus companheiros? Sei que os viu voltar ao acampamento feridos, sangrando. Viu-os arder nas piras. Nem por eles está disposto a desistir do seu rancor?

– Não, Odisseu, nada disso aconteceu por minha culpa. Quem me tratou como a um homem desprezível e sem valor foi ele, foi ele que tirou de mim a mulher que eu amava, que me humilhou diante de todos. Logo a mim, que lutei por ele por longos anos, que conquistei dúzias de aldeias e cidades, que lhe trouxe imensas riquezas. Não, eu não merecia aquilo, não merecia mesmo. Poderia tê-lo matado como a um cão sem dono, mas poupei-lhe a vida para não provocar uma guerra entre nós e destruir o exército. Não, meu amigo, não lhe darei essa satisfação... Diga aos outros, aliás, que sigam o meu exemplo, e você faça o mesmo. Voltem para casa: esta maldita cidade nunca cairá.

– Não vá embora, Aquiles! – supliquei.

– Esqueça – disse Ajax. – Não se importa minimamente conosco. No que lhe diz respeito, poderíamos morrer todos e ele não levantaria um dedo. E tudo por causa de uma mulher. E pensar que estão lhe oferecendo sete!

A ingenuidade do meu gigantesco amigo me fez sorrir com amargura, mas tinha de admitir que ele estava certo. Nada existia que pudesse convencer Aquiles a pegar em armas de novo.

Pátroclo ficou de boca fechada o tempo todo, e Aquiles tampouco lhe dirigiu a palavra para saber o que pensava a respeito. Pátroclo era

simplesmente a sua sombra, o seu *alter ego*. Preparei-me para voltar para comunicar a minha derrota, o triste êxito da minha missão...

– Odisseu...

Olhei para trás. Ainda haveria alguma esperança?

– Talvez... talvez não parta amanhã.

Não podia pedir mais que isto, e achei melhor não insistir, mas aquelas palavras deixavam a porta aberta para alguma esperança.

Voltamos de madrugada. Os demais reis tinham ficado à espera, e a tenda de Agamêmnon estava iluminada.

– Então? – perguntaram juntando-se à nossa volta.

– Nada feito. Mostrou-se irredutível. Disse, aliás, que nós mesmos deveríamos seguir o seu exemplo e ir embora.

– Faça o que bem quiser – disse Diomedes. – Dane-se! Lutaremos sozinhos. Acho bom que cada um de nós fale com os seus homens para animá-los. Cada batalha tem seu próprio destino. Hoje temos dificuldades, mas amanhã podemos vencer.

A assembleia se desfez, cada um voltou para a própria tenda.

Olhei para o fim da longa fileira de navios em seco, para o norte: na tenda de Aquiles a luz ainda estava acesa.



O fracasso da minha missão deixara bem claro para todos que não tínhamos outra escolha a não ser combater. Fugir e voltar para casa era impensável.

Quem, mais que todos, tinha de dar-se conta disto era Agamêmnon, o líder supremo, o rei dos reis dos aqueus. A história de Aquiles criara bastante mal-estar entre os seus homens, tirara deles a vontade de lutar, de enfrentar sacrifícios e privações cada vez maiores. Cabia a ele dar o exemplo, ficar na primeira linha, diante de todos, mostrar que merecia o poder que exercia com o cetro.

Quando o exortei a concentrar a maioria dos carros na parte da frente de batalha, onde os troianos não esperariam um ataque rápido e repentino, longe da entrada do vale e dos navios em seco, compreendeu as minhas intenções e tomou providências neste sentido.

Apareceu em seu carro vestindo uma armadura nunca vista nem usada antes, a mais esplêndida e ofuscante, com ornatos de esmalte, prata e bronze. Segurando um grande escudo com a Górgone no centro, tinha na cabeça um elmo alado, de penacho duplo, uma verdadeira maravilha. Todos perceberam que aquele seria o seu dia, desde que o deus que protegia Heitor inspirando-lhe invencível vigor desviasse momentaneamente o olhar para algum outro lugar. Daquele modo, com aquelas insígnias novas e diferentes, apareceria aos inimigos como um guerreiro novo e desconhecido, glorioso e assustador, ou até como um deus ou um semideus. Podia até acontecer, quem sabe?, que os próprios deuses não o reconhecessem por aquilo que até então ele fora. Com

aquela aparência diferente, sentiu-se certamente imbuído de uma energia e de um poder avassaladores.

Lançou-se contra a frente adversária flanqueado pelos demais grandes campeões, de forma que o conjunto de carros, de cavalos e de guerreiros caiu sobre os combatentes troianos com pavoroso estrondo e insustentável violência. Heitor estava do lado oposto da formação, onde podia mais facilmente levar vantagem sobre homens menos aguerridos e poderosos. Eu cheguei com os meus homens, acompanhando os nossos carros, para reforçar o ataque, completar a chacina e alargar o rasgo aberto nas fileiras adversárias.

Até a metade do dia Agamêmnon lutou como um leão, com um furor que teria deixado Aquiles pasmo, abatendo com seus golpes dúzias de inimigos. Durante este tempo todo, a sua figura sobressaiu assustadora, parecia que nada nem ninguém pudessem detê-lo. O efeito dos seus golpes multiplicava a sua força e a dos que combatiam ao seu lado.

Eu mesmo não conseguia acreditar no que via. À nossa esquerda, o túmulo de um antigo rei troiano erguia-se, como um recife no meio das ondas do mar, entre a multidão de guerreiros em debandada, e a certa altura pudemos avistar as portas Ceias e o principal baluarte da cidade. À medida que avançávamos, eu via no chão membros cortados e cabeças decepadas, o sinal da tremenda fúria de Agamêmnon e dos demais combatentes.

Mas quando o sol já estava no meio do céu a sorte começou a virar para o outro lado. Vi o carro de Agamêmnon voltar apressado ao acampamento, enquanto o rosto do rei, já sem a proteção do elmo, mostrava um esgar de dor. O chefe supremo estava ferido!

Heitor devia ter percebido o que estava acontecendo e dirigiu-se para o nosso lado. Era terrível de ver, aproximava-se com incrível velocidade e atropelava tudo o que encontrava no caminho. Vira Agamêmnon fugir para a

proteção da paliçada, e deve ter certamente pensado que tinha a possibilidade de acabar conosco. Os nossos guerreiros também estavam recuando para o muro fortificado, até o indomável Diomedes arredava pé com os seus diante do furor de Heitor, que queria alcançar os navios para incendiá-los. Agora era a minha vez de chamá-lo de volta e gritei a plenos pulmões:

– Você aí, grande herói! Esqueceu a sua coragem? Acha que vou conseguir dar cabo desta fera sozinho? Volte aqui, que juntos podemos detê-lo!

Diomedes virou-se e olhou para mim com aquela mesma expressão com que, num longínquo dia do passado, notara a minha presença na multidão que acompanhava o funeral do seu pai em Argos. Logo a seguir estava ao meu lado e levantava a lança escolhendo o alvo. Arremessou-a com extrema violência. A haste voou reta como uma seta desfechada por um arco e acertou-o em cheio no elmo. O troiano cambaleou e acabou por desabar dentro do carro. O seu auriga deu uma virada e incitou os cavalos para as portas enquanto Diomedes lhe gritava toda espécie de insultos e procurava abrir caminho com o escudo entre os inimigos para recuperar a sua lança. Só confiava nela. Corri atrás para não deixá-lo sozinho e alcancei-o bem em cima da hora: uma seta fincara-se no seu pé cravando-o no chão.

Plantei-me diante dele protegendo-o com o escudo e procurando manter longe os inimigos, que já me cercavam por todos os lados.

– Aguenta! – gritei. – Estou tentando arrancar a seta!

Mas logo reparei em que tinha perdido contato com os demais. Diomedes não se aguentava de pé, e os seus homens haviam-no colocado no carro para que o auriga Estênelo o levasse embora.

Eu estava acabado.

Ainda ouvi a sua voz que gritava:

– Resista, Odisseu! Resista, já vamos pegá-lo! – E naquele instante lembrei a promessa que fizera a Penélope, *que voltaria da guerra*, e vi de novo os seus olhos, o seu olhar reluzente. Girei a espada e a lança em todas as direções segurando com firmeza o escudo com o braço. Não sabia por quanto tempo as minhas forças ainda aguentariam. Parei por um momento, pois estava sem fôlego, e fui na mesma hora atacado por um desconhecido *a quem muito em breve se daria um nome: o homem que matara Odisseu, o wánax de mente fértil de pensamentos*. Uma haste maciça, veloz, foi arremessada pela sua mão enquanto eu soltava o tríplice brado dos reis de Ítaca.

He-ha-heee!

He-ha-heee!

He-ha-heee!

A lança trespassara o escudo, a couraça, sem apagar o meu grito.

Mas estava esgotado, não demoraria a ser sobrepujado. Arranquei a lança do escudo e da couraça e logo senti o sangue escorrer pela coxa. Gritou de júbilo o guerreiro desconhecido, mas um grito mais alto, poderoso e sonoro como um clarim ressoou atrás de mim: “Aqui estamos, Odisseu!” E um escudo enorme, uma parede de bronze, logo se plantou à minha frente, um corpo desmedido me encobriu, e outro guerreiro rutilante fincou o pé protegendo o meu lado ferido. Ájax gigante! Menelau!

Menelau segurou o meu braço, algum deles me colocou num carro. Saímos rápido, aos solavancos por cima dos corpos caídos, das armas esquecidas, até a vala e a paliçada, até os navios.

Deitaram-me, alguém tirou a minha armadura, jogou-a no chão, pude ouvir o barulho. Então uma dor aguda rasgou o flanco ferido, mas apertei o queixo. Já havia gritos de sobra ao meu redor, gritos de dor e desespero.

Por um momento perdi a luz, não vi mais nada, mas senti o fogo arder na carne, um cheiro acre, de queimado, e vi o meu primo Euríloco recurvado sobre mim, com um punhal em brasa na mão.

– Estanquei o sangue – disse. – Vai ficar bom.

– O que está acontecendo?

– Dos grandes, só os dois Ajax resistem, e Idomeneu e Menelau, os outros estão todos feridos ou sem condições de continuar a lutar. Heitor virou uma fera indomável, e os melhores estão ao seu lado: Eneias, Heleno, Deífobo, até aquele verme imbele do Páris tomou coragem e, com o arco, não para de soltar setas que nos acertam com precisão. Deixaram os carros à beira da vala e seguiram a pé, invadindo o nosso lado da margem. Estão pressionando a paliçada de todas as formas, procurando derrubar a porta. As barras de reforço não vão aguentar por muito mais tempo. O cansaço dos nossos é insuportável. Já não descansam nem comem desde a alvorada, estão exaustos.

Senti o coração parar dentro do peito. Seria então possível que tanto sofrimento, tanto esforço, sangue e lutos infinitos tivessem sido em vão? Já fazia um bom tempo que a minha deusa não se manifestava. Talvez me tivesse abandonado, não podia contrariar o fado, nem mesmo ela, ou então já não me considerasse tão querido com antes. Era natural, afinal: como poderia um ser que não morre experimentar verdadeiros sentimentos?

Disse eu:

– Saia, corra para o muro e a vala, e volte logo para me dizer o que está acontecendo: esta incerteza me mata. Vá logo, e tome cuidado!

Euríloco saiu e me deixei cair na cama, exausto. O meu flanco doía, a dor era tão forte que nenhuma parte do meu corpo podia fazer, descansar.

Passou algum tempo, e aos meus ouvidos chegava um rumorejar confuso, milhares de gritos fundiam-se em um só, em uma só língua, em um só imenso

e insensato sofrimento.

Quantos de nós voltariam? Quem sobreviveria à chacina e quantos mergulhariam na escuridão do reino de Hades, deixando à mercê do vento as suas esperanças, os seus sonhos e desejos?

Enquanto o meu coração seguia estes pensamentos, ouvi vozes bem perto da minha tenda. Uma delas era familiar: Pátroclo!

Deixei-me escorregar da cama, para o chão, arrastei-me quase até a entrada e dei uma espiada para fora. A menos de cinco passos de distância, eu o vi: Pátroclo ajudava um dos nossos guerreiros que havia sido ferido, uma flecha fincara-se na sua coxa e ele sangrava copiosamente.

– Vou arrancar a seta e medicar a ferida, mas não poderei assisti-lo por muito tempo: Nestor confiou-me uma missão importante. Preciso falar imediatamente com Aquiles.

Logo Pátroclo passou diante de mim, correndo.

– Pátroclo! – chamei.

– Odisseu! Você também está ferido.

– Assim como Agamêmnon, Diomedes e muitos outros. Até Macáon, o nosso valoroso médico, foi ferido. O exército está sem comando. Restam apenas os dois Ajax, Menelau e Idomeneu. Nestor, idoso daquele jeito, desceu a campo desafiando a morte.

– Perdoe-me – respondeu –, preciso ir.

– Então vá, mas qual foi a missão que o velho lhe confiou? Ouvi sem querer.

– Não posso dizer. Não posso contar a ninguém! Ninguém pode saber. É a última esperança que temos.

Saiu ligeiro como o vento. E enquanto eu me arrastava de novo para a cama entrou Euríloco, ofegante, empapado de suor:

– Heitor derrubou as nossas defesas – disse –, os troianos enxameiam por toda parte, e trazem fogo!

– Ajude-me – respondi. – Enfaixe a ferida o mais apertado que puder, e ajude-me a vestir a armadura. Não morrerei numa cama.

Saí da tenda, apoiando-me na lança, e dirigi-me à de Agamêmnon, onde também encontrei Diomedes. Decidimos nos juntar aos nossos que ainda lutavam para animá-los, pelo menos com a nossa presença.

O combate tornou-se ainda mais acirrado e feroz. Heitor já sentia a vitória ao seu alcance, estava convencido de que Zeus em pessoa o protegia e parecia animado por uma energia inesgotável. Do nosso lado, o fato de eu e Diomedes estarmos vivos infundiu novo ânimo aos guerreiros, que cerraram as fileiras e se juntaram compactos em volta de Idomeneu, dos dois Ájax e de Menelau.

A batalha continuou sem que nenhuma das duas partes conseguisse prevalecer, mas com pesadas perdas de ambos os lados. Vi cabeças decepadas rolares pelo chão, entre as minhas pernas, outras arremessadas pelos nossos para as fileiras inimigas, homens trespassados de lado a lado tombando ao chão com fragor, apertando nas mãos a areia da praia no espasmo da morte. Vi no rosto de Agamêmnon a cor lívida da angústia, os traços tensos, vi a sua mão segurar espasmodicamente o cabo da lança, ouvi o grito da batalha tornar-se cada vez mais alto até perfurar as nuvens, até o paroxismo. Eu estava mais uma vez entregue ao vento da loucura, a uma espécie de orgasmo, de delírio que me fazia sentir fora de mim, fora do meu corpo, do meu tempo e do lugar já não percebido, já não medido pelo olho nem pela mente. Era justamente neste tipo de dimensão que eu ficava sensível à presença dos deuses, e, se Atena removesse dos meus olhos a neblina que torna impossível a visão dos numes por parte dos mortais, eles certamente me mostrariam o seu

verdadeiro aspecto. Se eu pudesse, pelo menos, segurar uma arma, se o meu flanco ferido pudesse pelo menos me sustentar!

As tochas de Heitor aproximavam-se cada vez mais dos navios, a batalha já chegara perto dos cascos. Em alguns lugares, já se lutava entre uma e outra quilha. Em sua maioria, os adversários procuravam isolar o navio de Protesilau, o mais distante do centro do acampamento, o mais próximo da vala e da paliçada e mais exposto ao vento, o que podia propagar o fogo a todos os demais, e então Ajax pulou para a embarcação deitada na praia, que nunca mais navegara desde o desembarque.

Plantou-se na proa, segurou com ambas as mãos uma enorme estaca de ponta metálica, de batalha naval. Normalmente, eram necessários vários homens para levantá-la e usá-la como esporão na tentativa de furar a quilha dos navios inimigos, sob o plano de flutuação, para afundá-los. Ele brandia-a sozinho, ceifando adversários, trespassando-os dois ou três de cada vez, derrubando-os sem vida ao chão; pulava de um banco para o outro, rugindo como um leão selvagem. Os dardos caíam como granizo no seu elmo, nos ombros protegidos por uma chapa dupla de bronze, mas ele nem parecia perceber. O coração devia estar certamente gritando no seu peito: “Resista, lute, fortaleza dos aqueus, montanha que anda, não ceda ao cansaço que dilacera os músculos, que oprime os pulmões. Resista, amigo, Ajax gigante!”

Mas àquela altura era tudo inútil. Até ele, cercado por todos os lados como um javali acuado por uma matilha de cães, ia desmoronar. Era só uma questão de tempo. Ajax nunca pedia a ajuda dos deuses, só recorria ao seu braço, ao seu grande coração e ao amigo de mesmo nome. Naquele momento o que eu via, mudou lentamente diante dos meus olhos, *já não conseguia acompanhar o movimento da realidade*, as cores se confundiam, e o grito pungente da batalha,

o coro agudo de milhares de homens feridos, trespassados, cortados, fundiam-se dentro de mim em um único som, o mesmo do poeta solitário daquela noite no porto, muitos anos antes. *Seria, porventura, eu mesmo quem chorava aquele pranto tão amargo?* Sentia-me como um homem mergulhado num rio caudaloso, que já não consegue vencer a força da correnteza. Os dardos assobiavam ao lado da minha cabeça, do pescoço, mas não podia mover-me, não conseguia esquivar-me, nada sabia, nada via nem sentia. E enquanto esperava o golpe mortal procurava juntar forças para o último ataque, para o último tríplice brado dos reis de Ítaca.

De repente, porém, aquele som mudou. Era agora um estrondo, um trovão de tempestade, um clangor de milhares e milhares de escudos golpeados por milhares de espadas. Alguma coisa tinha mudado o curso dos eventos, as balanças do fado tinham subitamente mudado o seu equilíbrio. O grito antes confuso e irreconhecível tornou-se cada vez mais claro e nítido. O grito era:

– Aquiles!

Era possível? Esquecendo a dor, corri para o navio e para as chamas que já ardiam. Centenas de homens, com baldes, com elmos e bacias, jogavam água para apagar o fogo ainda no início. Os troianos fugiam, e das tendas dos mirmídones, negras como as suas reluzentes armaduras, ia chegando um guerreiro tão rutilante quanto a estrela de Oríon, magnífica, mas portadora de luto, pranto e desventura.

Era ele, ofuscante na armadura divina, inexorável ceifador de homens que semeava o terror com a lança e com a espada? Todos o seguiam, e ele fulgente no carro. Foi logo flanqueado por Menelau, pelo poderoso Idomeneu, por Ájax de Locros. O próprio Ájax de Télamon já não sentia o imenso, exaustivo cansaço, voltara a segurar o escudo de sete costados de touro e avançava com

os outros. Percebia agora, ao meu lado, Diomedes e Agamêmnon olhando incrédulos para os aqueus, que, arrebatados pelo guerreiro invencível, perseguiram os troianos apavorados, em debandada rumo às portas Ceias.

Fomos até a paliçada a fim de acompanhar com o olhar os troianos que fugiam, pulavam por cima do muro e da vala e buscavam abrigo atrás das suas próprias muralhas. Até o carro de Heitor. E vimos o elmo de Aquiles, reluzente, encimado pelo penacho, também superar a vala defensiva. Automedonte, o auriga, incitava em perseguição os prodigiosos cavalos do seu amo, Bálio e Xanto. No corre-corre generalizado, perdemo-lo de vista.

Diomedes gritou:

– Aquiles está de volta!

Mas eu não pude acreditar nas suas palavras, virei-me para Agamêmnon e disse:

– Não é Aquiles. É Pátroclo.

– Como pode saber? – perguntou Agamêmnon.

– Ouvi Pátroclo mencionar uma missão que lhe fora confiada por Nestor e perguntei de que missão se tratava. Respondeu que não podia dizer, que era um segredo, a única coisa capaz de nos salvar da derrota completa.

“Tratava-se disto: Pátroclo vestira as armas de Aquiles, pegara o seu carro e o seu auriga. Rápido, *wánax* Agamêmnon, mande alguém até lá para que possamos saber o que está acontecendo.”.

Agamêmnon não se fez rogar e logo enviou ao campo de batalha um dos seus mais fiéis escudeiros, Alcátoo. Mandou-o pegar um carro e dois cavalos descansados para acompanhar o nosso exército e não perder de vista Aquiles, foi assim que o chamou. E depois voltar para nos informar. O homem fez o

que lhe havia sido ordenado. Por algum tempo ainda pudemos vê-lo, até ele desaparecer na poeira vermelha que tudo encobria.

Enquanto isso, o nosso exército continuava a avançar, nada parecia capaz de detê-lo, continuava a aproximar-se das portas Ceias em ondas sucessivas, com a inexorável determinação de um mar tempestuoso.

– Só pode ser Aquiles, quem mais poderia fazer uma coisa assim?! – exclamou Agamêmnon.

– É o pavor que Aquiles inspira – respondi –, não ele. A mera visão da sua armadura, do seu carro e do seu auriga espalhou o terror.

Ficamos calados, não conseguíamos articular uma única palavra, mantínhamos os olhos fixos no exército e medíamos a distância da figueira-brava e das portas Ceias, a qual ficava cada vez menor. Eu mordida o lábio inferior até ele sangrar, e a dor no flanco recrudescia como se a lança estivesse ferindo a carne naquele exato momento. Onde se metera Alcáto, o escudeiro de Agamêmnon? Por que não voltava? Havia sido morto?

Não lembro quanto tempo se passou, só sei que de repente o grito de Diomedes me fez estremecer.

– Aconteceu alguma coisa, olhem! Os nossos estão recuando!

Em seguida um carro atravessou a planície na nossa direção, a toda velocidade: só os cavalos de Aquiles podiam correr daquele jeito! Um negro presságio apertou o meu coração, mas preferi não dizer nada. Reconheci o carro de Aquiles e o seu auriga, e logo atrás, quase na sua esteira, chegou o carro de Alcáto e parou diante da tenda. O escudeiro juntou-se a nós, ofegante, e dava para ver que ele mesmo tinha participado do combate.

– O que aconteceu? Fale! – ordenou Agamêmnon.

– Não era Aquiles, era Pátroclo com a armadura do amigo! – respondeu. – No começo o seu avanço foi avassalador, nada nem ninguém pareciam capazes

de detê-lo, mas então aconteceu alguma coisa. Talvez se tenha adiantado demais, tentando alcançar e matar Heitor, de forma que acabou ficando diante do troiano enquanto outro inimigo vinha por trás e conseguiu golpeá-lo com a lança pelas costas. E logo a seguir, para Heitor, foi fácil levar a melhor. Matou-o e arrancou dele as armas de Aquiles.

– E o corpo? – perguntei. – O que houve com o corpo de Pátroclo?

– Desencadeou-se uma luta terrível sobre o cadáver. Os troianos conseguiram amarrar um dos seus pés e o puxavam com força para o lado deles, mas então o rei Menelau e os dois Ajax abriram caminho, mataram muitos inimigos e o reconquistaram. Quando parti para voltar aqui e contar o que aconteceu, Heitor em pessoa tinha entrado na rinha, decidido a ficar com o corpo. Ajax e o *wánax* Menelau conseguiram levantá-lo do chão e carregá-lo nos ombros, para que os nossos homens pudessem ver que os restos mortais de Pátroclo ainda estavam em nosso poder. Agora estão recuando a fim de trazê-lo para cá, ao abrigo da vala e da paliçada, e entregá-lo a Aquiles, mas não sei se o conseguirão, pois os troianos os atacam de todos os lados como matilhas de cães raivosos.

– Só Aquiles pode detê-los! – exclamei.

– Mas como? Está sem as armas, e as únicas que poderia usar são as de Ajax de Télamon, e ele próprio precisa delas mais que nunca.

– Leve-me até Aquiles! – disse eu. – Já.

Alcátoo me fez subir no carro e incitou os cavalos para as tendas dos mirmídones. Cada solavanco me causava dolorosas fisgadas, e receei que o meu ferimento voltasse a sangrar, mas mantivemos a velocidade e chegamos quando Automedonte, o auriga, acabava de descer do seu carro e prendia os cavalos a um mastro de navio fincado no chão. Aquiles já tinha saído e sabia.

Parecia que um raio o acertara. Estava pálido, abalado, imóvel. Eu nunca o tinha visto daquele jeito.

– Aquiles – disse eu –, ninguém podia imaginar... mas agora a batalha continua, mais feroz que nunca, pela posse do corpo: não podemos deixar que o peguem para jogá-lo aos cães e aos abutres. Ájax e Menelau não podem resistir por muito mais tempo, e o peso do corpo de Pátroclo ainda atrasa os seus movimentos. Os inimigos estão chegando perto do acampamento. Detenha-os, Aquiles! Só você pode fazê-lo.

Aquiles fitou-me como se acabasse de ouvir as palavras de um louco. Então entendeu. Subiu no terraplano correndo veloz como o vento e lá se plantou, de pernas abertas. Levou as mãos à boca e soltou o seu brado de guerra. E foi como se um estrondo explodisse nas entranhas da terra, como se o rugido do leão se transformasse no grito estrídulo da águia ferida, longo, interminável, ensurdecedor.

Os nossos reagiram como se uma energia misteriosa invadissem seus membros esgotados, e todos gritaram, juntando as suas vozes ao dilacerante estrépito do príncipe dos mirmídones. Os troianos, apavorados, debandaram, os seus cavalos empinaram-se diante da vala e viraram-se e fugiram a galope desenfreado.

Antes de o sol desaparecer no horizonte, Ájax de Télamon, Ájax de Locros e Menelau, exaustos, entraram pela porta da paliçada escoltando o corpo de Pátroclo carregado nos ombros por quatro guerreiros mirmídones. O restante do exército abriu passagem para o herói que perdera a vida a fim de salvá-los da derrota e da chacina.



Encontrei Aquiles naquela mesma noite, muito tarde, quando já fazia um bom tempo que o acampamento estava mergulhado no silêncio. O cansaço de um dia interminável, pavoroso, que tinha esgotado o corpo e o coração de todos, induzira os guerreiros a um sono pesado, parecido com a morte. Ouvia-se somente o chamado intermitente das sentinelas que vigiavam a vala e a paliçada.

Ninguém pedira uma trégua, como já acontecera antes, pois não havia um único homem em Ílio e no acampamento naval que ainda achasse possível uma trégua. A morte de Pátroclo impunha a Aquiles a obrigação de uma vingança brutal e sangrenta, que deixaria qualquer um sem salvação. O sangue exigiria mais sangue até o extremo limite da vida e da morte.

Noventa e nove guerreiros mirmídones, formados em três fileiras dos três lados, em suas túnicas negras e armaduras polidas, eram a guarda de honra de Pátroclo, que jazia num catafalco com apenas um pano purpúreo a encobri-lo o corpo pálido e nu.

Aquiles, que debandara um exército inteiro só com o seu grito de guerra, chorava desconsoladamente escondendo o rosto entre as mãos.

E também chorava Briseis, devolvida por Agamêmnon naquela mesma noite, porque Pátroclo sempre a tratara com respeito e carinho desde o primeiro dia do seu cativo. Até os guerreiros mirmídones, imóveis e rijos como estátuas no velório, choravam em silêncio, seus rostos riscados de lágrimas. Aquele pesar, no entanto, não era somente pelo guerreiro caído, pelo

amigo mais querido e fiel do príncipe, mas sim pelo próprio Aquiles. A sua inevitável volta ao campo de batalha também significaria a sua morte.

Bálio e Xanto, soltos e livres dos arreios, com o dorso coberto por uma gualdrapa de púrpura bordada com fios de ouro, também estavam imóveis, de grandes olhos reluzentes e febris, como se estivessem chorando. Eu sempre tivera a meu dispor muitas palavras que o coração me sugeria conforme a ocasião, mas naquele momento, diante daquela dor desmedida, nenhuma delas vinha aos meus lábios.

Quem falou comigo foi Aquiles:

– Se eu tivesse ouvido o seu conselho, se tivesse dado um basta à minha ira, Pátroclo não teria morrido. Eu mesmo permiti que usasse a minha armadura para dar consolo ao nosso exército em fuga, e ao fazer isto condenei-o a morrer.

Não tive ânimo de mencionar a sugestão de Nestor.

– Eu tampouco podia imaginar este desfecho, Aquiles. Quando uma desventura como esta acontece, a dor nos leva a procurar inúmeras alternativas ao destino que nos fustigou, mas nenhuma delas é real. Só uma, aquela que nos feriu, é verdadeira. Somos mortais, Aquiles, precisamos aceitar a morte.

– Desde sempre ela foi a minha escolha. Em troca, eu queria que o meu nome sobrevivesse à minha breve existência. E, se a ira me induzira a imaginar, para mim, outro destino, agora já não tenho dúvidas: quem o matou terá de morrer, e o que depois acontecer comigo não importa. Vá até Agamêmnon, diga-lhe que aceito a sua reparação, mas que os presentes não são necessários. O que quero é que amanhã, quando o sol nascer, o exército esteja pronto para o combate. Eu e os meus mirmídones estaremos.

– Combater? Mas como? Nu e sem armas? Três de nós já foram feridos, quer então juntar mais desgraça à desgraça? Quer que o seu corpo também jaza ao lado do de Pátroclo, na pira? Dê um tempo. Deixe acontecer, primeiro, a reconciliação com Agamêmnon, diante de todo o exército, e espere que um habilidoso artesão, há muitos entre nós, lhe forje uma nova armadura, digna de você. Ouça o que estou lhe dizendo, Aquiles, no passado você já não quis levar em conta o meu conselho, e não foi uma boa escolha.

Aquiles fitou-me diretamente nos olhos, com intensidade, e eu nunca mais esqueceria aquele olhar ao mesmo tempo feroz e melancólico. Apoiei uma mão no seu ombro e afastei-me para o centro do acampamento naval, rumo à minha tenda.

No dia seguinte houve a reconciliação entre Agamêmnon e Aquiles diante da assembleia. Agamêmnon jurou sobre uma vítima sacrificial que nunca tocara em Briseis e que nunca compartilhara a sua cama. Os presentes prometidos me foram confiados, e eu os levei com um cortejo até o acampamento dos mirmídones. Aquiles anunciou que na manhã seguinte, ao alvorecer, atacaria ainda que sozinho. Todos nós respondemos que estaríamos ao lado dele, para vencer ou morrer.

Dormi um sono agitado, cheio de pesadelos, mas antes da alvorada vi a minha deusa pairar acima da proa do meu navio olhando intensamente para mim. Talvez estivesse sonhando, talvez Atena desejasse mostrar a sua presença. Invoquei-a:

– Deusa de olhos glaucos, diga-me, como poderá Aquiles lutar sem armas? Conseguiu convencer o gigante Ájax a ceder-lhe as dele?

A deusa respondeu com um sorriso enigmático e desapareceu no leve ar matinal.

Abri os olhos e senti-me mais forte, a minha ferida estava seca e a cicatriz mais sólida. Isto me fez pensar na aventura de caça durante a minha primeira visita ao avô Autólico. Onde estaria ele, agora? Estaria a par desta guerra interminável, desta chacina sem fim?

Pedi a ajuda de Euríloco para vestir a armadura e dirigi-me à extremidade setentrional do acampamento naval, onde ficava a tenda de Aquiles. Um vento carregado de maresia lambia o corpo de Pátroclo e afastava a corrupção dos seus membros. Seis guerreiros mirmídones continuavam a velá-lo, insones. Aquiles ordenara que não fosse colocado na pira antes de ele matar Heitor com suas próprias mãos. O silêncio ainda dominava todas as coisas, só as ondas do mar incansável faziam ouvir o seu murmúrio. Fiquei em pé, na linha de arrebentação, para assistir ao nascer do sol, e o primeiro raio me deixou pasmado de assombro. Diante de mim, pendurada em duas lanças cruzadas, havia uma panóplia de surpreendente beleza: um elmo cristado com um penacho vermelho, uma couraça de brilho ofuscante, caneleiras com altos-relevos dourados, e um escudo completamente esculpido em faixas concêntricas com centenas de figuras. Uma maravilha que o melhor artesão entre todos os alunos e seguidores de Hefesto levaria um ano inteiro para realizar. Não podia acreditar, e me aproximei para apalpar o metal com os dedos e me certificar de que aquele portento era de verdade.

– Está vendo? As minhas armas estão prontas, e não precisei pedir emprestadas as do meu primo Ájax de Télamon.

– Como conseguiu? Quem as aprontou para você numa só noite?

– Não sei. Mas, afinal, como é que se pode explicar um prodígio?

Olhei o cascalho reluzente ao longo da praia. As ondas espumosas lambiam os pequenos seixos de todas as cores, mil reflexos faziam brilhar os calhaus

como pedras preciosas. Podia ver *as armas de Aquiles trazidas pelas vagas e deixadas na margem*. Era realmente isto o que acontecera durante a noite amarga e salgada?

E pensei em como aquelas armas estupendas, verdadeiras maravilhas da arte, ficariam no fim do dia: atormentadas por milhares de golpes, desfiguradas, deformadas pela violência do combate.

Aquiles leu os meus pensamentos.

– Lastimável, não é?

– Realmente uma pena, mas não creio que haja outra escolha.

De repente o seu rosto ficou cinzento como ferro, o seu queixo se contraiu:

– A guerra é uma festa, a mais cruel e feroz de todas, mas mesmo assim uma festa. Precisamos nos apresentar com os nossos melhores adornos para dançar com a morte. Nesta tarde Heitor vai comer poeira, trespassado pela minha lança.

Aproximou-se dos seus cavalos. Vi que falava com eles.

– O que disse a Bálio e Xanto, Aquiles?

– Disse: levem-me de volta são e salvo à minha tenda, esta noite. Não façam como com Pátroclo, que ficou abandonado no campo de batalha.

– E eles? Responderam?

– Claro. Sempre me respondem.

– E o que disseram?

Baixou os olhos, e o vi esconder o pranto, o inexorável guerreiro, o impiedoso exterminador. Por que aquele luto tão lancinante, interminável? Muitos companheiros haviam morrido, muitos amigos, e ele nunca tinha mostrado tamanho desespero. Virei os olhos para o mar, para o corpo branco de Pátroclo, sem vida. Que façanhas gloriosas tinha realizado além daquela que

o levara a morrer? Nenhuma. E, se houvesse outras, ninguém as lembrava, porque ele era somente a sombra de Aquiles. A glória sempre fora apanágio do filho de Peleu e da deusa marinha misteriosa e invisível. Mas ninguém pode viver sem a própria sombra. Quem não tem sombra não tem vida. É apenas um fantasma.

– Disseram: “Desta vez vamos trazê-lo de volta à tenda são e salvo, Aquiles. Mas cuidado, depois de matar Heitor será a sua vez de morrer. E nada poderemos fazer, ainda que sejamos velozes como o vento.”

Eu sorri:

– Podem estar errados. Afinal de contas, são apenas cavalos.

– Nunca erram, meu amigo – respondeu. – Nunca!

Saltou para o carro, onde já estava o auriga Automedonte, e os dois cavalos divinos, com passo solene, arquearam o poderoso pescoço e avançaram até onde estavam perfilados os guerreiros mirmídones.

Juntaram-se a eles as multidões dos aqueus vestidos de bronze. As portas da muralha defensiva se abriram, tábuas de madeiras foram jogadas por cima da vala, e os carros passaram, liderados pelo de Aquiles, reluzente como o sol. As unidades avançaram; uma floresta de hastes de faia com pontas cintilantes movia-se ondeando como um campo de espigas no vento.

Ao longe vi as portas Ceias abrir-se, assim como a porta da cidade inferior, e dois rios de soldados e de carros juntaram-se formando uma só frente poderosa. Os guerreiros troianos sabiam que já tinham enfrentado Aquiles por muitos anos, e tinham certamente reunido a energia que lhes sobrava no coração e nos braços para lutar com o implacável guerreiro. Mas não conheciam a sua ira. Ou só tinham ouvido a voz dela. Naquele dia, iam experimentá-la.

Nem eu, nem Diomedes nem Agamêmnon deveríamos participar daquela jornada de sangue e delírio: ainda não havíamos recobrado as nossas forças, e, no caso de sermos sobrepujados, muitos teriam de arriscar a vida para salvar a nossa. Mas eu não estava disposto a ficar na minha tenda num dia como aquele, e me lembrei de uma arma que nunca tinha usado em combate sob as muralhas de Troia, mas apenas em alguma caçada nos bosques do monte Ida: o arco.

Lastimei não ter trazido comigo aquele que o avô Autólico me dera de presente, mas de qualquer maneira escolhi uma arma excelente, de grande alcance, e dirigi-me aos navios e às tendas de Feras para encontrar Eumelo.

– Garoto – disse eu –, você prometeu que me deixaria experimentar as suas éguas.

– E sempre cumpro as minhas promessas, *wánax*.

– Também especificou: “Quando quiser!”

Eumelo começou a entender:

– Hoje?

Anuí:

– E você terá de ser o auriga. Em Ítaca não temos estradas, mas somente íngremes trilhas, e portanto nunca tive um auriga nem possuí um carro. Mas a minha pontaria é das melhores, e se você me levar para perto da nossa linha de frente, correndo ao longo das fileiras e parando onde houver os combates mais acirrados, as minhas setas poderão atingir um bom número de inimigos e auxiliar Ájax, Menelau, Idomeneu ou quem mais precisar da nossa ajuda.

Os olhos de Eumelo brilharam de felicidade:

– Só preciso de um tempinho para atrelar as minhas queridas e passar o comando dos meus tessálios a um amigo em quem confio, e logo estarei diante

da sua tenda.

Voltei, protegi a cabeça e o rosto com um elmo que só deixava descobertos os olhos, vesti um colete de couro e pendurei a espada a tiracolo. Peguei o arco e duas aljavas. Enchi-as de dardos, muito rígidos, com ponta de três gomos, e esperei a chegada de Eumelo. Subi no carro, ele incitou as éguas, e superamos voando o tablado sobre a vala. Corremos enviesados pela grande planície, escolhi a primeira flecha e armei o arco.

O dia foi, todo ele, de Aquiles. Os dois Ájax, Idomeneu e Menelau iam lutar, como sempre contra os homens e, talvez, até contra os deuses, mas em cantos mais afastados e escuros do campo de batalha. Eu tudo vi do carro onde se encontrava Aquiles, como se estivesse com ele, vi ou talvez tenha acreditado ver até o que os comuns mortais normalmente não podem ver, como me acontecera quando Atena chegara perto de mim, no sono ou na vigília, no bosque, nas montanhas ou no mar.

Os picos do monte Ida, enquanto isso, haviam ficado escuros e cobertos de nuvens negras. O estrondo do trovão saudou o começo da chacina, os deuses misturaram-se aos homens: nunca mais teriam a oportunidade de matar tantos de uma só vez.

O exército de Heitor apresentava a sua formação mais poderosa. Até os guerreiros ceteus tinham vindo do coração da Ásia, da longínqua Hates, para ajudar, e trácios da região dos estreitos, lícios e mísios do sul, paflagônios e henetos das margens do Termodonte.

Aquiles lançou-se contra o centro da formação esperando encontrar ali Heitor, o odiado inimigo. Mas só se viu diante dos que tentavam detê-lo. Em vários lugares a frente de batalha ondeava, dependendo de quem conseguia levar a melhor ou de onde um valoroso campeão conseguia empurrar para trás os inimigos com o escudo ou a potência da lança.

Eu fiz sinal para que Eumelo corresse ao longo da formação e então parasse. Tendi o arco, soltei a seta, e voltamos a nos movimentar. Atirei, atirei sem descanso, inúmeras vezes. As éguas de Eumelo corriam como o vento, e o meu jovem auriga manejava com leveza as rédeas e o freio.

A batalha continuou, sangrenta, durante o dia todo, bem como a tempestade no topo do monte Ida. Zeus mostrava a sua ira, mas até ele, que sempre estendera a sua mão protetora sobre a cidade, tinha de dobrar-se diante do fado. Vimos o Escamandro e o Simoente encher-se de água turva e espumosa, e por um momento pareceu que os nossos seriam levados pela correnteza, mas Aquiles não se deixou deter. Entrou no Escamandro enfrentando a fúria do rio com o escudo, passando entre os corpos dos troianos mortos que eram arrastados para o mar. Os seus mirmídones foram atrás, conseguindo assim atacar o exército inimigo pelo flanco e forçando-o a fugir. As portas Ceias e a da cidade baixa se abriram para receber os guerreiros em debandada. Onde estava Heitor?

– Veja! – gritou Eumelo. – Lá embaixo, entre a figueira-brava e as portas Ceias! É ele, veste as armas de Aquiles tiradas de Pátroclo.

– É verdade. Vão ser o seu fim, se Aquiles o vir e conseguir cortar o seu caminho.

Do nosso carro podíamos ver os dois campeões, de penachos em cima dos elmos, de altura superior a dos demais guerreiros. Heitor, percebendo o perigo, tentou alcançar as portas. Aquiles chamou os seus cavalos e pulou para o carro.

– Já não tem salvação – disse eu –, Heitor está acabado.

A multidão dos nossos guerreiros que perseguiam os fugitivos então parou, apinhada diante das portas.

As Ceias estavam se fechando para que o inimigo, já muito próximo, não irrompesse na cidade. Chegara o momento da prova final. As muralhas ficaram cheias de homens e mulheres, e os estandartes que sempre acompanhavam o rei apareceram nas torres que flanqueavam a porta. Talvez Andrômaca, aflita, estivesse vendo o marido, que ia enfrentar o terrível ordálio.

Preferi não assistir ao epílogo da vida de um herói valoroso e digno que se deixara ofuscar pela sede de glória e pelo orgulho patriótico. E, ainda que quisesse, não poderia: dezenas de milhares de guerreiros formavam uma parede compacta que seria impossível atravessar.

– Vamos voltar – disse. – Já fizemos o que podíamos fazer. Agora tudo será decidido pelo fado, que até os deuses receiam.

Fomos os primeiros a chegar à vala. Eumelo prendeu as éguas a um dos troncos da paliçada, sem desatrelá-las, e ambos subimos ao passadiço. Inúmeros corpos sem vida estavam espalhados na planície, e os cães sem dono já começavam a aproximar-se. Outros guerreiros, feridos, também procuravam voltar coxeando para o acampamento. À nossa esquerda o sol ia descendo para o mar. As grandes nuvens negras que coroavam o monte Ida eram continuamente rasgadas por clarões, e o sol moribundo tingia de sangue as suas bordas franjadas pelo vento.

De repente os trovões emudeceram, os relâmpagos pararam, até a voz do mar se calou. No grande silêncio, ouviu-se, amortecido pela distância, um grito de desespero e loucura que subiu como um dardo ao céu impassível, e finalmente morreu num longo, pungente lamento.

– Heitor morreu – disse eu. Então vimos o exército se abrir formando duas alas. O carro de Aquiles apareceu correndo pela planície, até a vala e a paliçada.

Arrastava atrás de si, na poeira, despido das armas, o corpo desfigurado de Heitor, o príncipe troiano, o incansável defensor de Ílio sagrada.



Aquiles instituiu solenes jogos funerários em honra de Pátroclo, dos quais participaram todos os reis e príncipes, para que a sombra do amigo pudesse encontrar a paz. Aparecera-lhe em sonho, pelo que contavam, para pedir que o rito sagrado fosse levado a cabo sem demora. Enquanto isso, Meríones, o escudeiro do *wánax* Idomeneu, levava um grupo de homens providos de machados e pares de mares a fim de cortar inúmeros carvalhos nas encostas do monte Ida. Os troncos foram devidamente podados e empilhados, e então, quando a pira ficou pronta, o cortejo fúnebre teve início. Na frente, os carros de guerra com os guerreiros e os aurigas vestindo suas mais lindas armaduras. Em seguida os soldados de infantaria. No meio, o esquife carregado por seis guerreiros, e Aquiles, que segurava a cabeça do falecido entre as mãos. Enquanto o cortejo passava, os mirmídones cortavam os cabelos e os jogavam no corpo exânime. Finalmente, Aquiles também cortou a cabeleira, que mantinha muito longa devido a uma promessa que fizera, antes de partir, ao deus do rio Esperqueu e que só deveria desatar na volta. Mas não haveria volta, e os seus cabelos iam honrar o amigo morto. A pilha, quadrada, de cem pés de comprimento de cada lado, estava pronta, e o corpo de Pátroclo foi colocado no topo com a sua espada.

Começaram então os jogos. Delimitou-se uma parte do acampamento para as competições que teriam o próprio Aquiles como juiz. Houve corrida de carros, certame de arco e flecha, luta, corrida a pé e torneio de espada. Eu também participei e consegui vencer na corrida porque Ájax de Oileu

escorregou no estrume dos bois sacrificados. E até me portei honrosamente na luta contra Ajax de Télamon. Ninguém esperava aquilo. Ajax também disputou o duelo de espada contra Diomedes; o rei de Argos foi o primeiro a feri-lo, de leve, com um corte superficial, mas Aquiles parou logo o combate e determinou o empate entre os dois.

Chegara a hora das últimas honras ao corpo do herói: o fogo e o sangue.

Todos os reis e todos os príncipes estavam presentes na primeira fila: os dois átridas Agamêmnon e Menelau no meio, à direita Diomedes, Toas, Estênelo, Nestor e Antíloco; à esquerda Ajax de Télamon, eu mesmo, Ajax de Oileu, Idomeneu, Macáon e Menesteu de Atenas. Por trás, o exército inteiro, com cada homem vestindo suas armas mais bonitas. Quatro mirmídones da guarda de honra atearam fogo aos quatro cantos da enorme pira.

As chamas, insufladas pelo vento marinho, levantaram-se com estrépito e estrondo e, de vermelhas, logo se tornaram brancas à medida que o volume de madeira se abrasava. O próprio mar pareceu incendiar-se refletindo extensamente o brilho do fogo. Os prisioneiros troianos foram arrastados ao local da cerimônia fúnebre de mãos atadas às costas com galhos de salgueiro. Como animais sacrificais foram ajoelhados e mortos, um por um, com um golpe de espada entre a escápula e a clavícula. Quando a ponta cortava o coração, um esguicho de sangue jorrava para cima e a vítima tombava inerte.

Um depois do outro, os corpos dos troianos sacrificados foram jogados na fogueira, oferenda ao senhor do Infero e como criados do falecido no Além.

Depois de tantos anos de guerra, eu já estava acostumado a qualquer atrocidade e percebi que até um ato tão brutal como aquele não me abalava. O meu coração não sentia horror. Mas foi justamente a ausência desse horror que me feriu como uma seta fincada no peito.

O nome do caído foi gritado dez vezes pelos mirmídones perfilados, depois pelos reis e, finalmente, por todo o exército, que batia nos escudos com as lanças e provocava um estrondo de trovão.

Quando a pira se extinguiu, os sacerdotes juntaram os ossos do falecido e dobraram com tenazes a espada em brasa para sepultá-la com a urna. Aquiles tinha uma expressão insana: já sem lágrimas, permanecia de pé, imóvel diante dos últimos tições fumegantes. Acho que se via a si mesmo reduzido a cinza entre os carvões apagados da fogueira. Os ministros da morte tinham queimado a sua sombra e agora, como cães famintos, se reuniam em volta dele. Fora da sua tenda, o corpo de Heitor ainda jazia no chão, sem sepultura, e àquela altura o seu espírito errava sem descanso ao longo das margens lodosas do Aqueronte, procurando inutilmente um lugar no barco do infernal timoneiro. O fantasma de Pátroclo passaria correndo diante dele, seria o primeiro a atravessar as águas negras.

Fiquei, por um instante, olhando para ele, lívido, sujo de sangue coagulado, irreconhecível; nada sobrara do glorioso guerreiro resplandecente como um astro que atacava gritando as nossas vacilantes defesas. De repente, pareceu-me ver *o meu próprio corpo abandonado numa praia deserta num lugar remoto e desconhecido. Vi-me a mim mesmo, vi um qualquer, ninguém. Não há como mudar o fado.* E se aquele também fosse o meu destino?

Esperei a saída de todos, aguardei sozinho, na sombra, até a lua se pôr, como que pressentindo alguma coisa. A Grande Ursa quase se encostara às montanhas, o seu lugar mais baixo no céu, quando do nada surgiu uma figura encapuzada que entrou na tenda de Aquiles. Não fez barulho algum, como se não pisasse no chão, os guardas não se mexeram – dormiam? –, seria porventura um deus que avançava no escuro com o aspecto de um mortal?

Fiquei imóvel, continuei escondido na escuridão. Não demorou muito para o homem encapuzado sair da tenda de Aquiles e um carro puxado por um cavalo aparecer. Quatro guerreiros mirmídones levantaram o corpo de Heitor e o deitaram nele. A figura encapuzada, quem quer que fosse, cobriu-o com um pano preto, subiu, segurou as rédeas e se afastou lentamente, sem fazer barulho.

Uma voz à minha direita:

– Aquiles demonstrou compaixão.

Os meus joelhos tremeram. Só um deus podia conseguir aquilo:

– Quem é você?

– Ideu, o arauto do rei.

– Príamo veio aqui?

– Veio. Acho que alguém mais poderoso que nós todos nos guiou na escuridão. Príamo ajoelhou-se aos seus pés, beijou a mão que matou o seu filho, suplicou. O pobre velho prostrado de dor tocou o coração dele. Heitor terá a honra do pranto... da mãe, da esposa aflita, dos companheiros, da cidade inteira. A verdadeira glória é esta, *wánax* Odisseu, o pranto de quem nos ama quando partimos deste mundo. Quem vai chorar por Aquiles?

– Quem? O seu pai distante, e também Príamo chorará, pois ele se compadeceu da sua dor e porque, quando a guerra corre solta e feroz no mundo inteiro, a dor é dor de todos, todo pai é pai de todos os filhos; todo filho é filho de todos os pais.

Dei as costas e me encaminhei para o meu navio.

Nos dias seguintes nada aconteceu. Parecia que ambos os exércitos e ambos os povos se haviam deixado vencer pelo luto e pelo esgotamento. Com a morte de Pátroclo, com a morte de Heitor, Aquiles já não tinha finalidade

alguma a que dedicar a sua existência além de lutar em busca de uma morte gloriosa. E quando a guerra voltou a exacerbar-se ele começou a desafiar e atacar os guerreiros troianos que, depois do desaparecimento de Heitor, haviam ficado em seu lugar: Deífobo e Eneias. Todos pensavam que agora a sorte fosse nos favorecer. Aquiles voltara a lutar enquanto os nossos adversários tinham perdido o seu mais forte guerreiro. A sorte da guerra, no entanto, praticamente não mudou: os troianos se arriscavam menos e punham em campo todos os seus melhores combatentes contra o nosso campeão. Aquiles atropelou-os várias vezes com o seu ímpeto, forçando-os a buscar abrigo atrás das muralhas da cidade, mas as poderosas fortificações continuavam inexpugnáveis.

Então certo dia, no começo do outono, quando parecia que a derrota dos troianos já era inevitável, quando ele se virava, incitando os seus a segui-lo a fim de bloquear os batentes da porta antes que se fechassem, uma flecha envenenada acertou Aquiles na perna, perto do calcanhar. Ele cambaleou e tentou arrancá-la para levar adiante o ataque e entrar na cidade, mas o seu ímpeto logo se esvaiu e ele desabou e foi ao chão bem diante das invencíveis e malditas Ceias.

Os gritos de triunfo de Páris, que levantava o arco com a mão direita para que todos o vissem, deixaram-nos entender que a ele coubera a vitória sobre o maior guerreiro que jamais pisara a Terra. Um escárnio do destino! O seu júbilo, no entanto, teve curta duração. Eu estava numa posição relativamente recuada, perto da figueira-brava, pois de vez em quando a minha ferida ainda doía e tornava os meus movimentos um tanto lentos, mas pude vê-lo distintamente. Escolhi a seta com calma, estiquei o arco. Não podia recorrer a um arremesso reto, pois havia muitos obstáculos no caminho, de forma que arrisquei um tiro levemente parabólico, meio curvo, muito difícil para não

dizer impossível, mas acho que a minha deusa me ouviu: “Ajude-me”, supliquei, “e ninguém jamais saberá de onde veio este dardo. Dedique, eu lhe peço, esta vitória a Hércules, pois é nele que penso neste momento.” Por um instante, a figura de Damastes tomou forma ao meu lado e ouvi a sua voz no meu coração: “Não se esqueça de considerar o vento!” A seta, pesada, bem equilibrada, percorreu o seu caminho arqueado até o ponto mais alto da parábola, e depois começou a virar para baixo, adquirindo mais força e mais velocidade. Acertou em cheio no alvo, fincando-se na garganta de Páris, que morreu na mesma hora. Em volta dele, todos ficaram pasmados, como se o dardo tivesse sido arremessado do topo do monte Ida ou do próprio Olimpo.

Estourou logo uma luta feroz pela posse do corpo de Aquiles, e até eu abri caminho entre os guerreiros para ajudar. Os troianos queriam o corpo daquele que tinha arrastado, preso ao seu carro, o campeão deles, o generoso herói Heitor, que pela cidade chegara ao extremo sacrifício. Nós o queríamos impedir a qualquer custo, pois isto significaria a nossa definitiva derrota. E muitos dos nossos e dos deles perderam a vida na flor da idade pela conquista de um corpo exânime. Depois de tantos anos de guerra ininterrupta, eu já estava acostumado a qualquer coisa, até à mais horrenda e macabra, mas ver inerte o corpo que até pouco antes desprendia uma força invencível, vê-lo arrastado, disputado, pisoteado por aqueles que até poucos momentos antes não se atreveriam sequer a fitá-lo nos olhos, dava-me uma amargura e um desespero infinitos. E raivoso furor. Eu combatia gritando, chorando, uivando como um lobo. O único remédio para toda aquela desolação era lutar, irradiar energia, suor, acalorada paixão. Via o braço de Ajax gigante golpear como um malho os inimigos, a lança mover-se irada nas mãos de Diomedes, e percebia que matar, naquele momento, era a única maneira de nos sentirmos vivos.

A rixa brutal durou até o entardecer: eu fincara pé entre Menelau, cujas energias se multiplicaram com a morte de Páris, e os dois Ájax, que já lutavam como uma dupla de leões. Finalmente, a chegada de Diomedes com sua lança mortífera permitiu-nos levar a melhor sobre os troianos. Ájax gigante carregou nos ombros o corpo de Aquiles e saiu da luta após pôr nas costas o grande escudo como proteção.

Ao anoitecer, o corpo de Aquiles foi colocado no esquife que só quatro meses antes tinha abrigado o corpo de Pátroclo. Estávamos todos oprimidos pela mais negra angústia, apesar de os presságios já nos terem advertidos havia bastante tempo de que isto aconteceria. Mas, infelizmente, ainda havia mais coisas no ar. Uma desgraça ainda mais amarga e pungente, se possível, me aguardava.

As pompas fúnebres de Aquiles foram celebradas três dias depois, ao entardecer. Milhares e milhares de tochas iluminaram a esplanada à beira do mar, onde se erguia a enorme pira de troncos de pinheiro e de carvalho. Os guerreiros vestiam suas armaduras mais preciosas e reluzentes, com elmos de altos penachos de crina de cavalo, e estavam formados conforme cada reino, cada cidade, com seus respectivos reis, príncipes e comandantes. O mar rugia inquieto, com altas ondas franjadas de espuma quebrando com força nos recifes que delimitavam a enseada do acampamento naval. O trovão rumorejava ao longe, com nuvens de tempestade que cavalgavam pelo céu de chumbo. O mundo inteiro, o céu, o mar e a terra aprontavam-se para a derradeira despedida do guerreiro divino e selvagem, Aquiles de Peleu, príncipe de Ftia.

Mil guerreiros mirmídones escoltavam o féretro, vindo logo atrás o carro do herói, vazio, puxado por Bálio e Xanto, que avançavam cadenciando o passo ao som das flautas e dos cornos.

Então quatro deles, os dois primeiros à esquerda e à direita das duas fileiras, carregaram nos ombros o esquife com o corpo de Aquiles, envolto num pano purpúreo, pela rampa que levava ao topo da pira, e o colocaram num estrado de madeira laminado de ouro. Mas não havia as suas armas, a espada não estava deitada ao lado da sua coxa esquerda. Elas estavam penduradas em duas lanças cruzadas diante da pira, e mesmo assim despertavam temor. Alguém, eu nunca soube quem, decidira preservá-las. Eram valiosas demais, talvez ainda estivessem imbuídas da força do filho de Peleu: até uns poucos dias antes o seu coração fizera vibrar aquela couraça, a sua mão apertara a empunhadura da espada. Sem contar que, pelo que se sabia, haviam aparecido de repente, sem que ninguém no acampamento as tivesse forjado, e eu tinha sido o primeiro a vê-las depois dele.

Chegou a hora, e os quatro mirmídones que tinham carregado o corpo de Aquiles ao topo da pira atearam fogo aos quatro cantos. Dali a pouco, o maior guerreiro que já nascera na Terra tornar-se-ia cinza, sairia da história das vicissitudes humanas para entrar para sempre na lenda, no canto e no pranto dos poetas. Briseis, meio escondida num canto afastado e escuro, chorava o amo, o seu amor perdido, e só de vez em quando as chamas que o consumiam tingiam de rubor as suas faces. Eu nunca mais soube dela, e tampouco voltei a vê-la no acampamento. *Continuo até hoje a pensar nela e no seu destino.*

Uns disseram ter ouvido um lamento subir das profundezas dos abismos marinhos quando as chamas lamberam o corpo do herói, mas naquela noite muitos foram os sons, as lamentações e os gritos que passaram pelo ar.

Depois de o corpo de Aquiles receber as honras devidas e de outros prisioneiros troianos serem sacrificados ao seu espírito inquieto, o acampamento mergulhou no silêncio. Agamêmnon chegou perto de mim:

- Caberá a você cuidar das armas de Aquiles – disse.
- Por quê?
- Porque confio em você. Até decidirmos o que fazer com elas.
- Teria sido melhor deixá-las com Aquiles, na fogueira. Agora acabarão sendo motivo de disputa.

Agamêmnon fitou-me por alguns momentos, em silêncio, talvez meditando sobre as minhas palavras, e depois disse:

– Acho que amanhã teremos de enfrentar coisas bem mais difíceis que a disputa pelas armas de Aquiles. Os troianos voltarão a encher-se de ânimo. Mataram o melhor de nós enquanto eles, no mesmo dia, perderam o pior e mais imbele guerreiro das suas fileiras.

Não fiz comentários.

Dois homens buscaram as armas de Aquiles, envolveram-nas em grosseiros panos de lã e colocaram-nas num carro puxado por um cavalo. Levaram-nas à minha tenda e montaram-nas numa simples armação de madeira. Lembrei-me da armadura que vira, ainda garoto, na viagem a Micenas, na sala de armas. Parecera-me o fantasma de um guerreiro caído. Demorei a adormecer, sob o olhar vazio do elmo de Aquiles, e acordei bem cedo. Alguém estava na minha tenda.

– Ájax!

– Vim pegar o que é meu, Odisseu.

Voltei a cabeça para a panóplia:

– Elas?

– Isso mesmo. Aquiles era meu primo, e, portanto, me pertencem por direito de herança. E agora que ele morreu sou o guerreiro mais forte de todo o exército, o único que pode vesti-las, e, portanto, também são minhas por

valor em combate. Quem o carregou nos ombros, quem o trouxe de volta aos navios fui eu!

– O *wánax* Agamêmnon confiou-as aos meus cuidados, e é aqui que vão ficar enquanto não for tomada uma decisão.

– Não se meta. Você é um amigo, e muito o aprecio, mas não deixarei ninguém pegar algo que me pertence.

– E se eu me intrometer o que vai fazer? Vai me matar?

Uma luz estranha brilhava nos olhos de Ajax. Achei que fosse a luz incerta do amanhecer o que lhe dava aquela expressão, mas eu estava errado. A loucura que brilhava nos olhos do gigante era verdadeira.

Apertava o meu coração como uma mão de gelo.

– Não fique contra mim, não fique do lado de Agamêmnon, ou serei obrigado a usar a força. Agora pegarei as armas, e você sairá do meu caminho.

Desembainhei a espada.

– Agora você vai desembainhar a sua, e, daqui a pouco, um de nós morrerá.

– Você – respondeu, e sacou a espada, presente de Heitor.

Voltaram à minha mente as palavras de Penélope no nosso primeiro encontro: “Já lhe falaram do tamanho descomunal de Ajax de Télamon?” Sorri, apesar da expressão ameaçadora do gigante:

– Digamos que seja. Acharia isto correto? Matar um amigo que há anos luta ao seu lado? E ninguém disse que seria tão fácil. Derrubei-o na competição de luta, está lembrado?

– Com engano.

– Não, com habilidade. Eu penso antes de agir, e por isto mesmo não mereço o seu desprezo. – Aceitava falar. Talvez ainda houvesse uma forma de evitar a violência. – Escute, estas armas acabarão certamente sendo suas.

Quem mais poderia se levantar para enfrentá-lo? Ninguém, mesmo que fosse digno delas. Todos conhecem o seu valor, sabem das façanhas que levou a cabo, e entre nós há muitos que lhe devem a vida. Se as armas de Aquiles forem entregues a um rei ou a um príncipe, elas serão sem dúvida suas. Por que pegá-las então com a força e, desta forma, desonrar-se a si mesmo? Fizemos um juramento, muitos anos atrás, e você sempre o honrou com constância, valor e generosidade. Respeite quem está no comando e tem a responsabilidade do exército e receberá a honra que merece.

O seu olhar tornou-se mais uma vez turvo:

– Não gosto do jeito como fala. Não gosto de que as palavras sejam mais fortes que a espada. Não é justo.

– Os animais também têm chifres, garras e presas, e as feras também se enfrentam em combates mortais. Nós temos coração e mente, Ajax. E lhe peço: espere, e verá que tudo se resolverá.

Ajax ficou em silêncio, a espada troiana voltou à bainha.

– Eu nunca alcancei a glória – disse –, nunca consegui uma verdadeira vitória, ninguém jamais reconheceu o meu valor. Como um boi paciente, como um burro obstinado que nunca é louvado pelo que faz, e no fim o coração do boi estoura sob a canga, o burro desmorona esmagado pelo peso das pedras que carrega, e ninguém repara, foi o que sempre aconteceu comigo. Nunca pedi a ajuda dos deuses. Os numes nunca me deram nada. Entende o que digo, Odisseu?

Sim, eu entendia, e ele estava certo. Ajax jamais se deixara dominar pela ira, jamais desistira do combate, deixando que os companheiros morressem sobrepujados pelos inimigos, para que depois lhe implorassem, suplicassem que voltasse. Ajax era uma montanha, e as montanhas não ficam zangadas. Ajax tinha salvado os navios porque era o penhasco que se opunha à fúria das

ondas, e os penhascos não se encolerizam. Continuam a ser penhascos e montanhas um dia após outro, um ano após outro.

Mas agora o penhasco, a montanha descobrira que tinha um coração e sentimentos de amizade, de melancolia, de dor como todos os mortais.

E de desespero.

Queria que todos soubessem. Que reconhecessem o coração que batia sob a sua couraça, atrás do escudo de sete costados de touro. Como isso acontecera, e por que justamente naquele momento, eu não conseguia entender.

Virou-se antes de sair:

– Não me traia, Odisseu.

Mandei levar e expor em meio à assembleia a panóplia de Aquiles. Agamêmnon decidiu que as armas fossem entregues a quem mais que qualquer outro as merecesse e, com este fim, pedira que cada um dos membros do conselho desse separadamente a sua opinião, mas no fim se viu diante de um veredicto de empate.

Dirigiu-se a mim:

– Você não quis votar, enquanto Ajax o fez. Expresse o seu voto para que possamos decidir.

Era o que tinha de fazer, indicar Ajax; sabia que ele merecia aquelas armas e lembrava as suas palavras: “Não me traia, Odisseu”.

Não o fiz.

E ainda isto me pesa, este amargo remorso.

Traí o gigante Ajax, fortaleza dos aqueus, quando poderia salvá-lo e salvar a mim mesmo só pronunciando o seu nome tão breve e sonoro, como tantas vezes já tinha feito em combate, quando precisara dele.

Em vez disto, disse:

– Vamos repetir a votação, e desta vez com voto secreto, para que todos se sintam mais livres.

Agamêmnon concordou:

– Cada um de vocês terá dois astrágalos, um branco e um preto. Quando ouvir chamar o seu nome pelo arauto, avançará para o centro da assembleia e colocará o seu no elmo de Antíloco. Preto quer dizer Odisseu, branco significa Ájax. Em seguida contaremos os astrágalos.

Começou a votação: o primeiro a votar foi Agamêmnon, e depois o arauto Euríbates chamou os reis e os príncipes, um por um. E, enquanto os chamados se aproximavam do elmo colocado numa pequena mesa no meio da assembleia e deixavam cair o seu astrágalo, eu perguntava a mim mesmo por que tantos haviam votado em mim quando era evidente que Ájax tinha salvado o acampamento naval, tinha enfrentado Heitor de igual para igual, havia arrancado dos troianos e trazido de volta para as nossas fileiras o corpo de Aquiles. Mas no fundo eu sabia, ainda que não o quisesse admitir nem para mim mesmo: vários outros poderiam almejar aquelas armas pelos mais diferentes motivos, mas votando em mim nenhum deles se sentiria derrotado e tiraria do páreo o único que certamente sairia vencedor.

Acabou saindo o meu nome, e todos aplaudiram. A não ser Ájax: ele saiu da assembleia, furibundo, e logo desapareceu. As armas foram levadas de volta à minha tenda.

Não conseguia pegar no sono aquela noite, a não ser por breves momentos, mas, mesmo que tivesse adormecido, seria certamente acordado pelo grito de Ájax:

– Saia, traidor! Venha ver o que acontece com aqueles que me recusaram os meus direitos! Matarei a eles todos, bem diante da sua tenda, *e deixarei você*

para o im!

No entorpecimento da sonolência, demorei a entender o que estava acontecendo, o que Ajax estava fazendo. Corri para fora, desarmado, e vi algo que nunca poderia sequer imaginar: Ajax tinha derrubado e deixado desfalecidos os dois homens que vigiavam os armentos e os rebanhos que nos sustentavam, e ia agora matando os animais, um depois do outro. Estava sujo de sangue como um açougueiro e segurava uma tocha que iluminava aquele desastre. Balidos e mugidos de terror, a correria dos bichos assustados, o fedor insuportável mergulhavam-nos numa neblina de loucura e de pesadelo. Euríloco chegou perto, ofegante:

– Acredita que sejam os que se declararam contra ele. Ficou doido, vou dar o alarme!

– Não – respondi. – Não se mexa, só está matando uns animais.

O cercado não ficava a mais de cinquenta passos da minha tenda, e a tenda estava no meio do acampamento naval, entre as dos mirmídones e a de Ajax. Mesmo tendo detido Euríloco, não demorou para uma multidão pasmada e aflita de centenas e depois milhares de homens se acotovelar a fim de assistir àquele espetáculo lastimável: os príncipes e os reis, os guerreiros e os serviçais, as escravas e as concubinas. Também vi a escrava e amante de Ajax, Tecmessa, soluçando. Todos tinham entendido o que estava acontecendo porque as notícias se haviam espalhado, e muitos choravam imóveis e em silêncio para esconder as lágrimas. Outros haviam acendido archotes para iluminar aquela desgraça. Afinal chegou Teucro: abismado e sem palavras, olhava para o irmão como se não conseguisse acreditar no que via.

Finalmente, exausto, enrouquecido, ofegante e coberto de sangue da cabeça aos pés, Ajax deixou-se escorregar até ficar deitado no meio daquela mistura

sangrenta de entranhas e excrementos de vacas e ovelhas.

Nenhum de nós se mexeu, ninguém deu um passo ou tentou aproximar-se. Agamêmnon, Menelau e Diomedes também observavam admirados. Nestor e Idomeneu entreolharam-se, e depois se viraram para mim em busca de uma resposta que ninguém era capaz de dar. Ninguém, depois de tantos anos de guerra, já assistira a algo parecido, e ninguém gostava de ver o gigante de cem batalhas entregue àquela abominação. Em certos momentos, entretanto, os lampejos alaranjados das tochas só ressaltavam farrapos da realidade e exaltavam cores densas e violentas. Mas, quando a luz fria e mortiça que antecede o amanhecer tornou tudo igual e inerte, a angústia aumentou entre nós até tornar-se insuportável. Eu teria gostado de gritar, de arrancar os cabelos, de arranhar as minhas faces como as carpideiras que acompanham os funerais nos vilarejos do interior; mas só consegui ficar ali, imóvel como uma estátua de sal.

E chegou a hora do horror extremo. Ájax acordou, custou-lhe ficar de pé, olhou em volta para os amigos e companheiros de tantas batalhas e depois para si mesmo. Pouco a pouco a sua mente despertava na fraca luz do céu esmaecido e do mar parado e cinzento, e se dava conta. Devagar, um momento após outro, a repulsa desfigurava o seu rosto, a vergonha enchia os seus olhos de dolorosas lágrimas, apossava-se do seu coração tão grande, e Ájax soltou um berro igual ao de cem homens, um berro de desespero, de nojo, de infinita aflição. Ainda segurava a espada que Heitor lhe doara depois do longo combate que só a chegada da noite interrompera e, cambaleando inseguro entre as carcaças esartejadas, aproximou-se de mim.

Não me mexi, merecia que me matasse. Mas na verdade a minha punição foi mil vezes mais amarga. Chegou até um passo de mim, sempre me fitando nos olhos, sem emitir um único som, ergueu a espada...

Ali estava, a minha hora chegara. Receberia a morte, sucumbiria como um homem desprezível. Mas no último momento virou a lâmina contra si, fincou-a logo embaixo do diafragma e, uma vez que o esgotamento mortal não lhe permitia empurrá-la até o coração, apoiou a empunhadura no chão e deixou-se cair em cima com todo o peso do imenso corpo. A espada de Heitor trespassou o seu grande coração e saiu pelas costas. A massa do gigante desmoronou. A terra estremeceu sob os nossos pés.



Os homens que vigiavam o cercado, golpeados por Ajax, não sobreviveram e, para quem assistira ao acontecido sem pensar nem perguntar o motivo, a morte deles fora o que de mais lastimável e repulsivo podia haver. Agamêmnon queria enterrá-lo numa cova rasa, como um cão raivoso, mas eu lutei com todas as minhas forças para que lhe fosse concedida a honra da pira, o funeral dos heróis. E não havia merecimento algum nisto, era apenas uma maneira de aliviar o meu remorso.

– Tirou a própria vida com a espada para resgatar a ofensa, para livrar-se da vergonha, e sempre lutou como um leão. Isto não basta para merecer o fogo em lugar de ser entregue aos vermes?

– Pensava estar matando a nós, enquanto esquartejava aqueles pobres bichos.

– Devia ter os seus motivos, não acha? Perdera a razão, você não reparou? Se não estivesse louco, não mataria ovelhas, cabras e vacas, teria matado a nós, os reis dos aqueus, os companheiros de mil batalhas que o tinham atraído. Então um deus decidiu devolver-lhe o juízo para que pudesse sentir vergonha de si mesmo, para experimentar o maior sofrimento de toda a sua vida. Agora está morto, e nós perdemos o maior dos nossos combatentes, um dos últimos que nos sobravam daquela estirpe.

Celebramos então o rito funerário de Ajax de Télamon, príncipe de Salamina, assim como tínhamos celebrado o de Pátroclo e o de Aquiles. Só então nos demos conta de quanto todos o amavam. Cada um de nós tinha dele

uma lembrança, um sinal, uma voz, e cada um quis deixar-lhe alguma coisa de si jogando-a na fogueira. Eu mesmo dobrei ritualmente a espada de Ajax, a lâmina cruel que havia sido do inimigo, que o inimigo não conseguira cravar no seu coração.

Em seguida erguemos no lugar da sepultura das suas cinzas, no promontório Reteu, um alto túmulo que o lembrasse.

Nunca nos havíamos sentido tão sozinhos como depois do seu desaparecimento, nunca tão tristes. Mas era necessário reagir. O exército precisava entender que ainda havia certeza de vencer. Era mister substituir Ajax por outro guerreiro de estirpe semidivina, formidável por força e ardor belicoso.

– O filho de Aquiles!

– Mas é só um garoto – disse Agamêmnon.

– Está com dezessete anos – respondi. – É perfeito. Não tem esposa, nem filhos, nem pátria. Foi criado numa ilha longe da terra dos seus antepassados, e que ele nunca viu. Não conheceu o avô Peleu, só viu o pai uma vez, antes de poder entender; o que sabe dele, só o sabe de ouvir dizer, e a sua única finalidade na vida é conseguir superar a fama paterna. A sua criação só tinha em vista uma coisa: combater. Nada o prende, não tem afetos, não tem raízes, nem sentimentos nem memórias por compartilhar com quem quer que seja. É um animal de combate.

– E como é que sabe dessas coisas?

– Quando partimos de Áulis para atravessar o mar, paramos em Esquiro a fim de nos reabastecer de água e provisões, e principalmente porque Aquiles queria ver o filho. Eu mesmo estabeleci as regras para a sua educação, instruindo os seus mestres de armas, dois lápitas enormes, duas feras. Foi como um presságio.

- Sendo assim, vá logo e volte quanto antes.
- Farei isto, *wánax*. Amanhã mesmo.

Aprontei o navio, levei comigo Euríloco, Elpenor e mais alguns entre os melhores, e levantei âncora ao alvorecer. Até então só tinha navegado por breves trechos, quase sempre para a costa trácia a fim de comprar vinho para o exército. O mar recebeu-me como um velho amigo que não se vê há muito tempo, e a embarcação sulcava as ondas como se fosse a sua viagem inaugural. Havia uma brisa leve mas constante do norte que tínhamos de compensar com o leme e, às vezes, com os remos. O sabor e o cheiro da água salgada faziam-me lembrar da minha casa, e, quase sem querer, percebi que estava calculando quantos dias seriam necessários, navegando àquela velocidade, para chegar a Ítaca.

Esquiro fica bem no meio do mar, entre as terras de Troia e a Eubeia.

Só levei dois dias para chegar ao destino e lancei âncora no porto principal. Fui anunciado, e o rei Licomedes recebeu-me com as devidas honras. A fama do interminável sítio se espalhou por toda parte, distorcida, ampliada, ramificada em mil histórias diferentes das quais se haviam apossado os cantores que viajavam de um para outro palácio, de um para outro vilarejo. O rei mandou servir um grande jantar para o qual convidou todos os maiores da ilha e das terras próximas, os quais me fizeram inúmeras perguntas. Procurei responder a muitas delas, mas outras tantas preferi ignorar. Finalmente, quando todos já haviam voltado às suas casas e os serviçais começavam a limpar as mesas, o rei aproximou-se e perguntou:

- Qual é o motivo de uma visita tão inesperada?
- Aquiles morreu. Vim pegar o rapaz.
- Eu soube – respondeu o rei, sem acrescentar coisa alguma.

– E ele? Também já sabe?

Licomedes anuiu:

– Quer vingá-lo e superar o pai quanto a fama e valor.

– Quando poderei vê-lo?

– Já é tarde, acho melhor amanhã. Agora deve estar com as concubinas.

Quando eu soube da sua chegada, esperei justamente que viesse buscá-lo. A vida com ele tornou-se impossível. É como ter em casa uma fera solta. Se não fosse pelo fato de ele ser filho da minha filha e se eu não estivesse preso pelo vínculo de sangue, já me teria livrado dele há algum tempo. É indomável, irascível, violento. Mal consigo detê-lo.

– Tenha um bom descanso, *wánax*, amanhã ele sairá da sua vida.

Vi-o nos primeiros raios da alvorada. Mergulhara no mar e nadava como um golfinho, enfrentava com poderosas braçadas a violenta ressaca que o vento noturno empurrava contra as pedras que protegiam o porto. Voltou então à praia e começou a correr na margem, tão rápido que quase não dava para distinguir o movimento dos pés. Era como se quisesse superar e vencer um adversário invisível.

O pai.

Esperei até ele parar. A energia que ele irradiava era tão perceptível quanto o calor espalhado pelas chamas de uma fogueira; tinha cabelos de fogo, caídos em cima dos ombros, olhos cor de gelo e braços possantes, muito mais vigorosos do que aqueles que um rapaz da sua idade normalmente teria. As mãos, por sua vez, eram estranhamente compridas e afuseladas, com grandes veias azuis sob a pele fina.

– Sou Odisseu, rei de Ítaca.

– Um sujeito que usa mais a língua que a espada, pelo que contam por aí.

Desembainhei o meu bronze afiado e, num piscar de olhos, encostei-o na sua garganta, e quando ele procurou recuar empurrei a lâmina o bastante para fazê-lo sangrar.

– Da próxima vez cortarei o tendão do seu pescoço e então terá de ficar de cabeça baixa pelo resto da vida, diante dos que valem muito mais que você e também dos que valem menos. Sou o homem que o seu pai mais prezava no exército. Ele o gerou, mas coube a mim fazer de você o que é. Eu, e só eu, estabeleci como deveria ser educado, treinado e punido toda vez que fosse necessário, e até quando não preciso. Onde estão os seus mestres?

– Eles, um depois do outro, quiseram pôr à prova o que eu tinha aprendido. Estão mortos.

Não deixei transparecer nenhuma emoção ao ouvir aquilo, nem pisquei. Só disse:

– Prepare as suas coisas. Daqui a uma hora vamos zarpar.

Durante toda a viagem só trocamos umas poucas palavras. Não me perguntou nada acerca do pai nem mostrou interesse em visitar o seu túmulo ou em fazer sacrifícios à sua sombra. Quando começamos a avistar o nosso destino e a cidade apareceu em cima da colina, esticou o braço indicando-a:

– É ela?

Anuí.

– E em dez anos, com mil navios e cinquenta mil guerreiros, não conseguiram expugná-la?

– Não, como pode ver. É por isto que fui buscá-lo. Ficaré com o carro do seu pai e com os seus cavalos, vestirá a armadura que foi emprestada a Pátroclo e que ele mesmo tirou de Heitor depois de matá-lo.

– Tinha outra – replicou –, a que usava quando venceu o troiano. Onde está?

Nunca poderia imaginar que ele soubesse tantas coisas.

– Na minha tenda. – E, ao responder, manteve os olhos fixos nos dele. Não fez comentários.

Na mesma noite da nossa chegada, já vestindo a primeira armadura do pai e em pé num pódio iluminado por oito grandes braseiros e dúzias de tochas, foi apresentado ao exército perfilado, que lhe prestou homenagem gritando sete vezes o seu nome e batendo vinte vezes as lanças nos escudos com estrondo ensurdecedor.

Quando passou perto de mim, eu lhe disse:

– Amanhã estará na frente de combate liderando os seus mirmídones.

Lutou o dia inteiro, até depois do entardecer, no carro com o auriga do pai, Automedonte, ou a pé, sem um só momento de descanso, sem pedir água ou comida, e o seu aparecimento teve um efeito assustador nos troianos. Acreditaram estar diante de Aquiles renascido e não conseguiram conter os seus assaltos. Até Eneas correu o risco de morrer ao enfrentá-lo.

O rapaz alcançou as portas Ceias e quase conseguiu forçá-las quando já estavam se fechando. O entusiasmo do exército cresceu descontroladamente. Mas os troianos multiplicaram suas defesas, rarearam os embates em campo aberto e, quando atacavam, só o faziam após conhecer a posição de Pirro, que mantinham então sob o tiro de centenas de arqueiros limitando a sua ação.

Estávamos, mais uma vez, num impasse. Começava a circular o boato de que Troia nunca cairia porque os deuses não queriam que a guerra acabasse.

Se esta balela continuasse a se espalhar, seria o fim da empreitada. Mas os dias passavam, e a presença de Pirro, se por um lado estimulava o exército a continuar lutando para levar a bom termo a guerra, por outro ameaçava

fortalecer a convicção de que nem sequer a formidável energia do filho de Aquiles bastaria para vencer.

Além do mais, Pirro era incontrolável, rebelde a qualquer disciplina: muitas vezes, lançava-se ao ataque sozinho, na liderança dos seus mirmídones, que o teriam seguido até o Infero se ele o pedisse. Em determinada ocasião quase teve sucesso, escalando as muralhas de mãos nuas, à noite, e correndo o risco de cair e arrebentar-se. Não suportava o fracasso, tornava-se detestável e agressivo até com os companheiros. Talvez a minha ideia não tivesse sido tão acertada quanto me parecera muitos anos antes quando, ao velejar para Troia com os meus homens e os meus navios, decidira parar em Esquiro.

Acabei concluindo que afinal de contas deveria caber a mim encontrar uma solução. Atena dera-me bastante força para lutar na frente de batalha ao lado dos maiores guerreiros, mas também me dera, principalmente, uma mente capaz de meditar, ponderar e pensar sobre outras coisas. Mas quais? Até de noite, durante o sono, eu tentava encontrar um jeito. Os meus pensamentos seguiam todo e qualquer caminho, e muitas vezes, logo que acordava, eu exultava de alegria, pois tinha a impressão de ter encontrado uma saída, mas então tudo se esvanecia.

Mais tempo passou.

Certa noite do começo do outono, esgotado após um longo dia de combates, enjoado com a inútil ferocidade de Pirro e com os macabros troféus que ele trazia do campo de batalha, estava sentado à beira do mar ouvindo a voz sempre igual das ondas, que embalavam e acalmavam a minha aflição devida à onipresente lembrança da morte de Ajax. O calmo vascolear da água conciliava os meus pensamentos enquanto eu esperava o surgimento da lua para o meu costumeiro encontro com a longínqua Penélope. Sabia que na mesma hora ela pensaria em mim assim como eu pensava nela.

Ouvi uma voz:

– *Wánax* Odisseu...

– Eumelo.

Sentou-se ao meu lado. Continuava vestindo a armadura, podia perceber o seu suor e o seu coração ainda excitado pela luta contra a morte. Pareceu-me mais firme e decidido, como se fosse uma figura esculpida na madeira. A luz cinzenta dava-lhe um aspecto mais pálido e sofrido.

– Ainda está pensando nos seus pais?

– Sempre.

– E Mentor? Ainda se lembra dele?

– Como se tivesse estado com ele ontem mesmo.

Enquanto falava, observei que tinha enfiado uma mão na faixa de pano que usava na cintura e pegado alguma coisa.

– E você se lembra disto?

Sorri incrédulo: ele estava revirando entre as mãos o cavalinho que eu esculpira muitos anos antes e que lhe dera para mostrar que era seu amigo.

– Ainda está com ele! Não dá para acreditar.

– É uma das coisas mais preciosas que tenho, o meu amuleto da sorte.

– É só uma estatueta de madeira.

– Eu sei, mas dentro deste cavalinho de madeira está o coração do rei de Ítaca, do meu amigo Odisseu de múltiplas ideias. Em que estava pensando, *wánax*?

Peguei o cavalinho e o revirei entre as mãos.

– Pensava... pensava que já está na hora de voltarmos para casa.

Eumelo fitou-me, perplexo:

– É verdade. Mas não antes de levarmos a cabo o nosso trabalho.

– Não antes de o concluirmos – respondi.

As éguas de Eumelo, desatreladas, tinham vindo à procura dele.

– Estão acostumadas a comer da minha mão – disse, e foi ter com elas.

Fui tomado por uma estranha ansiedade, percorrido por um misterioso arrepio que nada tinha que ver com o vento. Era a mesma sensação que experimentara na noite em que dormira na casa de caça do avô Autólico. Sabia o que significava.

– Onde está você? – perguntei olhando em volta para vê-la.

– Aqui – respondeu-me uma voz interior. – Aqui, dentro do seu coração.

Naquela mesma noite mandei avisar Agamêmnon de que precisava falar com ele, pedindo que convocasse uma reunião fechada. Somente Nestor deveria ser chamado e, a seguir, o chefe dos carpinteiros, o ferreiro mestre Epeu, um habilidoso artesão de Locros.

– O que for dito esta noite e neste lugar – comecei dizendo – terá de ser mantido em segredo, pois eu lhes revelarei como a guerra poderá ser vencida em pouco tempo. – Agamêmnon e Nestor arregalaram os olhos. – Caberá a Epeu dizer quanto tempo será necessário. Agora vou contar o que na verdade faremos. Dele só queremos saber se poderá executar a obra, mas não poderá saber a razão do nosso pedido.

“Ouçam-me, então: construiremos um gigantesco cavalo de madeira, tão grande que possa abrigar na sua cavidade interna uns trinta homens que escolherei pessoalmente, um por um, na noite escolhida para agirmos. Deixaremos circular o boato de que voltamos para casa porque a cidade é inexpugnável, uma vez que os deuses a protegem, que construiremos um presente votivo, um cavalo, animal sagrado de Posídon, para que o deus azul facilite a nossa volta pelo mar. Quando o cavalo estiver pronto, levantaremos

âncora, mas não para voltar à pátria. A frota ficará escondida atrás da ilha de Tênedos, alguns homens subirão a colina e ficarão à espera de um sinal.

“Perto do cavalo deixaremos, de mãos atadas nas costas, um dos meus homens, um amigo muito habilidoso em que confio plenamente, chamado Sínon. Quando os troianos saírem das muralhas e o encontrarem, ele dirá que é um fugitivo, que nós queríamos sacrificá-lo às divindades marinhas, e pedirá abrigo e proteção. Em contrapartida, dirá o que o cavalo é e por que foi construído. Explicará que é um poderoso presente votivo a Posídon, uma oferenda para garantir a nossa volta. Só assim poderemos atravessar o mar, reunir outra frota ainda mais poderosa, que já está à nossa espera, e voltar na próxima primavera.

“Nada poderá ser deixado ao acaso, cada movimento da nossa ação deverá ser calculado e executado com perfeição. Nada daquilo que faremos poderá falhar. A partir de agora só caberá a mim pensar, vocês terão de tirar por completo o assunto da sua cabeça, para que os deuses que nos são adversos não percebam as nossas intenções. Sei que, neste momento, nenhuma divindade nos está ouvindo... E portanto poderei enganá-las. A todas, menos a uma.”

Seguiu-se um longo silêncio, mais de pasmo que de incredulidade, ao que parecia. Mas o plano tinha de seguir em frente, e portanto mandei entrar Epeu, ao qual expliquei o nosso projeto de presente votivo, pedindo ao mesmo tempo que não comentasse a coisa com ninguém, bem sabendo, no entanto, que não resistiria às inúmeras e inevitáveis perguntas. Jurou repetidamente que nada o levaria a falar daquilo que ouviria naquela noite no conselho de três reis, e eu expliquei as características do gigantesco presente para Posídon que ele teria o privilégio de construir. Um cavalo com a altura de trinta pés, o comprimento de trinta e sete e a largura de doze. A cauda e a crina deveriam

ser de pelo de cavalo verdadeiro, tudo feito com esmero, e o animal deveria estar apoiado numa plataforma.

– Acho que você é o único homem capaz de construir uma maravilha como esta – bajulei-o. – Não estou certo?

– Isso mesmo, *wánax*, está certo, e eu o construirei exatamente conforme o seu pedido.

– Quanto tempo acha que vai levar?

– Um mês, *wánax*.

– Só tem dez dias, nem mais um só. Mas poderá dispor de todos os homens que achar necessários.

Hesitou por alguns instantes e depois respondeu:

– Está bem, dez dias, *wánax* Odisseu.



Antes do anoitecer do décimo dia, Epeu apresentou-se diante da minha tenda e fez sinal para que eu fosse com ele. Eu só acompanhara o progresso do trabalho de longe, pois não queria que me fosse atribuída a construção daquela maravilha, o que poderia despertar a suspeita dos inimigos. Os troianos, aliás, já estavam bastante curiosos e podiam ser vistos, no topo das muralhas, cada vez mais numerosos. O tamanho do cavalo crescia dia após dia, cercado de andaimes nos quais se movimentava a multidão apressada dos homens encarregados da construção. Tinha de parecer uma corrida contra o tempo. Contra o tempo ruim do inverno que ia chegando.

Já estávamos em pleno outono, com Oríon baixando no horizonte, e todos podiam perceber isso pelo ar mais fresco e pelo aumento da umidade.

Por toda a duração dos trabalhos evitamos qualquer ação bélica, e os troianos também se mostraram dispostos a aceitar aquela espécie de trégua. Preferiram ficar ao abrigo das suas muralhas. Alguns se arriscaram a chegar perto do nosso acampamento para ver o que estava acontecendo, mas os nossos haviam sido instruídos a não reagir. Enquanto isso, Epeu devia ter deixado escapar a notícia da nossa volta antes do inverno, e uma estranha aura de felicidade espalhou-se entre a tropa, uma impalpável sensação leve e secreta, como se ninguém ousasse acreditar no que se murmurava.

Só quando o trabalho já estava adiantado, confidenciei a Epeu que no ventre do cavalo seria colocada uma oferenda para Posídon, mais uma dádiva secreta e escondida; o resto ele só saberia imediatamente antes de passarmos à

ação. A abertura no ventre do cavalo deveria ser preparada de noite, por ele, sozinho, e por mais ninguém. Cheguei, misturando-me com os carpinteiros, e fiquei embaixo do enorme simulacro. Não dava para distinguir coisa alguma, nenhuma interrupção na junção das vigas, das tábuas, dos cabos de tensão. Os segredos do cavalo eram invisíveis, nada despertava suspeitas. Um trabalho impecável.

Fitei fixamente Epeu sem dizer nada, só fiz um leve sinal para demonstrar a minha aprovação. Ele respondeu da mesma forma.

Durante todo o tempo da construção nenhum dos reis e dos príncipes viera ver-me, a não ser Eumelo.

– Sempre gostou de cavalos, mas entre todos os reis e príncipes é o único que não tem um carro. Por quê?

– Não há estradas em Ítaca, eu já lhe disse, só trilhas de cabras. Os nossos carros são os navios: no mar, somos os melhores.

– Não demorou quase nada – prosseguiu – para um pequeno cavalo nas minhas mãos se transformar num cavalo enorme que poderia guardar em si muitos homens, não é verdade?

Não respondi.

– Então é verdade. Também quero estar lá, pois sou o único que talvez tenha entendido o seu pensamento.

– Não. Quero que você volte são e salvo aos seus pais em Feras. Entrará na cidade com os demais, na hora do ataque. Até então não deve tocar no assunto, nem sequer com o ar. Um deus hostil a nós poderia ouvi-lo.

– E, aqui, não poderia acontecer o mesmo?

– Aqui, na minha tenda, há sempre barulho, bastante para nenhum mortal ou imortal ouvir as nossas vozes e até os nossos pensamentos.

– Quando?

– Depois de amanhã será noite de lua nova.

Anuiu e voltou à sua tenda pela praia, mas antes de sair mostrou-me, sorrindo, o cavalinho que eu lhe doara quando ele ainda era menino.

Naquela mesma noite pedi que Agamêmnon convocasse o conselho dos reis de forma totalmente insólita. Teriam de vir à minha tenda separadamente, um depois do outro, sem escolta, sem armas nem insígnias, envoltos numa ampla capa e com um capuz encobrindo-lhes a cabeça até os olhos. Alguns antes do pôr do sol, outros depois, e outros já de noite. Fiquei em dúvida até o último momento quanto a se devia ou não convocar Pirro, mas depois, após muito meditar, decidi que ele também entraria na minha tenda.

Agamêmnon admitiu que os boatos acerca da nossa volta à Acaia para o inverno e para um novo alistamento haviam sido espalhados com perfeição. A verdade era outra, e eu ia revelá-la dali a pouco. Portanto, deu-me a palavra.

– Amigos, valorosos companheiros de armas, por muitos anos Zeus estendeu a sua mão sobre a cidade de Troia para que ela não fosse expugnada, apesar da força, do valor e do sacrifício de grandes heróis como Pátroclo, Aquiles, Ájax de Télamon e de muitos outros cujas cinzas repousam nesta terra. Mesmo agora a cidade não dá sinal de poder ser vencida, toda tentativa nossa acaba sendo frustrada e nem o valor do filho de Aquiles foi suficiente para vencer o baluarte das portas Ceias. Chegou a hora de darmos um basta a esta guerra interminável, que, de outra forma, poderá nos destruir. E o único jeito é conquistar Troia. E faremos isto... Agora!

Os presentes, afora Agamêmnon e Nestor, entreolharam-se pasmados, alguns deixaram escapar palavras de escárnio, outros riram.

– Amanhã, ao anoitecer, toda a nossa frota sairá para o mar e se afastará, silenciosa, com a proteção das trevas, para então esconder-se atrás da ilha de Tênedos, bem próxima. Só ficarão comigo, nesta tenda, os que agora

chamarei. Átrida Menelau, por você foi combatida esta guerra e chegou a hora que tanto esperou: a hora de vencer e de vingar a sua honra! Ajax de Locros, depois de Aquiles você é o mais rápido, raio de bronze, dará seus golpes sem descanso e será o primeiro a chegar ao topo; Diomedes de Argos, dizem que em combate conseguiu ferir Ares, o deus da guerra, e eu acredito nisto, ninguém pode vencê-lo no arremesso da haste pesada e sempre sedenta, que sempre alcança o alvo; Idomeneu, poderoso soberano de Creta, senhor do Labirinto, saberá encontrar o caminho mesmo nas ruas mais escuras e tortuosas, sempre chegará à meta, onde ateará fogo; Eurímaco, a sua vista é tão penetrante quanto a de um predador noturno, nunca o vi tremer, os seus olhos cortarão a escuridão para nós também; Macáon discípulo de Asclépio, médico guerreiro, você que sabe devolver a vida infligirá a morte; Menesteu de Atenas, que domina a cidade que foi de Teseu, mostrará que é digno de sentar no seu trono; Meríones, Estênelo... – à medida que pronunciava os nomes, eu perscrutava os rostos dos chamados, tensos, contraídos, alguns até aflitos, pois ninguém sabia o motivo da chamada – ... Toas de Cálidon, você era o melhor aliado de Aquiles; Podalírio, inseparável companheiro de Macáon, precisaremos das suas artes; Polipetes, o Lápita: o seu pai desceu vivo ao inferno, e a façanha que levará a cabo não será menor; Teucro! Com você o espírito de Ajax gigante, seu irmão, estará certamente presente para vencer, conosco, esta guerra... Neoptólemo, chamado Pirro, filho de Aquiles, o fogo que devorará a cidade será mais rubro que seus cabelos chamejantes, levará a termo o que seu pai não conseguiu porque um deus impediu, só mesmo um deus poderia detê-lo.

“Vocês todos entrarão comigo no cavalo. E o cavalo será levado para dentro da cidade, eu lhes asseguro. Quando isto acontecer, um sinal será dado da costa aos nossos companheiros em Tênedos. A frota ganhará novamente o

mar, invisível, sem velas nem mastros, só com a força dos remos, e voltará para cá. Na calada da noite, quando a cidade acabar de festejar o fim da guerra e ficar envolta no silêncio e na escuridão, sairemos e tomaremos o controle das portas Ceias. Abriremos de dentro o acesso que não conseguimos forçar de fora e daremos o sinal das torres. Os nossos acudirão, invadirão com rapidez a cidade. E será o fim.

“Eu serei o chefe do ataque, do qual também participará Epeu, o artífice. Só ele sabe abrir o ventre do monstro, pois o construiu. Ainda não sabe de coisa alguma, mas logo saberá. Vocês foram escolhidos porque são os melhores, seus nomes ficarão conhecidos pelos séculos afora: aceitam acompanhar-me nesta empreitada? Quem aceitar levante-se agora.”

Pirro foi o primeiro a falar, com arrogância, como era seu hábito:

– Você fala como se quisesse nos levar para uma façanha gloriosa, quando na verdade quer tomar a cidade com o engano. Entraremos às escondidas, como ratos no escuro, para surpreender os troianos durante o sono. É esta a glória que nos oferece?

– É – respondi. – O homem não é feito somente de músculos e tendões, a mente é a sua parte mais elevada e nobre, a que o torna parecido com os deuses. A mente é a mais poderosa das armas. Já lhe foi dada a possibilidade de vencer em campo aberto: não me parece que tenha conseguido. Não tenho o corpo de Ajax gigante, não tenho o vigor dos seus anos nem a força de Aquiles que revive em você. Eu sou Odisseu de múltiplas ideias, de pensamento complexo, como costumam dizer. Esta é a minha maior força: o que o braço do seu pai não conseguiu será conseguido pela minha mente! Mas você pode escolher o que mais desejar: participe, comigo, da insídia, pois preciso dos

melhores e não dos covardes, ou então fique com o *wánax* Agamêmnon, ou na sua tenda.

Seguiram-se uns instantes carregados de incerteza. Então, um depois do outro, os chamados levantaram-se e aceitaram sujeitar-se ao meu comando desde aquele momento até a hora em que o átrida mais velho, Agamêmnon, passasse pelas portas Ceias.

De fora chegavam a nós os gritos dos guerreiros que empurravam ao mar os navios. Um depois do outro, as embarcações foram enchendo a baía e ganhando o alto-mar protegidas pela escuridão.

Àquela altura Sínon, de mão atadas às costas e com sinais de maus-tratos no corpo e no rosto, já estava no esconderijo onde seria encontrado no dia seguinte. Nós saímos e fomos buscar Epeu, que, finalmente a par do que estava acontecendo, estava à nossa espera. Um por um subimos, eu primeiro e depois todos os demais. Epeu foi o último e fechou o alçapão atrás de si. A lamparina que ele segurava criava uma pequena esfera de luz que nos permitia existir. Tirei-a das mãos de Epeu e passei em revista os meus homens. Pirro juntara-se ao grupo: foi o primeiro a que me dirigi. Tive uma palavra para cada um deles, um toque no ombro, um olhar. Depois, de repente, após contar todos, desembainhei a espada e a aponte para a garganta de um homem de rosto coberto que não fazia parte da turma que eu convocara.

– Quem é você, amigo? Diga logo, se não quiser morrer.

Baixou o capuz e sorriu.

– Eumelo!

– Passei dois anos no palácio de Euristeu, acha que não posso passar uma noite aqui dentro? Ou será que está pensando que tenho medo de escuro?

Epeu deu um passo adiante:

– Não posso abrir o alçapão e depois fechá-lo de novo. Amanhã poderiam perceber a cilada.

Tive de render-me. Suspirei:

– E as suas éguas? Quem vai cuidar delas?

– Ficaram num lugar seguro. Muito em breve estarei com elas de novo.

Passamos a primeira parte da noite conversando baixinho. Da façanha, dos deuses favoráveis e adversos, da casa distante e da esposa, das esperanças, dos medos, dos amigos perdidos e dos que sobravam.

– E se perceberem? O que faremos? – perguntou Toas.

– Pensarei nisto se acontecer – respondi –, mas não vai ocorrer.

– E se vencermos – quis saber Diomedes –, o que vamos fazer? Quem será poupado e quem será morto? Quem será feito escravo e quem ficará livre? Quem decidirá como repartiremos os despojos?

Não respondi e não houve mais perguntas. Cada um ficou em silêncio, entregue aos seus pensamentos, até a alvorada.

A luz da manhã infiltrou-se através das finas conexões entre as tábuas e riscou de traços escuros os nossos rostos tensos e inquietos. Alguns tinham até adormecido, particularmente Pirro: *os garotos têm sono pesado*.

– Ouçam – disse Ajax de Oileu. – Há alguém por perto.

– Chegou a hora! Respondi. – A partir deste momento, calados e imóveis. Um só erro, e estaremos todos mortos.

Ouviam-se passos apressados em volta, chamados e então gritos de júbilo: “Eles se foram, vencemos, vencemos!” E mais: “O rei! Príamo está chegando!”

Epeu indicou-me pontos na parede que permitiam espiar lá fora, invisíveis do exterior porque distantes demais e confusos na superfície do colosso. E vi uma maré de pessoas sair das portas Ceias e das portas da cidade baixa:

homens e mulheres, velhos. E meninos que só tinham conhecido a guerra. Olhavam em volta quase não conseguindo acreditar no que viam, reconheciam os sulcos deixados pelas quilhas dos navios empurrados para a água, as marcas das tendas, os sinais das fogueiras que haviam enegrecido e endurecido o solo após anos de ardente calor, as oficinas que tinham forjado espadas, cruéis pontas de lanças e amargas flechas. Muitos choravam de felicidade, e eu, no fundo do coração, estremecia pensando na sua última noite de vida, no seu último dia de liberdade.

Então a multidão abriu caminho para deixar passar o carro do rei. Não o via desde que fora a Troia pedir, com Menelau, a devolução de Helena. Estava cansado: uma ruga profunda como uma ferida sulcava a sua testa, a pele do rosto estava mortiça e caída. Quantos filhos, entre legítimos e bastardos, tinha perdido no campo de batalha! Mas, entre todos e acima de todos, Heitor, baluarte do reino e da cidade, filho muito amado, o que despedaçara o seu coração.

Desceu do carro e se aproximou até ficar sob o ventre do cavalo. Desloquei-me para o centro, sem fazer nenhum barulho, e pude ver os seus cabelos brancos, o broche de âmbar que segurava a veste no seu ombro esquerdo. Um murmúrio ouvia-se em volta, uma pergunta: “O que é?” Nenhuma resposta. Eu fremia: se Sínon não aparecesse, a nossa aventura teria um fim terrível e vergonhoso. Um grito:

– Encontraram um inimigo! Capturaram-no!

O murmúrio tornou-se gritaria

– Sínon – ciciei aos companheiros – deixou-se prender. – Mais um passo aproximava-me do sucesso.

Finalmente o vi, cercado pela multidão, amarrado, de veste esfarrapada, cabelos desgrenhados, manchas de sangue seco no braço esquerdo. Jogava-se

aos pés do rei implorando. Eu não podia ouvir as palavras, mas pela expressão dos rostos, pelos gestos e pela atitude do rei e do seu séquito percebia que eram as que eu esperava. Isso me animava e, com uns sinais, procurei repassar aos companheiros este otimismo de que certamente precisavam. Acostumados a se mexer em campo aberto, tendo em frente os inimigos, estavam vivendo uma experiência de profunda aflição, prisioneiros e impotentes, cercados por uma enorme multidão e, àquela altura, também por muitos homens armados.

O vento mudou de direção, e pude ouvir a voz de Príamo e de Sínon:

– Mas por que o fizeram tão grande? – perguntava o rei.

– Para que vocês não possam levá-lo para a cidadela. Se isto acontecer, está escrito que algum dia a Ásia inteira vingará estes anos de chacinas, os seus exércitos chegarão para destruir as muralhas de Argos e de Micenas.

De repente, um berro que todos nós pudemos ouvir com clareza:

– Queimem-no! Não é um presente votivo, é certamente uma ameaça, qualquer coisa que venha dos inimigos é um perigo que deve ser destruído! – Logo a seguir a ponta de uma lança penetrou no ventre do cavalo despontando no interior por quase um palmo. O baque e a vibração da haste invadiram a nossa escura caverna.

Toas levou as mãos ao alçapão dizendo:

– Não quero morrer nesta maldita arapuca!

Eu e Menelau o detivemos, segurando-o até ele se acalmar. Voltei ao meu lugar de observação: agora só havia silêncio, e todos, de baixo, olhavam na minha direção... Então ouvi Príamo dizer:

– Se este for um presente votivo para Posídon, só o deus pode nos dar uma resposta, e caberá portanto a Laocoonte imolar à divindade azul construtora da nossa cidade um sacrifício no mar. Ela certamente nos indicará o caminho.

O homem que arremessara a lança era, portanto, um sacerdote. Um touro foi arrastado para dentro do mar e Laocoonte, assistido pelos dois filhos adolescentes, desceu o machado no pescoço do animal, que morreu na mesma hora. Uma larga mancha de sangue alastrou-se na água. Lá de cima eu podia vê-la, cada vez maior, tingir de vermelho as ondas azuis. Então, de repente, vi a superfície do mar borbulhar: duas caudas emergiram e altas barbatanas sulcaram a água. Num piscar de olhos o sacerdote e os filhos foram puxados para baixo e devorados. O sangue deles juntou-se ao do touro sacrificado.

Como homem do mar, sempre soube que o sangue pode atrair os predadores das profundezas, mas naquelas condições o vaticínio só podia nos favorecer: o deus azul não gostara de ver o seu presente profanado por um golpe de lança, nem aprovava que alguém cogitasse queimá-lo. E enviara duas das suas criaturas dos abismos a fim de punir o sacrilégio.

Príamo ordenou que puxassem o cavalo até a cidadela para honrar o presente votivo e dedicá-lo a Posídon. Foi preciso demolir a arquitrave das portas inferiores para permitir a passagem.

Os companheiros olhavam para mim com uma admiração que nunca vira antes nos olhos deles. Tudo aquilo que previra estava de fato acontecendo. Eumelo aproximou-se:

- Continua a pensar que eu deveria ter ficado com as minhas éguas?
- Ainda não acabou, Eumelo. Você acha que agora chegará o momento da vitória e da glória, do fogo e do grito de guerra, mas na verdade o pior ainda está por vir. E, se tudo correr como imaginei, o que você fará e verá nesta noite deixará no seu coração uma ferida profunda, uma dor incurável, pois cada vez que matar alguém – inermes fugindo, adversários já vencidos, dispersos e aniquilados – uma parte de você também morrerá.

Não sei se Eumelo entendeu o que eu queria dizer, e de qualquer maneira não tive oportunidade de perguntar o que experimentara. Perdi-o de vista naquela noite tremenda e nunca mais voltei a vê-lo.

Na cidade ecoavam gritos de júbilo, cantos de celebração e das festas onde corriam rios de vinho. Enquanto isso, as câibras reviravam os nossos estômagos e todos os nossos músculos tensos na espera. Só faltava um passo para o cumprimento da façanha, mas ainda havia muitas ameaças à espreita, e os deuses que tinham desviado o olhar da cidade emanavam uma força assustadora que eu podia sentir.

Quando, finalmente, o silêncio desceu sobre todas as coisas, ouvi o som de um passo leve perto do cavalo. Perguntei, baixinho:

– Vocês também ouviram?

– Ouvi um passo – respondeu Diomedes.

– Um passo – confirmou Menelau.

– Um passo – murmurei a mim mesmo. Quem podia perambular em volta da insídia naquela ora noturna?

– Sou Penélope! – disse uma voz.

“É você, Penélope?”, perguntou o meu coração, e não podia acreditar. Nenhum som saiu da minha boca.

– Egialeia, meu amor – chamou Diomedes, o guerreiro implacável.

– Tecmessa! – exclamou a voz cavernosa de Ájax, que vinha do Além. E Teucro chorou ao ouvi-la.

– Arete! – gritou Estênelo, e já queria abrir o alçapão, mas eu o detive, tapei a sua boca com a mão quase sufocando-o.

– Helena – disse finalmente Menelau –, só ela.

“Ela”, pensei, “ela são todas as mulheres...”, naquela voz cada um de nós reconhecera a da esposa, da amante longínqua, sempre lembrada, sempre

desejada. O passo desapareceu na distância.



Helena.

Viera nos tentar? Viera para nos induzir ao erro a fim de que fôssemos descobertos? Ou talvez tivesse vindo para nos dizer que descobrira a insídia, mas que não quisera revelá-la? *Aquela foi uma noite de sangue e de trapaças.*

Já na escuridão da madrugada, quando tudo era paz e silêncio, mandei Epeu abrir o alçapão, e, um depois do outro, todos desceram ao chão com a ajuda de uma corda. Mirei as constelações no céu: “A esta altura a frota já arribou. Mandem alguém dar o sinal.” Cada um de nós sabia o que devia fazer: Diomedes, Pirro e Ajax de Oileu tinham de livrar-se das sentinelas e substituí-las nas torres das portas Ceias. Eumelo deveria assinalar com uma tocha que já controlávamos o portal. Os demais, incluindo eu, deveriam dar cobertura à ação dos companheiros e, se necessário, defender a posição até os nossos chegarem.

Até aquele momento tudo correria às mil maravilhas. Vi a tocha de Eumelo movimentar-se três vezes da esquerda para a direita, depois parar um momento e fazer tudo de novo. Seguiu-se o tempo mais longo da nossa vida. A empreitada ainda podia fracassar: um atraso, um mal-entendido, um acidente... finalmente outra luz apareceu palpitando na praia. As tropas já haviam desembarcado, e àquela altura tive certeza de que o destino de Ílio estava selado. Mas não queria contar com a vitória até ver o nosso exército passar tumultuando pelas portas Ceias escancaradas.

O rumorejar de milhares de passos, o tilintar das armas...

– São eles! – exclamou Diomedes.

– Abram! – gritei com todo o fôlego que tinha nos pulmões. Um momento que eu esperava havia anos.

As portas chiaram nos gonzos, e os pesados batentes reforçados com chapas de bronze se abriram. O exército irrompeu na cidade com a violência irrefreável de uma enchente.

A partir daquele momento, Troia ficou inteiramente à mercê das tropas invasoras. O alarme foi dado quando já era tarde demais. Muitos defensores, acordados pelo barulho, pelos gritos aterrorizados da população, vestiram a armadura e acorreram decididos a lutar até a morte. Outros se plantaram diante das portas das suas casas para defender a esposa e os filhos e foram trespassados por adversários muito mais numerosos, ébrios de matança, furiosos devido aos anos passados em intermináveis combates, à obstinada e insuperável resistência da altiva Ílio.

A cidade inteira mergulhou num vórtice de horror. Não havia maneira nem vontade de controlar os nossos guerreiros, que se entregavam à chacina, ao massacre, ao estupro e ao saque. Em vários lugares houve brigas e até violentos choques entre os nossos próprios combatentes, que disputavam os despojos: objetos preciosos, tecidos, armas, mulheres. E logo depois começaram a surgir incêndios em vários pontos da cidade, primeiro nos bairros baixos e em seguida, com o passar das horas, até na cidadela. Pouco depois as chamas ardiam descontroladas por toda a cidade alta.

Foi ali que se concentrou a última defesa, lá estavam o rei e a rainha, os filhos e as esposas, lá estavam os últimos valorosos defensores da cidade e do reino: Eneas e Deífobo, irmão de Heitor. Lá estava Andrômaca, a viúva, com o pequeno Astianacte.

Lá estava Helena.

Eu tentava imaginar o que fazia, o que sentia ao ver o holocausto da cidade que a acolhera como a uma filha, como esperava a chegada inevitável de Menelau, o marido traído.

Podia ver que era justamente lá em cima que a luta era mais violenta, mais ensurdecador o estrondo das armas, mais altas e incontroláveis as labaredas.

Corri para aquele lugar porque tinha um dever que cumprir. Já tinha entrado duas vezes na cidade deixando atrás de mim as suas muralhas, uma em plena luz do dia e outra às escondidas, e guardava na mente a imagem clara das ruas e das praças, dos locais das grandes moradas e dos palácios.

Procurava a casa de Antenor, o homem que previra a ruína e que vira em mim aquele que, como ele, queria evitá-la. Eu tinha sido seu hóspede e era-lhe devedor do único presente com que poderia retribuir a sua hospitalidade: a vida dele e da sua família.

Encontrei a rua, e a casa, sitiada por centenas de guerreiros furibundos. Abri caminho até a porta principal e fiz-me reconhecer. Ordenei que fossem à rampa que levava aos santuários porque estava havendo um contra-ataque liderado por Eneias e os nossos precisavam de reforços: mal consegui forçá-los a obedecer. Quando se afastaram, passei por corredores e aposentos tomados pelo fogo até ver-me diante dele. Segurava uma lança e a apontou contra mim.

– Sou Odisseu! – gritei. – Siga-me com a sua família! Mostre o caminho para sairmos pelo lado norte.

Entendeu. Fui o primeiro a sair, e ele ficou imediatamente ao meu lado; logo atrás vinha a família com as mulheres e as crianças em pranto. Corremos até ficar sem fôlego, passamos pelas ruelas mais escuras e íngremes, por bairros já arrasados pelo fogo, até chegar a uma portinhola. Ajudei-os a sair.

Deteve-se por um momento e dirigiu-me um longo olhar de dor infinita, com fartas lágrimas que escorriam pelas faces.

– Estava escrito no destino – disse. – Estava decidido que acabasse assim, mas espero que os deuses o recompensem por ter mostrado misericórdia.

– Corram – respondi. – Não parem, alcancem algum lugar onde possam pedir ajuda, no mar ou na montanha. Ninguém vai persegui-los.

Acompanhei-os com o olhar durante todo o tempo em que o reflexo dos incêndios me permitiu vê-los, até serem tragados pela noite.

Voltei então à cidadela. O fim estava próximo: Pirro, flanqueados por dois guerreiros gigantescos, desferia tremendos golpes de machado na porta do palácio, que acabou ficando em pedaços. Lançou-se no interior seguido pelos seus mirmídones. Não demorou muito para aparecer de novo num dos passadiços superiores soltando um grito pavoroso e segurando o seu horrendo troféu: a cabeça de Príamo. Com ele, a cidade mais poderosa da Ásia ficava degolada. Choros e agudos gemidos rasgavam a noite de outono, bandos de pássaros voavam em amplos círculos sobre Ílio, como espíritos da morte, asas purpúreas no reflexo das chamas.

À medida que os últimos focos da resistência eram aniquilados, formava-se uma longa coluna de prisioneiros: em sua maioria mulheres e crianças, mas também homens por vender como escravos. Pirro viu Andrômaca segurar nos braços o filhinho choroso; talvez reconhecida por um dos seus homens que lhe disse quem era, ele separou-a de pronto do grupo gritando: “Esta aqui é minha!”, mas depois, irritado com o pranto desesperado do menino, o arrancou dos braços dela, subiu ao passadiço das muralhas e arremessou-o nas pedras subjacentes.

Nada fiz para detê-lo, pois eu mesmo criara aquele monstro. Ele estava fazendo o que manda a lei da guerra, e a guerra só acaba quando também acaba a estirpe do inimigo. Com aquele menino, portanto, extinguiu-se o sangue do glorioso Heitor, condutor de cavalos, o homem que chegara a incendiar os

nossos navios, que defendera incessantemente Troia ao longo de dez anos, e que no fim só fora vencido pela lança de Aquiles. Andrômaca soltou um berro desumano, o grito estrídulo de uma águia ferida, e tombou no chão como morta, com um último e aflito lamento.

Mas não tinha acabado. Pirro trazia consigo, como prisioneira, a mais nova filha de Príamo, a jovem e linda Políxena. Arrastou-a pelos cabelos até o túmulo de Aquiles e ali a imolou à sombra zangada do pai cortando-lhe a garganta com a espada.

Procurei chegar ao santuário que dominava a cidadela porque lá ficava o simulacro de Atena que eu vira durante a minha incursão noturna. No caminho, encontrei Diomedes, que seguia na minha mesma direção, e subimos juntos até o topo da cidade alta. Vimos então Ajax de Oileu sair correndo do santuário. Encontramos ali a sacerdotisa da deusa, Cassandra, a filha de Príamo que eu já surpreendera rezando naquele lugar, deitada no solo seminua, trazendo no corpo as marcas da violência sofrida.

Olhou para mim e disse, com um fio de voz:

– O maldito... terá de morrer. – E, quando me virei para o simulacro, a deusa pareceu-me estar de olhos fechados para não assistir à profanação.

Levamo-la conosco para as ruínas do palácio, onde haviam sido reunidos os prisioneiros. Rezei, do fundo do coração, para que Atena não me abandonasse e continuasse a manter a sua mão protetora sobre a minha cabeça... Um trovão ruge ao longe, o revérbero de uma fogueira iluminou no topo da rampa o *wánax* Menelau: de cabelos vermelhos como fogo, de sangrenta armadura, trazia segurando-a pelo braço a magnífica Helena, de seio nu. Possuíra-a, disseram, na cama encharcada do sangue de Deífobo, após a morte de Páris, seu último marido, massacrado.

A alvorada do dia seguinte espalhou a sua luz mortiça sobre uma extensão desolada, um cinzento deserto estriado por fiapos de fumaça parada. O monte Ida, cercado por cinéreas neblinas, escondia o cume num céu de chumbo. O Escamandro e o Simoente arrastavam turvas e vagarosas correntes de lama sangrenta. Não havia um só pedaço de terra que não mostrasse rasgos e feridas, nem um único prédio da soberba Ílio que se erguesse como era antes. E nenhum bosque sobrevivera aos machados que cortavam os troncos para as piras dos mortos. A vitória tinha o sabor amargo da infinita e cega violência, o pranto das mulheres e das crianças era cortante como uma lâmina sacrificial, agudo, incessante. Somente as moiras em seus véus pretos dançavam no campo de morte, aparecendo e desaparecendo na aura lívida.

A nossa façanha afogara-se num mar de lágrimas.

Partilhados os despojos, repartidas as mulheres e as armas, o *wánax* Agamêmnon, de rosto sombrio, convocou o conselho dos reis e dos príncipes. Propôs a oferta de solenes hecatombes aos deuses para aplacar as sombras dos mortos e propiciar a nossa volta. Outros, por sua vez, seguindo o conselho de Nestor, senhor de Pilos, diziam que era melhor partirmos logo, antes que começasse a estação do tempo ruim. Oferendas e sacrifícios poderiam ser feitos quando já estivéssemos na segurança dos nossos lares. Depois de longa discussão, cada um foi afinal deixado livre para ficar ou partir.

Juntei-me a estes últimos, impaciente, com vontade de voltar logo e esquecer dez anos de vida perdida, de prantos e de funerais, de solitárias vigias imbuídas de pungente saudade, de amigos perdidos, de cinzas apagadas que o vento dispersava no mar.

Dos meus doze navios, só sete me acompanhavam, as outras embarcações foram queimadas porque já não havia homens para governá-las, homens que

havia partido de Ítaca comigo e que nunca mais voltariam. Mortos, jaziam agora nos campos desertos de Ílio. Chorando, gritamos dez vezes o nome de cada um deles para que o vento o levasse até as casas dos prostrados pais.

Chegamos, então, rapidamente a Tênedos, enquanto o sol finalmente livre da negra mortalha de fumaça iluminava o mar. Respirei como que voltando a viver e, por um instante, reparei num brilho amarelado de bronze, prata e oricalco: o meu mais precioso tesouro, escondido na estiva da proa. Mas foi questão de um momento. Nuvens escuras avolumaram-se no meio do céu, e um vento frio voltou a soprar.

Senti na mesma hora uma dor aguda ferir o meu coração, ouvi uma voz e o trovão rumorejar nas montanhas. Quem estava me chamando? Logo descobri ao virar-me para trás, ao ver a margem da qual acabávamos de nos afastar. Gritei:

– Colham a vela, baixem o mastro! Todos aos remos, vamos voltar!

Os companheiros obedeceram, os navios voltaram-se e ficaram enfileirados. As proas cortavam ondas cada vez mais altas, de bordas espumosas, a costa que se aproximava servia de guia indicando o túmulo no promontório Reteu. A embarcação encostou, os homens lançaram âncora. Acho que àquela altura eles também tinham entendido. Tirei da estiva da proa as armas de Aquiles e prendi-as, todas juntas, com uma sólida corda: o escudo historiado, as caneleiras enfeitadas, a reluzente armadura, o elmo cristado e a invencível espada, e pulei para a água e bati com os pés no cascalho do fundo. Só com imenso esforço conseguia avançar, pois o peso do bronze me puxava para trás toda vez que as ondas refluíam para o mar.

Curvei as costas, baixei a cabeça como um boi sob a canga, ofegando, firmando a duras penas um pé atrás do outro, até finalmente alcançar a praia. Grandes gotas de água e suor desciam da testa e dos cabelos, ofuscando a vista.

Diante de mim erguia-se agora o imenso túmulo de Ajax gigante, fortaleza dos aqueus. Deitei no altar que encobria as suas cinzas as reluzentes armas de Aquiles e gritei dez vezes o seu nome, vencendo com a minha voz o uivo do vento. Zeus trovejou. As minhas lágrimas juntaram-se às do céu.

NOTA DO AUTOR



Esta história, inspirada no ciclo épico troiano, conta as vicissitudes de Odisseu, filho de Laertes, rei de Ítaca, desde o nascimento até a sua última viagem, e terá dois volumes.

O herói é um personagem fundamental na *Iliada* e na *Odisseia*, de que é o protagonista absoluto, mas, pelo que nos resta, podemos deduzir que já era a figura principal de todos os poemas do ciclo. Estes poemas, dos quais só chegou a nós pouco mais que o nome, ainda eram disponíveis nos tempos de Roma e contavam seja o epílogo da guerra e da tomada de Troia e o papel de Odisseu com o estratagema do cavalo de madeira, seja a história da volta dos mais importantes heróis da *Iliada* após o conflito. Voltas, quase todas elas, trágicas que, pelo menos em parte, são narradas nos cantos III e XI da *Odisseia*, em que o herói, como um xamã, evoca do reino de Hades os espíritos dos mortos.

Através dos poemas do ciclo, a figura de Odisseu chegou até os dramaturgos gregos do século V, Ésquilo, Sófocles e, principalmente, Eurípides, e foi retomada de forma críptica, na época helenística, por Lícofron, e por muitos outros poetas e escritores ao longo dos séculos, de Virgílio a Dante, de Shakespeare a Tennyson, a Pascoli e, finalmente, a Joyce.

É claro que cada uma das interpretações da figura do herói deve ser considerada separadamente, uma vez que nasceu em épocas muito diferentes e

em tempos até muitos longínquos entre si, e espelha os homens que a fizeram reviver conforme a humanidade aparecia, cada vez, aos seus olhos.

Não faria, portanto, o menor sentido atribuir ao herói errante, como em vários casos aconteceu e ainda acontece, características, vícios e virtudes que pertencem a épocas, gostos e mentalidades tão distantes entre si. Por isso mesmo, mantive-me basicamente fiel à figura homérica do personagem, tal como ele aparece na *Ilíada* e na *Odisseia*, pelo menos no meu entender, coisa que ainda assim se torna uma interpretação; mas uma característica dos clássicos é justamente esta: conseguem falar aos homens de todas as épocas mantendo intatos o seu valor e a sua vitalidade.

A linguagem que empreguei procura transmitir ao leitor a atmosfera da tradição homérica: nos limites do possível, recorre a uma sintaxe resumida e essencial, evitando períodos complexos ou conceitos abstratos demais, e a história é contada de forma realista e direta, digamos assim, justamente porque imaginada como narrativa ainda não filtrada e elaborada pelo canto dos aedos e dos rapsodos, uma vez que quem a conta é o próprio protagonista.

Escrevi esta obra com o mais profundo respeito pelas fontes antigas de que se origina e posso afirmar, nestas primeiras considerações, que ao escrever aprendi muito mais do que contei. O que mais me impressionou foi o rigor lógico do *epos* pelo qual, como o leitor atento poderá facilmente constatar, determinada premissa só pode ter uma única e exclusiva consequência.

No que concerne ao meu pensamento e aos meus estudos a respeito dos poemas homéricos e, particularmente, da figura de Odisseu, remeto ao que escrevi no passado no ensaio *Mare Greco*, de autoria minha e do amigo Lorenzo Braccesi, e à bibliografia nele mencionada, enquanto para os poemas

perdidos do ciclo levei em atenta consideração *L'epica perduta*, de Andrea De Biasi, e a bibliografia indicada pelo autor.

O mapa da Grécia homérica reproduzida no livro fundamenta-se basicamente no “catálogo dos navios” da *Iliada*.

No que diz respeito à onomástica, escolhemos um meio-termo: foram citados em sua forma tradicional os nomes mais conhecidos e confirmados pelo uso, e em grego os mais incomuns ou então os que, por motivos de ambientação e de atmosfera, pareceram-nos mais eficazes e sugestivos na língua original. A uniformidade foi, nestes casos, sacrificada em nome da emoção e da sonoridade.

Agradeço de todo o coração aos colegas e aos amigos de dentro e de fora da minha editora, bem como aos meus *editors* Giulia Ichino e Antonio Franchini, que foram generosos de conselhos e de estímulos ao ler com inteligente paciência estas páginas antes que chegassem à impressão.

VMM

Título Original
IL MIO NOME È NESSUNO
IL GIURAMENTO

Copyright © 2012 by Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

preparação de originais

CARLOS NOUGUÉ

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

VANESSA GOLDMACHER

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M241m

Manfredi, Valerio Massimo, 1943-

O meu nome é ninguém [recurso eletrônico] : o juramento / Valerio Massimo
Manfredi ; tradução Mario Fondelli. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Il mio nome è nessuno

ISBN 978-85-8122-368-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Fondelli, Mario. II. Título.

14-10693

CDD: 853

CDU: 821.131-1-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

O Autor



Valerio Massimo Manfredi é um arqueólogo especializado em topografia antiga. Ensinou em prestigiosos colégios da Itália e no exterior e liderou expedições de pesquisa e escavações em vários lugares do Mediterrâneo. É autor de numerosos artigos e ensaios acadêmicos, principalmente sobre rotas militares de comércio no mundo antigo. Do autor, que vive com a família no interior da Itália, a Rocco publicou *Aléxandros, Akropolis, O escudo de Talos, A última legião, O império dos dragões, O tirano, O faraó das areias e O exército perdido*.